



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

**Observação e Análise das Ações de Bola Parada
Ofensivas e Defensivas do Moreirense Futebol Clube,
em Contexto de Treino e de Competição.**

Relatório de Estágio Profissionalizante na equipa profissional
do Moreirense Futebol Clube – Futebol, SAD.

Nuno Macedo

Porto, 2014



**Observação e Análise das Ações de Bola Parada
Ofensivas e Defensivas do Moreirense Futebol Clube,
em Contexto de Treino e de Competição.**

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONALIZANTE

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto com vista à obtenção do 2º ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento Desportivo (Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março).

Orientador: Professor Doutor Filipe Luís Martins Casanova

Supervisor: Professor Leandro Sousa Mendes

Nuno João Pereira Macedo

Porto, junho de 2014

FICHA DE CATALOGAÇÃO

Macedo, N. (2014). *Observação e Análise das Ações de Bola Parada Ofensivas e Defensivas do Moreirense Futebol Clube, em Contexto de Treino e de Competição*. Porto: N. Macedo. Relatório de estágio profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento Desportivo, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL, ALTO RENDIMENTO, AÇÕES DE BOLA PARADA, TREINO, COMPETIÇÃO.

“Mas vencer, obviamente, todos o querem. O ponto crítico é querer e conseguir levar a cabo, aos mais variados níveis, o que é necessário para atingir aquele objetivo. Pode dizer-se que quem apenas deseja espera; mas que, quem muito quer, estuda, trabalha, inova e arrisca.”

Luís Lourenço e Fernando Ilharco (2007, p. 196)

DEDICATÓRIA

*Ao meu PAI, o homem forte da minha vida.
Exemplo de paixão e dedicação, se hoje sou quem sou, devo-o a ti!
Todas as minhas vitórias serão tuas...*

AGRADECIMENTOS

A concretização de um trabalho desta natureza exige naturalmente um contributo coletivo e, por isso, não posso deixar de reconhecer a importância de todos aqueles que desempenharam um papel determinante na caminhada para o seu planeamento e execução.

Assim, o meu mais sincero agradecimento:

À **Faculdade de Desporto da Universidade do Porto**, a todos os **professores, colegas e funcionários**, por me terem proporcionado um percurso académico de excelência, fantástico e inesquecível.

Ao **Professor Doutor Filipe Casanova**, pela extraordinária orientação de todo este trabalho, pelos horizontes que me revelou, pela forma como me guiou rumo à procura do conhecimento, por todo o empenho, incentivo e apoio determinantes.

Ao **Moreirense Futebol Clube – Futebol, SAD**, nas pessoas do **Professor Leandro Mendes, Mister Luís Baltasar, Mister Tó Ferreira e Marco Couto**, profissionais de alto rendimento, pela partilha e por todos os momentos de aprendizagem que me proporcionaram.

Ao **Mister Vítor Oliveira**, pela oportunidade concedida de conhecer o seu trabalho de forma profunda, pela sua contagiante entrega e paixão pelo Futebol, pela disponibilidade, dedicação e por toda a confiança que depositou em mim.

Ao **Mister António Conceição**, por ter possibilitado a continuidade do trabalho, pelo profissionalismo, pela recetividade, pela simplicidade, pela partilha e por todo o apoio prestado.

Ao **Zé Mário**, por ser um exemplo de caráter, força imensa e profissionalismo. Pelo seu contributo fundamental para este estágio, nunca lhe conseguirei exprimir toda a minha gratidão.

À **minha família**, à minha amada **Mãe**, ao meu orgulho de **Irmão**, às minhas queridas **Avós**, aos meus grandes **Primos** e aos meus adorados **Padrinhos**, por todos os importantes valores que me transmitem todos os dias.

Ao meu **avô Domingos** e ao meu **avô Abel**, pela paixão pelo Futebol que me deixaram como herança... tenho a certeza que estão orgulhosos do meu percurso!

Àqueles que serão sempre meus, **Du, Julinho, Filipe, Helder, Bi, Rafa, Jota, Mika e Ivo**, por me acompanharem incondicionalmente e representarem aquilo que de melhor existe na vida de alguém, os verdadeiros amigos.

A ti, **Andreia**, por seres a minha força e me fazeres voar mais alto... por me preencheres com o teu enorme coração e carinho sem reservas!

A todos, um profundo obrigado!

ÍNDICE GERAL

FOLHA DE ROSTO.....	III
FICHA DE CATALOGAÇÃO	IV
DEDICATÓRIA.....	VII
AGRADECIMENTOS	IX
ÍNDICE GERAL	XI
ÍNDICE DE FIGURAS	XV
ÍNDICE DE TABELAS	XIX
ÍNDICE DE ANEXOS	XXI
RESUMO.....	XXIII
ABSTRACT	XXV
LISTA DE ABREVIATURAS.....	XXVII
LISTA DE SÍMBOLOS.....	XXIX
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	1
1.1. Apresentação do Estagiário	3
1.2. Razões e Expectativas para o Estágio.....	4
1.3. Objetivos Propostos para o Estágio	5
1.4. Finalidades e Estrutura do Relatório de Estágio	8
CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL	9
2.1. Enquadramento do Contexto Legal e Institucional.....	11
2.2. Enquadramento Funcional	12
2.2.1. Caracterização do clube e do plantel.....	12
2.2.2. Caracterização dos treinadores.....	15
2.2.2.1. Vítor Manuel Oliveira.....	16
2.2.2.2. António da Conceição Silva Oliveira	18
2.2.3. Caracterização do contexto competitivo	19

2.2.3.1.	Segunda Liga, o último degrau de acesso ao “TOP”	19
2.2.3.2.	A histórica Taça de Portugal	22
2.2.3.3.	A “recente” Taça da Liga.....	24
2.2.4.	Caracterização do contexto de natureza funcional.....	25
2.3.	Macro Contexto.....	26
2.3.1.	O reconhecimento do Futebol enquanto arte filosófica, de natureza única e complexa, fundamentalmente relacional, exigente e aleatória... ..	27
2.3.1.1.	... Convergente na “batalha crucial”, no “JOGAR”, que é dinâmico, caótico, imprevisível, e... Treinável!.....	30
2.3.2.	A Modelação dos fenómenos complexos, determinística e obrigatória, com vista à maximização do talento e à excelência de desempenho,... ..	33
2.3.2.1.	... Que leva à emergência de um Modelo de Jogo, como guia fundamental do “jogar” que se pretende,... ..	37
2.3.2.2.	... Sustentado em referenciais de comportamento, próprios de um “jogar” específico, que o tornam “único e intransmissível”!.....	41
2.3.3.	As Ações de Bola Parada - variável (muitas vezes!) decisiva no sucesso das equipas de alto rendimento,... ..	46
2.3.3.1.	... E como condição singular e favorável de garantir vantagem sobre o adversário, na procura de conseguir ou impedir o golo,... ..	49
2.3.3.2.	... Expressa em dados estatísticos relevantes e que se tornam determinantes na reflexão sobre sua importância,... ..	52
2.3.3.3.	... Podendo ser potenciadas e/ou condicionadas pelas suas características próprias!	55
2.3.3.3.1.	O Pontapé – Livre.....	55
2.3.3.3.2.	O Pontapé de Grande Penalidade.....	58
2.3.3.3.3.	O Lançamento de Linha Lateral	60
2.3.3.3.4.	O Pontapé de Baliza.....	62

2.3.3.3.5. O Pontapé de Canto.....	63
2.3.3.3.6. O Pontapé de Saída.....	67
2.3.3.3.7. O Lançamento de Bola ao Solo.....	68
CAPÍTULO III – REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL.....	71
3.1. Âmbitos, Intenções e Fundamentos.....	73
3.2. Conceção da Prática Profissional.....	74
3.2.1. Caracterização do plantel do Moreirense Futebol Clube - Futebol, SAD.....	75
3.2.2. Definição da amostra.....	77
3.2.3. Metodologia de investigação.....	78
3.2.4. Procedimentos estatísticos.....	79
3.2.5. Referências espaciais.....	79
3.2.6. Explicação das variáveis.....	82
3.2.7. Documentos desenvolvidos.....	84
3.2.7.1. Ficha registo das ações de bola parada (anexo IV).....	84
3.2.7.2. Ficha análise de jogo oficial (anexo V).....	86
3.2.7.3. Ficha registo de treino (anexo VI e VII).....	87
3.3. Atividade Principal.....	88
3.3.1. Um Padrão de “Jogar” próprio, baseado num Modelo de Jogo perfeitamente definido e sustentado em princípios, subprincípios, sub dos subprincípios, (...) específicos,...	88
3.3.1.1. ... No momento de organização ofensiva,.....	89
3.3.1.2. ... No momento de transição ataque-defesa,.....	95
3.3.1.3. ... No momento de organização defensiva,.....	97
3.3.1.4. ... E no momento de transição defesa-ataque.....	102
3.3.2. As Ações de Bola Parada do MFC na Segunda Liga Portuguesa, enquanto “momento” preponderante do seu “jogar” próprio,.....	105

3.3.2.1. ... Analisadas através da organização e preparação fundamental nos diferentes contextos,...	116
3.3.2.1.1. ... De treino,...	116
3.3.2.1.2. ... E de jogo,...	129
3.3.2.2. ... Determinantes na conquista e na perda de pontos essenciais na luta pela subida à Primeira Liga e pelo título de Campeão Nacional!	149
3.4. Questões Essenciais.....	158
3.5. Problemas em estudo	161
3.6. Dificuldades.....	162
3.7. Sistema de Avaliação e Controlo do trabalho desenvolvido.....	163
CAPÍTULO IV – CONCLUSÕES E PERSPETIVAS DE FUTURO	165
4.1. Conclusões	167
4.2. Perspetivas de Futuro	170
CAPÍTULO V – SÍNTESE FINAL.....	171
CAPÍTULO VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	180
ANEXOS	XXXI

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Campograma correspondente à divisão topográfica do terreno de jogo em 12 zonas (C), resultantes da justaposição de 4 sectores transversais (A) e 3 corredores longitudinais (B).....	80
Figura 2 - Campograma correspondente à divisão do terreno de jogo em função da área de queda da bola na marcação de uma ação de bola parada.	81
Figura 3 - Campo grande.	90
Figura 4 - Campo grande e liberdade do meio campo.	91
Figura 5 - Dinâmica interior do extremo libertando corredor para o lateral.....	92
Figura 6 - Movimentação de rutura entre a última linha defensiva adversária.	93
Figura 7 - Situação de igualdade numérica no CE e ocupação de potenciais zonas de finalização.	94
Figura 8 - Pressão e encurtamento dos espaços em função da posição da bola numa TAD.	95
Figura 9 - Reajustamento em função da saída do adversário da zona de pressão.	96
Figura 10 - Aproximação das linhas em largura e profundidade (campo pequeno).	97
Figura 11 - Basculação defensiva do bloco.	98
Figura 12 - Superioridade numérica no CE.	100
Figura 13 - Posicionamento defensivo com bola em zona de cruzamento....	101
Figura 14 - TDA para ataque rápido.	103
Figura 15 - TDA para circulação de bola.	104
Figura 16 - Trajetória e zona de queda da bola nos golos marcados e sofridos, de forma direta, após pontapés de canto.	108
Figura 17 - Trajetória e zona de queda da bola nos golos marcados e sofridos, de forma direta, após pontapés livres.	109
Figura 18 - Zonas de falta resultante na marcação de pontapé de grande penalidade.....	110
Figura 19 - Sequência do golo obtido através de lançamento de linha lateral ofensivo.	111

Figura 20 - Sequência de um golo obtido de forma indireta de lançamento de linha lateral ofensivo.....	112
Figura 21 - Sequência de um golo obtido de forma indireta através de pontapé livre ofensivo.	113
Figura 22 - Sequência de um golo obtido de forma indireta através de um pontapé de baliza defensivo.....	114
Figura 23 - Sequência de um golo obtido de forma indireta através de pontapé de canto defensivo.	114
Figura 24 - Sequência de um golo sofrido de forma indireta através de pontapé livre defensivo.	115
Figura 25 - Unidades de treino realizadas no Estádio do MFC, no Parque de jogos do Pevidém Sport Clube e no sintético do MFC.	118
Figura 26 - Organização ofensiva de um pontapé de canto no CD.....	120
Figura 27 - Organização defensiva de um pontapé de canto no CE.	121
Figura 28 - Organização defensiva de um pontapé livre defensivo na ZDE. .	122
Figura 29 - Marcação de um pontapé livre ofensivo curto.....	125
Figura 30 - Marcação à zona num pontapé de canto defensivo.....	126
Figura 31 - Organização defensiva de um pontapé livre na ZDD.....	128
Figura 32 - Organização ofensiva de um pontapé de canto no CD.....	129
Figura 33 - Pontapé de canto ofensivo curto no CD.....	130
Figura 34 - Organização ofensiva do Mister António Conceição nos pontapés de canto ofensivos.	131
Figura 35 - Marcação individual num pontapé de canto defensivo no CD.....	131
Figura 36 - Marcação à zona num pontapé de canto defensivo no CE.	132
Figura 37 - Organização ofensiva de pontapés livres ofensivos no SO.	133
Figura 38 - Pontapés livres ofensivos no SO.....	134
Figura 39 - Organização defensiva de pontapés livres laterais.	135
Figura 40 - Pontapé livre defensivo em zona frontal.	136
Figura 41 - Pontapé livre defensivo em zona frontal, com movimentação de proteção da baliza.	137
Figura 42 - Pontapé livre indireto defensivo dentro da área de grande penalidade.....	137

Figura 43 - Posicionamento de um lançamento de linha lateral ofensivo na ZDE.	138
Figura 44 - Lançamento de linha lateral ofensivo longo na ZOD.....	139
Figura 45 - Posicionamento defensivo de um lançamento de linha lateral na ZDE.	141
Figura 46 - Posicionamento ofensivo de um pontapé de grande penalidade ofensivo.....	141
Figura 47 - Posicionamento defensivo de um pontapé de grande penalidade.	142
Figura 48 - Padrão de execução dos pontapés de baliza ofensivos.....	143
Figura 49 - Pontapé de baliza ofensivo.	143
Figura 50 - Posicionamento num pontapé de baliza defensivo do lado direito.	145
Figura 51 - Posicionamento num pontapé de saída ofensivo.....	147
Figura 52 - Padrão do pontapé de saída ofensivo.....	147
Figura 53 - Posicionamento num pontapé de saída defensivo.....	148
Figura 54 - Padrão de execução dos lançamentos de bola ao solo.	149
Figura 55 - Golo marcado na sequência de um pontapé de canto ofensivo..	151
Figura 56 - Golo marcado na sequência direta de um pontapé livre ofensivo.	152
Figura 57 - Pontapé de grande penalidade defendido.....	153
Figura 58 - Golo marcado na sequência direta de um pontapé livre ofensivo.	154
Figura 59 - Golo marcado na sequência de um pontapé de grande penalidade.	155
Figura 60 - Golo sofrido na sequência de um pontapé de grande penalidade.	156
Figura 61 - Golo sofrido na sequência de um pontapé livre defensivo.	157
Figura 62 - Golo sofrido na sequência de um pontapé de canto defensivo...	157

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Listagem dos jogadores do MFC (2L – Segunda Liga; TP – Taça de Portugal; TL – Taça da Liga; T – Total).....	76
Tabela 2 - Microciclo padrão com jornada a meio da semana.....	117
Tabela 3 - Microciclo padrão com jornada apenas ao fim de semana.	118
Tabela 4 - Microciclo padrão do Mister António Conceição.	123

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I - Conferências de Imprensa e declarações do Treinador Vítor Oliveira.	XXXI
Anexo II - Conferências de Imprensa e declarações do Treinador António Conceição.	LII
Anexo III - Entrevista de Pires, avançado da equipa do Moreirense, ao sítio zerozero.pt no dia 15 de Janeiro de 2014.	LV
Anexo IV - Ficha Registo das Ações de Bola Parada.	LVI
Anexo V - Exemplo de Ficha de Análise de Jogo Oficial.	LVII
Anexo VI - Exemplo de Ficha Registo de Treino (Vítor Oliveira).	LVIII
Anexo VII - Exemplo de Ficha Registo de Treino (António Conceição).	LIX

RESUMO

A análise, reflexão e preparação das ações de bola parada representam o enfrentar de um desconhecido imprevisível, que na sua essência, importa conhecer, prever e, se possível, controlar.

O objetivo do trabalho desenvolvido prende-se fundamentalmente com o interesse e a vontade de aprofundar os conhecimentos sobre este “momento” característico do jogo de Futebol que, segundo diversas investigações, são cada vez mais decisivas no sucesso ou insucesso das equipas de alto rendimento e, tendo em conta o elevado padrão de exigência deste contexto tão único e complexo, importa conhecer e compreender para se melhor poder intervir sobre “ele”, procurando maximizar os “ganhos” e minimizar as “perdas” resultantes destas ações.

Para o efeito, realizou-se um estágio profissionalizante na equipa profissional do Moreirense Futebol Clube – Futebol, SAD, onde se observaram e analisaram, em contexto de treino e de competição, as ações de bola parada ofensivas e defensivas da equipa através de observações diretas e indiretas.

Foram analisadas 4588 ações de bola parada, 2379 defensivas e 2209 ofensivas, ao longo das quarenta e duas jornadas oficiais da Segunda Liga Profissional Portuguesa.

Verificou-se que, dos 65 golos marcados pela equipa, 43 resultaram, direta ou indiretamente, das ações de bola parada, correspondendo a uma percentagem de 66% do total de golos marcados pela equipa, do mesmo modo que, dos 25 golos sofridos, 15 resultaram das ações de bola parada, de forma direta ou indireta, representando 60% do total de golos sofridos pela equipa.

Concluiu-se igualmente que, do total de 79 pontos conquistados na competição, 54 resultaram da influência direta das ações de bola parada, da mesma forma que, dos 47 pontos perdidos pela equipa, 22 resultaram das ações de bola parada.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL, ALTO RENDIMENTO, AÇÕES DE BOLA PARADA, TREINO, COMPETIÇÃO.

ABSTRACT

The analysis, reflection and preparation of set plays represents the face of an unpredictable unknown, which in its essence, is important to know, to predict and to control, as well.

The aim of the developed research relates, primarily, to the interest and willingness to deepen the knowledge about this moment of the game, which according to various investigations the set plays are increasingly decisive in the success or failure of high performance teams, and given the high standard required from this so unique and complex context, it is important to know and better understand to be able to intervene on “it”, seeking to maximize the “gains” and minimize the “losses” resulting from these actions.

With this aim in mind, we performed a professionalizing internship on the Moreirense Futebol Clube, Futebol – SAD professional team, in which were observed and analysed, in training and competition context, the team’s offensive and defensive set plays by direct and indirect observations.

A total of 4588 set plays were analysed, 2379 defensive and 2209 offensive, along forty two official games of Portuguese Professional Second League.

It was verified that, of the 65 goals scored by the team, 43 resulted, directly or indirectly, of set plays, representing a proportion of 66% of the total goals scored. In the same vain that, of the 25 goals conceded, 15 resulted, directly or indirectly, from set plays, representing 60% of the total goals scored.

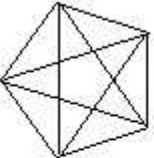
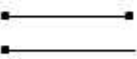
It was concluded that, of the total of 79 points achieved in the competition, 54 resulted from the direct influence of set plays, the same way that, from the 47 points lost, 22 resulted from set plays.

KEYWORDS: SOCCER, HIGH PERFORMANCE, SET PLAYS, TRAINING, COMPETITION.

LISTA DE ABREVIATURAS

JDC – Jogos Desportivos Coletivos
TDA – Transição Defesa-Ataque
TAD – Transição Ataque-Defesa
MFC – Moreirense Futebol Clube
SD – Sector Defensivo
SID – Sector Intermédio Defensivo
SIO – Sector Intermédio Ofensivo
SO – Sector Ofensivo
CD – Corredor Direito
CC – Corredor Central
CE – Corredor Esquerdo
ZDD – Zona Defensiva Direita
ZDC – Zona Defensiva Central
ZDE – Zona Defensiva Esquerda
ZIDD – Zona Intermédia Defensiva Direita
ZIDC – Zona Intermédia Defensiva Central
ZIDE – Zona Intermédia Defensiva Esquerda
ZIOD - Zona Intermédia Ofensiva Direita
ZIOC – Zona Intermédia Ofensiva Central
ZIOE – Zona Intermédia Ofensiva Esquerda
ZOD – Zona Ofensiva Direita
ZOC – Zona Ofensiva Central
ZOE – Zona Ofensiva Esquerda

LISTA DE SÍMBOLOS

	Posição da bola
	Interligações entre linhas, sectores e/ou jogadores
	Posição de um jogador ou conjunto de jogadores
	Origem, trajetória e destino da bola
	Zona de queda da bola
	Zona de falta cometida

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação do Estagiário

“Ora eu creio que no desporto e num simples jogo de futebol mora todo um mundo maravilhoso de expressões e cores da vida”.

(Bento, cit. por Maciel, 2008)

Do seio de uma família desde sempre ligada ao fenómeno, surpreendente seria se também eu não nascesse com o Futebol no berço. Tornei-me sócio do clube da cidade ainda com poucos dias de vida e desde que me recordo, a bola de Futebol sempre esteve presente, a televisão mostrava constantemente um relvado onde um conjunto de homens combatia pela posse de um pequeno objeto circular, os passeios de fim de semana eram trocados pela correria na pedra fria das bancadas, os berlindes e os carrinhos ao intervalo das aulas ficavam em segundo plano para o “bota-fora” ou para o “jogo dos postes”, até os pequenos desenhos no canto dos cadernos incluíam quase sempre uma bola ou uma baliza.

De adepto a jogador, de apanha bolas a treinador, o meu percurso ficou sempre marcado pela enorme paixão, quase vício, pelo “jogo”.

Após o “encontro” com o universo do Futebol, o despertar para a procura do conhecimento tornou-se inevitável.

Aos catorze anos, vivi a primeira experiência no universo do treinador. A curiosidade, a vontade e a paixão levaram-me a conhecer uma realidade, que apesar de precoce, reconheci como rica, complexa e apaixonante. A montar cones, a colocar balizas, a introduzir bolas, a participar no exercício, a conversar com os jogadores, a observar e a questionar tudo aquilo que era feito, o “como?”, o “porquê”, o “para quê?”, tirando notas, tudo aquilo era novidade, e quanto mais conhecia, mais queria conhecer.

Descobri então um sonho, algo que me preenchia, algo que valeria certamente perseguir.

Volvidos dez anos, sinto que foi ali, o reconhecimento de algo que viria a ser o caminho primordial da minha vida. Chegado a este momento, orgulhando-

me do percurso até então, pressinto que se encerra a jornada inicial, onde a faculdade representou o seu papel determinante, e se inicia um novo trilho na perseguição de um “sonho de menino”.

Uma visão de futuro sem ação é simplesmente um sonho. Uma ação sem visão de futuro carece de sentido. Uma visão de futuro posta em prática pode mudar o mundo (Barrer, 2011, p. 98).

Concluo, assim, que sou um privilegiado, juntamente com todos aqueles que como eu batalham diariamente para escrever uma nova página na história deste maravilhoso fenómeno, tendo nas nossas mãos o seu presente e o seu futuro, conjugando o passado construído por aqueles que lutaram incansavelmente pelo crescimento e evolução deste “tão nosso” Futebol.

Parafraseando Cubeiro e Gallardo (2011) o êxito é daqueles que têm sonhos, que lhes dão forma e vão no seu encalço.

Dito isto, vamos lá então, tentar “mudar o mundo”.

1.2. Razões e Expectativas para o Estágio

“A possibilidade de realizar um sonho é o que faz com que a vida seja interessante.”

(Coelho, 2011, p. 97)

O presente relatório assume carácter obrigatório no âmbito do 2º ano do Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, culminando dois anos de formação científico-pedagógica, na opção de Futebol, juntando-se aos três anos de formação na Licenciatura em Ciências do Desporto da Faculdade de Desporto, no Ramo de Treino Desportivo – opção Futebol.

Com a necessidade surgiu, também, a oportunidade de realizar um estágio profissionalizante num contexto profissional de alto rendimento desportivo, não só pela facilidade de contactar com os responsáveis do clube, mas também por se enquadrar na perfeição com os objetivos e com a lógica do contexto académico em causa.

Tal como refere Guilherme (1991), o alto rendimento transporta exigências de tal forma elevadas que as incompatibilidades e inseguranças terão de ser ultrapassadas com cientificidade e dinamismo.

Por isso, torna-se fundamental o estudo, a pesquisa, a análise, a reflexão, a procura incessante de mais e melhor conhecimento para enfrentar as adversidades que o próprio contexto poderá impor.

A opção pela realização de um estágio no Moreirense Futebol Clube - Futebol, SAD (MFC) foi tomada de forma consciente e ponderada, mas foi também uma decisão rápida e fácil.

O facto de representar um contexto de alto rendimento, altamente profissional, inserido no segundo campeonato nacional mais importante do país, e por ser uma instituição de créditos firmados e bastante reconhecida a nível nacional, certamente representaria uma fonte fundamental de conhecimento.

1.3. Objetivos Propostos para o Estágio

“O jogo é o prazer de se entender e compreender para reagir eficazmente”
(Dénoueix, 2011, p. 117)

Os objetivos do estágio foram estabelecidos após algumas reuniões entre o estagiário e o orientador do mesmo, o Professor Doutor Filipe Casanova, bem como entre o estagiário e o supervisor de estágio, o Professor Leandro Mendes e, também, entre o treinador Vítor Oliveira.

Num mundo descentrado como o nosso, cada um torna-se responsável pela experimentação de novas práticas sintonizadas com o pensamento sistémico, onde todos os caminhos são válidos pois tudo depende daquilo com que nos deparamos e daquilo que está no centro da nossa busca (Campos, 2007).

Atendendo à diversidade dos elementos que concorrem para o rendimento das equipas, somos confrontados com uma série de problemas de natureza metodológica, que ao nível do treino nos transportam para uma constante reflexão no sentido da identificação das situações problema e da sua resolução (Tavares, 2003).

Desta forma, a escolha do tema relacionado com as ações de bola parada prende-se fundamentalmente com o interesse e a vontade de aprofundar os conhecimentos sobre este “momento” característico do jogo de Futebol que, segundo diversas investigações, são cada vez mais decisivas no sucesso ou insucesso das equipas de alto rendimento, e que tendo em conta o elevado padrão de exigência deste contexto tão único e complexo, importa conhecer e compreender para se melhor poder intervir sobre “ele”, procurando maximizar os “ganhos” e minimizar as “perdas” resultantes destas ações, na procura do caminho da superação e da excelência.

Almeida (2013) afirma que, atualmente, o futebol de alto rendimento, concretamente o de cariz profissional, e os contextos socioculturais e económico-financeiros que o envolvem, transportam exigências ao nível do desempenho nunca antes vistos, requerendo uma capacidade de superação na procura da otimização do rendimento, através da procura incessante de prestações de alto rendimento e da sua manifestação de forma consistente, e do mesmo modo, Ribeiro (2009) caracteriza o rendimento desportivo como uma manifestação de um determinado desempenho num fenómeno que é o desporto, numa constante tentativa de superação.

Assim, a preparação meticulosa e desenvolvimento cuidado de todo o processo inerente à competição no Alto Rendimento torna-se fundamental e decisiva na otimização do rendimento e consequente potenciação dos jogadores, das equipas e dos próprios treinadores.

Na opinião de Cunha (2007), a identificação de fatores que podem estar na origem do sucesso ou insucesso das ações de bola parada poderá contribuir para a melhoria da qualidade do treino e, consequentemente, do jogo.

Para uma melhor exploração deste “fragmento” do jogo de Futebol, torna-se também essencial enquadrá-lo num determinado “jogar” específico da equipa, isto é, no seu Modelo de Jogo próprio, conhecendo-o e interpretando-o à luz dos ideais do treinador e do contexto competitivo e organizacional em causa, de forma a entender igualmente a preponderância e o caráter decisivo das ações de bola parada no plano estratégico da equipa para a competição.

Garganta (1997) destaca que a análise do jogo de Futebol a partir da observação do comportamento dos jogadores e das equipas em situação de competição, torna-se objeto de interesse e estudo, pois permite recolher dados importantes relativos às diversas situações de jogo e proporciona a possibilidade de identificar e assinalar ações de jogo que, pela sua ocorrência, ou por induzirem desequilíbrios ofensivos e/ou defensivos, se constituem como aspetos a reter para o ensino e treino da modalidade.

Deste modo, para a realização do estágio, propuseram-se os seguintes objetivos:

- i) Conhecer e compreender uma realidade profissional de alto rendimento desportivo;
- ii) Compreender a lógica organizacional e de funcionamento do MFC;
- iii) Conhecer, descrever e entender o Modelo de Jogo do treinador, como guia determinante da equipa do MFC;
- iv) Conhecer e compreender a importância das ações de bola parada no futebol atual;
- v) Observar e analisar a tipologia das ações de bola parada do MFC, tanto de forma ofensiva como defensiva;
- vi) Observar e analisar o tipo e organização do treino das ações de bola parada e a sua transferibilidade para o jogo;
- vii) Verificar a importância das ações de bola parada na conquista ou perda de pontos durante a Segunda Liga Portuguesa.

No entanto, a parceria celebrada deveria ser benéfica para ambos os lados. A instituição ajudou e apoiou o estagiário na procura de atingir os objetivos propostos, e, da mesma forma, o estagiário realizou tudo que esteve ao seu alcance para acrescentar algo de positivo, útil e rentável para a mesma.

Deste modo, foram solicitados:

- i) Atitude pró-ativa;
- ii) Responsabilidade e honestidade;
- iii) Partilha de todos os dados e informações obtidos;
- iv) Espírito de equipa e solidariedade, no sentido de defender o MFC;

1.4. Finalidades e Estrutura do Relatório de Estágio

O presente relatório tem como finalidades reportar na íntegra o processo de estágio, os seus moldes e a descrição da atividade profissional realizada.

Comporta igualmente uma revisão da literatura como suporte determinante ao enquadramento do tema abordado, a reflexão pessoal sobre os assuntos adjacentes, bem como conclusões, avaliações e perspetivas futuras.

Em termos estruturais, e no sentido de cumprir os objetivos anteriormente descritos, este relatório será estruturado de acordo com os seguintes capítulos:

- i) Introdução: apresentação e justificação da realização do estágio, delimitação do tema a abordar e definição dos objetivos para o mesmo;
- ii) Enquadramento da prática profissional: caracterização do contexto de realização do estágio, bem como uma revisão bibliográfica no sentido de definir um conjunto de linhas teóricas para a elaboração do relatório;
- iii) Realização da prática profissional: descrição de todas as tarefas adjacentes ao estágio, exposição de todos os resultados obtidos e conclusões resultantes dessas mesmas tarefas;
- iv) Referências bibliográficas: catalogação de todas as referências utilizadas para a realização do relatório;
- v) Anexos: conjunto de documentos elaborados durante o estágio com vista à exploração do tema a analisar.

CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

2. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

2.1. Enquadramento do Contexto Legal e Institucional

O Estágio decorreu no MFC, como entidade acolhedora de Estágio Profissionalizante, inserido na esfera do Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP).

A oportunidade surgiu na sequência de contactos informais com o Mister Vítor Oliveira, que demonstrou total disponibilidade, desde o primeiro momento, através de um protocolo de colaboração específico solicitado pelo estagiário em questão – Nuno João Pereira Macedo – apoiado na orientação do Professor Doutor Filipe Luís Martins Casanova e supervisão do Professor Leandro Sousa Mendes.

Teve como duração o espaço temporal definido entre setembro de 2013 e maio de 2014, comportando a observação direta não participante e registo de 97 unidades de treino, bem como a observação e análise das 42 jornadas oficiais da Segunda Liga Portuguesa, recorrendo-se a duas formas de observação: direta e indireta.

De forma direta e presencial, foram observados 17 jogos oficiais, 13 no Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, em Moreira de Cónegos, e 4 em deslocações aos Estádios do Sporting Clube de Braga “B”, Clube Desportivo Trofense, Futebol Clube de Penafiel e Clube Desportivo das Aves. De forma indireta observaram-se 36 jogos através de análise vídeo e 12 jogos através de transmissão televisiva. Dos 42 jogos oficiais observados, analisaram-se 24 jogos através das duas formas de observação, sendo que os restantes 18 jogos foram analisados através de apenas uma das formas supra mencionadas.

2.2. Enquadramento Funcional

2.2.1. Caracterização do clube e do plantel

“Um clube muito bom, organizado, cumpridor, ambicioso e com pessoas de bem.”

(Oliveira, ver anexo I)

A escolha do contexto para a realização deste relatório baseou-se no objetivo pessoal de conhecer e de contactar com a realidade profissional de alto rendimento do futebol nacional. A elevada exigência e a riqueza do contexto, numa instituição de créditos firmados e bastante reconhecida a nível nacional foram fatores a ter em consideração no momento de decisão/aceitação.

Num universo tão vasto como é o do futebol, encontrar um contexto rico e preenchido pode parecer fácil, pois existem cada vez mais estruturas sólidas e profissionais inseridas, em elevados níveis de exigência competitiva.

O MFC, fundado a 1 de novembro de 1938, é o clube mais representativo da pequena freguesia de Moreira de Cónegos, do concelho de Guimarães. Uma pequena vila, com cerca de 6 000 habitantes numa área total de 4,45 km², que fica situada a norte e à margem direita do rio Vizela, estando delimitada pelos municípios de Santo Tirso e Vizela, bem como pelas freguesias de Lordelo, Guardizela, Gandarela e São Martinho do Conde.

A economia de Moreira de Cónegos centra-se na indústria têxtil, nas áreas de fiação, tecelagem, confeções e estampania, e na viticultura, esta última representando uma atividade agrícola de eleição, numa região demarcada de vinhos verdes, onde se destacam algumas explorações locais importantes.

A pequena vila de Moreira de Cónegos tem assistido ao crescimento exponencial do seu clube durante as últimas décadas.

Nos últimos 12 anos, marcou presença por quatro vezes na principal liga de futebol profissional nacional, nas épocas desportivas de 2002-2003, 2003-2004, 2004-2005 e 2012-2013, perfazendo um total de 132 jogos ao mais alto nível, contando ainda com 10 presenças na 2ª Liga Portuguesa (323 jogos) e 101 jogos na Taça de Portugal.

O MFC subiu pela primeira vez à 2ª Divisão B na época desportiva 1987-1988 e no seu palmarés constam quatro títulos nacionais: Campeão Nacional da 2ª Liga Portuguesa (épocas desportivas 2001-2002 e 2013-2014) e Campeão Nacional da 2ª Divisão B – Zona Norte (épocas desportivas 1994-1995 e 2000-2001).

A nível distrital conquistou dois títulos de campeão distrital da segunda divisão da Associação Futebol de Braga (épocas desportivas 1941-1942 e 1942-1943) e um título de Campeão Distrital da Divisão de Promoção (época desportiva 1939-1940).

A atividade do clube sedia-se no Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, com capacidade para 9 000 espectadores. Este parque desportivo conta ainda com um campo sintético com dimensões de futebol de 11 e um campo sintético com dimensões de futebol de 7, bem como um conjunto de infraestruturas essenciais ao funcionamento de um clube com mais de 200 praticantes, entre o futebol profissional e a formação, tais como: balneários, gabinete médico, ginásio, gabinete técnico, gabinete de organização de jogos, auditório, secretaria, arrecadação de material, lavandaria e sala de reuniões.

Uma filosofia de clube definida pelo estabelecimento de um conjunto de linhas gerais e específicas que procuram direcionar e orientar a trajetória da organização do mesmo, não pode esquecer ou relegar para um plano secundário a formação (Leal & Quinta, 2001).

Fruto exatamente dessa aposta forte na formação de jovens jogadores por parte do MFC, as suas equipas de formação encontram-se nas divisões superiores da Associação Futebol de Braga. Nesta época desportiva, a equipa de juniores C (sub-15) disputou o campeonato nacional, onde a equipa de juniores A (sub-19) é igualmente presença assídua. O clube conta também com alguns títulos distritais nos escalões de formação, por exemplo: alcançaram a “dobradinha” na equipa de juniores A, na época desportiva 2008-2009, com o título de Campeão Distrital da Divisão de Honra de Juniores A e a conquista da Taça da Associação Futebol de Braga.

Na presente época, a equipa de juniores A (sub-19) conquistou o título de campeão da Divisão de Honra da Associação Futebol de Braga, e consequente

subida à segunda divisão do campeonato nacional de juniores A, enquanto a equipa B do escalão de Juniores B (sub-17) garantiu o título de campeão da 1ª Divisão Distrital da Associação Futebol de Braga e a equipa A do mesmo escalão conquistou a Taça da Associação Futebol de Braga. Também a equipa de juniores D (sub-19) conquistou a Prova Extra de Infantis – Série D, da Associação Futebol de Braga.

Dos seus escalões de formação, já saíram jogadores para os campeonatos profissionais. Os casos mais emblemáticos são os de André Micael, defesa central que já atuou no Sporting Clube Olhanense, e está atualmente ao serviço do Zawisza Bydgoszcz da 1ª Liga Polaca, e de Ricardo Ribeiro, guarda-redes do MFC na 1ª Liga na época passada (2012-2013), e está atualmente emprestado ao Estoril-Praia, da 1ª Liga Portuguesa.

Esta época, alguns jogadores do escalão de juniores foram presença relativamente assídua nos treinos da equipa sénior. Entre os mais frequentes destacam-se: Matheus, André Neto, Lima, Margarido, Costa, Pidá e Steve.

O plantel profissional do MFC é formado, maioritariamente, por jogadores portugueses, isto é, num total de 30 jogadores, apenas 10 são estrangeiros. Com uma média de idades de 26,9 anos, a equipa junta experiência com irreverência, demonstrando acima de tudo enorme qualidade e maturidade, sempre imbuída num espírito de grupo coeso.

Sinal dessa experiência essencial para o contexto competitivo em que o MFC está inserido, prende-se com o facto de, no atual plantel, se destacarem treze jogadores com clara experiência em subidas de divisão: Sandro, Miguelito, Filipe Melo, André Carvalhas e Arsénio, campeões da Segunda Liga pelo Gil Vicente, Rio Ave, Beira-Mar, Olhanense e Belenenses, respetivamente, bem como Anilton, que conta com três subidas à Primeira Liga, e Ricardo, Ferreira, Idris, Diogo Cunha, Pires e Wagner, com duas subidas de escalão.

Em termos estruturais, o clube é presidido por Domingos Vítor Abreu Magalhães, que assumiu a presidência em 1996, tendo abandonado o cargo em 2004 para se tornar presidente do Vitória de Guimarães, onde se manteve até 2007. No ano seguinte, em 2008, regressa à liderança do MFC, tendo sido reeleito em 2012 para o biénio 2012-2014.

Os órgãos diretivos também integram os vice-presidentes, Joaquim Ferreira de Almeida, Joaquim Pereira da Silva, Luís Pereira Ferreira, Joaquim Fernando Silva Oliveira e Fernando Jorge Leiras Sampaio. A Dr.^a. Serafina Pereira Ferreira ocupa o cargo de presidente da Assembleia Geral e Júlio da Silva Sampaio o cargo de presidente do Conselho Fiscal.

No dia 20 de maio de 2013, um dia após a última jornada da Primeira Liga 2012-2013, o MFC anunciou Vítor Oliveira como o novo treinador do clube. Volvidos cerca de 9 meses desde a sua chegada, no dia 10 de março de 2014, o treinador Vítor Oliveira deixou o clube, tendo sido apresentado no dia seguinte (11 de março de 2014), o treinador António Conceição, entrando também com ele o seu treinador adjunto, Luís Manuel Baltasar.

Na estrutura técnica, para além dos treinadores já referidos, o clube conta ainda com a colaboração dos, Professor Leandro Mendes, preparador físico, Tó Ferreira, antigo guarda-redes e Campeão do Mundo de Sub-20 pela Seleção Nacional em 1991, encarregue pelo treino de guarda-redes, João Silva (“Costeado”) e Armindo Cunha como treinadores assistentes. Marco Couto, ex-jogador profissional do Vitória Sport Clube e do Sporting Clube Olhanense, ocupa o cargo de Diretor Desportivo, e Armindo Dinis Pereira é o técnico responsável pela gestão de todos os equipamentos desportivos.

A equipa médica é liderada pelo Dr. António Manuel Castro e Cunha, e pelo Dr. Mário Henrique Ferreira Martins, que contam com o auxílio dos fisioterapeutas Pedro Figueiredo e Bruno Ribas, bem como com o nutricionista André Oliveira e o massagista Joaquim Carlos Machado.

2.2.2. Caracterização dos treinadores

Hoje em dia, o futebol e tudo o que o rodeia não se satisfazem por aparecer diante do público como um mero desporto, a imprensa alimenta a imaginação e a polémica criando estrelas ou destruindo-as, mas em qualquer dos casos deixa para a lenda grandes mitos para recordar, e as coleções de cromos que geraram tantas trocas começam a estar incompletas, aos milhares

de craques que todos quisemos ter, há que juntar agora os nomes destes treinadores mais que conhecidos (Coghen, 2011, p. 11).

2.2.2.1. Vítor Manuel Oliveira

“Olhamos para o *mister* como uma referência, sabemos que ele tem muita experiência na Segunda Liga e isso acaba por nos dar mais confiança”.

(Pires, ver anexo III)

A influência exercida pelo treinador é um dos fatores mais potenciadores do sucesso dos jogadores e das equipas em competição (Rodrigues & Pina, cit. por Pacheco, 2005).

Natural de Matosinhos, distrito do Porto, Vítor Oliveira possui mais de 10 anos como jogador profissional de futebol e 29 anos como treinador de futebol, durante os quais assumiu o comando de equipas como o Portimonense Sporting Clube, Futebol Clube Paços de Ferreira, Futebol Clube da Maia, Gil Vicente Futebol Clube, Associação Académica de Coimbra, União Desportiva de Leiria, Vitória Sport Clube, Clube de Futebol “Os Belenenses”, Sporting Clube de Braga, Rio Ave Futebol Clube, Leixões Sport Clube, Clube Desportivo Trofense, Clube Desportivo das Aves e Futebol Clube de Arouca.

Um treinador muito próximo da imagem dada por Barreto (cit. por Pacheco, 2005) ao caracterizar o treinador dos dias de hoje como um técnico especialista na sua modalidade, devendo possuir um conhecimento profundo da mesma, em todas as suas principais dimensões (histórica, cultural, estrutural, metodológica, relacional, técnica, tática e estratégica) e ter a capacidade de analisar o treino e a competição, descortinando os aspetos essenciais que permitam aprender, aperfeiçoar e consolidar o rendimento individual (jogador) e coletivo (equipa).

Num contexto cada vez mais global, mais competitivo, mais dinâmico, mais desenvolvido tecnologicamente, o líder de êxito, o verdadeiramente imprescindível, já não é quem faz de gargalo de garrafa, mas sim a pessoa que é capaz de fazer crescer pessoal e profissionalmente cada um dos seus

colaboradores, para que se sintam responsáveis, deem o melhor de si mesmos e assumam a liderança partilhada (Cubeiro & Gallardo, 2011).

Conhecido como o “campeão das subidas”, Vítor Oliveira, chegou a Moreira de Cónegos com o objetivo de fazer regressar o MFC aos grandes palcos nacionais e, assim, alcançar a sua 7ª subida à principal liga profissional portuguesa.

Depois do Futebol Clube Paços de Ferreira (1990-1991), Associação Académica de Coimbra (1996-1997), União Desportiva de Leiria (1997-1998), Clube de Futebol Os Belenenses (1998-1999), Leixões Sport Clube (2006-2007), e Futebol Clube de Arouca (2012-2013), pode agora juntar a esta numerosa lista, o clube de Moreira de Cónegos.

Com 332 jogos na 1ª Liga Portuguesa e 376 na 2ª Liga, o treinador Vítor Oliveira contabiliza 272 vitórias nas duas principais ligas profissionais do futebol português.

A sua carreira é preenchida igualmente com 2 presenças na Taça UEFA, pelos Portimonense Sporting Clube (1985-1986) e Vitória Sport Clube (1995-1996), 24 jogos na Taça de Portugal e 17 jogos na recém-criada Taça da Liga.

Antes do título conquistado esta época pelo MFC, venceu por três vezes a 2ª Liga Portuguesa, pelos Futebol Clube Paços de Ferreira em 1990-1991, União Desportiva de Leiria em 1997-1998 e Leixões Sport Clube em 2006-2007, e esteve igualmente presente na 20ª edição da Supertaça Cândido de Oliveira, representando o Sporting Clube de Braga, em 1998, na qual perdeu por 2-1 com o Futebol Clube do Porto, no conjunto das duas mãos.

O treinador Vítor Oliveira deixou o comando técnico da equipa no dia 10 de Março de 2014, após a 33ª jornada, rescindindo o seu vínculo contratual. No momento da sua saída, tinha realizado 41 jogos, entre 2ª Liga, Taça de Portugal e Taça da Liga, conquistando 18 vitórias.

Ao que à Segunda Liga diz respeito, realizou trinta e três jogos pelo MFC, alcançando 15 vitórias, 14 empates e apenas 4 derrotas, deixando a equipa na 2ª posição, com 59 pontos, a apenas 1 ponto do líder da competição, o Futebol Clube do Porto B.

2.2.2.2. António da Conceição Silva Oliveira

“Não tenho medo de desafios, é óbvio que nesta vida, hoje somos criticados, amanhã somos competentes, mas isso é o dia-a-dia do nosso trabalho”.

(António Conceição, ver anexo II)

Faria (2007, p. 227) refere que *“há um aspeto decisivo que é o treinador, o seu carisma, a sua personalidade e, fundamentalmente, a sua empatia. Em todas as estruturas, tem de haver um líder e uma equipa de futebol não foge à regra”*. Aliás, o conhecimento desse mesmo treinador resulta do entrelaçamento de várias dimensões do conhecimento essenciais ao desempenho da sua atividade, nomeadamente o conhecimento do conteúdo (matéria de ensino), o conhecimento pedagógico e o conhecimento do contexto do sistema desportivo (Graça, cit. por Pacheco, 2005). E o seu sucesso muitas vezes prende-se com a sua capacidade de gerar um estado de ânimo em que cada um dos elementos da equipa se desenvolva o mais possível e eleve a sua capacidade e o seu compromisso (Cubeiro & Gallardo, 2011).

António da Conceição, “futebolisticamente” conhecido por “Toni”, ex-jogador do Futebol Clube do Porto e Sporting Clube de Braga foi o escolhido pela estrutura diretiva do MFC para suceder a Vítor Oliveira, no comando técnico da equipa. No mesmo seguimento do seu antecessor, conjuga a experiência como jogador profissional e uma vasta experiência no futebol profissional como treinador.

Nascido em Braga há 52 anos, iniciou a sua carreira como treinador na época de 1994-1995 no Sporting Clube Braga, como treinador-adjunto de Manuel Cajuda, onde continuou até 1998-1999.

Na época seguinte, assumiu o comando da equipa B do Sporting Clube de Braga, tendo sido a sua primeira experiência como treinador principal.

Durante o seu percurso profissional, comandou diversos clubes portugueses, como a Associação Naval 1º de Maio, o Clube de Futebol Estrela da Amadora, o Vitória Futebol Clube, o Clube Desportivo Trofense e o Clube de Futebol Os Belenenses.

Conta igualmente com experiência internacional, tendo assumido o Fotbal Club CFR 1907 Cluj, o Fotbal Club Brasov e o Astra Giurgiu, da 1ª Liga Romena.

Em 2004-2005, conquistou a sua primeira subida à Primeira Liga, com o Clube de Futebol Estrela da Amadora.

Já em 2007-2008, ao serviço do Clube Desportivo Trofense, venceu a 2ª Liga Portuguesa e conquistou nova subida à Primeira Liga.

Ao serviço do Fotbal Club CFR 1907 Cluj conquistou uma Taça da Roménia na época desportiva 2008-2009, uma Primeira Liga Romena, uma Supertaça e mais uma Taça da Roménia na época desportiva 2009-2010.

Assim, a este percurso, juntou o título de Campeão Nacional da Segunda Liga e consequente subida de escalão com o MFC, onde realizou nove jogos, conquistando 6 vitórias, 2 empates e 1 derrota, perfazendo um total de 20 pontos.

2.2.3. Caracterização do contexto competitivo

2.2.3.1. Segunda Liga, o último degrau de acesso ao “TOP”

“Este é um campeonato extremamente competitivo, onde o primeiro pode facilmente perder com o último - e isso acontece com demasiada frequência - o equilíbrio é notório, as equipas são muito iguais e será assim até ao final.”

(Oliveira, ver anexo I)

O campeonato da Segunda Liga representa o segundo escalão do sistema de ligas do futebol português.

Foi criada em 1990, para substituir a II Divisão, antigo segundo escalão que passou na altura a representar o terceiro escalão do sistema de ligas e passou a denominar-se II Divisão B, competição entretanto extinta e substituída pelo atual Campeonato Nacional de Seniores, que conjugou a II e III Divisões nacionais.

Até 2005 eram promovidos três clubes à Primeira Liga, mas passaram a apenas dois a partir da época 2005-2006.

O Futebol Clube Paços de Ferreira é o detentor de mais troféus da Segunda Liga (3), seguido pelo Rio Ave Futebol Clube, Gil Vicente Futebol

Clube, Grupo Desportivo Estoril Praia, Sport Clube Beira-Mar (2). O MFC, com a sua recente conquista, juntou-se a este grupo restrito de clubes com duas conquistas.

Na presente época (2013-2014) participam nesta competição 22 equipas, por força da inclusão das equipas “B”, desde a época 2012-2013. De referir, em relação às equipas “B”, que estas não podem subir de divisão, mas podem sim descer, isto se ficarem em posição de despromoção ou se a sua equipa principal descer à Segunda Liga.

O campeonato conta com 42 jornadas, sendo que as duas equipas melhor classificadas ascendem à Primeira Liga e as três piores classificadas são relegadas para o Campeonato Nacional de Seniores.

A atual edição denomina-se por Liga2 Cabovisão.

Na corrente época (2013-2014), o plano de subidas e descidas da Segunda Liga foi substancialmente alterado. No dia 28 de fevereiro de 2012, o Tribunal Administrativo e Fiscal de Lisboa decidiu anular a decisão de despromover o Boavista Futebol Clube, significando que este teria que ser recolocado no primeiro escalão. Consequência desta reintegração, foi aprovado o alargamento da Primeira Liga para 18 equipas a partir da época 2014-2015, tal como estipulado no protocolo assinado a 29 de junho de 2013, entre a Liga Portuguesa de Futebol Profissional e a Federação Portuguesa de Futebol. Em reunião, realizada no dia 31 de março de 2014, a Comissão Executiva aprovou a candidatura à participação na Primeira Liga do Boavista Futebol Clube, após parecer favorável da Comissão Técnica de Estudos e Auditoria.

Assim, exclusivamente esta época e após deliberação da Comissão Executiva da Liga Portuguesa de Futebol Profissional no dia 21 de maio de 2014, o último classificado da tabela classificativa da Segunda Liga 2013-2014, o Atlético Clube de Portugal, foi convidado a apresentar a candidatura à Segunda Liga da época 2014-2015, não havendo lugar à sua despromoção face ao alargamento das Primeira e Segunda Ligas, para 18 e 24 equipas respetivamente, e à impossibilidade de subida de um quarto clube proveniente do Campeonato Nacional de Seniores, derivado desta alternativa não estar

acolhida no Regulamento das Competições nem no contrato celebrado com a Federação Portuguesa de Futebol

Desta forma, e em função da classificação final da presente época, o MFC e o Futebol Clube de Penafiel garantiram a subida à Primeira Liga, enquanto o Atlético Clube de Portugal se mantém na Segunda Liga.

Haveria lugar ainda a um *play-off* de promoção/despromoção entre o terceiro clube melhor classificado dos clubes que podem subir de escalão da Segunda Liga e o décimo quinto classificado da Primeira Liga, apelidada de “liguilha”, disputada a dois jogos, sendo que o vencedor deste *play-off* irá competir na Primeira Liga na próxima época.

Esse *play-off* foi disputado pelo Clube Desportivo das Aves, da Segunda Liga, e pelo Futebol Clube Paços de Ferreira, da Primeira Liga, nos dias 16 e 21 de maio de 2014. Com o resultado de 3-1 favorável ao Futebol Clube Paços de Ferreira no conjunto das duas mãos, este último garantiu a manutenção na Primeira Liga e, conseqüentemente, o Clube Desportivo das Aves irá disputar a Segunda Liga na época 2014-2015.

Por consequência e derivado à subida de 3 equipas do Campeonato Nacional de Seniores à Segunda Liga, e tal como disposto nos artigos 98º e 98º-A do Regulamento das Competições Organizadas pela Liga Portuguesa de Futebol Profissional, a partir da próxima época (2014-2015), a Segunda Liga será disputada por 24 equipas, divididas em duas séries, Norte e Sul, de 12 equipas cada. As seis equipas melhor classificadas de cada série qualificam-se para a segunda fase – Série de Subida, sendo que as restantes equipas integrarão a segunda fase – Série de Manutenção. A equipa que terminar em primeiro lugar da Série de Subida será denominada campeã da Segunda Liga e os três clubes pior classificados na Série de Manutenção serão despromovidos ao Campeonato Nacional de Seniores.

Esta época (2013-2014), o MFC garantiu a subida de escalão à 39ª jornada, no jogo frente ao Sporting Clube de Braga “B”, realizado no Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, no dia 19 de abril de 2014. Nesse jogo, o MFC venceu por 1-0 e aproveitou a derrota do clube que se encontrava mais próximo dos dois lugares de acesso à Primeira Liga, o Clube Desportivo

das Aves, que foi derrotado no jogo frente ao Grupo Desportivo de Chaves (2-1), e, assim, o MFC alargou para 10 pontos a distância que os separava, o que significa que, faltando apenas 9 pontos em disputa no restante campeonato, o MFC não finalizaria a época abaixo do segundo lugar.

A conquista do título de Campeão Nacional foi garantida na última jornada do campeonato, com a vitória por 1-0 no jogo frente ao Clube Desportivo de Tondela, disputado no Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, no dia 11 de maio de 2014, que permitiu ao MFC manter a distância de dois pontos para o segundo classificado, o Futebol Clube do Porto “B”, consagrando assim a equipa de Moreira de Cónegos como campeã.

2.2.3.2. A histórica Taça de Portugal

“São horas de emalar a trouxa,
Boa noite tia Maria.
Que a malta ganhava a Taça,
Já toda a gente sabia!”

**Hino cantado pelos apoiantes da Académica de Coimbra
após a conquista da 1ª edição da Taça de Portugal, em 1939**

A Taça de Portugal é organizada pela Federação Portuguesa de Futebol e é disputada por todos os clubes da primeira liga, segunda liga e campeonato nacional de seniores. Devido à reestruturação dos quadros competitivos, na época 2013-2014, participaram igualmente algumas equipas dos campeonatos distritais portugueses.

Disputada desde 1938 é uma competição com larga história e diversos acontecimentos marcantes, não só na história dos clubes, mas também na história do futebol português.

Num breve enquadramento histórico, a primeira competição com o estatuto de “Taça” foi disputada pela primeira vez em 1912. De carácter não oficial, foi organizada pelo Sport Clube Império, de Lisboa, e denominava-se por Taça do Império, e chegou a apelar-se também de Taça de Portugal. No entanto, apenas foi disputada por três vezes.

Em 1922 criou-se o Campeonato de Portugal, que contava com a participação de todos os clubes mas com a criação da Primeira Divisão, em 1934, o Campeonato de Portugal foi substituído pela atual Taça de Portugal, sendo considerada a Primeira Divisão a competição mais importante do país.

O Sport Lisboa e Benfica é o clube com mais troféus referentes a esta competição, num total de 25 troféus, seguido pelo Futebol Clube do Porto (16), o Sporting Clube de Portugal (15), o Boavista Futebol Clube (5), o Vitória Futebol Clube (3) e o Clube de Futebol Os Belenenses (3).

A Associação Académica de Coimbra foi o primeiro clube a conquistar o troféu em 1939, tendo na época 2011/2012 conquistado o troféu pela segunda vez na sua história.

O Leixões Sport Club (1961), o Sporting Clube de Braga (1966), o Clube de Futebol Estrela da Amadora (1990) e o Sport Clube Beira-Mar (1999), foram os clubes que fizeram história ao conquistar o troféu por uma única vez.

A conquista da competição garante ao seu vencedor a presença na edição da Supertaça Cândido de Oliveira, na época seguinte, e também o acesso direto à fase de grupos da Liga Europa, competição europeia organizada pela UEFA. Caso o vencedor deste troféu, seja igualmente campeão nacional, então o finalista vencido da Taça de Portugal garante a presença na Supertaça Cândido de Oliveira, disputando o troféu com o respetivo clube campeão nacional e vencedor da Taça de Portugal. Igualmente se o vencedor da Taça de Portugal se qualificar, via Campeonato, para qualquer uma das duas competições europeias (Liga dos Campeões ou Liga Europa), o finalista vencido garante a presença em, pelo menos, uma das eliminatórias de acesso à fase de grupos da Liga Europa.

A final da Taça de Portugal é disputada, desde 1946, no Estádio Nacional do Jamor, em Lisboa. No entanto, também já se disputou noutros estádios, tendo sido disputada no Estádio das Antas, no Porto, em 1961, 1976, 1977 e 1983, e no Estádio José de Alvalade, em Lisboa, em 1975.

Na edição desta época, o MFC participou na segunda eliminatória, onde defrontou e venceu o Merelinense Futebol Clube (9-0), garantindo a presença na

terceira eliminatória, sendo aí eliminado pela equipa do Grupo Desportivo Estoril Praia (0-2).

A edição 2013-2014 foi ganha pelo Sport Lisboa e Benfica que venceu o Rio Ave Futebol Clube por 1-0 na final da competição, disputada no Estádio Nacional do Jamor no dia 18 de maio de 2014.

2.2.3.3. A “recente” Taça da Liga

“Jogos a valer, como são os da Taça da Liga - até porque queremos avançar para a fase seguinte - são extremamente importantes. Ter mais um jogo é sempre bom para o entrosamento e crescimento desta equipa.”

(Oliveira, ver anexo I)

Organizada pela Liga Portuguesa de Futebol Profissional, a primeira edição da Taça da Liga disputou-se na época 2007-2008.

Proposta por dois clubes nacionais, Sporting Clube de Portugal e Boavista Futebol Clube, em 2006, foi aprovada a 28 de Novembro do mesmo ano, por unanimidade, por todos os clubes das ligas profissionais de futebol.

Carateriza-se por ser uma competição onde participam todas as equipas das duas primeiras divisões do futebol profissional (Primeira e Segunda Liga).

Nas primeiras três edições apelidou-se de Carlsberg Cup, nas duas edições seguintes como Bwin Cup, mas em 2012 a Bwin foi impedida, pelo Tribunal do Porto, de publicitar a sua marca através de patrocínios ou publicidade, e assim passou a apelidar-se apenas por Taça da Liga.

Desde a época 2010-2011, a competição é estruturada em quatro fases. Na primeira participam apenas as equipas da segunda liga, excetuando as equipas “B”, organizadas em quatro grupos, onde se defrontam todas entre si numa só mão e os dois primeiros classificados de cada grupo transitam para a segunda fase.

Na segunda fase, para além dos clubes apurados da primeira fase, participam igualmente os dois clubes promovidos à primeira liga da época anterior e as equipas classificadas entre o 9º e 14º lugar na primeira liga da época anterior. Os jogos são disputados em formato de eliminatória a duas mãos.

Depois de conhecidos os apurados, estes são organizados em quatro grupos de quatro equipas, juntando-se neste momento as oito equipas melhor classificadas da primeira liga da época anterior. Dá-se então início à terceira fase da competição, num formato competitivo semelhante ao utilizado na primeira fase, isto é, as equipas do grupo defrontam-se todas entre si numa só mão, mas nesta fase, apenas o primeiro classificado de cada grupo transita para a última fase.

Encontrados os quatro vencedores dos grupos da terceira fase, duas meias-finais são disputadas, a uma só mão, para se definirem os finalistas da prova. Por sua vez, a final é disputada em campo neutro, entre os vencedores de cada meia-final, também disputada a uma só mão.

A primeira edição foi ganha pelo Vitória de Setúbal, sendo o Sport Lisboa e Benfica o detentor das quatro edições seguintes. O Sporting Clube de Braga venceu a edição de 2012-2013.

Na edição 2013-2014, o MFC realizou seis jogos, onde alcançou duas vitórias, dois empates e duas derrotas. Na primeira fase, o MFC venceu a União Desportiva Oliveirense (4-0) e o Grupo Desportivo de Chaves (2-1), tendo empatado com o Clube Desportivo Feirense (0-0) e tendo sido derrotado pelo Sporting Clube da Covilhã (1-0). Na segunda fase, defrontou o Gil Vicente Futebol Clube, empatando na 1ª mão (0-0) e perdendo na 2ª mão (4-3), acabando por ser eliminado.

O Sport Lisboa e Benfica conquistou a edição da presente época, derrotando a equipa do Rio Ave Futebol Clube na final da prova, por 2-0, no dia 7 de maio de 2014 no Estádio Dr. Magalhães Pessoa, em Leiria.

2.2.4. Caracterização do contexto de natureza funcional

O contexto de natureza funcional reporta as funções comportadas neste estágio, que se basearam no acompanhamento e observação direta não participante de unidade de treinos, com elaboração de um pequeno relatório de cada uma, bem como a análise direta e/ou indireta dos jogos oficiais da equipa na 2ª Liga Portuguesa e a elaboração de um pequeno resumo de cada um.

Em termos mais específicos, o foco principal centrou-se na análise das ações de bola parada defensivas e ofensivas da equipa ao longo da principal competição em que esteve envolvida, a Segunda Liga, comportando os seguintes parâmetros: descrição, treino, pontos fundamentais a ter em conta, bem como a sua importância no sucesso ou insucesso da equipa durante as quarenta e duas jornadas da competição.

Como funções/tarefas adjacentes, a descrição do padrão de jogo do treinador Vítor Oliveira, através da análise das observações realizadas, assim como a reflexão sobre o desempenho da equipa relativamente às ações de bola parada, defensivas e ofensivas; a identificação de padrões de execução de sucesso dos mesmos; e, também, a observação indireta de outras ações e comportamentos fundamentais da equipa, em jogo, que possam ter influenciado o desempenho nas respetivas ações de bola parada, através da análise de vídeo dos jogos oficiais.

Com a entrada do novo treinador, António Conceição, num período já avançado da época, a descrição das principais alterações, relativas ao desempenho nas ações de bola parada e também do próprio padrão de jogo da equipa, tendo em vista a sua performance nas nove jornadas restantes da liga, foram igualmente tarefas adjacentes para a realização deste relatório.

2.3. Macro Contexto

A evolução experimentada pelas diferentes modalidades desportivas, com referência aos processos de ensino, treino e competição, tem demonstrado que os distintos fatores do rendimento, sendo embora comuns a diferentes modalidades desportivas, adquirem um impacto variável em função da especificidade de cada uma delas (Garganta, 1997).

Desta forma, nas últimas décadas, a reflexão e a investigação sobre o fenómeno do “jogar”, do treinar, do liderar, do competir, do planear, ou seja, do fenómeno da “(re)construção do jogo”, reconhecendo-o como fenómeno sempre inacabado, passou a ser entendida como componente fundamental para o rendimento superior das equipas e dos próprios jogadores, e neste seguimento

Mirandela da Costa (1982, p. 5) refere que *“tem vindo a ser sentido um desenvolvimento sem precedentes no mundo do desporto.”*.

Assim, deve-se compreender que no universo desportivo é já um lugar-comum afirmar que o rendimento competitivo é multidimensional por serem vários os fatores que concorrem para a sua efetivação, representando a sua identificação, enquanto fatores associados à eficiência e eficácia dos jogadores e das equipas, quer em contextos de treino quer em competição, tarefa prioritária da investigação (Garganta, 1997).

Só conheceremos e poderemos agir em determinada realidade, atual, se conhecermos e entendermos todas as suas origens, e como tal, só poderemos intervir com consciência no presente se compreendermos a complexidade crescente que lhe deu origem (Guilherme, 1991).

2.3.1. O reconhecimento do Futebol enquanto arte filosófica, de natureza única e complexa, fundamentalmente relacional, exigente e aleatória...

“O Futebol que verdadeiramente apreciamos é o que nos transporta às emoções suscitadas pela contenda no terreno de jogo, onde a performance resulta de uma adequada preparação, no respeito pelos atletas, pelos clubes e pelo público.”

(Garganta, 2005, pp. 11-12)

Garganta (2005) caracteriza o Futebol como uma das artes mais praticadas à escala planetária e, talvez, a forma mais mediática de expressão desportiva, com múltiplas extensões a diferentes domínios da sociedade.

Efetivamente, o Futebol alcança um mediatismo universal demonstrando um sem número de emoções e sentimentos desde o simples adepto até à figura máxima de um clube ou de uma organização desportiva.

Enquanto fenómeno representa uma importância fascinante na vida daqueles que se apaixonaram por tão rico contexto.

Villas-Boas (2011, p.17) afirma que os estudos académicos que se debruçam sobre o Futebol têm aumentado exponencialmente nos últimos anos,

sendo que o impacto social e desportivo deste fenómeno implica uma premente reflexão e a análise exaustivas com vista a conhecer e melhorar todos os processos.

Segundo Oliveira (2001, p. 6) *“o fascínio do futebol do século XXI reside no equilíbrio entre a genialidade improvisada dos que já nasceram com o futebol no sangue e o estudo, a aprendizagem, o aperfeiçoamento permanente daqueles que «constroem» no dia-a-dia um jogo que, à medida que vai evoluindo, mais exigente se torna”*.

Garganta (1997) destaca que o Futebol possui uma estrutura formal (terreno de jogo, bola, regulamento, companheiros, adversários) e uma estrutura funcional, que decorre das ações de jogo enquanto resultado da interação entre os companheiros duma mesma equipa em torno da bola, no sentido de conseguirem vencer a oposição dos adversários e atingir os objetivos propostos.

O mesmo autor afirma que, dado que a capacidade tática dos jogadores e das equipas se materializa sobretudo na competição, isto é, no jogo, a elevação do fenómeno *“jogo formal”* a objeto de estudo surge como um imperativo ao qual urge responder mas, no entanto, o problema afigura-se de difícil resolubilidade, na medida em que o Futebol é uma atividade motora complexa que se caracteriza e exprime mediante ações de jogo que não correspondem a uma sequência previsível de códigos.

Resultado dessas suas características, o Futebol faz parte do conjunto de modalidades pertencentes aos Jogos Desportivos Coletivos (JDC), que são caracterizados pela aciclicidade técnica, por solicitações e efeitos cumulativos morfológico-funcionais e motores, e por uma intensa participação psíquica (Teodorescu; cit. por Garganta, 1998).

Garganta (1997) destaca que o espaço de jogo nos JDC é estandardizado, tem medidas fixas e é estável, por isso, no jogo o que varia não é o espaço físico absoluto mas o informacional, o organizacional, que se altera em função da colocação e movimentação dos jogadores, da posse ou não da bola, da zona do terreno ocupada, da velocidade de execução das tarefas, entre outros.

Desta forma, o mesmo autor afirma que a oposição e cooperação são tarefas básicas reversíveis, tanto a atacar como a defender, sendo que as sucessivas configurações que o jogo vai apresentando resultam da forma como ambas as equipas gerem as relações, de cooperação e adversidade, em função do objetivo do jogo.

Esta complexidade inerente torna os JDC num fenómeno complexo e único, que incorpora um sem número de pressupostos de exigência máxima em termos de preparação e execução.

Os desportos dependentes do fator tempo, como é o caso do Futebol, são interativos e tendem a integrar cadeias de acontecimentos descontínuos, implicitamente relacionados, não apenas com os acontecimentos antecedentes, mas também com as probabilidades de ocorrência de acontecimentos subsequentes, considerada a sua aleatoriedade (Garganta, 1997).

Neste sentido, Castelo (1996) afirma que, reconhecendo que os JDC, em geral pelas suas características, encerram em si alguma aleatoriedade, o Futebol em particular, pelo seu grande número de intervenientes com objetivos opostos, aumenta ainda mais a imprevisibilidade do jogo.

Este jogo trata-se de uma luta incessante pelo tempo e pelo espaço, dentro dos constrangimentos impostos pelo regulamento, no sentido de que sejam realizadas as tarefas pretendidas, e deste modo, as ações que ocorrem durante o jogo não são divididas equitativamente entre as duas equipas que se defrontam, como por exemplo no caso das posses de bola: não são atribuídas em igual proporção a cada uma das equipas, embora as posses de bola conquistadas por uma equipa correspondam a igual número de perdas de bola registadas pela equipa contrária (Garganta, 1997).

Podendo ser afetado pelas condições iniciais, o jogo é um acontecimento caótico onde se vive entre o caos e a ordem (Dunning; cit. por Miranda, 2009) e, dada a sua complexidade, nas suas diferentes fases, as competências para jogar decorrem dos imperativos ditados pela necessidade de face à descontinuidade e aleatoriedade das ações, encontrar as respostas mais adequadas às diferentes configurações, face ao seu carácter aleatório e imprevisível (Garganta, 1997).

2.3.1.1. ... Convergente na “batalha crucial”, no “JOGAR”, que é dinâmico, caótico, imprevisível, e... Treinável!

“Depois de conhecer o caos não poderemos ver o mundo da mesma maneira.”

(Gleik; cit. Tavares, 2003, p. 6)

O jogo representa um sistema dinâmico, pois existe na confluência de uma dimensão mais previsível, induzida pelas leis e princípios de jogo, com outra menos previsível, materializada a partir da autonomia dos jogadores, que fomentam a diversidade e a singularidade dos acontecimentos, a partir do confronto entre sistemas concorrentes, caracterizados pela alternância de circunstâncias de ordem e desordem, estabilidade e instabilidade, uniformidade e variedade (Garganta; cit. por Moreira, 2009).

Guilherme (2004) destaca que qualquer decisão tomada e, consequente, ação realizada por um jogador implica o condicionamento posterior a essa ação e, assim, o jogo revela uma grande dependência do que acontece em cada instante.

O mesmo autor afirma que o Futebol é um jogo aberto, e como tal sensível às ocorrências do momento, onde uma decisão tomada numa determinada altura proporciona um jogo, mas se a decisão for outra vai proporcionar um jogo diferente.

Enquanto sistema dinâmico, o jogo varia não linearmente com o tempo e o resultado depende da forma como se vai jogando (Cunha e Silva; cit. por Azevedo, 2011). Assim, o estudo do conteúdo do jogo vem adquirindo uma importância crescente, na medida em que se tem reconhecido que a compreensão da estrutura “microscópica” do jogo é uma das chaves para a sistematização do universo teórico e metodológico deste JDC (Frade; cit. por Garganta, 1997).

Para Coghen (2011, p.9) *“cada especialidade tem a sua própria idiossincrasia, e ao longo do tempo as estruturas, os meios, os materiais, a comunicação, o marketing, os gostos, as estratégias, ..., tudo muda e se torna incomparável”*.

Então, a evolução do jogo e do treino resulta da dedicação cada vez maior ao estudo e exploração deste fenómeno complexo, sempre na procura do aperfeiçoamento e da excelência.

Sendo o futebol uma atividade guiada pelos mais rigorosos padrões de exigência (Oliveira, 2001, p. 5), possui uma dinâmica própria, um conteúdo que se pode definir como essência de jogo (Castelo, 1994), que se torna fundamental explorar, conhecer, analisar e entender, para se intervir sobre ele.

Mirandela da Costa (1982, p. 6) afirma que *“Na verdade aos homens do terreno e essencialmente aos jogadores, exige-se-lhes esforços cada vez mais intensos, a par de um valor máximo no domínio técnico-tático e moral que se exterioriza por uma habilidade dinâmica que torna irreversível a evolução do futebol desde o processo ensino-aprendizagem até à alta competição.”*.

A filosofia de jogo e de treino será sempre um processo ímpar de identidade própria, munida de conhecimento, cresce e desenvolve-se de acordo com as necessidades que a própria imprevisibilidade do processo exige (Faria, 2006, p.17).

Cada vez mais evoluído, exige uma procura incessante de conhecimento na preparação e atuação num contexto de inigualável complexidade, onde constantemente nos vemos confrontados com diversas particularidades e condicionantes que influenciam de maneira decisiva o alcançar do sucesso pelos jogadores, pela equipa, pelo treinador e pelo próprio clube.

A complexidade não compreende apenas quantidades de unidades e interações que desafiam as nossas probabilidades de cálculo, compreende também incertezas, indeterminações e fenómenos aleatórios, mantendo sempre contacto com o acaso, coincidindo assim com uma parte de incerteza, quer mantendo-se nos limites do nosso entendimento quer inscrita nos fenómenos, não se reduzindo apenas à incerteza, mas representando a incerteza no seio dos fenómenos ricamente organizados (Morin; cit. por Lourenço & Ilharco, 2007).

Para Ferreira (2010), o jogo de Futebol representa algo imensamente complexo, muito por força da vasta rede de relações que se estabelecem com o seu decorrer, sendo que, para Pálfai (1982), o futebol levanta enormes

exigências, em especial ao nível da grande performance, e que é possível prever que essas mesmas exigências subirão ainda mais no futuro próximo.

O mesmo autor afirma mesmo que os jogadores tenham adquirido uma certa destreza durante o período da sua formação, torna-se necessário que esta seja cultivada, enriquecida e aperfeiçoada continuamente para se adaptar às novas exigências.

Isto significa que a complexidade do envolvimento desportivo e a grande velocidade com que as ações de jogo sucedem, colocam o jogador numa posição de incerteza, confrontando-o com a presença de várias alternativas de ações (Moreira, 2009), e com uma relação de forças que evolui constantemente ao longo do jogo, procurando “prejudicar” o adversário, a todo o instante, assim como atuando de modo a evitar as artimanhas deste (Rieira; cit. por Azevedo, 2011).

Mesmo nas melhores equipas do mundo, onde se atua de acordo e com base em planos previamente estabelecidos, os jogadores deverão ser capazes de iniciar ações de forma independente e de se adaptarem às situações existentes (Pálfi, 1982), sendo que, para Sousa (2009) a diferença entre as equipas de rendimento superior e as restantes está na regularidade da qualidade que apresentam, o que lhes permite ganhar com uma certa frequência nas frentes competitivas em que participam.

A evolução não é mais do que um processo em espiral entre as adaptações dos seres vivos ao meio que o rodeia e as constantes mutações sofridas pelo meio, provocadas pelas adaptações e consequentes evoluções que os seres vivos permanentemente procuram (Guilherme, 1991).

Assim, Castelo (1994) destaca a racionalidade do jogo, que pressupõe na sua essência a racionalidade individual, a qual, por sua vez, não depende somente do funcionamento de um certo equipamento biológico, mas também da continuidade, da ordem e da regularidade do meio.

Para Guilherme (1991) o futebol como jogo que é, provoca imprevisibilidade em todos os momentos, havendo necessidade de uma permanente adequação e relacionamento a uma série de fatores que somente se apreendem, fazendo.

O jogo de Futebol é uma construção ativa, uma vez que, se desenvolve e decorre da afirmação e atualização das escolhas e decisões dos jogadores, realizadas num ambiente de diversos constrangimentos e possibilidades (Faria, 1999) e, assim, o progresso obtém-se através de exercícios efetuados nas unidades de treino, através de competições e jogos em diferentes condições, uma vez que os diferentes elementos aparecem no jogo em condições complexas, deverão fazer-se esforços para os desenvolver e mantê-los num nível elevado (Pálfai, 1982).

Seguindo as ideias expostas, pode afirmar-se que a natureza e diversidade dos fatores que concorrem para o rendimento desporto, faz do jogo de Futebol uma estrutura multifatorial de grande complexidade (Dufor; cit. por Faria, 1999) e, assim, as exigências cada vez maiores, que o desporto de alto rendimento solicita aos seus intervenientes, leva a repensar e a reestruturar toda uma filosofia de treino, pois sendo o jogo o espelho das prestações dos participantes durante o treino, a todos os níveis, este assume uma peculiar importância para o êxito ou inêxito da atividade (Guilherme, 1991).

Então depreende-se que o rendimento de uma equipa assenta essencialmente num processo exigente de preparação, que terá de ser organizado, bem estruturado e objetivo, bem como adaptável, tratando-se assim de um fenómeno rico, complexo e em constante evolução.

2.3.2. A Modelação dos fenómenos complexos, determinística e obrigatória, com vista à maximização do talento e à excelência de desempenho,...

“(...) tem a ver com a forma como múltiplos executantes se comportam em torno de um projeto singular como se fossem uma entidade única, embora mantenham as suas individualidades”.

(Damásio, 2006, p. 12)

Para Damásio (2006), e à primeira vista, o funcionamento de uma orquestra sinfónica, de um grupo desportivo, de uma equipa científica ou de uma nação, parece incomparavelmente diferente, mas pode bem ser que alguns dos

mecanismos que se escondem por detrás de superfícies tão diferentes sejam mais semelhantes do que parecem.

O trabalho conjunto de uma série de indivíduos na procura de alcançar um mesmo objetivo não assentará em pressupostos tão diferenciados, independentemente da área em questão, visto que o objetivo comum que os une e que definirá o atingir do sucesso e da excelência, deverá estar sempre sustentado por um conjunto de princípios e estratégias devidamente organizadas, de forma a estruturar um crescimento equilibrado e uma dinâmica de trabalho coerente.

Ainda, Damásio (2006) refere que o sucesso de tais grupos mede-se manifestamente por vitórias inequívocas – num jogo, numa eleição, na prioridade de uma descoberta, no número de produtos vendidos ou na receita bruta do seu comércio - mas quando esse sucesso não se deve apenas ao acaso e à boa sorte, quando se deve à combinação bem formulada de grandes executantes e grande chefia, encontram-se também subtis expressões qualitativas, que são mais difíceis de medir, mas inseparáveis das primeiras.

Existem muitos caminhos para atingir o objetivo final de ganhar, mas sempre se tem mais possibilidades de lá chegar se interpretarmos bem o nosso plano, tenha ele a natureza que tiver (Torquemada, 2013).

Lourenço e Ilharco (2007, p. 137) enumeram um exemplo: *“Imaginemos um grupo de vinte pessoas a produzir calçado numa linha de montagem; imaginemos esse mesmo grupo, com exatamente o mesmo número e as mesmas pessoas a produzirem o mesmo calçado, mas sem estarem organizados numa linha de montagem, com cada um dos elementos a produzir de uma forma individual, do princípio ao fim, os diferentes pares de sapatos. É fácil entender que o produto final será necessariamente diferente. Embora as pessoas sejam exatamente as mesmas, o grupo, esse, é diferente”*.

Fica então clarividente o caráter essencial do desenvolvimento de um plano de operacionalização devidamente organizado, direcionado para um determinado objetivo, com intenções claramente definidas e construído com base em princípios, valores e referências concretas, com vista a unificar

processos, a criar referências coletivas, em busca de um padrão, um padrão de rendimento superior, um padrão de sucesso.

De acordo com Moigne (cit. por Ferreira, 2010) quando se pretende edificar a clareza de um fenómeno complexo, devemos modelá-lo. O mesmo autor refere que os modelos se assumem como criações antecipativas baseadas numa realidade existente, sendo estabelecidos a partir da conceção do modelador.

A construção de modelos (modelação), em primeiro lugar, oferece a possibilidade de superar a dificuldade da organização dos conteúdos próprios da atividade e, em segundo lugar, possibilita uma análise operativa e uma busca do carácter provisional de um objeto substituído, que representa uma análise simplificada do processo, no qual são eliminados os simples detalhes, conservando, no entanto, as informações substanciais sobre o conteúdo e sobre a estrutura (Verjorskanski; cit. por Leal & Quinta, 2001).

Torna-se então fundamental clarificar o conceito de modelo, que para Castelo (1996) é uma aproximação da realidade, da qual se extraem alguns fatores da complexidade do real, que se consideram importantes, apresentando-os de uma forma simples, promovendo dessa forma uma melhor interpretação dos mesmos. O mesmo autor refere que, dentro do domínio científico, um modelo é a representação simplificada, sob a forma mais ou menos abstrata e, se possível, matematizada, de uma ou várias relações, do tipo causal ou descritivo, que reúne os elementos de um sistema, criando uma rede de inter-relações entre as unidades de um conjunto, simulando a realidade, ou parte dos aspetos dessa realidade que corresponde à pertinência do ponto de vista adotado.

Portanto, qualquer grupo constituído com vista à obtenção de vitórias comuns deverá respeitar um modelo interno que permita, não só potenciar o rendimento de cada individualidade, mas também potenciar o resultado do respetivo grupo enquanto um *Todo*.

Seja um homem, um grupo, ou uma organização o foco de interesse, o ângulo de entendimento, deve privilegiar-se o *Todo*, a aproximação pela globalidade, assim, numa perspetiva complexa, o *Todo* é algo que se intui, que

se modela sistematicamente, treinando, fazendo, descobrindo, sentindo, e fazendo de novo (Lourenço & Ilharco, 2007).

Os mesmos autores evidenciam que a lógica intrínseca do *Todo* – de um homem, de um grupo, de uma organização – é a percepção inter-relacional, interativa e interdependente dos seus elementos enquanto elementos de um *Todo*, caracterizando a equipa de futebol como um *Todo* composto pelas partes que são os jogadores individuais, também eles, em si mesmo, sistemas em ajustamento ao ambiente, interativos e complexos, que encontram o seu enquadramento e projeto no *Todo* de que fazem parte.

Transportando o conceito de coletivo para o jogo, percebe-se que se trata de um *Todo* que resulta das interações individuais dos jogadores, que constituem as “migalhas” do bolo e, por isso, o entendimento do coletivo leva a equacionar-se as relações dos jogadores enquanto partes desse mesmo *Todo* (Gomes, 2006).

Assim, o modelo que se exige para um grupo como uma equipa de futebol é, também em si, algo complexo, não só por todas as dimensões coletivas enquanto *Todo*, que deverá incluir, mas também pela forma que irá gerir as individualidades e as suas características únicas, com vista a potenciar cada um, procurando evoluir o próprio modelo, moldando-o em função das características do contexto em causa.

Para tal, é necessário ter constantemente em atenção que, como referem Lourenço e Ilharco (2007), ao separarmos a parte do *Todo*, não só descontextualizamos a parte, como alterámos também o *Todo*, que se torna diferente porque passa a estar constituído sem a parte que lhe foi retirada, o que levará a ajustamentos, novos equilíbrios e compensações, e assim, apenas pela alteração de uma parte, por mais pequena que seja, o *Todo* pode modificar-se muito, sendo que a alteração de uma parte pode levar a que todas ou muitas outras partes, das relações entre elas no âmbito do *Todo*, tenham que se modificar, vindo por isso a gerar um *Todo* diferente do anterior.

Em rigor, uma organização não é o resultado da junção das funções em que previamente foi dividida, nem um profissional é a soma das suas competências técnicas e de gestão, nem um jogador de futebol é a soma das

suas dimensões física, psicológica, técnica, tática, disciplinar, etc. Antes pelo contrário, é o *Todo* – a organização, o profissional, o jogador – que origina os seus diversos aspetos e, como tal, que deverá contextualizar, modelizar, influenciar e dar um sentido à análise dos seus diversos aspetos (Lourenço & Ilharco, 2007).

2.3.2.1. ... Que leva à emergência de um Modelo de Jogo, como guia fundamental do “jogar” que se pretende,...

“Cada equipa, cada treinador, tem a sua «impressão digital» própria, no Modelo de Jogo e na sua forma preferencial de construção.”
(Lobo, 2011, p. 13).

No que diz respeito ao futebol, o conhecimento, a identificação e a definição do jogo passam pela utilização de modelos que possibilitem a interpretação e a explicação da lógica do conteúdo do jogo, através da integração das dimensões que se consideram mais importantes, ou que melhor representam o fenómeno (Garganta, 1997), devendo então, uma das principais preocupações do treinador passar por desenvolver o processo de treino a partir de um planeamento e programação fortemente influenciados por modelos: de jogo, de treino, de preparação e de jogador (Queiroz, 1986).

Faria (2007, pp. 56-57) menciona que o individual existe, mesmo na filosofia de jogo ninguém corta a individualidade de cada um, sendo que o importante é que o jogador utilize as suas capacidades individuais e as suas características em função do grupo, mas o indivíduo com as suas características próprias tem que continuar a existir, e essas características devem evidenciar-se e serem potenciadas no *Todo*. O mesmo autor (2007, p. 145) refere que “os jogadores são todos diferentes, pela sua natureza e personalidades próprias. Mas, porque são membros do mesmo grupo, pretendemos que pensem a mesma coisa sobre o jogo. Naturalmente as suas características são diferentes. Posições diferentes exigem jogadores diferentes e características individuais diferentes. Daí o facto de se querer os melhores sob o ponto de vista da

execução, mas, sob o ponto de vista do pensamento do processo, queremos unicidade, queremos que os jogadores funcionem dentro do mesmo guia, do mesmo plano de pensamento”.

Enquanto sistema, uma equipa é formada por subsistemas, que são os jogadores, que interagem com objetivos e finalidades definidas, criando um meio aberto, complexo e dinâmico em que o produto, isto é, as características coletivas que a equipa evidencia são diferentes do somatório das características e capacidades dos diferentes jogadores (Guilherme, 2004).

Então, referenciadas a um modelo, as relações dos jogadores permitem acentuar um padrão de regularidades que se traduz pelos comportamentos da equipa e dos jogadores (Ferreira, 2010), comportamentos esses que têm um sentido que se inscreve numa determinada lógica (Garganta & Cunha e Silva; cit. por Ferreira, 2010).

Castelo (1994) afirma que o jogo de Futebol envolve um conjunto de ações diversificadas que encerram diversos problemas que são resolvidos pelos jogadores a partir de determinadas ações orientadas para um objetivo comum, tornando-se fundamental estabelecer a lógica comum da resolução dos problemas, com vista a orientar as ações dos jogadores.

Para Garganta (1997) a edificação duma qualquer matriz que vise dilucidar um “olhar” sobre o jogo de Futebol, deverá necessariamente ter como núcleo diretor a dimensão tática do jogo, porque é nela, e através dela, que se consubstanciam os comportamentos que ocorrem ao longo de uma partida.

Face à realidade do Futebol, atualmente, a dimensão tática é reconhecida como a geradora e condutora de todo o processo de jogo, de ensino e de treino, uma vez que o principal problema colocado às equipas e aos jogadores é sempre de natureza tática (Castelo, 1994). No entanto, a tática deve ser entendida não apenas como uma das dimensões tradicionais do jogo, mas sim como a dimensão unificadora que dá sentido e lógica a todas as outras, funcionando como a interação das diferentes dimensões, dos diferentes jogadores, dos diferentes intervenientes no jogo (jogadores e treinadores) e dos respetivos conhecimentos que estes evidenciam (Guilherme, 2004).

Sendo o Futebol um jogo tático, levanta permanentemente problemas à equipa e aos jogadores, como tal existe a necessidade prioritária de promover o desenvolvimento do entendimento e da compreensão do jogo para se poder intervir sobre ele (Guilherme, 2004).

Neste sentido, a tática impõe diferentes atitudes e comportamentos consubstanciados num conjunto de combinações, do qual os seus mecanismos assumem um carácter de uma disposição universalmente válida, edificada sobre as particularidades do envolvimento (Castelo, 1994).

O conceito de tática transcende as missões e tarefas específicas de cada jogador e pressupõe a existência de uma conceção unitária da equipa para tornar o jogo mais eficaz, encontrando na capacidade de comunicação entre os jogadores da mesma equipa e de contra comunicação entre os jogadores das equipas em confronto, os fatores críticos de constrangimento das transações que se operam, embora estas estejam igualmente limitadas pela disponibilidade dos recursos energéticos e técnicos dos intervenientes (Garganta, 1997).

Desta forma, e tomando igualmente como fundamental o conceito referido anteriormente, importa regressar à exploração do conceito de Modelo, enquanto referência essencial no sentido e direção dos processos da equipa, no sentido de os uniformizar e potenciar, em função de uma realidade e de um objetivo determinado, para que estes sejam capazes de resolver os problemas que o jogo, como fenómeno dinâmico e complexo, manifesta no seu decorrer.

Entre a teoria e a prática encontram-se as simplificações, sendo que o modelo é visto como uma simplificação da realidade complexa, uma interpretação e uma síntese, no fundo, uma representação dessa mesma realidade (Garganta, 1996), é o entendimento da complexidade que é o jogo e a identidade do treinador em função desse jogo, é o olhar para o jogo, modelá-lo na perspetiva do treinador e trabalhá-lo, sendo o jogo o resultado de interação entre indivíduos pensantes, pretende-se que exista uma linguagem comum (Faria, 2007, p. 94).

Toffler (cit. por Castelo, 1994) salienta que *“cada pessoa trás dentro da sua cabeça um modelo mental do mundo, uma representação subjetiva da realidade externa. Este modelo consiste em dezenas e dezenas de milhares de*

imagens: algumas, simples, outras inferências abstratas do modo como as coisas estão organizadas... O modelo mental de qualquer pessoa contém algumas imagens que se assemelham de perto à realidade e outras que são deformadas ou inexatas. Mas para que a pessoa consiga agir é indispensável que o modelo tenha alguma semelhança nas suas linhas gerais com a realidade... Nenhum homem tem um modelo de realidade que seja um produto exclusivamente pessoal”.

Para Guilherme (2004) a criação de um modelo implica a organização de um conjunto de conhecimentos/imagens mentais que se tem de ter de determinada realidade, sendo que a concepção está mais relacionada com o plano de organização das ideias, enquanto o modelo permite a operacionalização dessa concepção. O mesmo autor refere que existe a necessidade de orientar, direcionar e gerir o processo de forma a criar, promover e desenvolver as imagens mentais/conhecimentos específicos dos jogadores e o modo como essas imagens/conhecimentos podem interagir com o jogo para melhorar a qualidade de desempenho coletivo e individual.

Ainda, Guilherme (2004) destaca também que as imagens mentais funcionam como a interação entre as diferentes estruturas e processos de percepção, de interpretação, de consciência, de criação de hábitos/automatismos, de decisão e de ação com o jogo.

Neste sentido, Frade (cit. por Guilherme, 2004) refere que “a *dinâmica do processo é uma «fenomenotécnica» de natureza não linear. Esta expressão surge no sentido de salientar a importância do papel do treinador como criador e gestor, e como interventor em todos os momentos da realização do processo. A não linearidade advém da natureza do próprio processo e da necessidade do treinador ter que geri-lo, criá-lo e direcioná-lo sistematicamente no sentido da especificidade e do Modelo de Jogo. Desta forma, o treinador tem como objetivo criar e orientar tecnicamente uma fenomenologia de forma a promover a evolução qualitativa coletiva e individual que se enquadra no Modelo de Jogo da equipa. Para exercer essa função, o treinador deve intervir antes, durante e após o processo, uma vez que a envolvência caótica do jogo e do treino assim o exige”.*

Assim, a organização que o Modelo de Jogo do treinador possui, dirige, conduz e constrói uma equipa, dentro de determinados princípios, valores, regras e sentido, culminando numa morfogénese da equipa, não só através do jogo que pratica, mas também, através das dinâmicas interativas entre as ideias que os jogadores põem em prática e as defendidas pelo treinador (Almeida, 2009), resultando as interações do jogo das relações dos jogadores, que por sua vez devem ser modeladas para fazer emergir a dinâmica coletiva que se pretende (Gomes, 2006).

2.3.2.2. ... Sustentado em referenciais de comportamento, próprios de um “jogar” específico, que o tornam “único e intransmissível”!

“A ação cria organização que cria ação.”

(Morin; cit. por Faria, 1999, p. 17)

Leal e Quinta (2001) destacam que o Modelo de Jogo consiste na conceção de jogo idealizada pelo treinador, no que diz respeito a um conjunto de fatores necessários para a organização dos processos ofensivos e defensivos da equipa, tais como: os princípios, os métodos e os sistemas de jogo, bem como todo o conjunto de atitudes de comportamentos e de valores que permitam caracterizar a organização desses processos quer em termos individuais quer, fundamentalmente, em termos coletivos da referida equipa.

Então, tal como afirma Azevedo (2011), modelar o jogo de Futebol é articular um conjunto de ideias relativas a comportamentos individuais e coletivos e adaptá-las a um determinado contexto. O mesmo autor refere que este processo de sistematização das ideias de jogo, modelando-as face a uma dada realidade, conduzirá a uma forma de jogar específica, que identifica a equipa de cada treinador, não se tratando apenas de um sistema de jogo ou do posicionamento e disposição dos jogadores, mas sim da forma como os jogadores estabelecem relações entre si e como expressam a sua identidade,

uma determinada organização apresentada em cada momento do jogo que se manifesta com regularidade.

Desta forma, temos “uma Equipa”, com determinados objetivos, cujas interações são configuradas por princípios referenciais, promovendo uma “ordem interna” no seio da equipa, ou seja, organização (Sousa, 2009).

Na construção do Modelo de Jogo, torna-se fundamental que toda a ideia de jogo do treinador esteja sustentada em todos os momentos do jogo e na interação entre eles, de tal forma que Guilherme (2004) afirma que a definição do Modelo de Jogo de uma equipa e dos respetivos princípios e subprincípios, configuram comportamentos e padrões de jogo que devem ser assumidos em cada um dos momentos do jogo e na sua inter-relação.

Dissecando este tema, torna-se necessário referir que, tradicionalmente, se divide o jogo em duas fases: a fase defensiva e a fase ofensiva. Para Guilherme (2004), o termo “fases” surge em função da característica sequencial dessas mesmas etapas, existindo então sempre uma lógica sequencial implícita, a equipa que está a defender, quando recupera a bola, passa a atacar e, por sua vez, a equipa que está a atacar passa a defender, mantendo-se esta lógica ininterruptamente.

O mesmo autor também destaca que ao considerar que o jogo pode evidenciar quatro momentos, eles deixam de aparecer sequencialmente, a ordem de apresentação é arbitrária, como tal, tem mais lógica falar-se de momentos do jogo do que em fases.

Azevedo (2011) partilha também que a perceção do jogo segundo quatro momentos complementares e interligados permite reduzir a complexidade, nunca perdendo a articulação com o *Todo*, isto porque esses momentos estão articulados, acontecem numa dependência mútua relacional e não numa sequência lógica rígida, conferindo ao jogo um carácter mais fluído, como algo continuado e não faseado ou quebrado, condizente com a sua complexidade.

Assim, Guilherme (2004) distingue os quatro momentos do jogo: o momento de organização ofensiva, caracterizado pelos comportamentos que a equipa assume aquando da posse de bola com o objetivo de construir, preparar e criar situações ofensivas de forma a marcar golo; o momento de transição

ataque-defesa, caracterizado pelos comportamentos que se devem assumir durante os segundos após de perder a bola; o momento de organização defensiva, caracterizado pelos comportamentos assumidos pela equipa quando não tem a posse de bola com o objetivo de se organizar de forma a impedir a equipa adversária de construir, preparar e criar situações de golo, e marcar golo, recuperando o mais rapidamente possível a posse da bola; e o momento de transição defesa-ataque, que é caracterizado pelos comportamentos que se devem ter durante os segundos imediatos ao ganhar a posse de bola.

Mourinho (1999) afirma que Van Gall também define claramente e divide o jogo em quatro momentos significativos e, dentro destes quatro grandes grupos, estipula princípios de jogo que são praticamente imutáveis e dos quais não abdica em nenhum momento.

Então o Modelo de Jogo é constituído por princípios, subprincípios, subprincípios dos subprincípios ou sub dos subprincípios..., representativos dos diferentes momentos do jogo, que se articulam entre si, manifestando uma organização funcional muito própria e caracterizando a identidade de uma equipa (Guilherme; cit. por Azevedo, 2011).

Teissie (cit. por Castelo, 1994) afirma que *“para jogar corretamente é necessário compreender, para compreender é necessário saber, para compreender e saber é necessário definir princípios do jogo”*.

Os princípios, subprincípios, sub dos subprincípios, ..., de jogo representam os pilares fundamentais do Modelo de Jogo funcionando como as bases “micro” daquilo que é a ideia de jogo subjacente ao próprio Modelo.

Estes permitem ao treinador desenvolver determinadas regularidades comportamentais dos jogadores, organizando as suas relações e interações (Gomes, 2006), devendo estar perfeitamente definidos e expostos para que todos entendam claramente o que o treinador pretende (Azevedo, 2011), e para que seja possível transmitir aos jogadores as bases comuns para que eles falem a mesma “língua”, permitindo que se expressem num estilo diferente (Frantz; cit. por Castelo, 1994).

Os princípios táticos de base são as ligações comuns durante o jogo de todos os espíritos, estabelecendo os pontos de referência sobre os quais a

imaginação e o génio se deverão apoiar para elevar o nível do jogo (Poulain; cit. por Castelo, 1994).

No fundo, são as condições a respeitar e os elementos a tomar em consideração para que o comportamento seja eficaz (Grehaigne; cit. por Castelo, 1994).

Facilmente se percebe então que, na constituição da equipa, os jogadores assumem funções diferenciadas, mas é fundamental reconhecer que os comportamentos a desenvolver nos momentos defensivos, ofensivos e nas transições, dependem da forma como a equipa joga (Gomes, 2006).

Assim, os princípios de jogo são uma construção teórica e um instrumento operativo que orienta um certo número de comportamentos tático-técnicos dos jogadores, representando assim uma fonte que permite agir sobre a realidade do jogo, ou por outras palavras, na resolução das situações momentâneas do jogo, sendo caracterizados por serem conscientes e simples, possuírem um certo grau de generalização, concorrerem na planificação, seleção e execução da ação em relação estreita com os mecanismos motores, e participarem na explicação da ação (Castelo, 1994).

Podem ainda ser considerados como características que uma equipa evidencia nos diferentes momentos do jogo, isto é, são padrões de comportamento tático-técnico que podem assumir várias escalas, mas serão sempre representativos do Modelo de Jogo, independentemente da escala de manifestação (Guilherme, 2004).

Então, são resultado dos objetivos do treinador para cada momento de jogo (ao nível das interações dos jogadores), e das normas e valores interiorizados no desenvolvimento do jogo, e por isso, dos princípios de ação que definem a equipa (Gomes, 2006).

Para Guilherme (cit. por Azevedo, 2011) o princípio é o início de um comportamento que a equipa apresenta em termos coletivos e os jogadores em termos individuais, representando no seu conjunto, tal como destaca Azevedo (2011), uma forma específica de jogar de uma equipa, revelando uma identidade coletiva muito particular, em que os jogadores estabelecem uma linguagem comum entre eles, podendo manifestar-se, em níveis de organização mais

baixos, em subprincípios e sub dos subprincípios, representando sempre a forma de jogar da equipa em termos gerais.

E, por tudo isto, Amieiro (2004) partilha que estreitamente ligado à existência de uma ordem coletiva que expressa o “jogar como equipa”, está o assumir de uma identidade, afirmando que a identidade de uma equipa não é mais do que a afirmação como regularidade da organização que preconiza, sendo por essa razão que se considera a expressão efetiva da forma de jogar que o treinador concebe como cultura de jogo.

Gomes (2006) afirma que o modo como se pretende jogar é determinante para configurar o próprio jogo porque se um treinador tem como ideal que a sua equipa jogue com a manutenção e circulação da bola a partir do seu meio campo, então irá privilegiar uma dinâmica diferente de um outro treinador que tem como finalidade jogar fundamentalmente em transição defesa-ataque, após ganhar a posse da bola no seu meio campo, e com isto, entende-se que os princípios de jogo são diferentes, condicionados por uma finalidade, ou seja, por um Modelo de Jogo.

Então, torna-se importante encaminhar os jogadores para a aquisição de uma determinada forma de jogar, que vai estabelecer uma identidade de jogo coletiva (Resende, 2002), sendo que o Modelo de Jogo assume-se como um referencial determinante para orientar as ações de toda a equipa (Castelo, 1996), sendo a partir dele que tudo se gere, se desenvolve, se organiza e se cria (Guilherme, 2004).

A construção do Modelo de Jogo da equipa, alicerçada num conjunto de ideias bem definidas pelo treinador, vai constituir um referencial que irá promover a articulação de sentido de tudo aquilo que vai sendo desenvolvido (Azevedo, 2011), sendo fundamental ter uma noção clara do que é o Modelo de Jogo de uma equipa e que este nunca está acabado, antes vai-se construindo, desconstruindo e reconstruindo (Castelo, 1994).

2.3.3. As Ações de Bola Parada - variável (muitas vezes!) decisiva no sucesso das equipas de alto rendimento,...

“No que ao jogo de futebol propriamente dito diz respeito, concorrem em simultâneo, muitas variáveis, que dentro de determinados limites, importa controlar.”

(Villas-Boas, 2011, p. 17)

Garganta (1997) afirma que, à medida que a competição avança, a qualidade das equipas aumenta e o equilíbrio de forças torna-se mais evidente.

Para Castelo (cit. por Pereira, 2008), um dos grandes problemas do futebol consiste exatamente em criar oportunidades de golo, já que, relativamente aos demais desportos coletivos, o Futebol tem um baixo índice de concretizações, expresso pela relação entre o número de ações ofensivas realizadas e os golos obtidos. Sendo que, segundo Marques (cit. por Pereira, 2008) o momento decisivo e altamente aleatório da concretização do golo, tanto pode ser no fim, no princípio ou em qualquer outra altura do jogo, o que significa que se pode vencer o jogo com uma única ação de finalização.

Assim, o momento determinante de um jogo, que definirá o resultado final poderá ocorrer das mais variadas formas e enquanto estrutura de alto rendimento pretende-se preparar e antecipar grande parte desses momentos, objetivando uma vantagem que se poderá mostrar crucial no sucesso da equipa.

Consequentemente, as dificuldades na obtenção do golo acontecem porque a organização defensiva, nas equipas de topo, sofreu uma evolução ao longo dos tempos devido ao aparecimento de novas ideias, mas também de melhor qualidade de treino (Pessoa, 2006).

Devido a todos estes constrangimentos, as equipas e os treinadores têm apostado cada vez mais nas ações de bola parada para poderem resolver um jogo e chegar à vitória, ensaiando verdadeiras “jogadas de laboratório” para tentar confundir as defesas adversárias, e atingir com sucesso a baliza dos oponentes nestes momentos do jogo (Casanova, 2009).

Barreira (2006) chama a atenção para os dados estatísticos que advertem para a importância das ações de bola parada, do ponto de vista quantitativo, em

relação ao número de interrupções durante um jogo e, do ponto de vista qualitativo, ao considerar a relação entre as ações de bola parada e os golos conseguidos.

O mesmo autor afirma que a literatura evidencia que, do ponto de vista quantitativo, se produzem entre 100 a 130 interrupções por jogo, sendo que entre 35 e 55 dessas interrupções são lançamentos de linha lateral, 22 a 30 são pontapés de baliza, 25 a 35 pontapés livres diretos e cinco a sete são foras de jogo.

Comucci (cit. por Pereira, 2008) reforça que são as interrupções de jogo, que imediatamente precedem uma bola parada, que oferecem às duas equipas, quer a que ataca quer a que defende, a possibilidade de resolver o jogo a seu favor, pois oferecem ao jogador, o tempo e a oportunidade de controlar a sua própria posição, de reajustar distâncias entre os vários elementos e entre os vários sectores, de acertar as marcações e de acionar as várias combinações previamente estudadas e oportunamente experimentadas no treino.

Neste sentido, Manuel Cajuda (2005, p. 154) partilha a importância que é dada as ações de bola parada e o tipo de gestão que preconiza: *“Nas nossas palestras, o Nascimento (treinador-adjunto), é quem tem o dossier das bolas paradas da nossa equipa e como contrariar as das equipas contrárias, havendo áreas que é ele quem determina. Temos por hábito colocar no balneário as maquetas referentes às situações de bolas paradas e, antes de irem para o aquecimento, os jogadores são alertados para as situações onde terão de intervir”*.

Também, Hernâni Gonçalves (2005, p. 32) relata um pequeno episódio relativo a estes esquemas: *“Lembro-me de estarmos a observar um jogo internacional do Colónia (equipa alemã), na altura uma excelente equipa, em que Pedroto (ex-treinador do FC Porto) verificou que os alemães na marcação de pontapés de canto, colocavam dois jogadores ao primeiro poste, um à frente do outro, e em que a bola era metida tensa ao primeiro poste, um deles desviava para o segundo poste e onde aparecia um outro jogador a finalizar. O Pedroto observou, gostou e disse «isto é uma excelente ideia, vamos também passar a fazer isto», e o Porto veio a fazê-lo a partir daí e com muito êxito”*.

Por tudo isto, Casanova (2009) afirma que os treinadores são instados a conferir cada vez maior importância a todos os momentos do jogo que podem acautelar uma derrota ou garantir uma vitória, tornando-se preponderante estudar exaustivamente os adversários e preparar a equipa para todos os detalhes dessas diferentes circunstâncias.

José Mourinho (2007, p. 97) pensa que *“aquilo que se torna mais difícil no jogo é sermos confrontados com situações que desconhecemos, porque o desconhecido é sempre desconfortável, significa isto, que tudo se resume à comodidade e ela acontece quando não somos apanhados desprevenidos”*.

A análise, reflexão e preparação das ações de bola parada, tanto ofensivas como defensivas, representa o enfrentar de um desconhecido imprevisível, que na sua essência, importa conhecer, prever e, se possível, controlar. Cada vez mais decisivos, torna-se determinante aprofundá-los, para se estar mais confortável e prevenido quando se for confrontado com os mesmos.

Novamente, Mourinho (2007, p. 97) menciona que a imprevisibilidade tem a ver com aquilo que fazemos e estamos preparados para fazer e com aquilo que os outros fazem e que nós presumimos que eles possam fazer.

Desta forma, torna-se fundamental a preparação cuidada e meticulosa de todas as variáveis intervenientes no jogo, pois aí estará o segredo para o sucesso da equipa.

2.3.3.1. ... E como condição singular e favorável de garantir vantagem sobre o adversário, na procura de conseguir ou impedir o golo,...

“Os lances de bola parada podem ser considerados como momentos excepcionais durante um jogo, pela sua caracterização e fruto do posicionamento dos jogadores. Os treinadores ensaiam estratégias e movimentações que lhes permitam adquirir uma vantagem sobre o rival.”

(Bessa, 2010, p. 10)

Apesar de existirem diferentes designações para estes momentos característicos do jogo de Futebol, como “*fragmentos constantes do jogo*” (Sledziewski & Ksionda; Wrzos; Garcia; cit. por Bettencourt, 2003), “*fases estáticas do jogo*” (Mombaerts; Sledziewski & Ksionda; cit. por Rocha, 2009), “*ações estratégicas*” (Garcia; cit. por Bessa, 2009), “*lances de bola parada*” (Castelo, 1994; Garganta, 1997), “*esquemas táticos do jogo*” ou “*fases fixas do jogo*” (Teodorescu; cit. por Bessa, 2009), denominá-los-emos por “*ações de bola parada*”.

A palavra ação, derivada do latim *actio*, pode ser definida por ato ou efeito de agir, efeito de atuar a partir de uma inércia e/ou manifestação de uma força.

Assim, quando se trata de descrever uma ação de bola parada, pelas próprias características do momento a considerar, a utilização da palavra ação torna-se pertinente, uma vez que define o ato de agir sobre uma bola parada, alterando-lhe o estado de repouso (inércia) através da manifestação de uma força, resultando num efeito previamente planeado.

Esta denominação, pela sua simplicidade, torna igualmente mais fácil a identificação e compreensão do tema a abordar.

Para Rodrigues (2009) as ações de bola parada assumem, hoje em dia, uma preponderância cada vez maior no panorama futebolístico internacional e estão muitas vezes associadas a ações que conduziram à obtenção de sucesso.

Castelo (1994) caracteriza-as como soluções estereotipadas das partes fixas do jogo, isto é, as ações previamente estudadas e treinadas para as ações de bola parada observadas e analisadas, tanto numa perspetiva ofensiva,

visando assegurar as condições mais favoráveis para a concretização imediata do golo, como numa perspetiva defensiva, visando assegurar as condições mais favoráveis à proteção da baliza e à recuperação da posse de bola.

Deste modo, as ações de bola parada pretendem assegurar as condições mais favoráveis para a obtenção imediata do golo, o que será atingido através de uma combinação tática, isto é, a coordenação das ações individuais de vários jogadores de natureza ofensiva (Teodorescu; cit. por Cunha, 2007).

Para Barreira (2006) ao se observar estas movimentações ofensivas fica-se com a impressão que a interação entre os jogadores nelas implicados é premeditada, ou seja, cada um conhece e entende os movimentos dos demais e, por isto, Castelo (1994) refere que a concepção das bolas paradas pressupõem sempre um dispositivo fixo, no qual os jogadores e a bola circulam de uma forma pré-estabelecida, devendo, no entanto, possuir um caráter espontâneo e criador, relacionando o nível de organização ofensiva e defensiva, em função da situação momentânea do jogo.

Segundo Hughes (cit. por Sousa, 1998) existem diversas vantagens básicas que determinam a eficiência destes esquemas:

- i) são sempre executados com a bola parada, minimizando o problema do controlo da bola;
- ii) não existe pressão sobre a bola, uma vez que os adversários têm que se posicionar a uma determinada distância;
- iii) um grande número de jogadores da equipa que ataca deslocam-se para posições perigosas da equipa adversária;
- iv) os jogadores que atacam colocam-se em posições pré planeadas para maximizar as suas capacidades individuais;
- v) e, o treino sistemático produz níveis de sincronização dos movimentos.

Nas ações de bola parada, o fator tempo dá a possibilidade e a oportunidade de os jogadores reajustarem posições, distâncias entre os vários elementos, acertar marcações e ocupar racionalmente o terreno de jogo, de forma a maximizarem as suas potencialidades específicas, na procura constante

de os colocar em condições favoráveis para a concretização imediata do golo (Castelo, 1994).

No entanto, não se deve perder a oportunidade de se repor rapidamente a bola em jogo, mesmo que o dispositivo fixo não esteja ainda totalmente concretizado, desde que se retire maiores vantagens de uma desconcentração, pois é nas paragens momentâneas de jogo que se verifica uma menor concentração por parte dos jogadores (Sousa, 1998).

Assim sendo, a complexidade destas ações é enorme, na medida em que as diferentes características dos jogadores e o perfil do treinador determinam configurações muito específicas e particulares (Machado, 2008).

Para Castelo (1994), dentro da organização da equipa, existem três tipos fundamentais de especialização:

- i) Os jogadores que se especializam na simulação de infrações às leis de jogo, levando o árbitro a errar na sua decisão, ou então esperar que o adversário cometa a infração, pois, em muitas situações retira-se maiores vantagens na execução de ações de bola parada subjacentes à marcação da infração, do que na continuidade do processo ofensivo;
- ii) Os jogadores que se especializam na marcação de um certo tipo de bola parada (lançamento de linha lateral, pontapés de canto, livres diretos ou indiretos e grande penalidade);
- iii) e, os jogadores que se especializam na criação de um “cenário” convincente, incluindo situações de “conflito” com os adversários, e com o árbitro, com o intuito de mobilizar a atenção dos adversários para outros pormenores de menos interesse.

Para o mesmo autor, a sucessão de procedimentos tático-técnicos dos jogadores deve ser lógica, coerente e de acordo com um “cenário” de jogo convincente para a equipa adversária, sendo esta levada a ler incorretamente a situação e, conseqüentemente, a optar por medidas menos eficazes, já que ao desconhecer as ações individuais e coletivas que envolvem a concretização da ação de bola parada, pode ser induzida em erros, centrando a sua atenção

noutros elementos que lhe pareçam mais prováveis de acontecer, tornando assim o jogo ofensivo mais imprevisível no ponto de vista defensivo.

Assim, os jogadores determinados para as várias ações de bola parada, devem rentabilizar ao máximo a reposição da bola em jogo, beneficiando de uma menor atenção do adversário (Castelo, 1994), devendo este tipo de jogadas ser treinadas antecipadamente, para dar confiança e segurança aos jogadores que as irão executar posteriormente (Bangsbo e Peitersen; cit. por Casanova, 2009).

2.3.3.2. ... Expressa em dados estatísticos relevantes e que se tornam determinantes na reflexão sobre sua importância,...

“Os números apenas servem para nos fornecer a prova da grande potencialidade do jogo de Futebol como veículo soberbo para a imaginação interpretativa de estratégias e táticas físicas. Mas carecem de significado, salvo se conduzirem com êxito ao grande Clímax do Ritual da Reunião Tribal: o golo”.

(Morris; cit. por Cunha, 2007, p. 24-25)

Em termos estatísticos, alguns estudos apontam para que, ao nível internacional, uma equipa obtém, em média, cerca de quatro pontapés de saída, nove pontapés de baliza, 20 lançamentos de linha lateral, 15 pontapés livre, dez pontapés de canto e, ainda, uma grande penalidade, em cada três jogos, e por jogo, na zona de ataque, existe uma média total de 20 ações de bola parada por equipa (Bangsbo & Peitersen; cit. por Pereira, 2008).

Por sua vez, Castelo (1994) destaca que mais de 40% das situações de finalização e situações de criação das situações de finalização têm por base soluções táticas a partir de ações de bola parada, podendo então aferir-se a importância que as equipas de rendimento superior atribuem à conceção, ao treino e à maximização da eficiência das soluções para estas situações, traduzindo-se fundamentalmente, no plano ofensivo, pela iniciativa que a equipa em posse de bola usufrui, surpreendendo os adversários e obrigando-os a cometer erros de análise da situação de jogo. E, no plano defensivo, em evitar cometer infrações às leis do jogo, pois este comportamento diminui em muito as possibilidades da equipa adversária concretizar o golo.

Num estudo realizado por Basto e Garganta (cit. por Bettencourt, 2003), referente à análise do processo ofensivo em equipas de Futebol de alto nível, e relativo aos métodos de jogo ofensivo, coube ao ataque posicional a maior percentagem de ataques finalizados com golo, seguido das ações de bola parada e dos contra-ataques.

Sledziewski e Ksionda (cit. por Bettencourt, 2003), referindo-se ao Campeonato do Mundo de 1982 (Espanha), concluíram que os golos obtidos através das ações de bola parada representaram a maior percentagem de golos marcados na competição (45%), seguidas do ataque rápido (27%) e do ataque posicional (28%).

Hughes (cit. por Barreira, 2006) afirma que nas seis finais do Campeonato do Mundo realizadas entre 1966 e 1986 foram marcados 27 golos, 13 dos quais através das ações de bola parada e outros cinco na sequência seguinte aos esquemas.

Já, Moaz (cit. por Sousa, 1998) refere que no Europeu de 1992 se verificou uma percentagem de 60% de golos marcados a partir de ações de bola parada, sendo que no Europeu de 1996 esse número subiu até aos 84,5%.

Também, um estudo realizado por Cunha (2007) onde se analisaram os golos obtidos no Campeonato do Mundo de 2006, dos 129 golos analisados, 45 ocorreram na sequência das ações de bola parada (pontapé de canto, pontapé livre e grande penalidade), correspondendo a um valor percentual de 35%.

Noutros estudos, os resultados foram semelhantes, ou seja, o valor percentual de ocorrência das ações de bola parada foram de 28% no Mundial de 1986, de 32% no Mundial de 1990 e de 39% no Mundial de 1994 (Jinshan et al.; Garcia; cit. por Cunha, 2007).

Oliveira (cit. por Barreira, 2006) reportou que, dos 179 golos marcados no Mundial de 1998, 43 resultaram das ações de bola parada, representando 25% do total do número de golos marcados.

No estudo realizado por Rodrigues (2009), durante Campeonato Europeu de Futebol de 2008, em 31 jogos marcaram-se 77 golos, 15 golos foram marcados na sequência de esquemas táticos, o que representa um valor aproximado de 19,5%.

Também, Castelo (cit. por Rodrigues, 2009), em observação de finais de Campeonatos do Mundo e da Europa, demonstrou que 27% dos golos totalizados resultaram das ações de bola parada.

Na presente época desportiva, também as ações de bola parada foram fundamentais no sucesso das equipas, não só nacional mas também internacionalmente.

Na final da Taça da Liga Portuguesa, disputada no Estádio Dr. Magalhães Pessoa, em Leiria, entre o Rio Ave Futebol Clube e o Sport Lisboa e Benfica, os dois golos da vitória da equipa lisboeta resultaram, um da marcação de um pontapé de canto ofensivo no corredor esquerdo e outro através de um pontapé livre lateral ofensivo no corredor direito.

Também, na segunda mão da meia-final da Liga dos Campeões Europeus, entre o Fussball Club Bayern Munique e o Real Madrid Club de Fútbol, disputada no dia 29 de abril de 2014 no Estádio Allianz Arena, dos 4 golos marcados pela equipa espanhola, 3 resultaram das ações de bola parada, um na sequência de um pontapé de canto ofensivo e dois através de pontapés livres ofensivos.

Na final da mesma Liga dos Campeões Europeus, disputada entre o Real Madrid Club de Fútbol e o Club Atlético de Madrid, no Estádio da Luz no dia 24 de maio de 2014, depois do Club Atlético de Madrid se adiantar no resultado através de um golo resultante de uma segunda bola proveniente de um pontapé de canto ofensivo no corredor direito, a equipa do Real Madrid Club de Fútbol chega ao empate, três minutos depois dos noventa regulamentares, após um pontapé de canto ofensivo executado igualmente no corredor direito. Com este golo, o jogo seguiu para prolongamento, onde o Real Madrid Club de Fútbol garantiu a conquista do troféu.

Analizados estes números, as ações de bola parada representam um aspeto fundamental no alcançar do objetivo do jogo – o golo, sendo que a importância torna-se ainda maior se atendermos ao facto de serem números obtidos em competições altamente exigentes, num contexto de qualidade extrema e numa competição onde o resultado de um só jogo pode ditar a continuidade e/ou afastamento da prova.

Numa dimensão competitiva contínua e prolongada, caso do campeonato nacional de Futebol, 94 golos, cerca de 31,33%, dos 300 golos marcados na segunda volta da Primeira Liga 2008-2009 advieram das ações de bola parada (Rocha, 2009).

Também, Cunha (2007) verificou que, dos 197 golos observados durante a segunda volta da Primeira Liga Portuguesa 2005-2006, 70 golos foram obtidos a partir das ações de bola parada, correspondendo a 36% do total do número de golos.

Neste sentido, Sousa (1998) afirma que os golos resultantes das ações de bola parada constituem uma fonte vital a todos os níveis de jogo, não apenas por representarem uma percentagem considerável do número total de golos marcados, mas também porque constituem momentos críticos, sendo mesmo cruciais, que permitem decidir o resultado do jogo.

2.3.3.3. ... Podendo ser potenciadas e/ou condicionadas pelas suas características próprias!

“O facto de as regras do Futebol determinarem a distância a que os defensores se devem colocar, facilita a tarefa do executor, pois não existe a pressão dos jogadores adversários.”

(Hughes; cit. Casanova, 2009, p. 13)

Consultando as Leis de Jogo da FIFA (2013), as ações de bola parada estão definidas na Lei 8 – Começo e Recomeço do Jogo, Lei 14 – Pontapé de Grande Penalidade, Lei 15 – Lançamento Lateral, Lei 16 – Pontapé de Baliza e Lei 17 – Pontapé de Canto.

2.3.3.3.1. O Pontapé – Livre

Scovell e Howe (cit. por Cunha, 2007) afirmam que os pontapés livres, na atualidade, são alvo de tanto estudo que se converteram em pouco menos que uma arte.

Sousa (1998) analisou as ações de bola parada que originaram golo, de todos os jogos do Campeonato do Mundo de 1994, nos Estados Unidos da América, onde se observou que as ações mais frequentes e que originaram um maior número de golos foram os pontapés livres diretos (42%), seguidos dos pontapés de grande penalidade (29%), sendo que os pontapés de canto (13%), os lançamentos de linha lateral (12%) e os pontapés livres indiretos (4%) foram os esquemas que menos contribuíram para a obtenção de golos.

Também, Sledziewski (cit. por Sousa, 1998) demonstrou que, no Mundial de 1982 em Espanha, da totalidade dos golos marcados, 20 golos foram provenientes de pontapés livres, doze surgiram de pontapés de canto, um de lançamento lateral e oito golos do aproveitamento dos dez pontapés de grande penalidade assinaladas nesta competição.

Já, Grant e Williams (cit. por Casanova, 2009) analisaram os últimos vinte jogos do Manchester United na época de 1998-1999, concluindo que dos nove golos marcados nesses jogos a partir de ações de bola parada, quatro deles resultaram da marcação de pontapés livres, correspondendo a uma percentagem de 44,4% da totalidade de golos. No estudo de Ensum e colaboradores (cit. por Casanova, 2009) ficou demonstrado que, no Campeonato da Europa de 2000, 53,6% dos golos obtidos através das ações de bola parada, excluindo os golos de grandes penalidades, resultaram de pontapés livres.

Assim, e tal como salientam Bray e Kerwin (cit. por Cunha, 2007), hoje em dia, os treinadores e jogadores já estão alertados para o potencial dos pontapés livres na obtenção de golos, tendo a maioria das equipas pelo menos um especialista na sua marcação, e que a expectativa dos espetadores em relação a estes momentos já está próxima da de uma grande penalidade.

De acordo com a Lei 13 das Leis de Jogo da FIFA (2013), um pontapé-livre direto será concedido à equipa adversária do jogador que, no entendimento do árbitro, cometa, por negligência, imprudência ou excesso de combatividade, uma das seguintes faltas: dar ou tentar dar um pontapé no adversário; passar ou tentar passar uma rasteira a um adversário; saltar sobre um adversário; carregar um adversário; agredir ou tentar agredir um adversário; empurrar um adversário; entrar em carrinho sobre um adversário para se apoderar da bola, tocando nele

antes de a jogar; agarrar um adversário; cuspir sobre um adversário; tocar deliberadamente a bola com as mãos, à exceção do guarda-redes dentro da sua área de grande penalidade.

No mesmo seguimento, deverá ser concedido um pontapé-livre indireto caso, no entender do árbitro, se cometa uma das seguintes faltas: jogar de maneira perigosa; impedir a progressão de um adversário; impedir o guarda-redes de soltar a bola das mãos; um ou mais jogadores em posição de fora de jogo; simulação de uma pretensa falta sofrida, na tentativa de levar o árbitro a errar; o guarda-redes segura a bola nas mãos durante mais de seis segundos; o guarda-redes toca uma segunda vez com a mão na bola depois de a ter soltado, sem que esta tenha sido tocada por outro jogador; o guarda-redes toca a bola com as mãos tendo esta chegado à sua posse através de um passe deliberado de um colega de equipa, realizado com qualquer área do corpo abaixo do joelho, ou através de um lançamento de linha lateral efetuado por um colega de equipa; qualquer outra falta não mencionada anteriormente, pela qual o jogo seja interrompido para advertir ou expulsar um jogador.

Em ambos os tipos de livre, direto ou indireto, a bola deve estar imóvel e o executante não poderá tocar na bola uma segunda vez sem que esta tenha sido tocado por um outro jogador.

Num pontapé-livre, a bola entra em jogo logo que seja pontapeada e se mova, podendo ser executado levantando a bola com um pé ou com os dois pés simultaneamente. A distância de 9,15 metros é a distância regulamentada a que um jogador adversário se deverá encontrar em relação à bola, a não ser que a falta seja passível de marcação de um pontapé livre indireto e seja cometida dentro da área de baliza (pequena área), neste caso, a distância regulamentada é de 5,5 metros, já que o pontapé-livre deverá ser marcado sobre a linha limite da área de baliza paralela à linha de baliza e os jogadores adversários deverão colocar-se sobre a linha de baliza, entre os postes.

Para Cunha (2007) existem diversas formas de se efetuar a marcação de um livre, sendo que essa marcação deve ser decidida de acordo com as características dos jogadores da equipa, com a percentagem de êxito obtido (considerando o êxito como a obtenção de golo ou lance que crie uma situação

bastante perigosa para a baliza adversária) e com a forma como a equipa adversária se posiciona para defender tendo em conta o tipo de marcação que se efetua (homem a homem, mista ou zona).

2.3.3.3.2. O Pontapé de Grande Penalidade

Rodrigues (2009) demonstrou que, num total de 15 golos obtidos através das ações de bola parada no Campeonato da Europa de 2008, 4 golos foram conseguidos de pontapés de grande penalidade (26,7%), sendo este valor apenas ultrapassado pelos 5 golos obtidos através da marcação de pontapés de canto (33,3%).

Também, Rocha (2009) analisou os 300 golos marcados na segunda volta da Primeira Liga Portuguesa, na época 2008/2009, tendo verificado que dos 94 golos obtidos por ações de bola parada, 25 resultaram da marcação de grandes penalidades (26,6%).

Segundo a Lei 14 das Leis de Jogo da FIFA (2013) deverá ser assinalado um pontapé de grande penalidade contra a equipa que cometa, dentro da sua própria área de grande penalidade, uma das faltas puníveis com o pontapé-livre direto, já referidas anteriormente, podendo ser executado de forma direta ou indireta.

Esta ação representa o único fator de jogo onde poderá, e deverá, ser concedido um tempo suplementar para ser executado no final de cada uma das partes do tempo regulamentar ou do prolongamento.

Antes da marcação da grande penalidade, o árbitro deverá identificar o executante, certificar-se de que a bola está corretamente colocada na marca de grande penalidade, que o guarda-redes se encontra na linha de baliza, entre os postes e de frente para o executante e, por último, de que todos os restantes elementos de uma e de outra equipa se encontram fora da área de grande penalidade, fora do arco de círculo da área de grande penalidade e atrás da linha da bola.

As grandes penalidades representam, provavelmente, a ação de bola parada com maior taxa de obtenção de golo de entre todas as restantes.

Pela proximidade da baliza (11 metros), pelo posicionamento central da bola em relação à baliza e pelas características da oposição (apenas um adversário entre a bola e a baliza e vantagem posicional para os restantes em caso de segunda bola), esta ação torna-se numa flagrante oportunidade para a obtenção de golo.

Cunha (2007) faz referência a diversos estudos sobre este tipo de esquema, como por exemplo o estudo de Kormelink e Seeverens (1999), no qual ficou demonstrado que, entre os Campeonatos do Mundo de 1982 e de 1994, foram marcadas 138 grandes penalidades, tendo sido 78% delas convertidas em golo. Num outro estudo, Morya e colaboradores (2005) revelaram que no Mundial de 2002 foram concretizadas 70% das grandes penalidades e que, em 38 penáltis analisados em jogos de clubes entre 2000 e 2002, 82% foram concretizados.

Valdano (cit. por Cunha, 2007) refere como a principal característica que este tipo de lance possui, é não ter receitas e que mais do que um dom técnico, requer uma qualidade anímica.

Apesar de grande parte destas ações serem marcados de forma direta, existem igualmente casos em que são marcados de forma indireta e com sucesso. A bola está em jogo a partir do momento que é pontapeada, desde que o seu movimento seja em direção à baliza adversária e, independentemente de apenas estar autorizado dentro da área o jogador que irá executar a grande penalidade, o fator surpresa representa um papel fundamental na obtenção do golo, nestes casos.

O “famoso” penáti de Johan Cruyff e Jesper Olsen ao serviço do Ajax, no dia 5 de dezembro de 1982 contra o Helmond Sport, representa o melhor exemplo deste tipo de marcação indireta de grandes penalidades. Ainda assim, o primeiro registo existente sobre a marcação indireta de uma grande penalidade data de 1957, num jogo entre a Seleção Nacional da Bélgica e a Seleção Nacional da Islândia, registo atribuído ao belga Henri “Rik” Coppens.

No entanto, a marcação talvez mais mediática deste esquema será o denominado “penáti à Panenka”. Uma marcação caracterizada por uma espécie de abordagem simulada de um remate em força, mas em vez disso a bola é

pontapeada em arco vertical e sem grande potência, iludindo o guarda-redes. O nome advém de Antonin Panenka, jogador da seleção da ex-Tchecoslováquia, que na final do Campeonato da Europa de 1976 frente à Alemanha Ocidental e no penálti decisivo do desempate por grandes penalidades, marcou-o da forma acima descrita, tendo assim vencido a final e conquistado o troféu.

Este “estilo” de grande penalidade tem sido recriado, com êxito, por outros jogadores ao longo do tempo, Francesco Totti, na meia-final do Euro 2000 contra à Holanda, Hélder Postiga, nos quartos-de-final do Euro 2004 frente à Inglaterra, Zinedine Zidane na final do Euro 2008 contra à Itália e Andrea Pirlo nos quartos-de-final do Euro 2012 frente à Inglaterra, são alguns desses exemplos.

2.3.3.3.3. O Lançamento de Linha Lateral

A Lei 15 das Leis de Jogo da FIFA (2013) diz respeito aos lançamentos de linha lateral.

Um lançamento de linha lateral é concedido à equipa adversária do jogador que toca a bola em último lugar quando esta atravessa por completo, pelo solo ou pelo ar, a linha lateral do campo.

Hughes (cit. por Castelo, 1996) destaca seis aspetos importantes na execução desta bola parada:

- i) Executar rapidamente o lançamento, aproveitando a desconcentração da defesa;
- ii) Executar o lançamento para um companheiro sem marcação;
- iii) Executar o lançamento na direção da baliza adversária;
- iv) Executar o lançamento de forma a que o companheiro de equipa possa receber a bola facilmente;
- v) Criar o espaço suficiente para que o lançamento seja eficiente;
- vi) E, após executar o lançamento, o jogador deve reentrar rapidamente em jogo.

Num estudo realizado por Castelo (1994), centrado nos Campeonatos do Mundo e da Europa entre 1892 e 1990, num total de 27% golos marcados a partir das ações de bola parada, apenas 1% resultou de lançamentos laterais.

Também, Oliveira (cit. por Casanova, 2009), analisando o Campeonato do Mundo de 1998, enuncia um valor de 2% da totalidade de golos marcados através das ações de bola parada, isto é, dos 43 golos apontados, apenas um foi conseguido através de lançamento lateral.

Herráez (cit. por Casanova, 2009) afirma que os lançamentos laterais permitem que a equipa que defende proteja a sua baliza com mais eficácia, comparando com os restantes esquemas táticos, devendo-se essencialmente ao facto da reposição da bola em jogo ser efetuada com as mãos e de estas terem menos potência do que os pés, pelo que a zona onde se pode colocar a bola é menor, o que permite controlar melhor os movimentos do adversário sem perder de vista a bola.

Apesar disto, são cada vez mais frequentes os jogadores que se especializam neste tipo de lances, demonstrando uma técnica de lançamento que lhes permite fazer chegar a bola mais longe, como se verifica várias vezes nos lançamentos próximos da linha de baliza, onde alguns jogadores são capazes de colocar a bola na zona do primeiro poste da baliza adversária, criando muitas vezes situações de perigo.

Neste sentido, Antic (cit. por Casanova, 2009) refere que, se estiver em campo um jogador com grande capacidade de lançar a bola, este tipo de lances perto da área da equipa contrária, pode converter-se numa jogada ofensiva de finalização direta. Na mesma linha de pensamento, Castelo (1996) destaca que os lançamentos laterais perto da linha final assumem-se claramente como um pontapé de canto, com a vantagem de serem executados de um ângulo mais fácil para colocar a bola perto da baliza adversária.

Nesta época desportiva, na segunda mão da meia final da Liga Europa entre o Sevilla Fútbol Club e o Valencia Fútbol Club, a passagem da equipa de Sevilha apenas ficou garantida quatro minutos depois dos noventa regulamentares, num golo obtido através de um lançamento de linha lateral ofensivo, executado de forma longa e direta para a grande área, onde após um pequeno desvio na zona do primeiro poste, surge um segundo jogador a cabecear e a alcançar o golo que valeu à sua equipa a passagem à final da

prova, que acabariam por vencer no desempate por grandes penalidades e conquistar o título europeu.

O lançamento de linha lateral é, para além do pontapé-livre indireto, a ação de bola parada através do qual não é possível marcar golo diretamente, sendo que se a bola entrar na baliza adversária diretamente de um lançamento lateral, deverá ser assinalado um pontapé de baliza e se entrar diretamente na baliza da equipa que beneficiou do lançamento, deverá ser assinalado um pontapé de canto.

No lançamento de linha lateral não existe fora de jogo.

2.3.3.3.4. O Pontapé de Baliza

A Lei 16 das Leis de Jogo da FIFA (2013) trata dos pontapés de baliza, caracterizando-se como uma forma de repor a bola em jogo, após a bola ultrapassar, por completo, a linha de baliza, pelo solo ou pelo ar, por fora dos postes da baliza, tocada por último por um jogador da equipa que ataca, e deverá ser marcado em qualquer ponto desde que dentro da área de baliza (pequena área), podendo ser marcado golo diretamente, mas apenas favorecendo a equipa que beneficia desta ação de bola parada.

Na marcação do pontapé de baliza, assim como nos pontapés livres assinalados dentro da área de grande penalidade (grande área) a favor da equipa que a defende, a bola só se encontra em jogo assim que seja pontapeada e saia dos limites da área de grande penalidade. Se isso não acontecer e um jogador da equipa que beneficia do pontapé de baliza tocar na bola antes de esta sair da área, o pontapé de baliza deverá ser repetido.

Os jogadores adversários deverão estar todos fora da área de grande penalidade e se, por alguma razão, tocarem na bola antes de esta estar em jogo (a bola estar fora dos limites da grande área), o pontapé de baliza deverá ser igualmente repetido.

Apesar de poder ser marcado golo diretamente de um pontapé de baliza, não se encontram registos que se tenham obtido quaisquer golos de forma direta a partir desta ação de bola parada, no contexto de alto rendimento.

A distância para a baliza, que varia entre 84,5 e 114,5 metros de acordo com as medidas regulamentares presentes nas Leis de Jogo da FIFA (2013), bem como a normal organização equilibrada da equipa adversária, inviabilizam o aproveitamento destes esquemas como meio para a obtenção do golo.

No entanto, existem diversos casos da obtenção de golo a partir de combinações ofensivas após pontapés de baliza, não se podendo contudo afirmar que a obtenção do golo resulta da marcação do pontapé de baliza. Normalmente, este tipo de golos nascem fundamentalmente dos processos ofensivos da equipa, trabalhados e sistematizados em treino. O pontapé de baliza é frequentemente inserido no treino dos princípios e subprincípios da organização ofensiva da equipa, vulgarmente chamados de “*primeira fase*” ou “*primeiro momento*” da construção ofensiva da equipa, que quando conjugados com os restantes princípios e subprincípios pretenderão levar a equipa à obtenção do golo.

Esta ação de bola parada também poderá representar uma relevância fundamental nos processos defensivos da equipa, uma vez que, é comum encontrarem-se equipas que pretendem recuperar a posse da bola na “*primeira fase*” da construção de jogo do adversário, procurando, em zonas mais adiantadas do campo, ganhar vantagem sobre os adversários e tentar o golo. Assim, seja marcado de forma curta ou longa, a sistematização dos processos destas equipas para estes momentos terão que representar algo essencial no treino e terão que ser abordados de forma cuidada.

Neste sentido, apesar da sua relevância reduzida para a obtenção do golo, esta ação de bola parada representa um momento bastante importante na preparação da equipa para a procura do golo.

2.3.3.3.5. O Pontapé de Canto

Caracterizado na Lei 17 das Leis de Jogo da FIFA (2013), o pontapé de canto deverá ser assinalado quando a bola ultrapassa por completo a linha de baliza, pelo solo ou pelo ar, por fora dos postes da baliza, tocada em último lugar por um jogador da equipa que defende.

Na sua marcação, a bola deve ser colocada dentro do quarto de ciclo e entra em jogo logo que seja pontapeada, não sendo necessário sair do quarto de círculo para estar em jogo. Todos os jogadores adversários deverão encontrar-se a um mínimo de 9,15 metros do quarto de círculo e poderá ser marcado golo diretamente, mas apenas contra a equipa adversária. No momento da sua execução, não existe fora de jogo.

Para Castelo (1996) os pontapés de canto são uma fonte de um número significativo de golos, já que, como referem Simon e Reeves (cit. por Cunha, 2007), se pode cruzar a bola diretamente para as zonas mais perigosas do campo, como sejam as mais próximas da baliza adversária (grande área e pequena área).

Apesar disso, os dados estatísticos encontrados na literatura demonstram uma taxa bastante reduzida de eficácia desta ação de bola parada em relação ao número de ocorrências deste tipo de lance, isto é, tendo em conta o número de pontapés de cantos conquistados por uma equipa, num jogo, conjunto de jogos ou até numa competição, o número de golos obtidos é manifestamente reduzido.

Bettencourt (2003) analisou 18 jogos da Primeira Liga na época desportiva 2002-2003, onde se registaram 218 pontapés de canto, dos quais foram obtidos 12 golos, correspondendo a uma percentagem de 5,5% do total de cantos analisados.

Sánchez-Flores e colaboradores (2012) analisaram 333 pontapés de canto, de 35 partidas correspondentes a cinco competições internacionais de seleções, os Mundiais de 1994 e 2010, os Europeus de 2008 e 2012 e a Copa América 2011, tendo verificado que cada equipa conquistou, em média, 8 a 10 pontapés de canto por jogo, apresentando uma taxa de obtenção de golo de aproximadamente 1,6%, o que representa um número excessivamente baixo.

De Baranda e Lopez-Riquelme (2012) no seu estudo referem igualmente que dos 653 cantos marcados nos 64 jogos do Mundial de 2006 resultaram 12 golos, o que corresponde a uma percentagem de 1,8%.

Também, Schmicker (2013), analisando 239 jogos da Primeira Liga Profissional de Futebol dos Estados Unidos da América (MLS) de 2010, concluiu

que em 1859 cantos observados apenas 40 resultaram em golo, representando 2,2% do total de cantos analisados.

Importa referir, igualmente, o estudo de Suárez e colaboradores (2014), onde se analisaram 627 pontapés de canto, dos 64 jogos do Mundial de 2010, em que o golo foi obtido a partir de 2,3% desse total de pontapés de canto.

No entanto, analisados estes dados e atribuída a devida importância aos mesmos na obtenção do golo, a literatura demonstra também que o pontapé de canto, em relação às restantes ações de bola parada, representa um dos momentos através dos quais se obtêm mais golos, ou seja, dentro dos golos obtidos por uma equipa através das ações de bola parada, os golos obtidos através dos pontapés de canto estão usualmente em lugar de destaque.

Casanova (2009) faz referência a alguns estudos que revelam a importância deste tipo de ações no alcançar do objetivo do jogo pela equipa, isto é, na obtenção do golo, como por exemplo, o estudo realizado por Ramos e Oliveira (2008), referente ao Campeonato da Europa de 2004, onde os golos obtidos através dos pontapés de canto representaram 45,55% dos golos marcados através das ações de bola parada. E, a investigação de Horn e colaboradores (2000) sobre a Seleção Francesa no Mundial de 1998 e no Europeu de 2000, onde os golos a partir dos pontapés de canto representaram 66,7% dos golos marcados através das ações de bola parada.

Já, Rocha (2009) destaca que 26 dos 94 golos obtidos através das ações de bola parada, na segunda volta da Primeira Liga da época 2008-2009, resultaram de pontapés de canto, correspondendo a uma percentagem de 27,66% do número total de golos marcados a partir de ações de bola parada.

O mesmo autor salienta que no estudo de Grant e colaboradores (1999), relativo ao Mundial de 1998, a percentagem de finalização com êxito através da marcação de pontapés de canto foi de 47,6% do total de golos obtidos através das ações de bola parada.

Sendo por esta preponderância demonstrada através destes valores que Hughes (cit. por Rocha, 2009) afirma mesmo que os pontapés de canto são a maior fonte de golos.

Para Grant e Williams (cit. por Cunha, 2007) existem várias formas de marcação dos pontapés de canto, tendo em conta as movimentações e posicionamento dos jogadores, assim como o efeito imprimido à bola.

Ensum e colaboradores (cit. por Bettencourt, 2006) analisaram 266 pontapés de cantos, sendo que 229 destes foram diretamente cruzados para a área (canto longo), tendo seis deles resultado em golo.

Barreira (2006) destaca dois tipos básicos de pontapés de canto: o canto curto, cujo objetivo fundamental é o de caracterizar a superioridade numérica nessa área de terreno de jogo, tomando vantagem das leis que obrigam os adversários a posicionarem-se a uma distância mínima de 9,15 metros; e o canto longo, caracterizado também por dois tipos, dependendo da trajetória da bola em direção à baliza adversária, podendo ser com “efeito da bola para dentro” e com “efeito da bola para fora”.

Na análise de jogos realizada num estudo por Grant e Williams (cit. por Pereira, 2008), um maior número de golos foram marcados através dos pontapés de canto com “efeito da bola para dentro (61,6%) do que com “efeito da bola para fora” (38,4%), mas, no entanto, os cantos com “efeito da bola para dentro” foram, na sua generalidade, defendidos com mais sucesso.

Também, Carling e colaboradores (cit. por Pereira, 2008) partilharam igualmente que os pontapés de canto marcados com “efeito da bola para dentro” apresentaram uma maior percentagem de sucesso na criação de golos, mas têm como desvantagem a possibilidade mais elevada de se perder a posse de bola.

Contudo, para Ali (cit. por Pereira, 2008) os pontapés de canto curtos estão na origem de uma maior número de golos, não só pela baixa frequência deste tipo de cantos, que pode induzir uma maior dificuldade à defesa adversária, mas também pela probabilidade mais reduzida de se perder a posse de bola, ao contrário do que acontece nos pontapés de canto longos.

No Futebol de alto nível, poucos são os golos marcados através dos pontapés de canto, o que pode ser reflexo da boa organização e das capacidades individuais de quem defende, não se deixando de afirmar a importância desta ação de bola parada providenciando à equipa que ataca a posse de bola no seu último terço do campo ofensivo, bem como proporciona ao

treinador a oportunidade de controlar diretamente uma jogada através do treino sistemático e estandardizado de determinadas movimentações (Grant & Williams, cit. por Bettencourt, 2003).

Desta forma, Hughes (cit. por Cunha, 2007) salienta a necessidade de se selecionarem os jogadores para tentar a finalização e a importância do jogador que efetua a marcação do canto, bem como a necessidade do treino destas ações.

2.3.3.3.6. O Pontapé de Saída

A Lei 8 regulamenta o começo e recomeço do jogo, caracterizando os pontapés de saída como uma forma de começar ou recomeçar o jogo em diversas situações: no início do jogo, após um golo, no início da segunda parte e no começo de cada uma das partes do prolongamento, se for caso disso.

Nesta ação, todos os jogadores devem encontrar-se no seu próprio meio campo, sendo que os jogadores da equipa que não executa o pontapé de saída devem encontrar-se a pelo menos 9,15 metros da bola, até que esta entre em jogo.

A bola entra em jogo logo que seja pontapeada e se mova para a frente, não sendo permitido ao jogador que a toca em primeiro lugar jogá-la novamente antes que esta seja tocada por outro jogador.

O aspeto de maior destaque no pontapé de saída prende-se com o facto de poder ser marcado golo diretamente.

Apesar de raro, existem diversos casos de golos obtidos através de pontapés de saída, tanto de forma direta como de forma indireta, com diferentes combinações ofensivas a partir deste esquema que se mostram bastante eficazes, como o caso do golo de Ronaldo “Fenómeno”, na época 2003-2004, frente ao Atlético de Madrid, onde em apenas 14 segundos e com a participação de cinco jogadores, Raúl, Beckham, Zidane e Roberto Carlos, o Real Madrid conseguiu criar e finalizar a situação desenvolvida após o pontapé de saída.

Um caso mais mediático deste tipo de combinação para a obtenção de golo aconteceu nesta época desportiva, na terceira divisão alemã, no dia 14 de

setembro de 2013, no jogo entre as equipas do Red Bull Leipzig e o Estugarda “B”. Os jogadores da equipa patrocinada pela Red Bull necessitaram de apenas sete segundos para conseguir o golo, depois de uma combinação, que ficou conhecida como a “tática em 2-0-8”, onde logo após o pontapé de saída, oito jogadores do Red Bull Leipzig deslocaram-se rapidamente para o ataque, ficando apenas dois na zona do meio campo. Estes últimos bombearam a bola para a entrada da área do Estugarda “B” e com apenas três toques foi obtido o golo.

Bangbo e Peitersen (cit. por Pereira, 2008) definem esquemas táticos como um qualquer momento em que a bola é colocada em jogo após uma paragem de jogo.

Assim, pelas suas características, o pontapé de saída também pertence ao conjunto de ações de bola parada do jogo de Futebol, no entanto, a sua relevância na obtenção de golo no contexto do alto rendimento é bastante reduzida, não só pela distância em relação à baliza, que varia entre 45 e 90 metros, de acordo com as medidas permitidas pela FIFA (Leis de Jogo 2013), mas também pela organização defensiva da equipa adversária, que se encontra com todos os seus jogadores atrás da linha da bola e, normalmente, dispostos de uma forma bastante equilibrada.

2.3.3.3.7. O Lançamento de Bola ao Solo

Pelo que foi descrito anteriormente, as ações de bola parada representam o momento de jogo em que a bola volta a estar jogável no seguimento de uma interrupção do jogo.

Por isto mesmo, apesar de não se encontrarem na literatura muitas referências a este tipo de esquema, o lançamento de bola ao solo representa, na nossa visão, igualmente uma ação de bola parada.

O lançamento de bola ao solo deve ser efetuado quando, por alguma contingência, o árbitro se vê obrigado a interromper o jogo sem que se verifique alguma das situações passíveis de incumprimentos e infrações previstas nas Leis do Jogo.

Descrito na Lei 8 das Leis de Jogo da FIFA (2013), juntamente com o pontapé de saída, no lançamento de bola ao solo, o árbitro deve deixar cair a bola no solo, no local onde ela se encontrava aquando do momento da interrupção do jogo, a não ser que esse local seja o interior da área de baliza (pequena área), sendo que se assim acontecer, o lançamento deverá ser efetuado sobre a linha da área de baliza paralela à linha de baliza, no ponto mais próximo do local em que a bola se encontrava aquando da interrupção.

A bola está em jogo assim que toca no solo, devendo o lançamento apenas ser repetido se a bola é tocada por um jogador antes de entrar em contacto com o solo ou se a bola sair do terreno de jogo depois de ter tocado no solo sem que nenhum jogador lhe tenha tocado.

Qualquer jogador de campo pode disputar a bola, incluindo o guarda-redes, não existindo qualquer limite mínimo ou máximo de jogadores para se disputar a bola ao solo, sendo que o árbitro não tem autoridade para decidir quem pode ou não disputar a bola ao solo.

As alterações às Leis de Jogo aprovadas pela FIFA e pela IFAB (Internacional Football Association Board), em 2013, estipularam que deixa de ser possível obter golo diretamente de um lançamento de bola ao solo, em resposta a um caso de *“falta de fair-play”*, referente ao ano 2012, em que um jogador marcou golo através deste esquema.

Assim, se o jogador que tocar na bola, a fizer entrar diretamente na baliza adversária deverá ser assinalado pontapé de baliza, se entrar na baliza da própria equipa deverá ser assinalado pontapé de canto.

Para o golo ser válido, a bola terá que, depois de tocada pelo jogador, tocar num outro jogador antes de entrar na baliza, seja colega de equipa ou adversário.

Alguns exemplos destas situações são as interrupções, provocadas pelo árbitro, com a bola jogável, para se prestar assistência a um jogador, que se encontre dentro do campo, para substituição da bola, no caso de esta não se encontrar em condições ou por alguma interferência de algum elemento externo ao jogo, que prejudique o normal decorrer do mesmo (invasões de campo, falta de condições climatéricas ou de segurança, entre outros).

Na maior parte dos casos em que esta ação de bola parada é efetuada, existe um “*princípio de cordialidade*”, em que os jogadores que vão disputar a bola chegam a um “*acordo*” pela posterior posse da bola, dependendo de várias condicionantes verificadas na altura em que o jogo foi interrompido (posse da bola, zona do terreno, entre outros).

CAPÍTULO III – REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

3. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

“Por inúmeros que sejam os conhecimentos teóricos e a formação académica de um indivíduo, é a luta diária e a confrontação com as adversidades que nos vai elucidar sobre a real capacidade do mesmo”.

(Santos, 2012, p. 83)

A partir deste capítulo, pretende-se, então, descrever a prática profissional desenvolvida no decorrer da época desportiva 2013-2014.

Assim sendo, foi nossa preocupação descrever detalhadamente o momento de aprendizagem teórico-prática, que culminou com a elaboração do presente relatório, resultante da confrontação com a realidade de Alto Rendimento, com o dia-a-dia complexo e cada vez mais exigente que o processo traduz, reportando-se a partir daqui as principais funções e tarefas realizadas, assim como as diversas reflexões resultantes do contacto com tamanha riqueza contextual.

3.1. Âmbitos, Intenções e Fundamentos

O MFC constitui um tipo de sociedade, sob a forma de sociedade anónima, cujo objeto é a participação numa modalidade, em competições desportivas de carácter profissional, a promoção de espetáculos desportivos e o fomento e desenvolvimento de atividades relacionadas com a prática desportiva profissionalizada dessa modalidade.

Participou na presente época desportiva (2013-2014) no Campeonato Nacional da Segunda Liga Portuguesa e na Taça da Liga, competições nacionais organizadas pela Liga Portuguesa de Futebol Profissional, e na Taça de Portugal, competição organizada pela Federação Portuguesa de Futebol.

Contando com algumas passagens pelo Campeonato Nacional da Primeira Liga, uma das quais na época passada (2012-2013), o seu principal objetivo para a presente época centrou-se na conquista de uma nova subida de divisão, e como objetivo secundário, a conquista do título de campeão nacional, pela segunda vez na sua história.

A presença assídua nos campeonatos profissionais e os excelentes percursos frequentemente realizados tornaram-no num clube histórico, com um palmarés bastante rico, resultando na capacidade de criação e manutenção de um conjunto de infraestruturas de excelência. Assim como, detentora de uma capacidade financeira estável, fruto da gestão rigorosa e equilibrada de todos os seus recursos, que lhe permitiu configurar-se como sério candidato à subida de divisão na presente época e ambicionar com a manutenção na Primeira Liga na próxima época desportiva (2014-2015).

3.2. Conceção da Prática Profissional

“A elevada importância atribuída à observação, enquanto processo fortemente vinculado ao conhecimento e à ação, impõe a necessidade dum quadro de referência que confira maior visibilidade acerca do seu alcance e das suas limitações e que, mais do que viabilizá-la, lhe confira sentido”.

(Garganta, 1997, p. 7)

No âmbito deste Estágio, a principal função consistiu na observação e análise das ações de bola parada em contexto de treino e de competição, relativo ao Campeonato Nacional da Segunda Liga Portuguesa.

Tratou-se de um trabalho diário de observação, análise e reflexão, nas instalações do clube e nos estádios onde se realizaram observações diretas, bem como em locais particulares que permitissem um ambiente controlado e de concentração absoluta no registo e análise das informações recolhidas das observações indiretas.

De forma a garantir dados e interpretações fiáveis, foram repetidas as observações de todos os jogos observados de forma indireta, comparando posteriormente as informações recolhidas das duas observações realizadas, analisando novamente as situações de potencial dúvida, no caso de existirem, podendo repetir-se novamente a observação completa se necessário.

Em paralelo com a função principal, os padrões de jogo da equipa ao longo das jornadas competitivas foram igualmente alvo de análise e reflexão, registando-se as informações recolhidas, não só pela observação indireta dos

jogos oficiais, mas também através da interligação com os conteúdos observados nas unidades de treino da equipa.

Todas as informações recolhidas foram posteriormente partilhadas com a equipa técnica no sentido de acrescentar algo de útil e proveitoso à análise realizada nos dias seguintes à jornada oficial.

No sentido de se alcançarem os objetivos previamente propostos para a prática profissional e para se enquadrar a observação e reflexão das informações contextuais pretendidas, tornou-se imperiosa a criação de um panorama referencial que permitisse expor as bases específicas que nortearam a investigação em causa.

Após uma revisão teórica exaustiva sobre a matéria em análise, a explanação das principais referências contextuais representa carácter essencial no enquadramento e, posterior, entendimento da prática desenvolvida.

3.2.1. Caracterização do plantel do Moreirense Futebol Clube - Futebol, SAD

A Tabela 1 descreve o plantel completo do MFC, caracterizando cada jogador através do nome ou apelido, pelo qual é conhecido no seio da equipa, pela sua idade, pela sua posição preferencial e pelos minutos totais de utilização referentes à participação nas três competições nacionais (Segunda Liga, Taça de Portugal e Taça da Liga).

Torna-se, também, importante destacar mais três elementos do plantel, que nesta época se encontram em situação de empréstimo: Ricardo Ribeiro, 24 anos, guarda-redes, emprestado ao Grupo Desportivo Estoril-Praia; Abreu, 19 anos, médio, emprestado ao Futebol Clube da Lixa; e Rafa, 23 anos, extremo direito, emprestado ao Futebol Club de Felgueiras 1932.

O guarda-redes Carlos, rescindiu o vínculo contratual com o MFC no dia 9 de dezembro de 2013.

O defesa esquerdo Florent, que se encontrava emprestado pelo Sporting Clube de Braga ao MFC, deixou o clube de Moreira de Cónegos para rumar ao Panetolikos Gymnastikos Filekpaideftikos Club, depois de o clube grego chegar a acordo com o Sporting Clube de Braga na reabertura do mercado de transferências, em janeiro.

O extremo Edgar Costa, que se encontrava emprestado pelo Clube Desportivo Nacional, também, rescindiu o vínculo contratual com o MFC, no dia 25 de fevereiro de 2014, regressando assim à Madeira.

3.2.2. Definição da amostra

Para a realização do presente relatório e no sentido de alcançar os objetivos propostos, definiu-se uma amostra composta pelos jogos do MFC durante as quarenta e duas jornadas oficiais do campeonato da Segunda Liga nacional.

A escolha desta competição específica prende-se com o facto de esta representar a principal competição da época desportiva do MFC, cujo objetivo delineado previamente passava pela subida de divisão e, também por se tratar de uma competição contínua e prolongada, onde a regularidade de desempenho e de resultados na procura de se atingir os objetivos definidos se manifesta como um fator fundamental.

Pelo número reduzido de jogos disputados nas restantes competições oficiais (dois na Taça de Portugal e seis na Taça da Liga), o que limitaria a amostra e condicionaria a afirmação da regularidade das ações, fruto, por exemplo, dos adversários defrontados (divisões superiores ou inferiores), da

gestão muitas vezes preconizada nestas competições, e até da distribuição das jornadas competitivas destas provas, decidiu-se excluir os oito jogos destas duas competições.

3.2.3. Metodologia de investigação

Ao nível teórico foi efetuada uma pesquisa bibliográfica e documental, selecionando a informação disponível na literatura, no sentido de, através da análise de conteúdo, dar sentido ao tema em estudo e enquadrá-lo da melhor forma.

Ao nível prático, a análise do Modelo de Jogo e das ações de bola parada do MFC foi realizada através da observação indireta de 36 jogos oficiais do MFC, através de vídeo.

O facto de se poder visualizar diversas vezes as ações relativas ao estudo que este relatório pretende expor, torna-se em algo muito vantajoso, pois reduz ao mínimo os erros de observação.

No entanto, pela gravação não ter sido da responsabilidade do autor do presente relatório, não garantiu, em pleno, a informação desejada em relação a todas as variáveis em estudo, já que, as filmagens tomaram como referência a posição da bola nos diversos momentos de jogo, “fechando” de certa maneira o campo, impedindo uma visão mais “aberta” do terreno de jogo e, consequentemente, do posicionamento da equipa nas diversas ações.

Assim, e na tentativa de responder a este constrangimento, tomaram-se igualmente em consideração as observações diretas e não participantes de noventa e sete unidades de treino do MFC, as observações diretas de dezassete jogos oficiais da equipa (permitiu a “visão aberta” da equipa) e as observações indiretas através da transmissão televisiva de doze jogos oficiais, bem como as informações recolhidas em conversas informais com a equipa técnica.

3.2.4. Procedimentos estatísticos

Para análise quantitativa dos dados observados, foram utilizados os procedimentos de estatística descritiva: frequência de ocorrência, média e percentagem.

Todos os valores médios obtidos foram arredondados às unidades, pelo facto de cada ação contabilizada representar um lance único e individual, não podendo ser fracionado. Já, os valores percentuais calculados foram arredondados às décimas.

Para esta análise, recorreu-se ao software Microsoft Office Excel 2013.

3.2.5. Referências espaciais

Para o enquadramento das funções descritas no presente relatório e para a elaboração da documentação que lhes serviu de base, tornou-se fundamental identificar as zonas do terreno de jogo (sector e corredor) onde se realizaram as ações analisadas, para se proceder à localização e contextualização do jogador e da equipa no espaço de jogo.

Assim, e a partir dos modelos de divisão do terreno de jogo sugeridos por Garganta (1997), Sousa (1998), Bettencourt (2003), Cunha (2007), Rocha (2009) e Rodrigues (2009), foi elaborado um modelo topográfico com 12 zonas (C), resultantes da justaposição da divisão transversal do terreno de jogo em 4 sectores (A), com a divisão longitudinal em 3 corredores (B), tal como representado na Figura 1.

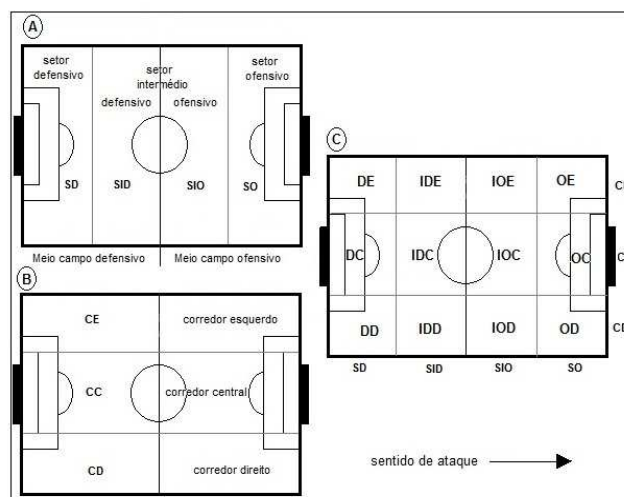


Figura 1 - Campograma correspondente à divisão topográfica do terreno de jogo em 12 zonas (C), resultantes da justaposição de 4 sectores transversais (A) e 3 corredores longitudinais (B).

O campograma ficou então definido a partir das seguintes zonas (C): zona defensiva direita (ZDD), zona defensiva central (ZDC), zona defensiva esquerda (ZDE), zona intermédia defensiva direita (ZIDD), zona intermédia defensiva central (ZIDC), zona intermédia defensiva esquerda (ZIDE), zona intermédia ofensiva direita (ZIOD), zona intermédia ofensiva central (ZIOC), zona intermédia ofensiva esquerda (ZIOE), zona ofensiva direita (ZOD), zona ofensiva central (ZOC) e zona ofensiva esquerda (ZOE).

Estas zonas resultam da justaposição de quatro sectores (A): sector defensivo (SD), sector intermédio defensivo (SID), sector intermédio ofensivo (SIO) e sector ofensivo (SO); e três corredores longitudinais (B): corredor esquerdo (CE), corredor central (CC) e corredor direito (CD).

Esta divisão topográfica serviu igualmente para a definição de subzonas de referência relativamente à queda da bola nas ações de bola parada, dependentes da zona onde é marcada a respetiva ação, tal como se pode observar na Figura 2.

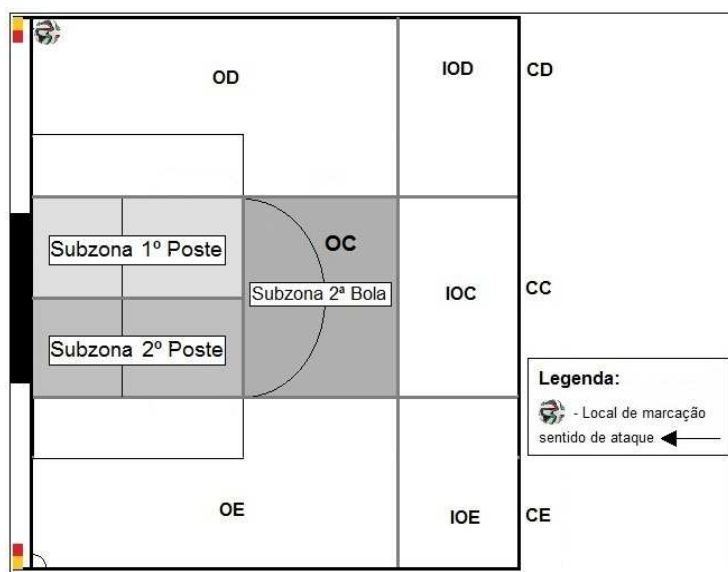


Figura 2 - Campograma correspondente à divisão do terreno de jogo em função da área de queda da bola na marcação de uma ação de bola parada.

Na Figura 2 está representado um exemplo de um pontapé de canto ofensivo, marcado no CD.

Tomando como referência o campograma representado na Figura 1, subdividiu-se a ZOC em três subzonas.

Traçando uma linha longitudinal imaginária desde a linha de baliza ao limite frontal da área de grande penalidade (grande área), que divida esta mesma área em duas metades iguais, obtêm-se duas das três subzonas.

A subzona do 1º Poste representa a metade mais próxima da zona de marcação da ação de bola parada, correspondendo a metade mais afastada à subzona do 2º Poste.

A subzona de 2ª bola define-se pelo prolongamento das linhas laterais da área de baliza (pequena área), pela linha limite frontal da grande área, até à linha imaginária que marca a fronteira da ZIOC com a ZOC. Entendeu-se como “subzona de 2ª bola” por representar uma área muitas vezes utilizada para dar um segundo seguimento à ação de bola parada, tanto de forma ofensiva como defensiva.

Nas ações marcadas no CC, toma-se como referência uma linha longitudinal imaginária que divide o terreno de jogo em duas partes iguais, o que irá definir a denominação das respetivas subzonas de queda da bola,

dependendo se o local de marcação da ação de bola parada é registado do lado direito ou esquerdo relativamente à linha imaginária.

O campograma representado na Figura 2 expõe um referencial para uma ação de bola parada ofensiva, sendo que será igualmente utilizado nas ações de bola parada defensiva, alterando-se apenas as designações das zonas para as expostas no campograma da Figura 1 para o meio campo defensivo.

Importa referir que todas estas designações de zonas, sectores, corredores e subzonas apenas serão utilizados para a descrições das ações referentes à equipa do MFC, sendo que se referem unicamente ao sentido de ataque do MFC, tratando de situações ofensivas, defensivas ou de transição.

Qualquer outro caso que não se enquadre nestes referenciais, será tratado de forma individual e descrito mais à frente.

3.2.6. Explicação das variáveis

No contexto de alto rendimento, o sucesso das equipas está intimamente relacionado com as vitórias obtidas, ou derrotas consentidas, que resultam na conquista ou perda de pontos, bem como no apuramento ou eliminação das provas nacionais e internacionais disputadas em formato de eliminatórias, como o caso da Taça de Portugal ou em determinadas fases da Taça da Liga.

Essa conquista de pontos ou apuramento para as fases seguintes de uma competição levam frequentemente a equipa a alcançar patamares de excelência desportiva, que normalmente culminam com a conquista de títulos, com o cumprimento de objetivos, com o estabelecer e ultrapassar recordes e com a valorização coletiva e individual.

O golo representa o fator essencial dessas conquistas, como objetivo do jogo, é para o conseguir, ou evitar, que o processo se organiza e se desenvolve. E, é através dele que as vitórias surgem, que os títulos são conquistados, podendo assim ser considerado, por esta ordem de ideias, como o pilar mais fundamental no sucesso das equipas.

Por esta razão, o principal propósito da análise das ações de bola parada do presente relatório prende-se com a capacidade e/ou incapacidade de se

conseguir a marcação de golo e evitar o golo do adversário na busca da conquista de pontos, conseguindo alcançar os objetivos propostos.

Assim, foram consideradas todas as ações de bola parada que, diretamente ou indiretamente, resultaram em golo, marcado ou sofrido.

Considerou-se golo obtido diretamente de ação de bola parada, se o golo surgiu de forma imediata e claramente influenciada pela execução da respetiva ação. Nestes casos, estão inseridos não só os golos obtidos através do remate direto para golo, como também qualquer golo na sequência de uma combinação de ações claramente resultantes da ação de bola parada, como por exemplo, o golo obtido por finalização após passe ou cruzamento de um pontapé de canto ou pontapé livre, um desvio da bola após um toque de um jogador que possibilita a finalização de um outro, ou então um ressaltado ou tabela resultante da execução da ação de bola parada que permite a obtenção do golo por parte da equipa que beneficiou do lance.

Como golo obtido indiretamente através de ação de bola parada foram considerados todos os golos que, apesar de não resultarem da influência direta da respetiva ação como descrito anteriormente, resultaram de combinações posteriores à execução de uma ação, de origem defensiva ou ofensiva, tais como, a recuperação da posse da bola após a marcação de uma bola parada resultando num envolvimento ofensivo que resulte em golo, ou um golo obtido através de uma combinação ofensiva organizada que tenha tido como origem uma ação de bola parada.

Os restantes golos, marcados e sofridos, foram considerados como não resultantes de ações de bola parada.

Para além das referências acima mencionadas, importa igualmente discriminar outras que se tornam fundamentais para a contextualização da análise realizada. A saber:

Disposição espacial dos jogadores (DE) – por disposição espacial considera-se o posicionamento individual do jogador em cada momento de jogo de acordo com o sector, corredor e zona onde se encontra a bola;

Ações de Bola Parada (ABP) – consideram-se ações de bola parada, todas as ações descritas na revisão da literatura, isto é, pontapés livres, pontapés de grande penalidade, lançamentos de linha lateral, pontapé de baliza, pontapé de canto, pontapé de saída e lançamento de bola ao solo;

Zonas de potencial perigo – consideram-se zona de potencial perigo todas as zonas de onde seja possível rematar de forma viável à baliza, podendo obter golo. Centram-se essencialmente nas zonas do SO;

Campo grande – considera-se campo grande quando a disposição espacial da equipa, excetuando o guarda-redes, ocupa maioritariamente a área mínima de dois sectores em profundidade e três corredores em largura;

Campo pequeno – considera-se campo pequeno quando a disposição espacial da equipa, excetuando o guarda-redes, ocupa maioritariamente a área máxima de dois sectores em profundidade e dois corredores em largura.

3.2.7.Documentos desenvolvidos

Durante o período de estágio, consequência das tarefas adjacentes ao mesmo, foi necessário equacionar a elaboração de um conjunto de documentos de apoio, que permitisse sintetizar todas as informações recolhidas, de forma a facilitar o processo de análise e reflexão das mesmas.

Desta forma, e no sentido de responder às necessidades supra referidas, foram criados três documentos que serviram de base à realização do presente relatório.

3.2.7.1. Ficha registo das ações de bola parada (anexo IV)

A elaboração deste documento tornou-se fundamental para o registo de todas as incidências relativas às ações de bola parada, ofensivas e defensivas, no decorrer do jogo.

Para além do cabeçalho informacional, onde é possível registar todos os dados referentes ao jogo (adversário, data, hora, competição, local e jornada), este documento comporta ainda espaço para o registo do resultado ao intervalo

e no final do jogo, bem como duas células para reportar as observações que demonstrem importância para a posterior análise do documento.

O documento referido está dividido em duas partes, correspondentes às ações de bola parada ofensivas e ações de bola parada defensivas, onde as incidências da primeira parte do jogo são registadas com uma cor escura (preto ou cinzento) e as da segunda parte com uma cor clara (vermelho ou azul), utilizando-se dois tipos de referências espaciais.

A primeira referência caracteriza-se por um campograma dividido em 12 zonas, tal como exposto na Figura 1C, onde foram registadas as zonas do terreno onde a ação de bola parada é executada.

Tanto para as ações ofensivas como para as defensivas, utilizou-se um ponto (.) para registar a zona de marcação de qualquer ação de bola parada e uma cruz (x) para registar a zona de marcação de uma ação de bola parada que tenha resultado em golo.

Todos registos efetuados fora da linha lateral do campograma correspondem a lançamentos de linha lateral.

A segunda referência caracteriza-se por um campograma dividido em 6 zonas, referente a meio campo do campograma anterior e com uma subdivisão em três zonas na zona ofensiva central, como mostra a Figura 2, para se registar as zonas de queda da bola após a marcação de uma ação de bola parada.

Com um ponto (.) registou-se a zona de queda da bola quando esta era tocada em primeiro lugar por um jogador do MFC após a marcação, já com uma cruz (x) registou-se a zona de queda da bola quando esta era interceptada por um jogador adversário e com uma letra (g) foi registada a zona de queda da bola quando esta resulta em golo, seja marcado ou sofrido. As marcações consideradas curtas foram registadas com uma letra (c).

Nos casos em que se verifique a queda da bola no meio campo defensivo, nas ações ofensivas, ou no meio campo ofensivo, nas ações defensivas, o registo é efetuado no primeiro campograma, na respetiva zona, e identificado com a letra (b).

3.2.7.2. Ficha análise de jogo oficial (anexo V)

Este documento foi elaborado no sentido de poder detalhar um conjunto de ideias referentes ao padrão de jogo preconizado pela equipa do MFC, durante os jogos oficiais da Segunda Liga.

Tal como no documento das ações de bola parada (ver anexo IV), este documento apresenta um cabeçalho informacional, onde foi possível registar todos os dados referentes ao jogo (adversário, data, hora, competição, local e jornada), um espaço para o registo do resultado ao intervalo e no final do jogo, assim como duas células para reportar as observações que demonstrem importância para a posterior análise do documento.

As incidências da primeira parte do jogo foram registadas com uma cor escura (preto ou cinzento) e as da segunda parte com uma cor clara (vermelho ou azul).

Dividido em duas partes, correspondentes aos momentos de jogo caracterizados acima no macro contexto, apresenta-se um campograma de 12 zonas (ver Figura 1C) e uma área de apontamentos.

No campograma correspondente ao padrão de organização ofensiva, para além da disposição dos jogadores, também se registaram ações ofensivas causadoras de desequilíbrios no adversário e capazes de criar situações vantajosas na procura da obtenção do golo. Com uma cruz (x) registaram-se ações como remates, cruzamentos ou passes em rutura (desmarcações), especificando a zona de ocorrência. Com uma letra (g) registou-se igualmente a zona de obtenção de golo favorável ao MFC.

Neste mesmo campograma, registaram-se as incidências referentes à transição ataque-defesa, onde fundamentalmente foram assinaladas, com um ponto (.), as zonas de perda da posse bola, entendendo-se perdas de bola como todas as ações, não resultantes em ações de bola parada ou que sejam resultado das mesmas, em que o MFC perdeu a posse de bola e o adversário ficou no total controlo da sua posse.

Da mesma forma, no campograma de organização defensiva, registou-se com uma cruz (x) a zona onde ocorram ações que provoquem desequilíbrios

capazes de criar situações de perigo para a baliza do MFC, como remates, cruzamentos ou ações individuais (dribles, ruturas, etc.). A zona de obtenção de golo por parte do adversário registou-se com uma letra (s). A disposição espacial dos jogadores em organização defensiva foi igualmente registada.

Já, neste campograma foram igualmente registadas as incidências referentes à transição defesa-ataque, onde se assinalaram, com um ponto (.), essencialmente as zonas de recuperação da posse da bola, considerando-se recuperação de bola, toda a ação, não resultante em ações de bola parada ou que seja resultado das mesmas, em que o MFC recuperou a bola e conseguiu mantê-la na sua posse, de forma controlada.

O padrão de disposição espacial dos jogadores em cada momento foi registado através dos seus números oficiais (8), constantes na respetiva ficha de jogo.

Na área de apontamentos foram registadas todas as informações fundamentais referentes aos comportamentos padrão da equipa, para cada um dos momentos do jogo e, igualmente, todas as informações consideradas relevantes para posterior análise dos acontecimentos decorrentes do jogo.

3.2.7.3. Ficha registo de treino (anexo VI e VII)

O objetivo da elaboração deste documento centrou-se na simples descrição das unidades de treino observadas.

No cabeçalho introdutório foram apresentadas as informações relativas à realização da unidade de treino (data, hora, local, número de jogadores e duração), bem como o seu objetivo e um conjunto de observações relevantes para a sessão.

O documento foi dividido em três partes. Na parte inicial foi descrita a fração introdutória do treino, caracterizada frequentemente por exercícios preliminares de ativação geral e/ou específica.

Na segunda parte, denominada parte fundamental, foi descrita a fração capital da sessão de treino onde os objetivos previamente planeados foram postos em prática e onde se expôs cada ação com mais detalhe.

Na terceira, e última parte, descreveu-se o conjunto final de exercícios da unidade de treino, normalmente caracterizado por ações de recuperação e retorno à calma.

3.3. Atividade Principal

3.3.1. Um Padrão de “Jogar” próprio, baseado num Modelo de Jogo perfeitamente definido e sustentado em princípios, subprincípios, sub dos subprincípios, (...) específicos,...

“É na sua cabeça, antes das botas dos jogadores e da relva, que nasce a equipa e o seu jogo. É um processo complexo, feito de dúvidas e certezas, de perguntas e respostas. Até terminado o «jogo imaginado», iniciar-se o «jogo real»”.

(Lobo, 2011, p. 13)

Para se estudar as situações associadas à eficácia dos esquemas táticos bem como à sua criação, é cada vez mais importante observar o que se passa no jogo de Futebol, a valência da análise do jogo tem vindo a constituir um argumento de crescente importância (Garganta, 1997).

Desta forma, torna-se fundamental indagar e refletir sobre o padrão de jogo da equipa, procurando conhecer e compreender as dinâmicas associadas ao seu “jogar” específico, enquanto dinâmicas potenciadoras do surgimento de ações de bola parada.

O padrão de jogo da equipa constrói-se respeitando um conjunto de pressupostos fundamentais, enquadrados no contexto e influenciado de forma decisiva pelas características dos jogadores. No caso do MFC, as reconhecidas qualidades individuais dos jogadores tornaram possível um “jogar” robusto, dominador, pressionante e de controlo, sustentado no 1+4+3+3 como estrutura formal padrão.

A exposição da estrutura torna-se redutora na reflexão sobre o padrão de jogo, já que são as relações estabelecidas nessa mesma estrutura e as dinâmicas subjacentes que originam o “jogar” específico.

Centrando-se fundamentalmente num forte sentido coletivo do jogo, na segurança e rigor das ações, na correta interpretação dos momentos e estímulos que o contexto proporciona, o padrão proporciona igualmente liberdade para a determinante capacidade de improvisação individual, capaz de alterar pequenos detalhes em função das características do próprio contexto tornando-o imprevisível.

Com o Mister Vítor Oliveira, a posse de bola como princípio fundamental de organização ofensiva, com um jogo interior “provocador”, de muito toque, sempre apoiado, e a exploração dos corredores laterais como “caminho” primordial na procura do desequilíbrio, com movimentos de rutura constantes e fortes transições, equilibrando com a proteção do espaço interior da equipa, com o posicionamento das linhas subidas e muito próximas, e uma procura incessante da recuperação da bola a todo o campo, representam os pilares basilares do seu “jogar”.

O Mister António Conceição procurou acrescentar algo mais a um “jogar” já por si dominador, com a alteração da dinâmica de construção ofensiva, na procura de uma maior profundidade e verticalidade das ações, explorando igualmente os corredores laterais de forma constante, solicitando uma maior velocidade na variação do centro de jogo com a alternância de passes curtos e longos e um forte jogo interior, procurando as entrelinhas do adversário.

Juntos, desenvolveram com sucesso um “jogar” de excelência, que conduziu o MFC à conquista da tão ambicionada subida à Primeira Liga e do título de Campeão Nacional, pretendendo-se com este capítulo “desmontar” um pouco desse “jogar” de qualidade, só ao alcance das grandes equipas, dos grandes treinadores e dos grandes clubes.

3.3.1.1. ... No momento de organização ofensiva,...

Apoiado no grande princípio da manutenção da posse de bola, procurando ocupar o espaço de jogo no máximo de largura e profundidade, o padrão ofensivo da equipa centra-se numa circulação de bola em segurança, com um bom jogo posicional, onde o portador da bola possui várias linhas de

passa em diferentes zonas, de forma a garantir a eficácia da decisão a tomar, aproveitando posteriormente os corredores laterais para ações objetivas de ataque à baliza adversária e criação de situações de finalização.

O domínio avassalador que a equipa pretende impor no seu “jogar” revela-se no posicionamento avançado da sua linha defensiva, organizando-se praticamente no meio campo ofensivo, e na sua capacidade e objetividade de circulação de bola frente a qualquer constrangimento do adversário, seja sob uma forte pressão ou confrontado com um bloco baixo e expectante.

Tudo isto se sustenta num correto posicionamento das coberturas ofensivas específicas, garantindo o apoio e segurança necessários para uma circulação eficaz e o equilíbrio em caso de perda da posse da bola, evitando a exposição a situações de igualdade ou inferioridade numérica.

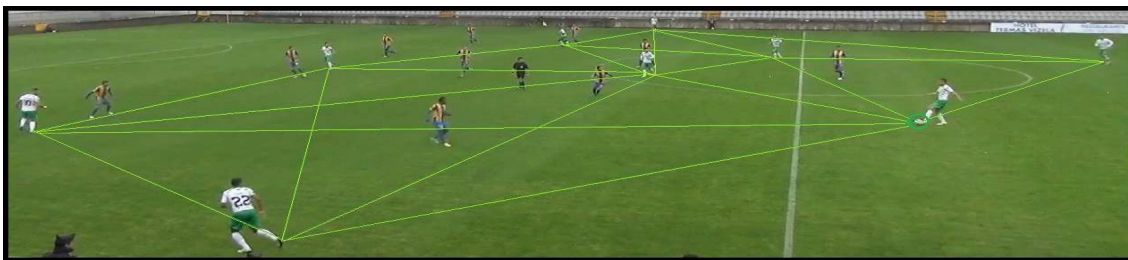


Figura 3 - Campo grande.

A organização em campo grande, tem como principal objetivo conquistar tempo e espaço vital para a progressão da bola, através do aumento da distância entre os jogadores adversários e das dinâmicas dos jogadores responsáveis pela exploração desses espaços (ver Figura 3).

O meio campo funciona como o grande “motor” do jogo da equipa, normalmente composto por um médio mais defensivo, responsável pela circulação de bola numa primeira fase de construção e pelos equilíbrios/coberturas fundamentais às dinâmicas de movimentos ofensivos, como as subidas dos laterais ou a provocação com bola dos centrais, e dois médios interiores com funções e dinâmicas diferentes. Um médio mais avançado, criativo, procurando jogar em linhas mais próximas do ponta-de-lança e posicionando-se frequentemente entrelinhas adversárias, sendo o responsável pela construção da última fase ofensiva, e um médio interior de apoio, funcionando como uma referência de segurança de posse, criando linhas de

passa próximas à zona da bola, posicionando-se normalmente entre as linhas do médio mais ofensivo e do médio defensivo, libertando este último para zonas de ação mais centrais e movimentando-se paralelamente e no sentido contrário ao médio mais avançado (ver Figura 4).

A capacidade de utilizar um forte jogo interior, em segurança, possibilita a conquista de espaços vitais nos corredores laterais, através da atração dos jogadores adversários para zonas centrais, sendo posteriormente explorados no sentido de procurar a superioridade numérica e vantagem no confronto entre as organizações.



Figura 4 - Campo grande e liberdade do meio campo.

Numa primeira fase de construção, os centrais e médio defensivo são os principais responsáveis pela manutenção e progressão da bola, através de dinâmica de passe ou da movimentação de provocação com bola, com penetração do central, com respetiva cobertura do médio defensivo, procurando “provocar” e atrair um adversário, libertando uma linha de passe numa zona mais avançada. Os laterais funcionam como principal referência de passe nesta fase, por se encontrarem frequentemente livres em função do posicionamento muito próximo das linhas do adversário, possibilitando mais uma opção de progressão da bola. As suas ações centram-se fundamentalmente num passe frontal, curto ou longo, na procura do extremo ou ponta-de-lança, ou num passe lateral ou recuado para um central ou médio para garantir segurança de posse de bola, se o contexto não permitir a progressão.

Os jogadores envolvidos nesta primeira fase, por representarem a última linha defensiva em caso de perda de bola, as suas ações primam pelo rigor e segurança, surgindo momentos em que, identificando a inexistência de linhas de

passar seguras ou uma pressão demasiado alta do adversário, se procura os elementos mais avançados, como o ponta-de-lança, através de um lançamento longo, originando uma movimentação coletiva posterior para uma possível disputa da segunda bola.

A variação constante do centro do jogo, utilizando insistentemente os corredores laterais, procura a atração dos adversários para uma dessas zonas para posteriormente aproveitar o espaço concedido no corredor contrário, possibilitando frequentemente situações de 1 v 1 e 2 v 1.

A maior amplitude de jogo permite que haja mais espaço por fora da organização defensiva adversária, aproveitando as características dos extremos, fortes no duelo individual, e a dinâmica ofensiva dos laterais, com penetrações constantes em profundidade pelo corredor, respeitando o princípio de não sobreposição das linhas de ambos, isto é, o lateral e o extremo não devem ocupar a mesma linha de posicionamento.

Os extremos procuram continuamente espaço mais interiores, na procura de libertar espaço no corredor para a entrada dos laterais, bem como para a entrada de um dos médios interiores no mesmo corredor resultado de uma troca posicional entre os dois.



Figura 5 - Dinâmica interior do extremo libertando corredor para o lateral.

A Figura 5 demonstra precisamente a dinâmica entre o extremo e o lateral no CD. A bola encontra-se no central, que tem claramente definidas quatro linhas de passe, duas de apoio e duas de progressão. O médio defensivo, em zona central, e o médio interior de apoio, no CD, proporcionam duas linhas seguras de passe, sendo que o extremo procura um espaço interior dando uma linha de

passa em zona central e liberta o CD para o lateral que garante a outra linha de passe, que poderá resultar numa trajetória de bola longa em profundidade.

Conquistado esse espaço, a mudança de velocidade e a qualidade técnica individual, bem como os movimentos ofensivos de rutura entre as linhas adversárias, transformam o espaço em zona de desequilíbrio defensivo do adversário, resultando em situações de vantagem numérica ou em ocupação de zonas de potencial perigo e, conseqüente, criação de situações de finalização.



Figura 6 - Movimentação de rutura entre a última linha defensiva adversária.

A Figura 6 representa um exemplo de uma movimentação de rutura, resultante em golo, frente ao Clube Desportivo Feirense, e em que a primeira imagem representa uma primeira tentativa de rutura de Diogo Cunha, médio mais ofensivo, mas que em função da organização do adversário não se concretizou. Então, identificando essa impossibilidade, a equipa circulou a bola a toda a largura, desde o CE ao CD regressando posteriormente ao CE, como demonstra a segunda imagem, onde uma nova tentativa de rutura, desta vez do ponta-de-lança Pires e do extremo direito Wagner, revelou-se eficaz após a desorganização defensiva momentânea do adversário fruto da atração ao CD e, conseqüente, alteração de velocidade da circulação no regresso da bola ao CE.

As características do ponta-de-lança influenciam fortemente a dinâmica ofensiva da equipa, devendo a equipa adaptar-se às diferenças resultantes da utilização de um ou outro ponta-de-lança. Pires, o ponta-de-lança mais utilizado e o melhor marcador da Segunda Liga, com 22 golos marcados, caracteriza-se por uma forte mobilidade e pela capacidade de procura e criação de linhas de passe que permitam à equipa ultrapassar as linhas defensivas do adversário, podendo até deslocar-se para os corredores laterais ou para zonas mais recuadas e agir a partir dessas zonas, arrastando adversários e criando espaços para outro jogador. Já Mendy, pela sua forte estatura e menor mobilidade do que

Pires, origina uma dinâmica diferente, servindo frequentemente de referência em zona central na disputa de bola, posicionando-se de forma mais frequente próximo da linha dos centrais adversários, direcionando as suas ações para as movimentações dos extremos, proporcionando à equipa uma maior capacidade de disputa no jogo aéreo em zonas mais avançadas.

Chegando ao SO, existe a preocupação de, não só criar linhas de passe válidas de apoio ao portador da bola mas, também, ocupar potenciais zonas de finalização com o maior número possível de jogadores, exigindo-se qualidade, precisão e velocidade no sentido das ações se tornarem eficazes.

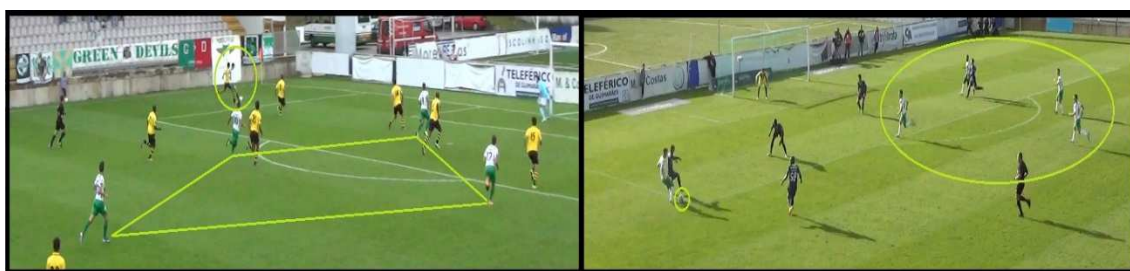


Figura 7 - Situação de igualdade numérica no CE e ocupação de potenciais zonas de finalização.

Tal como demonstra a Figura 7, numa ação individual no CE, existe a movimentação de vários jogadores em direção à área de grande penalidade na procura de criar superioridade numérica nas potenciais zonas de perigo para a disputa da bola e na ocupação ampla da zona estimada de queda de bola resultante de um passe ou cruzamento do portador da bola, centrando-se nas subzonas de 1º e 2º poste, assim como na subzona de 2ª bola.

As ações nesta zona tendem a ser bastante objetivas, com dinâmicas fortemente direcionadas para o ataque com perigo da baliza adversária, resultantes da possibilidade de correr mais riscos, sem colocar em causa o equilíbrio defensivo por se encontrar muito distante da sua baliza e pela presença de jogadores que garantem as coberturas ofensivas respetivas.

Desta forma, o padrão ofensivo da equipa constrói-se a todo o campo, desde as zonas mais recuadas, e procura o total controlo da posse de bola, de forma segura e equilibrada, com criação de inúmeras linhas de passe, tanto de apoio como de progressão, incorporando um desdobramento ofensivo agressivo em zonas mais avançadas, explorando os corredores laterais para a partir daí criar vantagem para potenciais situações de finalização.

3.3.1.2. ... No momento de transição ataque-defesa,...

O momento da perda da posse da bola revela-se como um dos mais importantes em termos de equilíbrio defensivo e num dos mais relevantes em termos de ações de bola parada defensivas.

A pressão agressiva procurando recuperar rapidamente a posse da bola ou a necessidade de ganhar tempo para a reorganização da equipa, obriga por vezes a equipa a cometer faltas ou a ceder lançamentos de linha lateral.

A zona onde ocorre a perda também se torna fundamental na agressividade e objetividade da pressão nestes momentos, devendo a equipa ceder pontapés de canto ou cometer faltas em zonas muito próximas da sua baliza apenas em casos de extrema necessidade e em que a realização de outra ação não seja viável.

A interpretação do contexto envolvente representa um papel fundamental, influenciando a decisão e ação consequente. Os jogadores devem identificar a situação e agir de acordo com os estímulos que “recebem”, percebendo se é viável uma pressão imediata ou uma reorganização e pressão posterior.



Figura 8 - Pressão e encurtamento dos espaços em função da posição da bola numa TAD.

Neste momento, a equipa revela frequentemente uma rápida reação à perda da bola e uma forte mudança de atitude, ofensiva para defensiva, resultando numa alteração do posicionamento coletivo.

A criação instantânea de zonas de pressão junto à zona da bola, com a equipa a funcionar em bloco e a encurtar os espaços próximos a essa zona, resultado da aproximação das linhas em largura e profundidade, procuram a recuperação imediata da bola ou condicionar as ações do adversário e impedir a sua progressão, direcionando-o para os corredores laterais ou para zonas mais recuadas (ver Figura 8).

No caso de não ser conseguida a recuperação imediata da bola e a conquista de tempo o permitir, identificando a ação do adversário como inofensiva em termos imediatos através de referências específicas, como um passe recuado, a zona de perda da bola ou a organização da equipa naquele preciso momento, a equipa “encerra” o momento de transição e inicia o momento de organização defensiva segundo os seus princípios específicos.

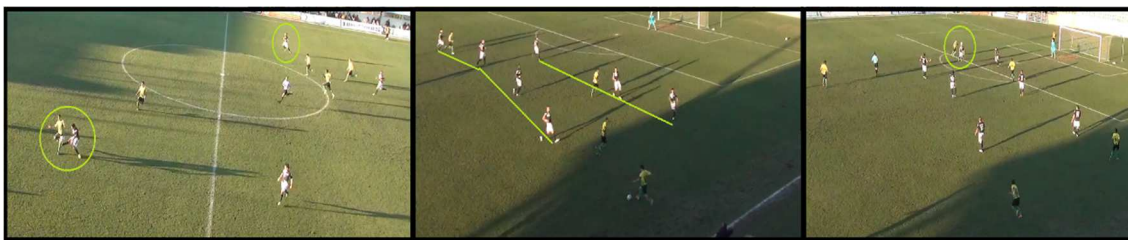


Figura 9 - Reajustamento em função da saída do adversário da zona de pressão.

Se não se verificar nenhum desses casos e o adversário conseguir ultrapassar as zonas de pressão e de recuperação criadas, a equipa tenta reorganizar-se defensivamente com rápidos reajustamentos em função da zona do campo onde se encontra, revelando-se aqui a importância dos equilíbrios e coberturas do momento ofensivo, e também das ações de bola parada, procurando sempre ganhar tempo para que a reorganização se complete e garanta segurança.

Na Figura 9 representa-se uma perda de bola na ZIOD e consequentes reajustamentos rápidos, após uma primeira tentativa de pressão de dois jogadores que o adversário conseguiu ultrapassar, observando-se que, segundos depois da perda, a equipa já se encontra reorganizada e em situação de clara superioridade numérica, recuperando a bola no CC pelo lateral direito, Simões, que, apesar de se encontrar na ZIDD no momento da perda, pela rápida reação e reposicionamento conseguiu anular uma situação potencial de finalização do adversário.

Estas ações, para se revelarem eficazes, implicam necessariamente uma forte dinâmica coletiva, em que os jogadores “pensam”, “reagem” e “agem” de forma semelhante, garantindo a máxima segurança e rigor organizacional no sentido de evitar supostas vantagens do adversário.

Deste modo, os principais objetivos da TAD prendem-se com a rápida recuperação da posse da bola ou com o condicionamento da ação do adversário que permita a conquista de tempo para a equipa se reorganizar defensivamente de forma a corresponder da melhor forma à organização ofensiva do adversário.

3.3.1.3. ... No momento de organização defensiva,...

Em termos estatísticos, o MFC foi o segundo melhor ataque da Segunda Liga com um total de 65 golos marcados, perfazendo uma média de 1,55 golos marcados por jogo, atrás do Sport Lisboa e Benfica “B” com 77 golos marcados.

Foi também a segunda melhor defesa com um total de 25 golos sofridos, numa média de 0,6 golos sofridos por jogo, com apenas mais um golo sofrido do que a melhor defesa do campeonato, pertencente ao Futebol Clube de Penafiel.

Analizados os números, em função do contexto competitivo, o MFC assegurou um forte equilíbrio entre o rendimento ofensivo e o rendimento defensivo, podendo afirmar-se que, se a equipa demonstrou um “jogar” ofensivo dominador, o seu “jogar” defensivo foi igualmente eficaz.

Orientada pelo princípio de defesa à zona, a equipa age de acordo com a posição e movimentação da bola, procurando ocupar e proteger as zonas de potencial progressão da mesma e condicionar a organização ofensiva do adversário através de um forte equilíbrio posicional, devendo os jogadores assegurar uma clara perceção da bola e do espaço envolvente, para nortear as suas ações de forma eficaz e poderem recuperar a posse da bola.

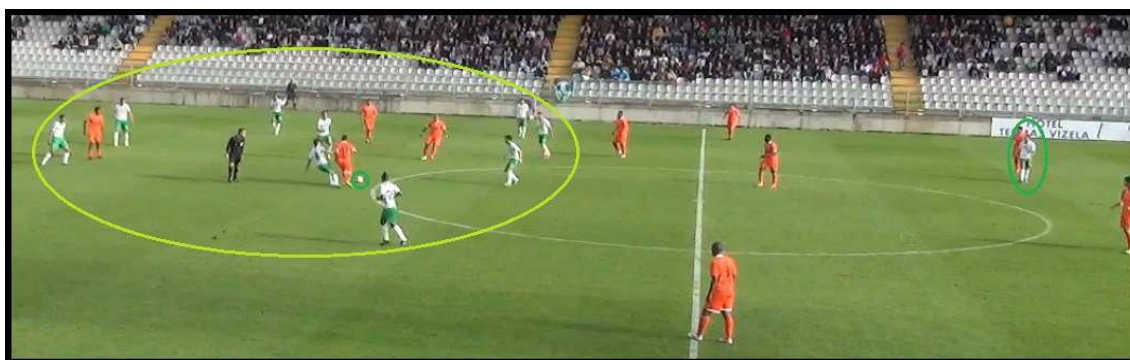


Figura 10 - Aproximação das linhas em largura e profundidade (campo pequeno).

A aproximação das linhas, em largura e profundidade, gera uma zona de aglomeração de jogadores nas imediações da bola, normalmente com a equipa em superioridade numérica, o que permite o encurtamento dos espaços ao adversário e a redução do tempo de reação e ação do mesmo.

Na Figura 10 observa-se a superioridade numérica na zona da bola (SID), com as linhas muito próximas, reduzindo ao máximo o espaço de ação do adversário e condicionando a progressão da bola. A pressão exercida nas costas do portador da bola reduz-lhe o tempo de decisão, procurando o erro e consequente recuperação da posse da bola.

O posicionamento em campo pequeno visa igualmente a proteção do espaço interior da equipa, de ocupação “proibida” pelo adversário já que, se o conquistar terá mais hipóteses de criar situações de potencial perigo, e antecipa uma possível transição defesa-ataque sustentada em linhas de passe em apoio próximas para uma saída rápida e em segurança.

O rigor posicional da equipa é igualmente garantido pelo posicionamento das coberturas, no sentido em que procura assegurar que mesmo que um jogador tenha que abandonar a sua zona de ação por qualquer motivo, haverá outro que irá reajustar e ocupar essa mesma zona e, assim, sucessivamente até que a equipa se reorganize por completo.

A aproximação do médio interior de apoio em relação à zona ocupada pelo médio defensivo na dinâmica da organização estrutural defensiva permite essa dinâmica no espaço interior da equipa, possibilitando o alargamento do seu raio de ação, podendo, por exemplo, sair um deles numa pressão a uma zona lateral que o equilíbrio fica garantido pelo reajustamento do outro.

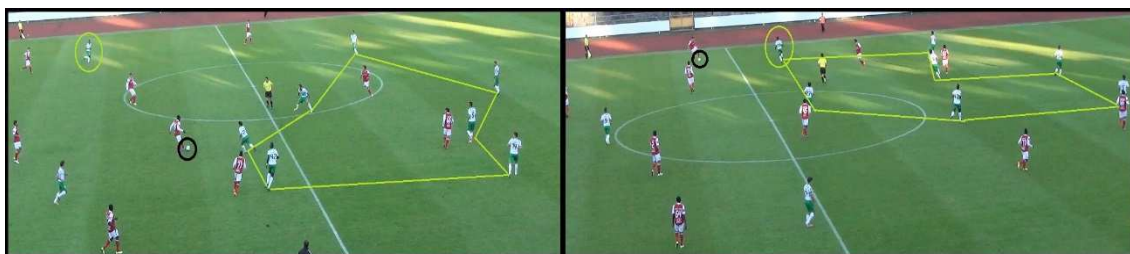


Figura 11 - Basculação defensiva do bloco.

A equipa funciona como um bloco, compacto e equilibrado, com linhas próximas e interligadas no “fecho” dos espaços, movimentando-se de forma coordenada e com o mesmo objetivo, recuperar a bola.

A basculação do bloco, de acordo com o corredor onde se encontra a bola, caracteriza-se por um posicionamento equilibrado da estrutura, deslocando-se sem aumentar o espaço entre os sectores e entre as linhas, assegurando a proteção do espaço interior, a superioridade numérica e o condicionamento da progressão da bola por entre as linhas.

A Figura 11 demonstra a movimentação do bloco em função da trajetória da bola que se desloca do CE para o CD, evidenciando também a movimentação do extremo direito, Wagner, no sentido de “fechar” a estrutura no respetivo corredor.

Normalmente, a equipa apresenta um bloco defensivo alto, posicionado essencialmente no meio campo adversário, procurando um condicionamento do adversário em zonas mais avançadas do terreno, o que permite uma maior segurança em relação à baliza e possibilita a recuperação de bola em zonas mais próximas da baliza adversária. Este posicionamento poderá variar de acordo com as características e qualidade do adversário, devendo evitar-se a organização num bloco muito baixo, pois implica uma proximidade perigosa à baliza.

Da mesma forma, o bloco incorpora referências de subida, isto é, indicadores externos que exijam o avançar das linhas do bloco, de forma a alargar o espaço para a baliza e a procurar recuperar a bola em zona mais ofensivas. Uma má receção ou um passe recuado são alguns dos referenciais que a equipa identifica, e nesse momento sobe todo o bloco, incluindo o guarda-redes antecipando um possível lançamento em profundidade, representando a cobertura da linha defensiva mais recuada.

Essa linha defensiva do bloco “joga” claramente com o fora de jogo, procurando condicionar ainda mais a ação do adversário, posicionando-se em linha, comandada pela linha dos centrais que deverá ser a mais recuada. Também, importa referir que os jogadores que a compõem estão frequentemente orientados para o corredor onde se encontra a bola e os seus

apoios estão paralelos ao sentido de jogo, facilitando a reação e movimentação no caso de um lançamento em profundidade.

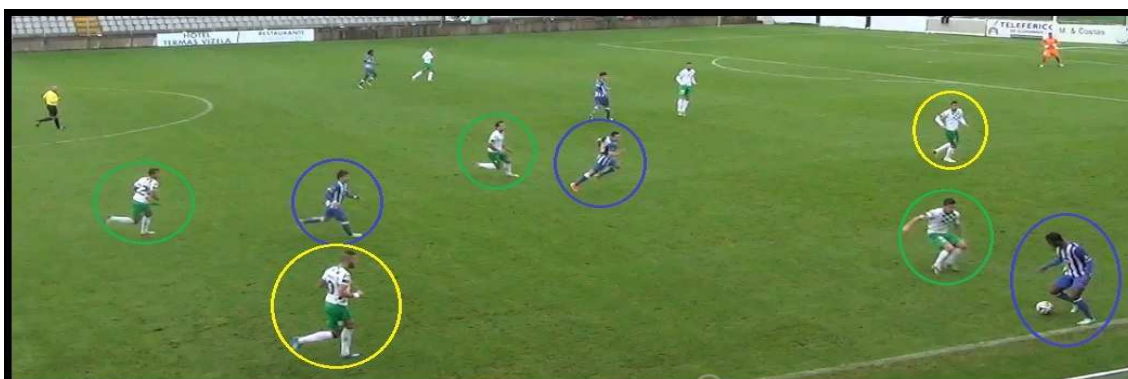


Figura 12 - Superioridade numérica no CE.

A tentativa de recuperação da bola implica uma pressão ao portador da bola, pois naturalmente ele não a perderá se não for condicionando, mas a pressão constante não é uma realidade viável na equipa, até por ser bastante desgastante em termos físicos. Deste modo, a equipa revela grande capacidade em interpretar e identificar os momentos em que deve pressionar com o objetivo de recuperar a bola e os momentos em que deve reorganizar e aguardar por uma melhor oportunidade para pressionar.

Para a identificação desse momento certo para pressionar estão definidos indicadores específicos, como uma bola aérea, um passe no interior da estrutura, entrada da bola em zona de perigo iminente à baliza, um passe mal efetuado, uma má receção ou uma receção de costas para o sentido de ataque do adversário.

A entrada da bola nos corredores laterais representa igualmente um indicador de pressão mais agressiva, pois uma vez direcionado para os corredores laterais, o adversário fica limitado em termos espaciais, e assim, as ações defensivas passam a ser mais agressivas, procurando o erro (ver Figura 12).

Por esta razão, as movimentações e ações da equipa enquanto aguarda pelo momento certo para pressionar centram-se frequentemente em direcionar o adversário para os corredores laterais, encaminhando-o para a “armadilha”, procurando criar superioridade numérica para, posteriormente, pressionar.



Figura 13 - Posicionamento defensivo com bola em zona de cruzamento.

O SD representa a zona de maior perigo, em que as ações e comportamentos defensivos se centram na segurança e proteção da baliza e da área de grande penalidade, encurtando ainda mais as distâncias entre as linhas, pressionando o portador da bola com o objetivo de o condicionar e obrigar a recuar, procurando recuperar a bola e afastá-la da área e da baliza.

Com o objetivo de garantir a segurança do espaço interior e da área de grande penalidade, o bloco defensivo posiciona-se de forma a criar um aglomerado de jogadores na zona central do terreno, o que origina que exista menos oposição por fora, ou seja, nos corredores laterais, levando o adversário a procurar ocupar estas potenciais zonas de cruzamento. Através da basculação do bloco, a equipa tenta não permitir a entrada nessas zonas, mas no caso de acontecer, para além da pressão característica que aplica nestas zonas, a equipa ajusta-se de forma a poder corresponder da melhor forma, e em vantagem, a um possível cruzamento ou situação de perigo.

Na Figura 13 observa-se o posicionamento defensivo de proteção à baliza, num momento em que a bola se encontra em zona de cruzamento no CE e se torna evidente a criação de uma situação de finalização por parte do adversário. Num primeiro momento, a última linha defensiva procura posicionar-se em linha com a bola, sendo o lateral do lado da bola o primeiro a sair na pressão ao portador da bola, com a cobertura do médio interior de apoio ou do extremo do mesmo lado. O central do lado da bola centra-se na zona do 1º poste, o central do lado contrário numa zona mais central, o lateral do lado contrário na zona do 2º poste, libertando o médio defensivo para uma segunda linha de trajetória da bola e o médio interior ou extremo do lado contrário para um potencial zona de 2ª bola. Uma vez identificada a possibilidade de o adversário ganhar vantagem sobre o lateral, o central do lado da bola antecipa uma possível

cobertura, obrigando ao reajustamento dos restantes, numa movimentação de aproximação entre eles e uma possível integração do médio defensivo nessa mesma linha, de forma a equilibrar posicionalmente a equipa.

Assim, a organização da equipa baseia-se numa forte capacidade de interpretação do contexto no sentido de adequar as suas ações de movimentação, pressão e equilíbrio, procurando garantir a máxima segurança e as máximas limitações ao adversário, organizando-se num bloco compacto com linhas muito próximas em largura e profundidade.

3.3.1.4. ... E no momento de transição defesa-ataque.

A TDA, ou transição ofensiva, representa o momento de recuperação de bola e em que equipa corresponde aos estímulos contextuais para desenvolver a sua ação.

Uma transição, tal como o próprio nome indica, trata-se da passagem de um estado para outro, implicando reajustamentos e alteração de comportamentos, individuais e coletivos.

Seja ofensivo ou defensivo, este momento marca a passagem do momento de organização defensiva para o momento de organização ofensiva, ou vice-versa, originando uma desorganização momentânea nas duas equipas, fruto dos diferentes princípios de cada um desses momentos.

Um dos mais importantes princípios a considerar neste momento particular prende-se com as zonas de pressão criadas pelo adversário. Num primeiro momento, a equipa deve evitar a sua criação, com uma forte dinâmica de passe que transporte a bola para outra zona onde não haja tanta concentração de jogadores adversários, desde que essa zona garanta a segurança da ação. Se não o conseguir evitar, deve demonstrar capacidade para uma saída rápida da zona de pressão criada, seja através de uma ação individual, da conquista de uma ação de bola parada ou através de uma ação de passe, curto ou longo.

O passe longo apesar de possibilitar uma nova perda de bola garantirá, numa TDA no SD por exemplo, que as ações defensivas posteriores sejam realizadas numa zona mais avançada do terreno, logo mais afastada da baliza.

Estas opções de saída de zona de pressão representam referenciais coletivos previamente planeados e devidamente preparados, para que esta ação se revele eficaz e, também, que seja realizada de forma segura e no menor tempo possível, reduzindo as possibilidades de perda de bola.

Assim, exige-se novamente uma mudança de atitude, desta vez de defensiva para ofensiva, iniciando um reposicionamento coletivo que permita dar seguimento à recuperação da posse de bola, e em função da leitura contextual da situação, a equipa procurará uma transição para circulação de bola ou uma transição para um ataque rápido.



Figura 14 - TDA para ataque rápido.

No sentido em que a perda de bola significa uma desorganização momentânea do adversário, implicando forçosamente um intervalo de tempo para a sua reorganização, que poderá ser mais curto ou mais longo dependendo da capacidade dos jogadores adversários, o ataque rápido revelou-se como sendo a principal referência de transição ofensiva da equipa, na procura explorar essa desvantagem.

Em função da zona de recuperação da bola, um desdobramento ofensivo apoiado e em progressão, um passe em profundidade para um jogador mais avançado, ou uma ação individual de penetração, representam opções viáveis para uma construção rápida e capaz de resultar na criação de uma situação de finalização.

Na Figura 14 representa-se uma das situações descritas, em que Simões recupera a bola na ZDC e inicia a transição pelo CE, surgindo rapidamente cinco

jogadores em movimentação de ataque, procurando dar soluções viáveis ao portador da bola em profundidade, em largura e em apoio.

Este tipo de transições registou-se de forma bastante frequente nas recuperações de bola resultantes de ações de bola parada defensivas, como pontapés de canto e pontapés livres na ZD.



Figura 15 - TDA para circulação de bola.

Se a interpretação da situação contextual não viabilizar a saída rápida, e porque uma transição, como já foi referido anteriormente, afeta a organização das duas equipas em confronto, torna-se necessário ganhar tempo, resguardando a posse da bola, com o objetivo reorganizar e reajustar possíveis deslocamentos resultantes da dinâmica defensiva imposta.

A Figura 15 demonstra uma tentativa de ataque rápido após recuperação de Luís Aurélio na ZIDD. Resultado da pressão imediata e encurtamento dos espaços por parte do adversário, a primeira opção de transição não se revelou viável, o que implicou uma ação de transição para circulação de bola através da saída da zona de pressão pela referência do guarda-redes, permitindo à equipa reorganizar-se em segurança e iniciar a partir daí o seu momento ofensivo.

Sendo esta ação forçosamente influenciada pela zona onde ocorre a recuperação da bola, o princípio da segurança de ações torna-se novamente essencial. Quando recupera a bola, e porque é mais vantajoso ter a posse da bola do que não a ter, a equipa não pretende que o adversário volte a recuperá-la, e, por isso, tanto no desdobramento em ataque rápido como nas transições para circulação, a decisão e consequente ação deve garantir sempre a segurança e o equilíbrio da equipa, baseando-se numa eficaz interpretação do meio envolvente, numa correta perceção da bola e do espaço e num bom jogo posicional, no sentido de apoiar a progressão da bola ou antecipar potenciais situações de desvantagem, como a perda de bola.

3.3.2. As Ações de Bola Parada do MFC na Segunda Liga Portuguesa, enquanto “momento” preponderante do seu “jogar” próprio,...

Depois de descortinado o seu padrão de jogo, facilmente se entende que pelo “jogar” ambicioso e dominador preconizado pela equipa, as faltas sofridas resultado da velocidade do jogo e/ou da qualidade técnica individual, os pontapés de baliza e pontapés de canto resultantes da objetividade e da procura incessante da baliza, os lançamentos de linha lateral como ação de equilíbrio e segurança para impedir a progressão do adversário, ou até as faltas cometidas fruto da forte pressão exercida e pela enorme vontade de recuperar e “ter” a bola, representam ações predominantes e bastante presentes no “jogar” do MFC, sendo, por essa mesma razão, alvo de análise cuidada e preparação meticulosa.

Ao longo das quarenta e duas jornadas oficiais da Segunda Liga em que o MFC participou, foram analisadas 4588 ações de bola parada, 2379 defensivas e 2209 ofensivas, representando uma média de 109 ações analisadas por jogo.

Do ponto de vista defensivo, analisaram-se 1066 lançamentos de linha lateral, 551 pontapés livres, 406 pontapés de baliza, 178 pontapés de canto, 107 pontapés de saída, 65 pontapés livres resultantes de fora de jogo defensivo e 6 pontapés de grande penalidade.

Do ponto de vista ofensivo, foram alvo de análise 957 lançamentos de linha lateral, 534 pontapés livres, 291 pontapés de baliza, 239 pontapés de canto, 111 pontapés livres resultantes de fora de jogo ofensivo, 67 pontapés de saída e 10 pontapés de grande penalidade.

Relativamente aos lançamentos de bola ao solo, foram analisadas 7 ações deste tipo ao longo das jornadas oficiais observadas.

Como os números acima descrevem, verificou-se uma clara supremacia dos lançamentos de linha lateral, tanto defensivos e ofensivos, que representaram 44,1% do número total de ações de bola parada analisadas, seguidos dos pontapés livres (23,7%), pontapés de baliza (15,2%) e pontapés de canto (9,1%). Os pontapés livres resultantes de fora de jogo (3,8%), pontapés

de saída (3,8%), e as grandes penalidades (0,3%), corresponderam às ações menos observadas durante as jornadas competitivas oficiais.

Os dois jogos onde se registaram mais ações de bola parada foram os jogos frente ao Club Sport Marítimo “B” da 20ª jornada que terminou com um empate a um golo, e frente à União Desportiva Oliveirense da 26ª jornada, que terminou com um empate a dois golos, com um total de 161 ações registadas em cada um dos jogos.

Em relação à tipologia das ações, no momento ofensivo, o jogo com mais lançamentos de linha lateral foi o jogo da 36ª jornada frente ao Futebol Clube de Penafiel (1-1), onde se registaram 46 lançamentos de linha lateral ofensivos.

No jogo da 16ª jornada frente ao Leixões Sport Club (1-1), registou-se o número mais elevado de pontapés de canto ofensivos, com um total de 25 pontapés de canto, e no jogo da 20ª jornada, que teve como adversário a equipa do Club Sport Marítimo “B” (1-1), registou-se um total de 27 pontapés livres ofensivos, número mais alto registado relativamente a este tipo de ação. Também, neste jogo registou-se o número mais elevado de pontapés livres resultantes de fora de jogo ofensivo assinalado ao ataque do MFC, com um total de 9.

Já o jogo frente à União Desportiva Oliveirense, da 26ª jornada (2-2), representou o maior registo de pontapés de baliza ofensivos, com 14, e o jogo da 34ª jornada, com o Clube Desportivo Trofense que terminou com a vitória do MFC por 7-1, contou com o maior registo de pontapés de grande penalidade ofensivos (2).

O jogo com maior número de pontapés de saída ofensivos coincide naturalmente com o jogo com maior número de golos sofridos pelo MFC, o jogo da 10ª jornada frente ao Sporting Clube de Portugal “B”, derrota por 3-2.

Da mesma forma, a análise realizada em função do momento defensivo da equipa do MFC, demonstrou que o jogo da 28ª jornada frente ao Sporting Clube Farense, empate 0-0, representou o jogo com maior número de lançamentos de linha lateral defensivos (55), o jogo da 30ª jornada com o Atlético Clube de Portugal, vitória do MFC por 1-0, foi o jogo com mais elevado número de pontapés de canto defensivos (14) e o jogo da 38ª jornada com o Clube

Desportivo das Aves, derrota do MFC por 1-0, registou o maior número de pontapés livres defensivos (31).

No jogo frente ao Clube Desportivo Feirense, da 33ª jornada (0-0), foram registados 21 pontapés de baliza defensivos, número máximo registado durante todas as jornadas.

Na 5ª jornada com a União Desportiva Oliveirense, na 14ª jornada com o Portimonense Sporting Clube, na 22ª jornada com o Académico de Viseu Futebol Clube, na 24ª jornada com o Grupo Desportivo de Chaves, na 30ª jornada com o Atlético Clube de Portugal e na 32ª jornada com o Sport Clube Beira-Mar, registaram-se os únicos jogos com a marcação de pontapés de grande penalidade a favorecer a equipa adversária, com o valor máximo de uma grande penalidade em cada um destes jogos.

Tal como no momento ofensivo, o maior número de pontapés de saída defensivos coincidiu com os jogos com maior número de golos marcados pelo MFC. O jogo da 3ª jornada com o Grupo Desportivo de Chaves e o jogo da 34ª jornada com o Clube Desportivo Trofense, onde o MFC venceu por 7-0 e 7-1, respetivamente, representando um total de 8 pontapés de saída.

Com um valor máximo registado de 4 pontapés livres resultantes de fora de jogo assinalado ao ataque do adversário, os jogos da 11ª jornada com o Sport Clube Beira-Mar, da 17ª jornada com o Clube Desportivo das Aves, da 21ª jornada com o Clube Desportivo de Tondela e da 31ª jornada, com o Sporting Clube de Portugal “B” foram os jogos onde se registaram mais ações deste tipo.

O jogo no qual se registaram mais lançamentos de bola ao solo foi o jogo frente à União Desportiva Oliveirense, da 5ª jornada, com um total de 2 lançamentos, resultantes de duas interrupções do jogo para ser prestada assistência médica a um jogador.

Como já referido anteriormente, o principal propósito da análise das ações de bola parada prende-se com a sua preponderância na obtenção e consentimento de golos durante as jornadas competitivas da Segunda Liga, reconhecendo-se o golo como pilar determinante no sucesso ou insucesso das equipas, principalmente no contexto de alto rendimento desportivo.

Desta forma, e analisados os 65 golos marcados pelo MFC nos quarenta e dois jogos da competição, verificou-se que 43 resultaram, direta ou indiretamente, das ações de bola parada, correspondendo a uma percentagem de 66% do total de golos marcados pela equipa.

Do mesmo modo, a referida análise atestou que, dos 25 golos sofridos pelo MFC no mesmo número de jogos, 15 desses golos resultaram das ações de bola parada, de forma direta ou indireta, representando 60% do total de golos sofridos pela equipa.

Assim, do total de 90 golos, marcados e sofridos pela equipa do MFC, registados durante a competição, 58 surgiram na sequência das ações de bola parada, o que corresponde a uma percentagem de 64,4% do total de golos.

Estes resultados demonstram o papel determinante das ações de bola parada na competição da equipa, ao longo de todas as jornadas, representando mais de metade do total de golos marcados e sofridos.

Analisados os quarenta e três golos marcados através de ações de bola parada, 25 resultaram de forma direta (58,1%) e 18 de forma indireta (41,9%).

Dos golos obtidos na sequência direta das ações de bola parada, 9 resultaram de pontapés livres (36%), 8 de pontapés de canto (32%), 7 de pontapé de grande penalidade (28%) e 1 de lançamento de linha lateral (4%).

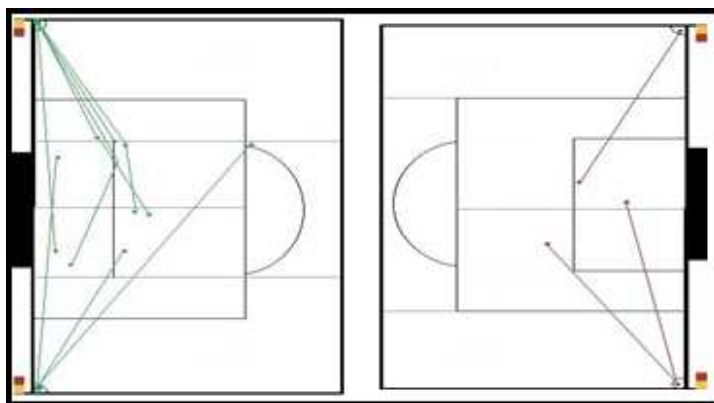


Figura 16 - Trajetória e zona de queda da bola nos golos marcados e sofridos, de forma direta, após pontapés de canto.

De igual forma, dos quinze golos sofridos através de ações de bola parada, 9 golos surgiram de sequência direta (60%) e 6 de sequência indireta (40%).

Dos 9 golos sofridos de forma direta, 3 foram obtidos através de pontapés de canto, 3 através de pontapés de grande penalidade, representando os golos na sequência destas duas ações de bola parada 66,7% do total de golos sofridos, sendo completados com 2 golos através de pontapés livre e 1 golo através de lançamento de linha lateral.

Tal como mostra a Figura 16, os golos marcados na sequência direta de pontapés de canto, representados a verde, as zonas de queda da bola imediatamente após a marcação da ação centraram-se na subzona de 1º poste, sendo que dos 5 golos obtidos desta forma, apenas duas delas resultaram em golo imediato após o primeiro toque. As restantes 3 ações resultaram em golo após um desvio na subzona de queda (1º poste), que permitiu a finalização de um outro jogador na subzona do 2º poste. Importa igualmente referir que 5 dos 8 golos marcados tiveram origem em pontapés de canto executados do CD e que todas as finalizações se registaram no CC.

Foram ainda obtidos 2 golos através de finalização imediata na subzona do 2º poste e 1 golo através de um remate com origem na subzona de 2ª bola, que posteriormente foi desviado para a baliza na subzona do 1º poste.

Representados a vermelho, os golos sofridos na sequência indireta através de pontapés de canto resultaram de finalização imediata após a marcação do canto, na subzona do 1º poste (2) e na subzona do 2º poste (1).

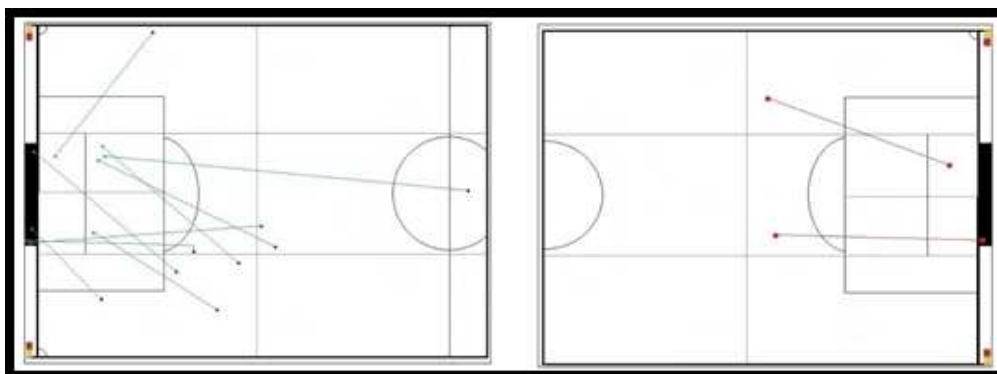


Figura 17 - Trajetória e zona de queda da bola nos golos marcados e sofridos, de forma direta, após pontapés livres.

Na Figura 17 estão representados os golos alcançados na sequência direta e indireta de pontapés livres. Os golos marcados correspondem à cor verde e os golos sofridos à cor vermelha.

Do total de 9 golos marcados através de pontapé livre, 4 resultaram de remate direto à baliza e 5 de finalização posterior à marcação da respetiva ação.

As zonas de marcação direta do pontapé livre resultante em golo foram a ZOE, com dois golos verificados, a ZOC e a ZIOC, com um golo em cada.

Os dois golos sofridos através de pontapé de canto surgiram de remate direto da ZOC e de marcação da ZOE com finalização na área de baliza na subzona do 1º poste.

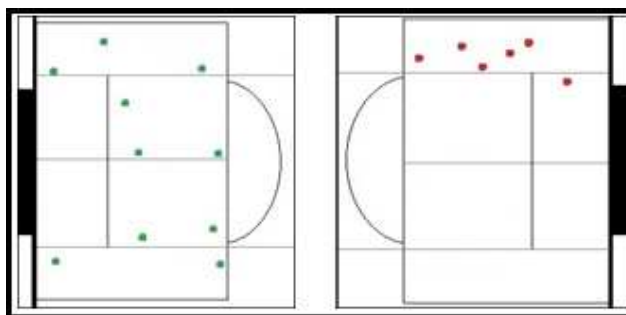


Figura 18 - Zonas de falta resultante na marcação de pontapé de grande penalidade.

Relativamente aos pontapés de grande penalidade, como já referido anteriormente, foram assinalados 10 a favor do MFC, 7 deles resultando em golo, e 6 a favor do adversário, sendo que apenas 3 resultaram em golo.

Como demonstra a Figura 18, a verde, pode verificar-se uma clara variedade da zona de conquista da grande penalidade, ao contrário do que acontece com as zonas de falta cometida passível de pontapé de grande penalidade, representadas a vermelho, que se centram essencialmente na ZOE, sendo que a única cometida na ZOC aproximou-se da fronteira entre essas duas zonas.

Do total de golos obtidos através de pontapés de grande penalidade, verificou-se que quatro golos resultaram de remates para o lado esquerdo e três resultaram de remates para o lado direito, todos executados por Pires. Do total de três falhados, um resultou de um remate à trave, um de remate para o lado direito defendido, ambos marcados por Pires, e ainda um de remate para o lado direito, que saiu pela linha de baliza, marcado por Arsénio.

Relativamente aos três golos sofridos de pontapé de grande penalidade, dois deles resultaram de remates para as zonas laterais da baliza, um para o

lado direito e um para o lado esquerdo, e o terceiro resultou de uma segunda bola após defesa de Carlos a um remate para a zona central da baliza.

Os três pontapés de grande penalidade falhados pelos adversários do MFC resultaram de três defesas de Marafona aos respetivos remates, dois para o lado direito e um para a zona central da baliza.

O único golo obtido na sequência direta de lançamento de linha lateral, representado na Figura 19, verificou-se no jogo da 29ª jornada, frente ao Sport Lisboa e Benfica “B”, resultando de um lançamento ofensivo longo, na ZOD, executado pelo lateral direito, Paulinho, na direção da subzona do 1º poste, aparecendo o médio defensivo, Idris, a desviar para a subzona do 2º poste, onde surge o extremo esquerdo, Arsénio, a finalizar.



Figura 19 - Sequência do golo obtido através de lançamento de linha lateral ofensivo.

Da mesma forma, o único golo sofrido através da execução de um lançamento de linha lateral aconteceu de forma semelhante ao golo descrito acima, no jogo da 4ª jornada, frente ao Clube Futebol União da Madeira, surgindo após um lançamento lateral longo na ZDE do MFC, com uma primeira tentativa de finalização na subzona do 1º poste, defendida por Carlos, aparecendo um jogador para a segunda bola na subzona do 2º poste a finalizar.

Os golos na sequência indireta de ações de bola parada corresponderam a 41,4% do total de golos, marcados e sofridos, através das referidas ações, representando 26,7% do total de golos, marcados e sofridos, da equipa do MFC.

Relativamente aos golos alcançados da referida forma, 5 resultaram da combinação ofensiva em ataque organizado após lançamento de linha lateral ofensivo (27,8%), 3 da mesma forma de combinação após pontapés livres ofensivos (16,7%) e 2 de combinação resultante de pontapé de baliza ofensivo (11,1%). Verificaram-se, ainda, 3 golos resultantes de recuperações de bola após pontapés de canto defensivos (16,7%), 2 de recuperação após pontapés

livre defensivos (11,1%), 2 após recuperação de pontapé de baliza defensivo (11,1%) e 1 após recuperação de lançamento de linha lateral defensivo (5,6%).

Um dos golos marcados ao Sporting Clube Farense na 7ª jornada, surge após lançamento de linha lateral de Elízio na ZOE, com construção apoiada no CE e CC, surgindo cruzamento da ZOE para finalização de André Carvalhas na subzona do 1º poste.

A Figura 20 retrata um dos golos marcados ao Atlético Clube de Portugal na 9ª jornada, em que é obtido após lançamento de linha lateral curto de André Simões na ZIOD, surgindo cruzamento da mesma zona para a subzona do 2º poste e finalização de Mendy.



Figura 20 - Sequência de um golo obtido de forma indireta de lançamento de linha lateral ofensivo.

Também, na 13ª jornada frente ao Clube Desportivo Trofense, um dos golos surge após lançamento de linha lateral ofensivo na ZDE, construção no CE com passe de rutura de André Carvalhas para a penetração e finalização de Wagner.

O segundo golo do MFC frente ao Académico de Viseu Futebol Clube, na 22ª jornada, foi conseguido após construção rápida pelo CD resultante de um lançamento de linha lateral ofensivo na ZDD, acabando com finalização de Pires na ZOD.

Desta mesma maneira, o extremo Wagner alcançou dois golos no campeonato, um frente ao Clube Futebol União da Madeira na 25ª jornada, após circulação de bola a toda a largura na sequência de um lançamento de linha lateral ofensivo na ZOE, e outro frente ao Futebol Clube do Porto “B” na 27ª jornada, após recuperação de bola de um lançamento de linha lateral defensivo na ZDE, com rápida transição pelo CE, cruzamento da ZOE e finalização na subzona do 2º poste.

Já no que respeita ao golos resultantes indiretamente de pontapés livres, o golo marcado por Paulinho, ao Grupo Desportivo de Chaves na 3ª jornada, representa um desses exemplos, surge após uma transição resultante de pontapé livre lateral defensivo na ZIDD, com recuperação de Pires na subzona de 2ª bola e saída rápida pelo CC, com penetração de Paulinho pelo CD a finalizar.

Também, na 10ª jornada, frente ao Sporting Clube de Portugal “B”, após pontapé livre ofensivo curto na ZIDC, surge um cruzamento da ZIOE para subzona de 2ª bola onde sofre um desvio para a subzona do 1º poste e Diogo Cunha finaliza.



Figura 21 - Sequência de um golo obtido de forma indireta através de pontapé livre ofensivo.

Representado na Figura 21, o golo de Pires, na 12ª jornada frente ao Clube Desportivo Feirense, resulta de um cruzamento da ZOE na subzona de 2º poste, após ressalto de bola na barreira de um pontapé livre ofensivo na ZOC.

Na mesma jornada, após pontapé livre ofensivo no CE, com perda momentânea da posse de bola dentro da área de grande penalidade adversária e recuperação imediata à saída da mesma resultando na abertura CD, surgiu um cruzamento da ZOD para a finalização de André Simões.

Por último, o golo marcado ao Portimonense Sporting Clube, na 35ª jornada, surge após um pontapé livre defensivo na ZDE, com recuperação da posse da bola na subzona do 1º poste, transição rápida pelo CC e finalização de Arsénio à entrada da área de grande penalidade.

Os pontapés de baliza, tanto ofensivos como defensivos, também representaram uma ação fundamental para a obtenção e consentimento de golos.

O golo marcado por Tiago Borges ao Sporting Clube da Covilhã na 2ª jornada (ver Figura 22), surgiu de uma transição no CC após recuperação de bola de Anilton na ZDC, no seguimento de um pontapé de baliza defensivo longo.



Figura 22 - Sequência de um golo obtido de forma indireta através de um pontapé de baliza defensivo.

Da mesma forma, Pires aproveitou por três vezes estas ações para finalizar. No jogo da 19ª jornada frente ao Clube Desportivo Santa Clara, após construção apoiada e circulação da bola pelos três corredores, com origem num pontapé de baliza ofensivo, surge cruzamento da ZOE e Pires finaliza na subzona do 1º poste. No jogo da 37ª jornada, com o Leixões Sport Clube, finaliza na mesma subzona anterior, após cruzamento da ZOD resultante de uma recuperação de bola na ZIDE depois de um pontapé de baliza defensivo longo. A última “vítima” foi o Clube Desportivo de Tondela, na 42ª jornada, quando após um pontapé de baliza ofensivo curto, surge um passe longo da ZDE para a penetração de Pires no CC e este finaliza na subzona de 1º poste.

Por fim, foram obtidos três golos através de recuperação de bola após pontapés de canto defensivo. Na 3ª jornada, frente ao Grupo Desportivo de Chaves, com Filipe Melo a recuperar a bola na subzona do 1º poste, iniciando uma construção rápida a partir do CC, finalizada por Márcio Madeira; com o Sporting Clube de Portugal “B” na 10ª jornada (ver Figura 23), uma transição pelo CD após recuperação de bola na ZDD resulta no golo de Rui Miguel; e com o Clube Desportivo Feirense, na 12ª jornada, com mais uma transição rápida após recuperação na subzona do 1º poste.



Figura 23 - Sequência de um golo obtido de forma indireta através de pontapé de canto defensivo.

Em relação aos seis golos sofridos de forma indireta, 2 deles surgiram da combinação ofensiva após lançamento de linha lateral defensivo (33,3%), 2 de

combinação ofensiva após pontapé livre defensivo (33,3%), bem como 1 golo resultante de perda de bola após pontapé livre ofensivo (16,7%) e 1 golo resultante de perda de bola após lançamento de linha lateral ofensivo (16,7%).

No jogo da 10ª jornada frente ao Sporting Clube de Portugal, o golo do adversário surge numa transição após perda de bola resultante de lançamento de linha lateral ofensivo na ZOE.

Também, frente à União Desportiva Oliveirense, na 26ª jornada, o MFC sofreu um autogolo resultante de um cruzamento da ZDD após variação de corredor de jogo com origem num lançamento de linha lateral defensivo na ZIOD.

Frente ao Futebol Clube de Penafiel, na 36ª jornada, na sequência de um lançamento de linha lateral defensivo na ZOD, com uma construção sustentada na utilização dos três corredores, surgiu cruzamento da ZDD e golo sofrido na subzona do 1º poste.

Através de pontapé livre, no jogo da 2ª jornada com o Sporting Clube da Covilhã, o golo consentido surgiu a partir de um pontapé livre defensivo na ZOD, após uma combinação ofensiva organizada desenrolada no CE do MFC.

Na 16ª jornada com o Leixões Sport Club, após pontapé livre defensivo na ZOD, a bola chega ao meio campo defensivo do MFC, havendo recuperação momentânea da posse da bola, mas um passe mal direcionado de Idris resultou na perda de bola na ZDC, proporcionando a finalização ao avançado do Leixões (ver Figura 24).



Figura 24 - Sequência de um golo sofrido de forma indireta através de pontapé livre defensivo.

Frente ao Clube Desportivo das Aves, na 17ª jornada, após perda de bola na sequência de um pontapé livre ofensivo na ZOC, resulta numa transição rápida do adversário, utilizando os três corredores, acabando com cruzamento na ZDD e finalização na subzona do 1º poste.

Desta forma, analisados os dados estatísticos e as características das ações de bola parada, torna-se fundamental explorar e estudar o seu processo

de preparação e organização, enquanto ações preponderantes e decisivas do jogo, procurando compreender a estrutura e dinâmica subjacente às mesmas.

3.3.2.1. ... Analisadas através da organização e preparação fundamental nos diferentes contextos,...

“Não existe treinador que no seu íntimo não anseie prever, com uma certeza infinitesimal, a evolução do jogo, controlar esse sistema multivariável, substituindo a variabilidade pela estereotipia na expectativa de predizer e articular as atitudes dos seus jogadores com a máxima certeza.”

(Cunha e Silva; cit. por Cunha, 2007, pp. 30-31)

Baseando-se numa observação cuidada e análise exaustiva do contexto referente às ações de bola parada da equipa do MFC, pretende-se com a seguinte exposição, descrever o processo de organização e preparação destas ações, em contexto de treino e contexto de competição, para que, interligadas as informações dessas duas realidades, se esclareça toda a dinâmica e os métodos responsáveis pela preponderância verificada destes “momentos”.

De forma a clarificar toda a informação tratada e resultante da observação realizada ao longo do processo de estágio, importa referir que a descrição e análise se centra fundamentalmente naquilo que foi o padrão de organização e ação durante a época desportiva, isto é, centra-se naquilo que por representar algo de mais frequente se pode definir como modelo de organização e como a norma de acontecimentos ao longo das unidades de treino e da competição.

3.3.2.1.1. ... De treino,...

O treino representa o laboratório onde é criada, trabalhada e aperfeiçoada a equipa, é através dele que “nasce” o padrão que se objetiva e é nele que se centra todo processo de preparação da equipa para o contexto competitivo.

É comum afirmar-se que “o jogo é o reflexo do treino”, e fruto da importância que representa, o estudo e a análise do treino tornam-se

fundamentais e decisivos no desempenho das equipas e dos respetivos jogadores, particularmente no contexto de alto rendimento.

Assim, o treino representa o momento primordial e determinante para a construção de uma equipa capaz de responder aos diversos estímulos que a competição lhe vai proporcionando. É a cada dia, a cada semana e a cada mês, que a evolução vai surgindo, que o padrão se vai consolidando e que o sucesso se vai alcançando, é na “batalha” do treino que surgem os campeões.

Tabela 2 - Microciclo padrão com jornada a meio da semana.

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Treino	Treino	Jogo	Treino	Treino	Treino	Jogo

A Tabela acima representada demonstra a distribuição padrão das unidades de treino do Mister Vítor Oliveira, isto é, a distribuição mais preconizada durante a época, nas semanas em que fosse disputada uma jornada oficial da Segunda Liga ou de uma outra competição interna (Taça de Portugal ou Taça da Liga) a meio da semana.

Esta distribuição foi bastante utilizada, visto que, pelo número de jornadas do campeonato e pelo “curto” espaço temporal, as equipas da Segunda Liga jogaram frequentemente a meio da semana.

Esta situação só amenizou após o início do novo ano civil (2014), em que a “carga competitiva” foi reduzida, não só pelo afastamento do MFC das taças nacionais, mas também pela distribuição mais equilibrada das jornadas do campeonato nacional.

Neste sentido, o Mister Vítor Oliveira alterou igualmente o microciclo padrão quando se verificava uma semana menos preenchida em termos competitivos, permitindo, entre outros aspetos, proporcionar uma folga ao plantel.

Essa distribuição está descrita na Tabela 3.

Tabela 3 - Microciclo padrão com jornada apenas ao fim de semana.

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
FOLGA	Treino	Jogo Treino	Treino	Treino	Treino	Jogo

O Mister Vítor Oliveira insere a preparação das ações de bola parada, normalmente, nos dois últimos treinos antes da competição, dando ênfase aos aspetos defensivos no penúltimo treino e aos aspetos ofensivos no último treino.

Durante as restantes unidades de treino do microciclo, poderia igualmente existir preparação ou passagem de informação sobre as ações de bola parada, dependendo de diversos fatores, como: as características do exercício de treino, podendo originar muitas interrupções (faltas, cantos, etc.); a exploração destas ações pelo adversário, se este se destacar nelas, pela positiva ou negativa; a distribuição das unidades de treino em função da competição; ou as limitações do espaço disponível para o treino.

Neste último ponto, torna-se importante referir que o MFC divide as suas unidades de treino por três locais: o relvado natural do Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, o relvado sintético anexo ao Estádio e, ainda, o relvado natural do Parque de Jogos Albano Martins Coelho Lima, propriedade do Pavidém Sport Clube, clube da freguesia de Guimarães, que dista cerca de oito quilómetros do parque desportivo do MFC (ver Figura 25).



Figura 25 - Unidades de treino realizadas no Estádio do MFC, no Parque de jogos do Pavidém Sport Clube e no sintético do MFC.

O Mister Vítor Oliveira referiu diversas vezes, em conversa informal, que a preparação destas ações se centrava nas unidades de treino realizadas no relvado natural do Estádio do MFC, não só pelas dimensões do próprio campo, como também pelas características da relva.

O relvado sintético oferece uma sensibilidade diferenciada em relação à relva natural, o que influencia a preparação destas ações, tão fortemente inter-relacionadas com a execução técnica. Já, o relvado natural de Pevidém não possui as dimensões utilizadas por maior parte dos clubes dos campeonatos nacionais, percebendo-se igualmente a importância que as distâncias representam no treino das ações de bola parada, pois afeta de certa forma a execução do lance e, consequentemente, a eficiência do trabalho realizado.

Ainda assim, Mister Vítor Oliveira realizou algumas sessões de preparação das ações de bola parada, em função da distribuição das unidades de treino relativamente à competição, tanto no relvado sintético como no relvado de Pevidém, sendo que, neste último, era colocada uma baliza perpendicular à linha de meio campo, orientada para a linha lateral, e eram simuladas as dimensões do relvado natural do MFC, permitindo assim uma maior aproximação à realidade que se pretendia.

O treino das ações de bola parada procurou sempre a referida aproximação à realidade, não só nas dimensões e características dos espaços, mas também na recriação de contextos de jogo, em função da estratégia da própria equipa e do adversário a defrontar. As principais referências de ataque e defesa do adversário eram simuladas por uma equipa distribuída de forma previamente planeada em oposição a outra equipa, centrada nos referenciais defensivos e ofensivos da equipa do MFC, normalmente composta pelos jogadores-chave da equipa para este “momento” característico do jogo.

Ao longo das trinta e três jornadas em que o Mister Vítor Oliveira comandou a equipa, os principais responsáveis pela execução das ações de bola parada, para além do guarda-redes nos pontapés de baliza e os defesas laterais nos lançamentos de linha lateral no seu corredor respetivo, foram sendo alterados pelas suas diferentes características específicas para este tipo de ações e pela diversidade de opções que eram capazes de produzir.

Márcio, Tiago Borges, Edgar Costa, Miguelito, André Carvalhas, Diogo Cunha e Ricardo Nascimento representaram os jogadores referência para a marcação de pontapés de canto e pontapés livres, ficando Pires responsável pela marcação dos pontapés de grande penalidade.



Figura 26 - Organização ofensiva de um pontapé de canto no CD.

Nos pontapés de canto ofensivos, como mostra a Figura 26, o posicionamento dos jogadores baseou-se essencialmente na disposição de três linhas de ataque. Uma primeira linha formada por dois jogadores, posicionados sobre a linha da área da baliza, procurando uma finalização mais próxima da baliza e também desorganizar a organização defensiva do adversário, tentando proporcionar potenciais espaços de finalização à segunda linha de ataque. Esta segunda linha, composta por três a quatro jogadores, posiciona-se na zona central da área, na subzona do 2º poste no sentido de conquistar espaço para se movimentar ao encontro da bola, subdividindo-se em diferentes trajetórias de ataque, sendo recorrente o deslocamento ao 1º e 2º postes e à zona da marca de grande penalidade. A terceira linha caracteriza-se pelos jogadores de segunda bola, a azul na figura, funcionando como referências para, o ataque de uma possível segunda bola, para a primeira pressão no caso de perda de bola e tentativa de transição do adversário e para uma possível aproximação ao executante do pontapé de canto para uma marcação curta. Apesar de não contemplada na figura, posiciona-se, igualmente, uma última linha de segurança, na zona do meio campo, onde se encontram um a dois jogadores para cobertura à terceira linha, equilibrando a equipa e impedindo situações de inferioridade numérica no caso de perda da posse de bola.

Relativamente aos pontapés livres ofensivos, o posicionamento de ataque centra-se basicamente em duas linhas ofensivas.

A primeira linha, composta por quatro a cinco jogadores, corresponde à linha mais próxima da baliza, responsável pela procura do espaço ou da criação do mesmo, permitindo a sua exploração no sentido de poder beneficiar dele. Sendo a solução um remate direto, passe ou cruzamento, os jogadores desta

primeira linha movimentam-se frequentemente de forma aleatória, procurando desorganizar o adversário e conquistar o espaço, mas respeitam um posicionamento rigoroso de largura e de ocupação de possíveis zonas de finalização. A linha deverá ter um afastamento considerável entre cada jogador, com o objetivo de “abrir” espaço entre os adversários que permita a penetração, e os jogadores deverão deslocar-se para as subzonas de 1º e 2º postes, zonas de potencial perigo, ocupando cada zona, independentemente da trajetória da bola, pois desta forma estariam a alargar a zona de ação ofensiva e a aumentar as opções de finalização, regulando as suas ações posteriores, aí sim, em função da trajetória da bola.



Figura 27 - Organização defensiva de um pontapé de canto no CE.

Do ponto de vista defensivo, o Mister Vítor Oliveira opta pela marcação ao homem nas ações de bola parada, caracterizada por um acompanhamento individual de cada adversário. Cada jogador é responsável pela marcação individual de um jogador adversário, procurando a vantagem sobre o mesmo através da correta interpretação do meio envolvente. A trajetória da bola, a movimentação do adversário, bem como as características do mesmo, como a estatura, o poder de impulsão ou a zona que este ataca, são aspetos a ter muito em conta neste tipo de marcação.

Nos pontapés de canto defensivos, para além da marcação individual, verifica-se igualmente o posicionamento de dois jogadores na subzona do 1º poste, sem qualquer referência individual de marcação.

As suas funções centravam-se numa primeira linha de interceção da bola, na tentativa de evitar que esta chegue às zonas de potencial perigo.

Do mesmo modo, posicionavam-se um a dois jogadores na subzona de 2ª bola, sendo responsáveis não só por uma possível segunda bola, mas

também como primeiras referências de uma possível transição no caso de recuperação de bola.

A Figura 27 demonstra esse mesmo posicionamento. A verde pode observar-se os dois jogadores na subzona do 1º poste e os dois jogadores de segunda bola, e a amarelo observa-se o conjunto de marcações individuais.

Nos pontapés livres defensivos, a marcação individual está igualmente presente. Para além dos jogadores da barreira, que serão em número indicado pelo guarda-redes e posicionados pelo mesmo de forma a obstruir da melhor forma possível a linha de remate e a condicionar a execução por parte do adversário, são formados pares de marcação de acordo com os mesmos princípios dos pontapés de canto, ficando um ou dois jogadores posicionados na subzona de 2ª bola, com as mesmas funções das atribuídas nos pontapés de canto para os jogadores responsáveis por esta zona (ver Figura 28).



Figura 28 - Organização defensiva de um pontapé livre defensivo na ZDE.

Do mesmo modo que, nos pontapés livres defensivos em que a zona de marcação possa permitir um remate direto à baliza, apesar de ser aumentado o número de jogadores na barreira por essa mesma razão, a marcação individual mantinha-se, centrando-se numa linha o mais próxima possível da linha da barreira, com o objetivo de alargar a zona de potencial fora de jogo, e com uma distância muito curta entre os jogadores, de maneira a condicionar o mais possível a movimentação dos jogadores adversários por entre a linha defensiva para agir numa possível segunda bola.

Em suma, os aspetos primordiais preconizados pelo Mister Vítor Oliveira em relação às ações de bola parada centram-se fundamentalmente numa correta e alargada ocupação das zonas de potencial finalização na procura de colocar o maior número de jogadores em posição favorável à obtenção do golo,

do ponto de vista ofensivo, e numa marcação individual agressiva e fortemente condicionadora das ações do adversário, no que toca ao momento defensivo destas ações.

O treinador, enquanto líder de um grupo, desempenha um papel determinante na orientação dos seus jogadores e na construção da sua equipa. Esse papel assenta essencialmente em pilares de conhecimento que o treinador vai adquirindo ao longo da sua vida profissional e das suas vivências.

A personalidade do treinador, as suas experiências, as suas relações, o seu pensamento e as suas ideias tornam-no único e inimitável.

Desta forma, a entrada de um novo treinador, resulta inevitavelmente na mudança de rotinas, na mudança dos padrões, na mudança das ideias, e com isso, o treino sofre também mudanças.

O Mister António Conceição efetuou algumas mudanças ligeiras no microciclo padrão da equipa. No momento da sua chegada, o MFC já não se encontrava a disputar nenhuma competição a meio da semana, sendo que, até final da época, todas as jornadas competitivas foram realizadas ao fim de semana, maioritariamente ao domingo.

A alteração do dia da folga do plantel foi uma das alterações mais visíveis, significando que o MFC treinava no dia imediatamente a seguir à competição (treino de recuperação ativa para os jogadores mais utilizados) e folgava no dia seguinte, como mostra a Tabela 4, que caracteriza o microciclo padrão do Mister António Conceição.

Nas suas primeiras semanas de trabalho, o Mister António Conceição orientou, maioritariamente à quarta-feira, duas sessões de treino diárias, sendo que, quando isso acontecia, o plantel folgava na manhã do dia seguinte, treinando apenas à tarde.

Tabela 4 - Microciclo padrão do Mister António Conceição.

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Treino	FOLGA	Treino	Treino	Treino	Treino	Jogo

Tal como era feito anteriormente, o Mister António Conceição atribuía os dois últimos treinos do microciclo antes da competição, para a preparação das ações de bola parada, mantendo o penúltimo treino para as ações defensivas e o último treino para as ações ofensivas.

Como foi referido anteriormente, aqui apenas se refere aquilo que foi o padrão de organização, ou seja, aquilo que foi preconizado de forma mais frequente durante as semanas de trabalho do MFC, tendo existido algumas alterações a essa norma, mas que foram realizadas de forma esporádica e com determinados objetivos particulares.

Nestas unidades de treino, as ações de bola parada eram abordadas na fase final da sessão, sendo abordados fundamentalmente os pontapés de canto, os pontapés livres laterais e os pontapés de grande penalidade.

Do ponto de vista ofensivo, Arsénio e Diogo Cunha foram as principais figuras na marcação dos pontapés de canto, alternando diversas vezes com o objetivo de proporcionar diversidade de problemas e respetivas soluções.

A movimentação ofensiva caracterizou-se, frequentemente, pela aproximação de um jogador à zona do 1º poste procurando desviar a trajetória da bola num primeiro momento, com um segundo jogador imediatamente nas suas costas representando uma primeira linha de possível finalização, sendo igualmente acompanhado por três ou quatro jogadores em segunda linha, movimentando-se no sentido de atacar a bola em zona de potencial perigo como a zona da área da baliza, e mais um jogador em movimento claro de ataque à subzona do 2º poste para uma trajetória mais longa ou para corresponder a um possível desvio de um dos homens de primeira linha. Eram igualmente posicionados um a dois homens em subzona de 2ª bola como referências para uma possível segunda bola e como primeira linha de pressão para a possibilidade de uma transição do adversário, em caso de perda de bola.

Pires, Arsénio, Diogo Cunha, Márcio e Rui Miguel representaram, em contexto de treino, os jogadores mais frequentes na marcação de pontapés de grande penalidade

No caso dos pontapés livres, verificou-se um frequente ênfase nos livres laterais, próximos e/ou afastados da área, marcados de forma indireta, para o

interior da área e/ou de forma curta, procurando o efeito surpresa nos adversários.

Os jogadores mais vezes designados para a marcação dos pontapés livres foram Diogo Cunha, Arsénio, Elízio, Márcio e André Carvalhas, sendo os dois primeiros aqueles que foram mais vezes responsáveis pela marcação, tanto em contexto de treino, como em contexto de jogo.

Também neste processo de preparação destas ações, a aproximação da realidade representou o fator fundamental a ter em conta, de forma a incorporar o mais possível no treino as particularidades da competição, essencialmente centrado nos referenciais ofensivos do adversário e nos elementos a considerar nas ações ofensivas do MFC que pudessem rentabilizar as ações, como marcações curtas e movimentações predefinidas, tirando partido do elemento surpresa.



Figura 29 - Marcação de um pontapé livre ofensivo curto.

Na Figura 29, está representada uma dessas marcações curtas, com movimentação na procura de surpreender a equipa em organização defensiva. A ação de bola parada considerada é um pontapé livre ofensivo na ZOE, em que são destacados dois jogadores para a sua marcação, Diogo Cunha e Arsénio. O pontapé livre é executado de forma curta para a subzona de 2ª bola, aproveitando o movimento de aproximação de Pires, que fica com duas opções de passe: a linha de passe criada por Diogo Cunha, marcador do pontapé livre, que se movimenta paralelamente à linha de baliza na procura de uma possibilidade de remate frontal; e a linha de passe criada por Arsénio, que se movimenta paralelamente à linha lateral procurando o espaço nas costas da barreira defensiva, com o objetivo de encontrar uma posição privilegiada para um cruzamento ou remate. Neste caso específico, Pires devolveu a bola a Diogo Cunha que rematou à baliza.

Este tipo de movimentações, para além do efeito surpresa que causa na equipa adversária, causa igualmente uma variedade de solução ofensivas, trazendo vantagem para quem ataca, no sentido em que, originam deslocamentos defensivos do adversário na procura de ocupar todas as zonas de potencial perigo, libertando outras que poderão ser rentabilizadas pela equipa que ataca, resultando daí claras oportunidades para a obtenção do golo.

Do ponto de vista defensivo, o Mister António Conceição optou pela marcação à zona. Cada jogador é responsável por uma zona específica, movimentando-se de acordo com a respetiva função relativa a essa zona e de acordo com a trajetória da bola.



Figura 30 - Marcação à zona num pontapé de canto defensivo.

Considerando um pontapé de canto defensivo executado no corredor direito da equipa em organização defensiva (ver Figura 30), verifica-se claramente um posicionamento à zona. Podem observar-se dois jogadores na subzona do 1º poste, primeiros referenciais para a recuperação de um bola que seja lançada próxima à baliza, libertando o guarda-redes para a subzona do 2º poste, onde consegue ter uma maior área de visibilidade e de ação.

Numa segunda linha, observam-se quatro jogadores colocados sob a linha limite da área de baliza, responsáveis pela proteção da zona correspondente ao prolongamento da baliza, com especial atenção aos movimentos de aproximação dos adversários a esta zona. Correspondendo a uma das zonas mais sensíveis do ponto de vista defensivo, são destacados para esta função, normalmente, os jogadores com estatura mais elevada. Posicionam-se na linha limite da área de baliza já que, a zona dentro desta representa a área de ação do guarda-redes, apelidada diversas vezes de área

de proteção onde se o guarda-redes for tocado deverá ser assinalada falta, para além de os jogadores da subzona do 1º poste, referidos acima, também desempenharem as suas funções no sentido de impedir que a bola chegue a esta zona.

Na zona central da área, junto à marca de pontapé de grande penalidade, observam-se três jogadores dispostos em triângulo, sendo o jogador posicionado no vértice mais próximo à zona de marcação do pontapé de canto, o responsável pela primeira ação no caso de uma marcação curta ou tentativa de uma marcação para a subzona de 2ª bola, e os outros dois jogadores, posicionados perpendicularmente à linha de baliza, os responsáveis pela recuperação de uma bola lançada para a zona da marca de grande penalidade. Estes três jogadores representam igualmente a primeira linha de pressão a uma segunda bola, e as primeiras referências de transição no caso de recuperação de bola.

Encontra-se igualmente um jogador na ZIDC, como referência de saída em caso de recuperação de bola, podendo iniciar uma transição ofensiva, e como um dos responsáveis pela primeira pressão ao portador da bola, no caso de se verificar uma segunda bola ou uma tentativa de construção ofensiva a partir da ação de bola parada.

Foi verificada igualmente a possibilidade do posicionamento de um jogador na subzona do 2º poste, dentro da área de baliza e junto ao poste da baliza, sendo responsável pela interceção de uma bola em trajetória longa para esta zona (ver Figura 36). Normalmente, o jogador a ocupar esta zona seria um dos três jogadores do triângulo da zona central da área de grande penalidade ou o jogador da ZIDC. Não se verificando este posicionamento, o último jogador da linha defensiva posicionada na área de baliza, mais próximo do 2º poste, desempenharia essa função.

Relativamente aos pontapés livres, a organização defensiva centra-se igualmente na marcação à zona. Os pontapés livres marcados no SD, nomeadamente nos corredores laterais preconizam uma organização semelhante à dos pontapés de canto, como demonstra a Figura 31. Para além dos jogadores da barreira, que têm como função ocupar a primeira linha de remate à baliza, posicionam-se quatro a cinco jogadores em linha com a referida

barreira, paralelamente à linha de baliza, procurando a maior largura possível, mantendo um espaço reduzido entre eles, de forma a condicionar as movimentações do adversário por entre essa mesma linha.

Fora dessa zona, posicionam-se dois jogadores, responsáveis pela recuperação de uma segunda bola, no caso de existir, pela movimentação dos adversários que possam atacar numa segunda linha e como primeira linha de pressão no caso de uma marcação atrasada para a subzona do 2º poste, representando também as duas primeiras referências de transição após recuperação de bola.



Figura 31 - Organização defensiva de um pontapé livre na ZDD.

Nos pontapés livres defensivos no CC, em que existe a possibilidade de remate direto, tal como acontece nos restantes pontapés livres defensivos, o número de jogadores que integra a barreira é da inteira responsabilidade do guarda-redes. Os restantes dispõem-se em linha, o mais próximo da barreira possível, aumentando a área de possível fora de jogo, originando um maior afastamento dos adversários relativamente à baliza em caso de segunda bola. Essa linha revela os mesmos princípios da formação nos pontapés livres laterais, o máximo de largura possível em função das características do pontapé livre, como zona de marcação, jogador que executa, soluções que poderão surgir por parte do adversário e, também, a menor distância possível entre jogadores, no sentido de condicionar movimentações.

Desta forma, a organização defensiva das ações de bola parada do Mister António Conceição baseia-se na ocupação equilibrada das zonas defensivas específicas, exigindo agressividade e elevada concentração na identificação e interpretação do contexto específico, e, do ponto de vista ofensivo, na movimentação objetiva de ocupação das zonas de finalização, bem como na

utilização frequente do fator surpresa na respetiva marcação da ação de bola parada.

3.3.2.1.2. ... E de jogo,...

O treino tem a sua expressão máxima no jogo. Toda a preparação se direciona para aquilo que se pretende que seja o desempenho da equipa na competição. O planeamento, o exercício, a intervenção, a análise, tudo se interliga com o jogo, tudo se relaciona com aquilo que se objetiva para a competição.

Sendo as ações de bola parada fortemente influenciadas pela capacidade técnica e de improvisação dos jogadores, o treino incorpora um papel determinante na criação e potenciação de um conjunto de referências coletivas para que toda a equipa se posicione e movimente com critério e de forma organizada, para além de desenvolver e otimizar os padrões individuais de execução.

Assim, surge a importância da transferibilidade de conteúdos das unidades de treino para o contexto competitivo, e desta forma, esta análise centrada unicamente na equipa do MFC, procura compreender as bases de organização e as dinâmicas preconizadas nas ações de bola parada em competição tomando forçosamente como referência os conteúdos abordados em treino referidos anteriormente.



Figura 32 - Organização ofensiva de um pontapé de canto no CD.

Pela proximidade à baliza e pela possibilidade de se colocar a bola imediatamente numa zona de potencial perigo, os pontapés de canto representam, juntamente com os pontapés livres e os pontapés de grande penalidade, as ações mais flagrantes para a obtenção do golo.

Na organização ofensiva preconizada pelo Mister Vítor Oliveira (ver Figura 32), destacam-se dois jogadores posicionados na subzona do 1º poste, preferencialmente dentro da área de baliza, responsáveis por uma primeira tentativa de disputa da bola no 1º poste. O movimento de aproximação de um deles em direção ao local de marcação do pontapé de canto possibilita uma primeira abordagem a uma trajetória de bola mais curta, e o posicionamento do segundo, para além de condicionar a ação do guarda-redes, poderá ser crucial para a sequência da ação.

Numa segunda linha, posicionam-se três jogadores responsáveis pela ocupação da subzona de 2º poste, movimentando-se em diferentes trajetórias procurando preencher potenciais zonas de finalização, de acordo com a trajetória da bola, e ainda um a dois jogadores na subzona de 2ª bola como referência para uma possível segunda bola ou como primeira linha de pressão a uma possível transição do adversário em caso de perda de bola.

Importa igualmente referir que se posicionam dois a três jogadores, no SIO de forma a garantir o equilíbrio defensivo, em caso de perda de bola, e o seu número varia em função do número de adversários nessa zona, preservando o princípio de superioridade numérica.



Figura 33 - Pontapé de canto ofensivo curto no CD.

Uma das estratégias para a marcação dos pontapés de canto centra-se na execução curta, na tentativa de desmobilizar a organização defensiva adversária e procurar uma diferente solução à habitual marcação. A Figura 33 representa uma dessas formas de execução, em que Filipe Melo simula uma aproximação, a azul, procurando “arrastar” um adversário da marcação à zona, travando posteriormente o movimento e recuando, provocando o consequente recuo do adversário e libertando espaço para o movimento de Pires nas suas costas, a verde, que será o destinatário da bola.



Figura 34 - Organização ofensiva do Mister António Conceição nos pontapés de canto ofensivos.

O Mister António Conceição preconiza uma organização ofensiva idêntica (ver Figura 34), definindo apenas um jogador para a área de baliza para a aproximação a uma possível trajetória mais curta, mas existe a movimentação de um outro, desde uma zona mais central da área de grande penalidade, que possibilita a ocupação da zona nas costas do primeiro.

Também, a definição clara de um jogador responsável pelo ataque ao segundo poste é uma das suas características, para além de dois a três jogadores na zona central da área de grande penalidade como referências de finalização da respetiva zona, mantendo um a dois jogadores na subzona de 2ª bola e dois a três jogadores no SIO que garantem o equilíbrio defensivo da equipa.



Figura 35 - Marcação individual num pontapé de canto defensivo no CD.

Relativamente aos pontapés de canto defensivos, e no seguimento daquilo que é realizado em treino, o Mister Vítor Oliveira opta pela marcação individual e o Mister António Conceição pela marcação à zona.

Na Figura 35 representam-se o padrão de organização defensiva individual, onde se definem claramente pares de marcação, procurando condicionar a ação do adversário. Este tipo de marcação, centrando-se unicamente no jogador adversário, permite um maior controlo da movimentação deste e exige um elevado grau de concentração, velocidade de reação e

agressividade, pois, seja qual for a trajetória da bola, o jogador responsável pela marcação deverá ganhar sempre vantagem sobre o adversário para a ação defensiva se revelar eficaz.

O posicionamento de dois jogadores na subzona do 1º poste, sem qualquer referência de marcação, tem como principal objetivo anular qualquer trajetória da bola mais curta e próxima da baliza, ou até direta, protegendo a área de baliza e proporcionando liberdade ao guarda-redes para ações em zonas mais centrais, bem como criar superioridade numérica em relação à organização ofensiva adversária



Figura 36 - Marcação à zona num pontapé de canto defensivo no CE.

A marcação à zona do Mister António Conceição (ver Figura 36), tal como preconizado em treino, centra-se fundamentalmente na ocupação dos espaços em função da trajetória da bola e na criação de superioridade numérica defensiva nesses mesmo espaços.

Os dois jogadores posicionados na zona do 1º poste desempenham funções semelhantes às exercidas na organização defensiva individual acima descrita, posicionando-se outro jogador na zona do 2º poste para o caso de uma trajetória da bola mais longa. Tal como verificado nas unidades de treino, o posicionamento deste elemento permite libertar um jogador para a primeira linha de marcação, e varia de acordo com diversos fatores, podendo-se abdicar dele para uma posição mais central, por exemplo, numa segunda linha de marcação.

A referida primeira linha, organizada sobre a linha da área de baliza, é formada por três a quatro jogadores, dependendo se existe ou não o posicionamento de um jogador no 2º poste, sendo a principal referência de disputa de bola. Normalmente, são definidos para esta linha os jogadores com

maior estatura e com maior capacidade de disputa no jogo aéreo, pois a zona que ocupam representa provavelmente a zona de maior perigo, por se encontrar muito próxima da baliza e fora da zona de proteção da ação do guarda-redes (área de baliza).

A segunda linha é composta por dois jogadores, com a função de proteção da zona central da área de grande penalidade e primeiras referências de transição no caso de recuperação de bola, havendo igualmente a possibilidade de posicionamento de um a dois jogadores na entrada a área de grande penalidade para anular ou evitar uma possível segunda bola.



Figura 37 - Organização ofensiva de pontapés livres ofensivos no SO (A- zona frontal; B- zona lateral).

Enquanto ação de bola parada mais decisiva na obtenção do golo, superando os pontapés de canto e os pontapés de canto, a organização ofensiva dos pontapés livres centra-se essencialmente na execução objetiva e que permita diversidade de soluções. A ocupação e ataque de zonas de potencial perigo representam os princípios fundamentais deste tipo de ação, bem como movimentações predefinidas que possam surpreender o adversário.

Nos pontapés livres em que a zona da sua marcação permita um remate direto à baliza (ver Figura 37A), o posicionamento de um a dois jogadores junto a barreira pretende, não só condicionar a visão do guarda-redes adversário, mas também colocar esses jogadores em vantagem no caso de uma segunda bola resultante de uma defesa incompleta do próprio guarda-redes. Da mesma forma, um a dois jogadores procuram um espaço numa zona mais afastada da barreira, se possível livre de marcação e sempre em linha com o último defesa adversário para evitar o fora de jogo, procurando igualmente vantagem no caso de uma segunda bola.

Nos pontapés livre em zona frontal e que, pela distância em relação à baliza, a solução de remate direto não se revela eficaz, o posicionamento em

linha, aproveitando o máximo de largura possível com a colocação de dois jogadores em cada extremidade com a função de atacar as subzonas correspondentes à sua posição, permite uma maior amplitude de soluções para a disputa da bola e origina igualmente um posicionamento defensivo do adversário com maiores distâncias entre jogadores (ver Figura 37B). A colocação de dois jogadores numa zona mais central dessa linha alarga as soluções para a execução do pontapé livre e as possíveis opções de finalização da ação.

Nos pontapés livres laterais, o posicionamento de um elevado número de jogadores com objetivo de ataque à bola na zona da área de grande penalidade (ver Figura 38), procurando igualdade ou superioridade numérica relativamente ao adversário, origina uma clara definição de um certo número de jogadores responsáveis pela disputa de bola na subzona do 1º poste e os restantes na subzona do 2º poste, mantendo um a dois jogadores numa segunda linha para uma possível segunda bola.

Também neste tipo de pontapé livre, as ações efetuadas de forma a surpreender o adversário, levando-o a interpretar a situação de forma ineficaz, representam capital importância na criação de situações de perigo para a baliza adversária. As combinações ofensivas através de movimentações de rutura na organização adversária (ver Figura 29), ou ações como o bloqueio da trajetória de movimento de um adversário, libertando um segundo jogador para o ataque ao espaço livre, originam situações de perigo e até de obtenção do golo, tal como aconteceu na sequência da ação registada na Figura 38A, onde Nascimento finaliza na subzona do 2º poste após bloqueio de Filipe Melo.



Figura 38 - Pontapés livres ofensivos no SO (A- zona lateral; B- zona frontal).

Em termos defensivos, os pontapés livres incorporam uma organização muito rigorosa, uma vez que, para além dos pontapés de grande penalidade e

juntamente com os pontapés de canto, são as ações de bola parada de onde resultam mais situações de potencial perigo.

O jogo dominador que a equipa do MFC pretendia impor em cada jornada e os princípios defensivos específicos do seu padrão de jogo, como a pressão agressiva com o objetivo de uma recuperação rápida e eficaz da posse de bola, resultaram naturalmente num número elevado de faltas cometidas e consequentes pontapés livres defensivos, representando a ação mais registada ao longo da competição, logo a seguir aos lançamentos de linha lateral.

Para que a equipa aplicasse esses mesmos princípios e para que garantisse a segurança das suas ações, teria que se sentir confortável em cometer as faltas vistas como necessárias, independentemente da zona do campo, contribuindo para isso, a confiança e preparação da equipa na organização defensiva preconizada para estas ações.

O rigor da organização e da dinâmica defensiva aumenta à medida que a zona de marcação se vai aproximando da baliza e se os indicadores contextuais demonstrarem que o adversário prepara uma ação no sentido de criar uma situação de perigo a partir do pontapé livre.

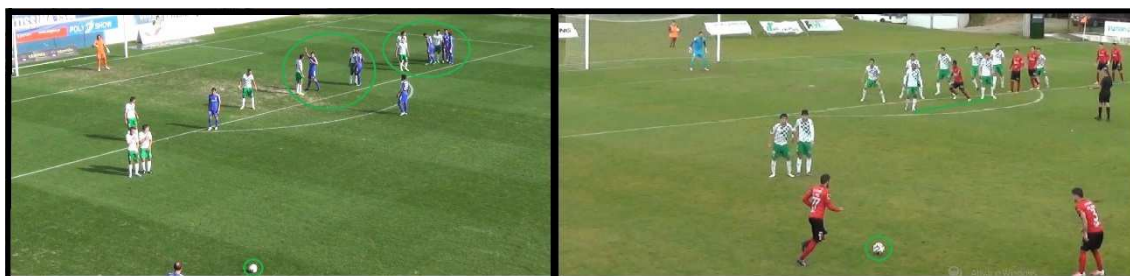


Figura 39 - Organização defensiva de pontapés livres laterais (A- Individual; B- Zona).

Na Figura 39, estão representados dois pontapés livres laterais, executados na ZDD. O pontapé livre da Figura 39A corresponde à organização defensiva preconizada pelo Mister Vítor Oliveira, e o pontapé livre da Figura 39B representa a organização defensiva do Mister António Conceição.

No primeiro verifica-se claramente o conjunto de marcações individuais, em que cada jogador é responsável pela ação de um adversário, tentando eliminar possíveis finalizações destes, e o posicionamento de mais dois jogadores, em linha com os restantes aproveitando uma possível situação de fora de jogo, em duas zonas específicas. Um atrás da barreira, eliminando uma

possível solução que pudesse passar pela utilização do adversário que está mais próximo de si, um passe de forma direta ou uma movimentação nas costas da barreira procurando posição de vantagem para finalizar, por exemplo, e um outro jogador, posicionado numa zona central, com dupla função, de seguir o movimento do adversário que se encontra na entrada da área, procurando anular uma possível ação em que este intervenha, e como primeira referência de disputa de bola, em caso de cruzamento para a zona central da área.

No segundo pontapé livre observa-se a marcação à zona, com os jogadores dispostos fundamentalmente em duas linhas bem definidas, com funções específicas em função da trajetória da bola e em clara superioridade numérica em relação ao adversário. Uma primeira linha, composta por dois jogadores dentro do semicírculo da área de grande penalidade, representa a primeira referência de disputa de bola, e uma segunda linha, composta por cinco a seis jogadores, posicionados em cima da linha limite da área, responsável pela ocupação das zonas de potencial perigo, em função da trajetória da bola. As duas linhas movimentam-se em bloco e procuram ocupar o maior espaço possível, mantendo sempre uma relativa aproximação entre os jogadores, antecipando possíveis segundas bolas.



Figura 40 - Pontapé livre defensivo em zona frontal.

Num pontapé livre defensivo na entrada da área, em posição frontal, onde existe a possibilidade de remate direto à baliza, para além da barreira formada pelo número de jogadores escolhidos pelo guarda-redes e que possibilite a proteção de um dos ângulos da baliza de modo a libertar o outro ângulo para o guarda-redes, posicionam-se três a quatro jogadores de forma a obstruir possíveis linhas de remate e a antecipar possíveis movimentações de segunda bola dos adversários (ver Figura 40). Este posicionamento terá que ter em atenção a linha de visão do guarda-redes, que não poderá estar obstruída.



Figura 41 - Pontapé livre defensivo em zona frontal, com movimentação de proteção da baliza.

O posicionamento de um jogador livre perto da barreira, do lado contrário ao do ângulo protegido pelo guarda-redes, pode revelar-se crucial na organização defensiva de uma ação de bola parada deste tipo. A barreira não garante a total proteção do ângulo da baliza respetivo, não só pelas limitações de movimentação e em termos de distância em relação à bola, como também por existirem jogadores especialistas neste tipo de lance que conseguem contornar a oposição da barreira.

A Figura 41 representa um pontapé livre defensivo em zona frontal no jogo frente ao Grupo Desportivo de Chaves, aos noventa e três minutos, momento em que o MFC vencia por 1-0. O movimento de aproximação à baliza de André Simões revelou-se essencial, já que o pontapé livre foi executado de forma irrepreensível, ultrapassando a barreira, e com Marafona já fora da ação, foi Simões que desviou a bola da baliza, impedindo o golo e garantindo a vitória.



Figura 42 - Pontapé livre indireto defensivo dentro da área de grande penalidade.

A organização defensiva de um pontapé livre indireto dentro da área de grande penalidade exige a utilização de todos os jogadores (ver Figura 42). Por se tratar de uma situação de clara vantagem para o adversário, pela proximidade da baliza, a oposição deverá centrar-se na proteção da baliza, com a formação de uma barreira com elevado número de jogadores, ocupando grande parte da área da baliza, mantendo-se completamente imóvel mesmo após o primeiro toque na bola para evitar a abertura de espaços entre os jogadores. O guarda-redes, posicionado como último homem da barreira, é o primeiro a reagir ao

primeiro toque na bola, procurando encurtar o ângulo de remate ao adversário já que pode utilizar todo o corpo, juntamente com um jogador posicionado ao seu lado com o mesmo objetivo. Posiciona-se igualmente um jogador do lado contrário ao da barreira, em cima da linha da baliza, funcionando como proteção caso a bola passe a pressão do guarda-redes e do segundo jogador que reage ao primeiro toque na bola.



Figura 43 - Posicionamento de um lançamento de linha lateral ofensivo na ZDE.

Os lançamentos de linha lateral, enquanto ações mais frequentes dos jogos da equipa, revelam uma organização variável de acordo com a zona em que são executados, tanto ofensivamente como defensivamente.

Do ponto de vista ofensivo, o grande objetivo desta ação centra-se na manutenção da posse da bola. A criação de diversas linhas de passe para o executante da ação torna-se assim essencial para que o lançamento seja efetuado de forma segura e permita à equipa manter a posse de bola. Na Figura 43, pode observar-se um lançamento na ZDE que provoca uma movimentação de aproximação de vários jogadores no sentido de dar seguimento à ação. Assim, o executante possui diversas opções para o lançamento, podendo efetuarlo de forma recuada para o guarda-redes, o que exige uma rápida reorganização, normalmente, resultando numa construção no corredor contrário ao da execução do lançamento. Tem ainda a aproximação de dois jogadores pelo corredor, um junto à linha e outro numa zona mais interior que funcionam como primeiras referências de passe, recebendo a bola preferencialmente no pé, e apesar de se encontrarem de costas para o sentido de jogo ofensivo representam uma referência fundamental para a execução em segurança deste tipo de lançamento. Os dois jogadores posicionados em linhas mais afastadas funcionam como referências de lançamento longo, procurando receber a bola

em zona mais adiantada ou um desvio para um jogador que se posicione nas suas costas. A trajetória aérea da bola, podendo sofrer um desvio, é mais difícil de prever e, logo, de controlar, o que influencia o sucesso e segurança deste tipo de ação. O facto de a bola ser colocada em zonas mais avançadas, afastando-a desta forma das zonas mais próximas da baliza, representa um fator determinante na escolha deste tipo de execução, em detrimento de uma execução que permita maior segurança na manutenção da posse de bola.



Figura 44 - Lançamento de linha lateral ofensivo longo na ZOD.

Na Figura 44 está representada uma das situações em que o lançamento de linha lateral poderá incorporar um objetivo de obtenção de golo de forma direta. Um lançamento na ZDD, com a ocupação de zonas dentro da área de grande penalidade por parte de quatro a cinco jogadores ofensivos, procurando receber a bola em zonas de potencial perigo ou utilizar um jogador alvo para desviar a bola para que um outro jogador possa causar perigo à baliza adversária, existindo igualmente a possibilidade de manutenção segura da posse de bola através do apoio de um jogador numa posição mais recuada e sem oposição.

A aproximação de um jogador à linha limite da área de grande penalidade procurando proporcionar uma opção de lançamento curto e o posicionamento de um jogador nas suas costas antecipando o lançamento longo, bem como a movimentação de dois a três jogadores numa segunda linha representando as principais referências de apoio aos dois jogadores anteriores, e o posicionamento de um outro jogador na subzona de 2ª bola ou na subzona do 2º poste, como referência para uma possível segunda bola, corresponderam ao padrão organizacional registado ao longo das marcações deste tipo de ação.

A proximidade da baliza, o elevado número de jogadores e o facto de não haver lugar ao fora de jogo, possibilita uma certa liberdade de movimentações, permitindo conquistar por vezes uma relativa vantagem que poderá relevar-se crucial na criação de situações de perigo e até na obtenção do golo, apesar de, normalmente, a organização defensiva do adversário se encontrar devidamente preparada e posicionada, antecipando este tipo de ação.

Este tipo de lançamento longo foi bastante frequente, particularmente nos lançamentos conquistados na ZOD e executados por Paulinho e André Simões, causando diversas situações de perigo para a baliza adversária, tendo sido obtido um golo através deste tipo de execução.

Nos restantes lançamentos de linha lateral ofensivos, executados no SID e SIO, a manutenção da posse de bola de forma segura, através de um lançamento curto, representa o princípio a respeitar, sendo que a forma de execução preconizada no SD poderá também ser utilizada. Há igualmente a possibilidade de uma marcação rápida se o contexto assim o permitir, no sentido de surpreender o adversário.

Do ponto de vista defensivo, a organização centra-se no máximo condicionamento possível da ação do adversário, direcionando-o para um lançamento longo, obstruindo as possíveis opções de execução curta, para a partir daí recuperar rapidamente a posse de bola. O posicionamento em campo pequeno, aproximando as linhas em largura e profundidade, encurta os espaços de ação do adversário e possibilita uma superioridade numérica que se pode tornar decisiva na conquista da posse da bola.

O rigor da organização e a agressividade na pressão varia de acordo com a zona em que o lançamento é executando, diminuindo nos lançamentos defensivos no SO, e aumentando à medida que a zona do lançamento se vai aproximando da baliza.



Figura 45 - Posicionamento defensivo de um lançamento de linha lateral na ZDE.

Na Figura 45 regista-se um momento de organização defensiva de um lançamento de linha lateral na ZDE, em os jogadores anteciparam a execução longa da ação e se organizaram de acordo com a mesma.

Observa-se uma primeira preocupação de manter a última linha defensiva em linha com a zona de marcação do lançamento, apesar de não haver lugar a fora de jogo resultante da ação, a partir do momento que um adversário toque na bola o fora de jogo volta a ser uma realidade, e este tipo de posicionamento permite um maior controlo da movimentação dos adversários, particularmente aqueles que se encontram numa segunda linha de ataque à bola. Verifica-se igualmente um acompanhamento individual de cada um dos adversários que possam ser os destinatários do lançamento e uma preocupação em manter a superioridade numérica, de forma a equilibrar e a antecipar possíveis coberturas. Após o lançamento, os jogadores movimentam-se de acordo com a trajetória da bola e com as ações dos adversários, com o princípio de segurança das suas ações sempre presente, uma vez que um erro poderá resultar em golo sofrido ou numa falta cometida dentro da área, dando origem a um pontapé de grande penalidade.

Importa referir que se registou um golo sofrido na sequência deste tipo de execução.



Figura 46 - Posicionamento ofensivo de um pontapé de grande penalidade ofensivo.

O padrão de posicionamento ofensivo na marcação de um pontapé de grande penalidade caracteriza-se fundamentalmente pela disposição de dois jogadores, sobre a linha limite da área de grande penalidade, um de cada lado do semicírculo da área, com a intenção de atacar em zona lateral uma possível segunda bola, e um outro jogador nas imediações desse mesmo semicírculo, com a função de atacar uma possível segunda bola em zona frontal, aproveitando o espaço do seu posicionamento para ganhar vantagem sobre os adversários.

Através da Figura 46 observa-se facilmente o posicionamento referido acima, com Diogo Cunha a funcionar como o elemento do lado esquerdo do semicírculo, Tiago Borges como elemento do lado direito e Rui Miguel como responsável pela movimentação frontal.



Figura 47 - Posicionamento defensivo de um pontapé de grande penalidade.

Relativamente ao posicionamento defensivo, este centra-se essencialmente numa organização que permita aos jogadores ganhar vantagem sobre os adversários na proteção da baliza e do guarda-redes no caso de uma segunda bola (ver Figura 47).

O posicionamento de três a quatro jogadores de cada lado do semicírculo possibilita, não só uma maior proximidade em relação à baliza e consequente vantagem no caso de segunda bola, como impede o posicionamento de jogadores adversários nessa mesma zona, obrigando-os a deslocar para locais de onde possam partir em potencial desvantagem em caso de segunda bola. O posicionamento de um jogador no limite central do semicírculo prende-se com a possibilidade de o adversário colocar um jogador nessa zona com o mesmo objetivo que o MFC preconiza nos seus pontapés de grande penalidade.

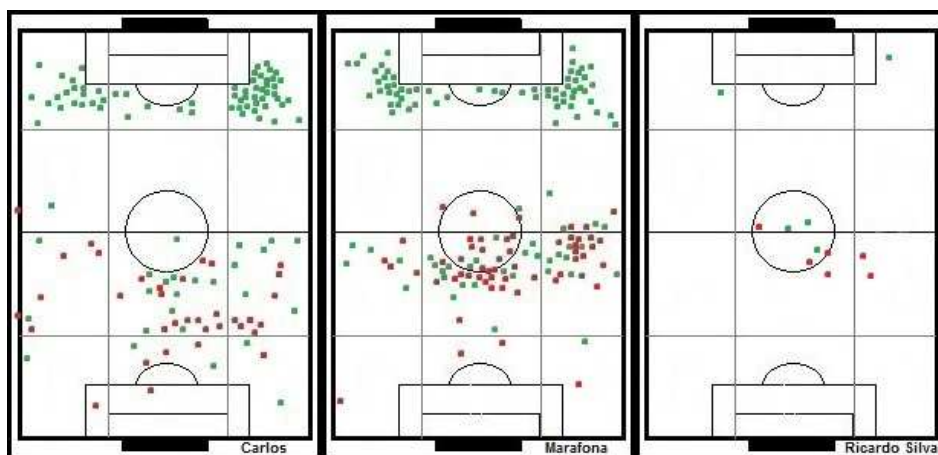


Figura 48 - Padrão de execução dos pontapés de baliza ofensivos.

No que respeita aos pontapés de baliza, do ponto de vista ofensivo, a marcação curta representa a opção mais privilegiada, no sentido em que possibilita uma maior segurança e garante a manutenção da posse da bola resultante desta ação de bola parada. A Figura 48 corresponde à descrição das execuções dos pontapés de baliza ofensivos por parte dos guarda-redes do MFC, representando-se a verde as ações que resultaram na manutenção da posse da bola e a vermelho as ações que resultaram na perda da posse de bola. Como a figura demonstra, todos os pontapés de baliza marcados de maneira curta resultaram na manutenção da bola, no sentido em que, a sua execução, carecendo de uma correta identificação e interpretação da organização do adversário, se centra no importante princípio de segurança da ação. Este tipo de marcação acontece quando o executante entende que a marcação curta não traz qualquer risco de perda de bola e que a equipa se encontra devidamente organizada para dar um seguimento seguro e com critério à posse de bola.



Figura 49 - Pontapé de baliza ofensivo.

Neste caso específico, a criação de linhas passe viáveis torna-se determinantes para o sucesso da ação. A equipa do MFC centra essas referências em três zonas e respetivas posições: os defesas centrais, procurando uma linha de passe fundamentalmente nos corredores laterais do SD, o médio defensivo, em ZDC ou em troca posicional com um defesa central, e os defesas laterais, nos respetivos corredores laterais, procurando um posicionamento mais próximo da linha lateral (mais largura). Todas estas referências de passe baseiam-se numa dinâmica de movimento bastante rigorosa, tendo sempre em atenção o posicionamento equilibrado de todos os jogadores nas zonas mais próximas da zona de destino da bola, permitindo a criação de linhas de passe subsequentes à marcação da ação. Por se tratar de uma zona sensível, pela sua proximidade à baliza, o equilíbrio do posicionamento torna-se também fundamental para uma ação imediata em caso de perda de bola.

Na Figura 49, verifica-se o posicionamento do defesa central, Ricardo Nascimento, na ZDE, com uma distância segura do primeiro adversário, situação que permite a execução curta do pontapé de baliza. Após receber a bola, tem duas linhas de passe claramente definidas para a progressão da bola, a linha criada pelo defesa lateral, Florent, na ZIDE, e do médio defensivo, Filipe Melo, na ZIDC. Tem ainda a possibilidade de utilizar a referência frontal do extremo ou médio interior numa zona mais avançada, e de executar um lançamento longo na direção do ponta-de-lança. A redução do espaço entre as linhas em largura, pela aproximação do outro defesa central e defesa lateral, bem como de um dos médios interiores, possibilita uma organização em equilíbrio que permite reagir rapidamente em caso de perda de bola e no encurtamento imediato de espaços para a progressão do adversário.

Quando as condições contextuais não garantem a segurança de uma marcação curta, seja pela organização do adversário ou pelos condicionalismos próprios do jogo, como o estado do terreno, o executante opta por uma marcação longa. Após indicação dessa decisão, a equipa organiza-se rapidamente na zona central do campo, maioritariamente entre o SID e SIO, entre o CC e o corredor do lado da marcação do pontapé de baliza, e com as linhas muito próximas em

profundidade, proporcionando um maior número de jogadores na potencial zona de disputa da bola, uma maior capacidade de disputa das segundas bolas, e a possibilidade de se agir mais facilmente na procura da manutenção da posse da bola ou da recuperação imediata da mesma.



Figura 50 - Posicionamento num pontapé de baliza defensivo do lado direito.

Como mostra a Figura 50, a organização defensiva nos pontapés de baliza do adversário centra-se fundamentalmente em duas fases. Uma primeira fase de condicionamento da marcação curta, com a procura de igualdade de marcações no meio campo ofensivo, sendo o ponta-de-lança e extremo do lado contrário ao da marcação da ação responsáveis pela aproximação à primeira linha do adversário, geralmente composta pelos defesas centrais, e um dos médios interiores juntamente com o extremo do lado da marcação responsáveis pela aproximação à segunda linha do adversário, formada normalmente, pelo defesa lateral do lado da marcação e o médio defensivo. O extremo do lado contrário ao da marcação da ação, para além da aproximação à primeira linha adversária, funciona igualmente como elemento condicionador da segunda linha do adversário, posicionando-se de forma a obstruir a linha de passe para o defesa lateral adversário do lado contrário à marcação da ação. Por fim, o outro dos médios interiores e o médio defensivo têm como função condicionar as ações de uma possível terceira linha adversária, composta pelos seus médios interiores, antecipando a possibilidade da aproximação de um destes procurando acrescentar mais uma linha de passe de solução ao executante do pontapé de baliza, havendo, nesse caso, a movimentação de um dos médios do MFC, não permitindo a criação dessa linha de passe adicional. Também no caso de haver a aproximação dos extremos adversários para uma zona mais recuada procurando proporcionar mais opções de passe, são os defesas laterais do MFC os responsáveis pelo acompanhamento do seu movimento.

Esta fase dura geralmente poucos segundos, uma vez que, o executante do pontapé de baliza identificando esta organização defensiva, toma imediatamente uma decisão relativamente à marcação da ação, ou executa de forma rápida aproveitando alguma desorganização que possa existir, ou opta por uma marcação longa, indicando à sua equipa essa mesma opção.

Surge, assim, a segunda fase da organização defensiva desta ação. Quando existe a referência de uma marcação longa, ocorre a aproximação das linhas em profundidade e largura, numa disposição espacial de quatro linhas, fundamentalmente colocada no corredor central e no corredor do lado da marcação da ação. A primeira das quatro linhas é composta pelo avançado, que procura explorar um eventual erro na execução e funciona como uma referência de segunda bola. A segunda linha, formada pelos dois extremos e um médio interior e posicionada sobre a linha de meio campo, representa a primeira zona de ataque à bola, funcionando tal como o avançado como uma potencial referência de segunda bola. A terceira linha corresponde à linha de maior influência, normalmente composta pelo médio defensivo e pelo médio interior mais forte no jogo aéreo, responsáveis pela proteção à última linha da equipa e em posição mais privilegiada para o ataque à bola, resultando da zona que ocupam (ZIDC). Nesta linha, o médio defensivo Filipe Melo apresenta uma taxa muito elevada de recuperações de bola a partir de pontapés de baliza defensivos. A quarta linha, composta pelos quatro defesas e posicionada muito próxima da terceira linha, representa a última zona de recuperação de bola e a zona de capital importância, pois um erro ou uma falha pode originar uma situação de potencial perigo. Dispostos em linha e o mais avançados possível procuram encurtar a zona de ação do adversário no SID e alargar a zona de possível fora de jogo.

Numa marcação curta, a pressão imediata ao portador da bola procura condicionar e direcionar a sua ação para um erro que possibilite a recuperação da bola ou que origine uma ação menos segura por parte do adversário, como um passe atrasado ou um passe longo que permita ao MFC disputar a bola aérea, onde pela forte estatura dos seus jogadores e pelas suas características, terá alguma vantagem nessa disputa.

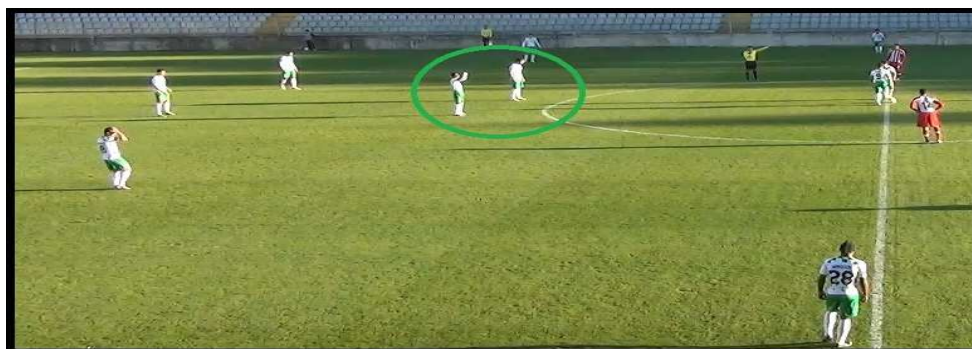


Figura 51 - Posicionamento num pontapé de saída ofensivo.

Nos pontapés de saída ofensivos (ver Figura 51), a disposição dos jogadores centra-se num posicionamento a toda a largura e com a linha defensiva posicionada maioritariamente na ZIDC, o que permite uma aproximação à disposição espacial da equipa segundo os princípios de organização ofensiva, em posse de bola, iniciando-se a construção ofensiva, após o pontapé de saída, com a movimentação dos dois jogadores responsáveis pela sua execução para a ZIOC, procurando dar profundidade à equipa, funcionando como referências avançadas de passe.

Os dois jogadores posicionados na entrada do círculo central funcionam como as principais referências de construção a partir desta ação de bola parada, pois, como demonstra a Figura 52, existe uma clara predominância da trajetória da bola para a sua zona de ação após o primeiro toque na bola no pontapé de saída ofensivo.



Figura 52 - Padrão do pontapé de saída ofensivo.

Ao contrário do que acontece no pontapé de saída ofensivo, do ponto de vista defensivo, a disposição espacial dos jogadores em campo pequeno possibilita a aproximação das linhas em largura, mantendo-se a linha defensiva na ZIDC, no sentido da manutenção da proximidade das linhas em profundidade, princípios fundamentais da organização defensiva da equipa (ver Figura 10). A rápida reação à execução do pontapé de saída, em função da trajetória da bola, é também uma das características desta ação, com a pressão imediata da linha avançada, composta pelos extremos e ponta-de-lança, e de uma segunda linha formada, normalmente, pelos dois médios de transição, com a cobertura do médio defensivo (ver Figura 53). A linha defensiva movimenta-se de acordo, não só com a trajetória da bola, mas também com a movimentação das linhas intermédia e avançada, procurando sempre a proximidade das linhas em profundidade, mantendo-se sempre preparada para uma eventual bola longa do adversário na procura do espaço nas costas da linha defensiva.



Figura 53 - Posicionamento num pontapé de saída defensivo.

Relativamente aos lançamentos de bola ao solo, o posicionamento varia de acordo com a zona onde este é executado. Como mostra a Figura 54B, a grande parte dos lançamentos verificados, registaram-se na zona central do campo.

Por esta ação resultar de uma interrupção forçada de jogo por uma causa não prevista nas leis de jogo, normalmente, os jogadores responsáveis pela disputa da bola chegam a um “acordo” e um deles devolve a bola ao adversário. Desta forma, a disposição espacial dos jogadores toma como referência a organização padrão centrada nas zonas de ação respetivas de cada posição, em

função da zona onde é executado o lançamento e de acordo com a trajetória prevista da bola, em caso de devolução.

Pela Figura 54B, observa-se que, todos os lançamentos de bola ao solo registados, foram executados de forma “cordial”, com a devolução da bola sem a criação de situações de perigo daí resultantes. A cor verde regista as devoluções da equipa do MFC ao adversário e a cor vermelha as devoluções do adversário.



Figura 54 - Padrão de execução dos lançamentos de bola ao solo (A- exemplo; B- padrão).

A organização das ações de bola parada, em contexto competitivo, torna-se então fundamental uma vez que, como já foi referido anteriormente, estas ações representam situações favoráveis para conquistar vantagem sobre o adversário na procura da obtenção do golo.

Cada equipa tem o seu padrão de organização, a sua forma primordial de disposição espacial e as suas dinâmicas únicas, preconizadas pelo treinador, em função das características da própria equipa e dos adversários a defrontar, mas apesar disso, todos se regem pelo mesmo objetivo, potenciar ao máximo as ações de bola parada no sentido de as tornar benéficas para a sua equipa, seja ofensivamente ou defensivamente, para que possam contribuir para a conquista da vitória.

3.3.2.2. ... Determinantes na conquista e na perda de pontos essenciais na luta pela subida à Primeira Liga e pelo título de Campeão Nacional!

Numa competição contínua e prolongada, a conquista ou perda de pontos torna-se um fator essencial no rendimento das equipas, influenciando o próprio desenrolar da época, resultando muitas vezes na alteração dos objetivos

estabelecidos previamente por parte dos clubes, interferindo de maneira decisiva nos diversos departamentos, desde o treinador aos jogadores, da direção aos sócios.

Sendo o decurso da época desportiva algo de difícil previsão, derivado essencialmente da forte complexidade e imprevisibilidade que o próprio contexto traduz, a análise qualitativa do desempenho da equipa representa algo de difícil caracterização, centrando-se fundamentalmente na pontuação que esta vai conseguindo ao longo das jornadas competitivas, seja ela positiva ou negativa.

Para alcançar o título de Campeão Nacional da Segunda Liga e, conseqüente, subida à Primeira Liga, o MFC conquistou 79 pontos em 126 possíveis, ao longo das quarenta e duas jornadas do campeonato nacional. Desse total, 63 pontos advieram das 21 vitórias alcançadas e os restantes 16 do mesmo número de empates.

O MFC conquistou mais 2 pontos que o segundo classificado, o Futebol Clube do Porto “B”, mais 6 pontos que o Futebol Clube de Penafiel, equipa que acompanhou o MFC na subida de divisão, mais 8 pontos que Clube Desportivo das Aves, equipa que disputou o *play-off* de subida à Primeira Liga, e, ainda, mais 39 pontos que o Atlético Clube de Portugal, último classificado.

As ações de bola parada representaram um meio preponderante para a respetiva conquista dos pontos que permitiram ao MFC alcançar os seus objetivos e finalizar a época na liderança da competição.

Na 1ª jornada com o Académico de Viseu Futebol Clube (2-0), os dois golos que deram a vitória ao MFC foram obtidos diretamente através das ações de bola parada, num livre lateral executado por Márcio e finalização de Luís Aurélio na subzona do 1º poste, e num pontapé de canto no corredor direito marcado por Márcio e finalizado por Pires na subzona do 2º poste.

No jogo frente ao Sporting Clube da Covilhã da 2ª jornada (1-2), o MFC conquistou mais três pontos fruto de dois golos na sequência das ações de bola parada. Um autogolo resultante de um pontapé livre lateral executado por Márcio e um golo de Tiago Borges na sequência de uma recuperação de bola após um pontapé de baliza defensivo (ver Figura 22).

Na vitória por 7-0 frente ao Grupo Desportivo de Chaves na 3ª jornada, quatro dos sete golos marcados resultaram das ações de bola parada. Paulinho inaugurou o marcador após uma recuperação de bola após um livre lateral defensivo na ZIDD. O segundo golo, de Márcio, resulta mais uma vez de uma recuperação de bola, após um pontapé de canto defensivo no corredor esquerdo. De um pontapé de canto ofensivo no corredor esquerdo, surge o terceiro, por Sandro, após remate de André Carvalhas na subzona de 2ª bola (ver Figura 55). O último, marcado por Tiago Borges, surge de um remate direto na sequência de um pontapé livre ofensivo na ZIOC.



Figura 55 - Golo marcado na sequência de um pontapé de canto ofensivo.

Também na 7ª jornada com o Sporting Clube Farense (2-1), o MFC alcançou um golo, por Carvalhas, através da sequência indireta de um lançamento de linha lateral ofensivo na ZOE.

Na jornada 8 com o Sport Lisboa e Benfica “B” (1-2), o MFC garantiu a vitória com dois golos através das ações de bola parada, após um pontapé de canto ofensivo no corredor esquerdo executado por Edgar e finalização de Ricardo Nascimento na subzona do 2º poste, e após um remate direto de Edgar resultante de um pontapé livre ofensivo da ZOE.

No jogo da 9ª jornada com o Atlético Clube de Portugal (2-1), o primeiro golo surgiu de um pontapé de grande penalidade marcado por Pires, e o segundo através de um lançamento de linha lateral ofensivo (ver Figura 20) aos 86 minutos.

Frente ao Sport Clube Beira-Mar na 11ª jornada (1-0), o golo da vitória do MFC foi obtido através um pontapé de canto ofensivo executado por Tiago Borges, com a bola a sofrer um desvio na subzona do 1º poste por Filipe Melo e surgindo Ricardo Nascimento na subzona do 2º poste a finalizar.

Os três primeiros golos na vitória por 4-0 frente ao Clube Desportivo Feirense, na 12ª jornada, resultaram da sequência indireta das ações de bola

parada. Após um pontapé livre ofensivo na ZOC (ver Figura 21), após recuperação de bola resultante um pontapé de canto defensivo no corredor direito e na sequência de um pontapé livre no corredor esquerdo.

Na 13ª jornada, o MFC repetiu a vitória por 4-0, desta vez frente ao Clube Desportivo Trofense, e 3 dos seus golos voltam a resultar das ações de bola parada. O primeiro surge de um remate de Rui Miguel após pequeno toque de Diogo Cunha através pontapé livre indireto na ZOC. O segundo resulta de forma indireta de um lançamento de linha lateral ofensivo na ZOD, e o terceiro na conversão de um pontapé de grande penalidade por Pires.

No confronto com o Portimonense Sporting Clube da 14ª jornada (1-1), o golo do empate do MFC surgiu três minutos depois dos 90 regulamentares, num remate direto de Carvalhas através de um pontapé livre ofensivo na ZOE (ver Figura 56). O golo do adversário surgiu de pontapé de grande penalidade, aos 48 minutos.



Figura 56 - Golo marcado na sequência direta de um pontapé livre ofensivo.

Da mesma forma, um golo de André Simões na subzona do 1º poste, após um pontapé de canto ofensivo no corredor direito marcado por Diogo Cunha, deu o empate ao MFC no jogo da 16ª jornada frente ao Leixões Sport Clube, depois de estar em desvantagem após um golo na sequência indireta de um pontapé livre defensivo na ZOD (ver Figura 24).

Na 21ª e última jornada da primeira volta do campeonato com o Clube Desportivo de Tondela, o único golo do jogo surgiu através de um pontapé livre ofensivo de Tiago Borges na ZIOC e finalização de Pires na subzona do 2º poste.

Na jornada seguinte, frente ao Académico de Viseu Futebol Clube (0-2), as ações de bola parada representaram, não só um papel importante na obtenção do golo mas, também, foram fundamentais na manutenção da vantagem no resultado que permitiu a conquista dos três pontos por parte do

MFC. O segundo golo nasce de uma construção ofensiva rápida na sequência indireta de um lançamento de linha lateral na ZDD com finalização de Pires na ZOD. A dezasseis minutos do final do jogo, o adversário beneficiou de um pontapé de grande penalidade, por falta cometida na ZDD por Anilton, que Marafona defendeu, segurando a vantagem e a tranquilidade do resultado.

De igual modo, na vitória por 1-0 na 24ª jornada frente ao Grupo Desportivo de Chaves, Marafona voltou a defender uma grande penalidade, por mão na bola de Stéphanie na ZDD (ver Figura 57), apenas três minutos depois do golo de Pires, finalizando na subzona do 1º poste um pontapé de canto ofensivo no corredor esquerdo executado por Ricardo Nascimento.



Figura 57 - Pontapé de grande penalidade defendido.

Na jornada 25, com o Futebol Clube União da Madeira (3-0), os dois primeiros golos foram obtidos através das ações de bola parada. O primeiro por Pires na marcação de um pontapé de grande penalidade, e o segundo por Wagner finalizando uma construção ofensiva resultante de um lançamento de linha lateral ofensivo na ZOE.

No jogo da 29ª jornada frente ao Sport Lisboa e Benfica “B” (1-1), depois de estar em desvantagem no resultado, o golo do empate do MFC surge através de um lançamento de linha lateral de Paulinho na ZOD e finalização de Arsénio na subzona do 2º poste depois de um desvio de Idris na subzona do 1º poste (ver Figura 19).

Também a vitória por 1-0 frente ao Atlético Clube de Portugal, na 30ª jornada, teve uma forte influência das ações de bola parada. O golo que garantiu os três pontos nasce de um pontapé livre ofensivo na ZIDC, executado de forma rápida e longa por Idris e finalizado por Mendy na subzona do 1º poste (ver Figura 58). Antes desse momento, Marafona já tinha defendido um pontapé de grande penalidade, cometido por Stéphanie na ZDD.



Figura 58 - Golo marcado na sequência direta de um pontapé livre ofensivo.

Na 32ª jornada, na vitória por 3-1 frente ao Sport Clube Beira-Mar, o golo sofrido surgiu da marcação de um pontapé de grande penalidade quando o MFC já se encontrava em vantagem por dois golos, não representando qualquer influência na distribuição dos pontos.

Na vitória por 7-1 na 34ª jornada, com o Clube Desportivo Trofense, depois de sofrer um golo no primeiro minuto de jogo, o MFC construiu a reviravolta em três golos obtidos na sequência direta das ações de bola parada, ainda na primeira parte. O primeiro por Ricardo Nascimento, na subzona do 2º poste a finalizar após um pontapé livre de Arsénio na ZOE, tendo o segundo resultado de um pontapé de canto ofensivo no corredor direito, executado por Arsénio, finalizado por Filipe Melo na subzona do 2º poste após um desvio de Pires na subzona do 1º poste. Já depois de falhar um pontapé de grande penalidade por falta cometida sobre Arsénio, o MFC teve novo pontapé de grande penalidade, resultante de uma falta sobre Luís Aurélio, que Pires concretizou.

No jogo com o Portimonense Sporting Clube da 35ª jornada (3-0), o último golo do MFC surge após uma transição rápida pelo corredor central resultante de uma recuperação de bola de André Simões na subzona de 1º poste, resultante de um pontapé livre defensivo na ZDE.

Também, os três pontos conquistados no jogo da 37ª jornada com o Leixões Sport Clube tiveram a influências das ações de bola parada. O primeiro golo do jogo, que desbloqueou o resultado, surgiu na sequência de uma recuperação de bola de Filipe Melo na ZIDE, após um pontapé de baliza defensivo.

Na 39ª jornada, jogo da consagração da subida, frente ao Sporting Clube de Braga “B” (1-0), o MFC beneficiou da marcação de um pontapé de grande penalidade, dois minutos depois dos noventa regulamentares e já na frente do resultado, que Arsénio não conseguiu concretizar.

Na jornada seguinte, com o Clube Desportivo Santa Clara (0-1), o golo da vitória marcado por Pires surgiu da marcação de um pontapé de grande penalidade, por falta sobre Wagner na ZOC (ver Figura 59).



Figura 59 - Golo marcado na sequência de um pontapé de grande penalidade.

Na 42ª e última jornada do campeonato, frente ao Clube Desportivo de Tondela (1-0), jogo que garantiu o título nacional ao MFC, o golo que deu a vitória foi obtido na sequência indireta de um pontapé de baliza ofensivo curto, com um lançamento longo em profundidade, finalizado por Pires.

Da mesma forma, as ações de bola parada contribuíram igualmente para a perda de pontos por parte do MFC ao longo da competição, e apesar de neste momento esses pontos perdidos terem pouco significado para a classificação final no sentido em que foram atingidos os objetivos máximos pela equipa, influenciaram de certa forma todo o seu processo competitivo, não só pela cedência dos pontos às equipas adversárias mas, também, pela dificuldade acrescentada a uma já competitiva competição, longa e muito equilibrada, e que, em função do momento que ocorreram, poderiam ter tido elevadas consequências no decurso da época do MFC.

Na 4ª jornada frente ao Futebol Clube União da Madeira (1-1), apesar do golo do MFC ter resultado de uma ação de bola parada (penálti de Pires), o golo do adversário surgiu, já depois dos 90 minutos, na sequência direta de um lançamento de linha lateral defensivo na ZDD.

Também na 5ª jornada com a União Desportiva Oliveirense (0-1), o golo da vitória do adversário foi alcançado através de uma segunda bola resultante de um pontapé de grande penalidade (ver Figura 60).



Figura 60 - Golo sofrido na sequência de um pontapé de grande penalidade.

No jogo frente ao Sporting Clube de Portugal “B” (3-2), da 10ª jornada, dos cinco golos registados, 3 foram obtidos através das ações de bola parada, dois a favor do MFC (ver Figura 23) e um a favor do adversário, resultante de uma perda de bola após um lançamento de linha lateral ofensivo na ZOE.

Na perda de pontos com Futebol Clube de Penafiel da 15ª jornada (1-1), o MFC esteve a vencer até aos 82 minutos com um golo marcado por Pires através da marcação de uma grande penalidade.

Uma perda da posse de bola após um pontapé livre ofensivo na ZOC deu origem ao primeiro golo do Clube Desportivo das Aves na 17ª jornada, que terminou com a derrota do MFC por 2-0.

No empate frente ao Clube Desportivo Santa Clara na 19ª jornada (1-1), apesar do golo do MFC surgir após uma construção ofensiva com origem num pontapé de baliza ofensiva, um golo tardio do adversário, resultante de um pontapé livre defensivo na ZDD e finalização na subzona do 1º poste, custou dois pontos à equipa do MFC.

No jogo da 26ª jornada com a União Desportiva Oliveirense (2-2), o golo do empate do adversário resulta de um autogolo de Filipe Melo, em cima dos noventa minutos, na sequência de um lançamento de linha lateral defensivo na ZIDE.

A 27ª jornada com o Futebol Clube do Porto “B” (1-2) terá sido o jogo em que as ações de bola parada mais influenciaram a distribuição dos pontos entre as duas equipas. O golo do MFC, marcado por Wagner, surge de uma transição rápida após um lançamento de linha lateral defensivo na ZDE. Na sequência de remate direto de um pontapé livre na ZDC nasceu o golo do empate do adversário (ver Figura 61), que marcou o golo da vitória a dois minutos dos 90 regulamentares na sequência de uma finalização na subzona do 2º poste após um pontapé de canto defensivo no corredor esquerdo. Cinco minutos antes,

Pires rematou à trave na sequência de um pontapé de grande penalidade, perdendo a oportunidade de colocar o MFC na frente do resultado.



Figura 61 - Golo sofrido na sequência de um pontapé livre defensivo.

No jogo frente ao Futebol Clube de Penafiel na 36ª jornada (1-1), apesar de ter conseguido a vantagem no marcador na sequência de um golo de Filipe Melo na subzona do 2º poste após um pontapé de canto ofensivo no corredor direito, o MFC não segurou essa mesma vantagem, sofrendo o golo do empate na sequência indireta de um lançamento de linha lateral defensivo na ZOD.

Na 41ª jornada, jogo que poderia ter garantido desde logo o primeiro lugar ao MFC, frente ao Club Sport Marítimo “B” (1-1), o golo do adversário surgiu através de uma finalização na subzona do 1º poste após um pontapé de canto defensivo no corredor esquerdo (ver Figura 62).



Figura 62 - Golo sofrido na sequência de um pontapé de canto defensivo.

Desta forma, as ações de bola parada representaram uma condição preponderante para a conquista ou perda dos pontos que, no final da competição, consagraram a equipa do MFC, manifestando extrema importância na distribuição de pontos em 32 das 42 jornadas oficiais, onde foram registados 84 golos e dos quais 57 resultaram das ações de bola parada, representando 67,9% do número total de golos verificados nessas mesmas 32 jornadas.

Com base nesta análise, verificou-se que, excetuando as 22ª e 35ª jornadas em que o MFC já se encontrava a vencer no momento em que alcançou os golos através das ações de bola parada, do total de 79 pontos conquistados

na competição, 54 resultaram de influência direta das ações de bola parada, correspondendo a 68,4% do número total de pontos conquistados.

Ainda assim, apesar de o número de pontos conquistados se ter revelado suficiente para a conquista do título de Campeão Nacional e consequente subida à Primeira Liga, verificou-se igualmente uma certa relevância das ações de bola parada na perda de pontos durante as jornadas do campeonato.

Com base na análise desenvolvida e nos 47 pontos perdidos pelo MFC ao longo da competição, não considerando a 15ª jornada em que o MFC, apesar do golo marcado ter surgido de um pontapé de grande penalidade, cedeu o empate perto do final do jogo num golo sem relação direta com as ações de bola parada, perderam-se 22 pontos pela influência das ações de bola parada, correspondendo a 46,8% do número total de pontos perdidos.

3.4. Questões Essenciais

Com a componente prática do Estágio, surgiram naturalmente questões a queurgia responder, de forma a potenciar o trabalho realizado e a garantir a qualidade e viabilidade do mesmo.

Como principais questões destacam-se:

- **Que dados se consideram nas observações e posteriores análises?**

Ao longo do processo e observação dos jogos oficiais e das unidades de treino da equipa do MFC, foram recolhidos dados que implicaram uma seleção prévia e cuidada dos referenciais a considerar e a registar.

No que respeita às unidades de treino, foram considerados e registados todos os exercícios específicos de ações de bola parada observados. Procurou-se evidenciar essencialmente os padrões de movimentações ofensivas e de posicionamento defensivo, assim como interpretar e compreender as ações através das intervenções do Mister, e identificar possíveis “fugas à norma” que se revelassem eficazes.

Nas observações dos jogos, o conjunto de informações naturalmente foi mais alargado, centrando-se na contabilização das ações, definição das ações de bola parada a analisar pormenorizadamente, registo do padrão de execução do pontapé de saída e pontapé de baliza, descrição e registo das ações de bola parada resultantes em golo, agrupando um conjunto de informações relevantes como: zona de marcação, zona de queda da bola, posicionamento defensivo, movimentação ofensiva e subzona de finalização.

Na posterior análise aos dados obtidos, para além de um controlo quantitativo, procurou-se uma reflexão qualitativa tendo em conta a preponderância das ações na obtenção ou consentimento do golo, se tiveram influência na distribuição pontual, e de que forma e em que tipo de ação a equipa centrou o seu maior perigo, tanto ofensivo como defensivo.

- **O que fazer com as informações recolhidas?**

Após a primeira observação e depois da primeira recolha de dados, tornou-se necessário organizá-los para uma mais fácil análise, através do registo das informações nas fichas registo, compilando as informações mais relevantes, para servirem de base à nova observação a realizar para comprovar a fiabilidade do registo efetuado na primeira, bem como para procurar possíveis referências que tenham “escapado”.

Após essa observação, e verificando-se que não há necessidade de uma terceira, os dados resultantes das duas observações são sintetizados e novamente reorganizados para serem apresentados e alvo de discussão.

- **Quando disponibilizar a informação?**

Na nossa opinião, logo que seja possível, isto é, logo que esteja garantida a fiabilidade dos dados obtidos. Existiu uma clara preocupação em disponibilizar nos primeiros treinos do microciclo, de forma a possibilitar a interpretação e adequação da informação, bem como a planificação da preparação da equipa em função da mesma.

Quando, por motivos de gestão de tempo ou por sobrecarga competitiva, não fosse possível disponibilizar nos primeiros treinos, a informação poderia ser apresentada no penúltimo treino do microciclo, ou por vezes apenas no último treino do microciclo.

- **Uma observação por jogo é suficiente?**

Não, pela quantidade de dados a considerar, pelas características próprias das ações analisadas e, por se tratar de um trabalho individual de observação, análise e reflexões, torna-se preponderante garantir a fiabilidade daquilo que vemos.

Todos os jogos foram observados por duas vezes, e alguns deles por três vezes, destacando-se neste últimos os jogos de maior equilíbrio (Futebol Clube de Penafiel, Desportivo das Aves, Portimonense Sporting Clube, Futebol Clube do Porto “B”, Sporting Clube de Portugal “B” e Sport Lisboa e Benfica “B”).

Foi igualmente garantido que, os jogos observados de forma direta, foram observados de forma indireta.

- **Que tipo de observações permitem maior eficácia de observação?**

Na nossa opinião, as observações indiretas através de vídeo, no sentido em que se preocupam unicamente com o jogo, e nos possibilita o acesso a cada um dos minutos do jogo, podendo revê-los quantas vezes forem necessárias.

As observações diretas, apesar de permitirem uma melhor visão sobre o jogo, em campo “aberto”, a velocidade com que as ações ocorrem inviabilizam a recolha e registo dos dados pretendidos. Ainda assim, desempenharam um papel determinante na interpretação e reflexão do padrão de jogo da equipa.

As observações indiretas por transmissão televisiva, com o recente desenvolvimento tecnológico aproximam-se das observações através de vídeo, permitindo parar, gravar, ver, rever mas, no entanto, a transmissão perde frequentemente o contacto com o jogo, para além de se centrar num

acompanhamento apenas da bola, condicionando a visão do jogo, e assim, não garantindo o mesmo rigor que as observações através de vídeo.

- **A observação das ações em competição basta para uma análise minuciosa e reflexão viável?**

Não, na nossa opinião. É necessário observar e compreender as suas bases em contexto de treino, procurando igualmente questionar o treinador sobre os seus objetivos e padrões preferenciais e indagando os jogadores sobre a sua perceção sobre as ações e relevância destas.

Conhecendo as bases, mais facilmente se consegue evidenciar se o que está a acontecer é o que se pretende, se não, ou se resulta do imprevisto individual, contribuindo, desta forma, para uma análise e reflexão minuciosa.

- **A análise das ações de bola parada revela-se fundamental para o desenvolvimento do processo de treino e consequentemente da competição?**

Sim, e de forma evidente. A exploração destas ações tem-se revelado decisiva em contexto competitivo e a sua preparação está cada vez mais presente no processo de treino, representando a respetiva análise um importante meio de potenciação do treino e consequentemente da competição.

Torna-se fundamental conhecer e analisar, também, as ações de bola parada dos adversários no sentido de proporcionar uma abordagem mais ampla à sua exploração em competição.

3.5. Problemas em estudo

A observação e análise do jogo e do treino é um processo único e complexo, uma vez que a riqueza do contexto proporciona um sem número de estímulos relevantes, condicionando a separação daquilo que deve ser efetivamente objeto de análise. Pelas suas características, implica forçosamente

um período de adaptação bem como o enfrentar constante de limitações e problemas, que precisam de ser ultrapassados.

Deste modo, os principais problemas centraram-se em:

- o Definir um processo de observação adequado para a análise das ações de bola parada;
- o Indagar sobre a importância do padrão de jogo na equipa na conquista ou consentimento de ações de bola parada;
- o Identificar a possível aleatoriedade das ações em função do contexto e as soluções resultantes da capacidade de improviso dos jogadores;
- o Compreender a melhor forma de apresentação e partilha dos dados, e reconhecer as principais referências a utilizar;
- o Perceber quais as implicações das informações recolhidas no processo de treino;
- o Interpretar os dados recolhidos em função da conquista ou perda de pontos e da obtenção ou consentimento do golo;
- o Conhecer as características de cada jogador do plantel em relação às ações a considerar;
- o Compreender as vantagens e desvantagens da partilha das informações com os jogadores;
- o Definir as principais alterações resultantes da mudança de treinador em momento avançado da época.

3.6. Dificuldades

Na procura do conhecimento surgem insistentemente obstáculos que tornam o caminho sinuoso e desconfortável, surgem dúvidas, interrogações, conflitos e dificuldades. A evolução acontece no confronto com esses obstáculos e na capacidade de os ultrapassar, através da procura, do trabalho, da reflexão, da partilha e da discussão.

A simplicidade, apoio, compreensão, disponibilidade e integridade demonstradas por todos os profissionais com quem tivemos o privilégio de

conviver, tornou-se aspeto fundamental para o combate a esses obstáculos que foram surgindo ao longo da época.

Assim, destacam-se as principais dificuldades como:

- o Primeiro contacto com a realidade profissional de alto rendimento;
- o Exigência associada ao clube, ao contexto competitivo e aos objetivos traçados para a época;
- o Observação exaustiva e repetitiva das diversas ações de um jogo;
- o Compilação e resumo das informações recolhidas em fichas de registo, implicando a identificação objetiva das informações a reter e capacidade de síntese das mesmas;
- o Gestão do tempo de observação, análise e registo, influenciada por um calendário competitivo muito preenchido com jornadas ao fim de semana e a meio da semana
- o Adaptação à mudança de treinador numa fase avançada da época

As dificuldades nunca são vistas como obstáculos por aqueles que não se resignam, não se acomodam, que querem sempre mais, são vistas sim como um desafio, como uma oportunidade de evolução, de conquista de competência e de procura de conhecimento.

3.7. Sistema de Avaliação e Controlo do trabalho desenvolvido

O contexto de estágio retrata fielmente a realidade de alto rendimento, o que nos traz elevada satisfação e exultação pela possibilidade de contactar com a tamanha complexidade, e por nos ser permitido viver por dentro a construção de uma equipa de campeões, sem segredos, sem nada a esconder.

Fazendo uma avaliação pessoal, esta terá de ser claramente positiva, não só por terem sido alcançados os objetivos previamente estabelecidos a nível pessoal e profissional, mas também pela oportunidade de adquirir conhecimentos e competências na área da observação e análise do jogo num contexto competitivo profissional e de alta exigência.

Acreditamos que a observação e análise realizadas contribuíram no sentido de acrescentar informações relevantes para a reflexão e planificação da competição, e finalizada a componente prática do Estágio sentimos que demos tudo de nós, procurando corresponder às expectativas.

CAPÍTULO IV – CONCLUSÕES E PERSPETIVAS DE FUTURO

4. CONCLUSÕES E PERSPETIVAS DE FUTURO

4.1. Conclusões

Através da intensa experiência de Estágio e convivência sistemática com um contexto de elevada exigência, que exigiu um trabalho exaustivo de observação e análise, considera-se que as ações de bola parada representam um momento determinante no jogo de Futebol, sendo muitas vezes decisivas na obtenção do golo e da vitória.

Entendemos, igualmente, que a amostra utilizada, bem como a metodologia de observação e tratamento dos dados, foram ajustadas, pois permitiram alcançar um conhecimento profundo das ações de bola parada defensivas e ofensivas, sendo que a nossa análise evidenciou uma clara preponderância das ações de bola parada na caminhada rumo ao título de Campeão Nacional da Segunda Liga.

Deste modo, no sentido de se atingir os objetivos previamente estabelecidos e a partir das informações recolhidas através da componente teórica, proveniente da revisão da literatura, e da componente prática do Estágio, destacam-se as seguintes conclusões:

- A realidade profissional de alto rendimento incorpora uma elevada exigência competitiva, impondo princípios de grande rigor e disciplina na preparação para a competição.
- A posse de bola, com um forte jogo interior, de muito toque, sempre apoiado, e a exploração dos corredores laterais, com movimentos de rutura constantes e fortes transições, representam os pilares basilares do “jogar” ofensivo do Mister Vítor Oliveira.
- A procura de uma maior profundidade e verticalidade das ações, explorando igualmente os corredores laterais e solicitando uma maior velocidade na variação do centro de jogo com a alternância de passes curtos e longos, juntamente com um forte jogo interior procurando as entrelinhas do adversário,

caracterizam as principais alterações ofensivas preconizadas pelo Mister António Conceição.

- O padrão ofensivo da equipa constrói-se a todo o campo, desde as zonas mais recuadas, e procura o total controlo da posse de bola, de forma segura e equilibrada, com criação de inúmeras linhas de passe, tanto de apoio como de progressão, incorporando um desdobramento ofensivo agressivo em zonas mais avançadas, explorando os corredores laterais para a partir daí criar vantagem para potenciais situações de finalização.
- Os momentos de transição representam situações críticas relativamente às ações de bola parada. Apesar da transição originar frequentemente uma ação de bola parada, o facto de a equipa que ataca se deslocar da sua posição em busca de finalizar as ações, pode resultar daí uma transição em caso de perda de bola.
- A organização defensiva é orientada pelo princípio de defesa à zona, em que a equipa age de acordo com a posição e movimentação da bola, procurando ocupar e proteger as zonas de potencial progressão da mesma e condicionar a organização ofensiva do adversário através de um forte equilíbrio posicional, e com a aproximação das linhas em largura e profundidade (“campo pequeno”).
- O princípio mais determinante na equipa, em qualquer momento do jogo, é a correta leitura e interpretação do contexto envolvente, e a capacidade de adequação das respetivas decisões e ações.
- As ações de bola parada são inseridas no treino fundamentalmente nos últimos dois dias do microciclo semanal de cada um dos treinadores.
- As características da relva e as dimensões do campo influenciam de forma direta a planificação e preparação das ações de bola parada em contexto de treino.
- O processo de treino das ações de bola parada procura uma aproximação à realidade, incorporando particularidades da competição no próprio exercício, no sentido de simular uma situação real de jogo.
- Do ponto de vista ofensivo, a forma de execução da ação de bola parada é condicionada pela zona de execução da mesma e pela organização

preconizada pelo adversário, implicando uma interpretação correta do contexto para tomar a melhor decisão.

- O Mister Vítor Oliveira preconiza uma organização defensiva das ações de bola parada centrada na marcação individual, “homem-a-homem”, enquanto o Mister António Conceição opta pela marcação à zona.
- Seja por influência direta ou indireta, as ações de bola parada representaram uma importante fonte de golos para a equipa do MFC.
- Os lançamentos de linha lateral, do ponto de vista ofensivo e defensivo, foram as ações mais registadas ao longo dos jogos, representando 44,1% do total de ações de bola parada analisadas.
- Dos 65 golos marcados pelo MFC nos quarenta e dois jogos da Segunda Liga, 43 resultaram, direta ou indiretamente, de ações de bola parada, representando 66% do total de golos marcados
- Dos 25 golos sofridos, 15 resultaram, direta e indiretamente, de ações de bola parada, representando 60% do total de golos sofridos.
- Os pontapés livres representaram as ações de bola parada mais eficazes, com o total de 9 golos marcados de forma direta, com 4 resultantes de remate direto à baliza e 5 de finalização após passe ou cruzamento.
- Os pontapés de canto e as grandes penalidades foram as ações que resultaram num maior número de golos sofridos diretamente (3).
- Das 10 grandes penalidades assinaladas a favor da equipa MFC, foram concretizadas 7.
- Relativamente aos golos obtidos na sequência indireta das ações de bola parada, foram os lançamentos de linha lateral as ações mais preponderantes, com um total de 6 golos obtidos.
- Do ponto de vista defensivo, os pontapés livres e novamente os lançamentos de linha lateral representaram as ações de onde resultaram os golos sofridos de forma indireta, com 3 golos resultantes de cada uma.
- As ações de bola parada influenciaram a distribuição de pontos em 32 das 42 jornadas oficiais, onde dos 84 golos registados, marcados e sofridos, 57 golos resultaram das ações de bola parada, correspondendo a 67,9% do total de golos.

- Dos 79 pontos conquistados pela equipa do MFC, 54 golos resultaram da influência direta das ações de bola parada, representando 68,4% do total de pontos conquistados.
- Dos 47 pontos consentidos, 22 golos resultaram das ações de bola parada, correspondendo a 46,8% do total de pontos perdidos.

4.2. Perspetivas de Futuro

Em termos de futuro, pretende-se que a nossa experiência proporcione ensinamentos e análises proveitosas, que origine a continuidade destas funções no próprio clube, e que mais clubes reconheçam a importância de um trabalho deste género, começando a apostar e a investir igualmente neste tipo de observação e análise exaustiva e meticulosa de uma das ações mais determinantes do jogo de Futebol.

Terminado o Estágio, não poderíamos estar mais gratos pela oportunidade de conhecer tão profundamente a realidade de alto rendimento, num clube histórico e com profissionais de excelência.

A possibilidade de estarmos presentes, de sentir o treino, de observar, de perguntar, de viver a experiência e de conviver com a elevada exigência, enriqueceu-nos de forma incomensurável, sentindo-nos agora ainda mais preparados para enfrentar a realidade do alto rendimento.

CAPÍTULO V – SÍNTESE FINAL

5. Síntese Final

Observação e Análise das Ações de Bola Parada Ofensivas e Defensivas do Moreirense Futebol Clube, em Contexto de Treino e de Competição.

Estágio Profissionalizante na equipa profissional do Moreirense Futebol Clube – Futebol, SAD

Nuno João Pereira Macedo

Orientador: Professor Doutor Filipe Luís Martins Casanova

Supervisor: Professor Leandro Sousa Mendes

INTRODUÇÃO

Num mundo descentrado como o nosso, cada um torna-se responsável pela experimentação de novas práticas sintonizadas com o pensamento sistémico, onde todos os caminhos são válidos pois tudo depende daquilo com que nos deparamos e daquilo que está no centro da nossa busca (Campos, 2007).

Atendendo à diversidade dos elementos que concorrem para o rendimento das equipas, somos confrontados com uma série de problemas de natureza metodológica, que ao nível do treino nos transporta para uma constante reflexão no sentido da identificação das situações problema e da sua resolução (Tavares, 2003).

Desta forma, a escolha do tema relacionado com as ações de bola parada prende-se fundamentalmente com o interesse e a vontade de aprofundar os conhecimentos sobre este “momento” característico do jogo de Futebol que, segundo diversas investigações, são cada vez mais decisivas no sucesso ou insucesso das equipas de alto rendimento, e que tendo em conta o elevado padrão de exigência deste contexto tão único e complexo, importa conhecer e compreender para se melhor poder intervir sobre “ele”, procurando maximizar os “ganhos” e minimizar as “perdas” resultantes destas ações, na procura do caminho da superação e da excelência.

Na opinião de Cunha (2007), a identificação de fatores que podem estar na origem do sucesso ou insucesso das ações de bola parada poderá contribuir para a melhoria da qualidade do treino e, consequentemente, do jogo.

Para uma melhor exploração deste “fragmento” do jogo de Futebol, torna-se também essencial enquadrá-lo num determinado “jogar” específico da equipa, isto é, no seu Modelo de Jogo próprio, conhecendo-o e interpretando-o à luz dos ideais do treinador e do contexto competitivo e organizacional em causa, de forma a entender igualmente a preponderância e o caráter decisivo das ações de bola parada no plano estratégico da equipa para a competição.

Deste modo, para a realização do estágio, propuseram-se os seguintes objetivos: conhecer e compreender uma realidade profissional de alto rendimento desportivo; compreender a lógica organizacional e de funcionamento do Moreirense Futebol Clube – Futebol, SAD;

conhecer, descrever e entender o Modelo de Jogo do treinador, como guia determinante da equipa do Moreirense Futebol Clube; conhecer e compreender a importância das ações de bola parada no futebol atual; observar e analisar a tipologia das ações de bola parada do Moreirense Futebol Clube – Futebol, SAD, tanto de forma ofensiva como defensiva; observar e analisar o tipo e organização do treino das ações de bola parada e a sua transferibilidade para o jogo; verificar a importância das ações de bola parada na conquista ou perda de pontos durante a Segunda Liga Portuguesa.

ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

CONTEXTO LEGAL, INSTITUCIONAL E DE NATUREZA FUNCIONAL

O Estágio decorreu no Moreirense Futebol Clube – Futebol, SAD, como entidade acolhedora de Estágio Profissionalizante, inserido na esfera do Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP) e compreendeu como função principal o acompanhamento e observação direta não participante de unidade de treinos, com elaboração de um pequeno relatório de cada uma, bem como a análise direta e/ou indireta de todos os jogos oficiais da equipa na 2ª Liga Portuguesa e a elaboração de um pequeno resumo de cada um, centrando-se essencialmente na análise das ações de bola parada defensivas e ofensivas da equipa ao longo da competição, comportando os seguintes parâmetros: descrição, treino, pontos fundamentais a ter em conta, bem como a sua importância no sucesso ou insucesso da equipa.

MACRO-CONTEXTO

Garganta (1997) destaca que o Futebol possui uma estrutura formal (terreno de jogo, bola, regulamento, companheiros, adversários) e uma estrutura funcional, que decorre das ações de jogo enquanto resultado da interação entre os companheiros numa mesma equipa em torno da bola, no sentido de conseguirem vencer a oposição dos adversários e atingir os objetivos propostos, tratando-se de uma luta incessante pelo tempo e pelo espaço, dentro dos constrangimentos impostos pelo regulamento, no sentido de que sejam realizadas as tarefas pretendidas, e deste modo, as ações que ocorrem durante o jogo não são divididas equitativamente entre as duas equipas que se defrontam, como por exemplo no caso das posses de bola: não são atribuídas em igual proporção a cada uma das equipas, embora as posses de bola conquistadas por uma equipa correspondam a igual número de perdas de bola registadas pela equipa contrária.

Podendo ser afetado pelas condições iniciais, o jogo é um acontecimento caótico onde se vive entre o caos e a ordem (Dunning; cit. por Miranda, 2009) e, dada a sua complexidade, nas suas diferentes fases, as competências para jogar decorrem dos imperativos ditados pela necessidade de face à descontinuidade e aleatoriedade das ações, encontrar as respostas mais adequadas às diferentes configurações, face ao seu carácter aleatório e imprevisível (Garganta, 1997).

O jogo de Futebol é uma construção ativa, uma vez que, se desenvolve e decorre da afirmação e atualização das escolhas e decisões dos jogadores, realizadas num ambiente de diversos constrangimentos e possibilidades (Faria, 1999) e, assim, o progresso obtém-se através de exercícios efetuados nas unidades de treino, através de competições e jogos em diferentes condições, uma vez que os diferentes elementos aparecem no jogo em condições complexas, deverão fazer-se esforços para os desenvolver e mantê-los num nível elevado (Pálfai, 1982).

Cada vez mais evoluído, exige uma procura incessante de conhecimento na preparação e atuação num contexto de inigualável complexidade, onde constantemente nos vemos confrontados com diversas particularidades e condicionantes que influenciam de maneira decisiva o alcançar do sucesso pelos jogadores, pela equipa, pelo treinador e pelo próprio clube.

Seguindo as ideias expostas, pode afirmar-se que a natureza e diversidade dos fatores que concorrem para o rendimento desporto, faz do jogo de Futebol uma estrutura multifatorial de grande complexidade (Dufor; cit. por Faria, 1999) e, assim, as exigências cada vez maiores, que o desporto de alto rendimento solicita aos seus intervenientes, leva a repensar e a reestruturar toda uma filosofia de treino, pois sendo o jogo o espelho das prestações dos participantes durante o treino, a todos os níveis, este assume uma peculiar importância para o êxito ou inêxito da atividade (Guilherme, 1991).

O trabalho conjunto de uma série de indivíduos na procura de alcançar um mesmo objetivo não assentará em pressupostos tão diferenciados, independentemente da área em questão, visto que o objetivo comum que os une e que definirá o atingir do sucesso e da excelência, deverá estar sempre sustentado por um conjunto de princípios e estratégias devidamente organizadas, de forma a estruturar um crescimento equilibrado e uma dinâmica de trabalho coerente.

A construção de modelos (modelação), em primeiro lugar, oferece a possibilidade de superar a dificuldade da organização dos conteúdos próprios da atividade e, em segundo lugar, possibilita uma análise operativa e uma busca do carácter provisional de um objeto substituído, que representa uma análise simplificada do processo, no qual são eliminados os simples detalhes, conservando, no entanto, as informações substanciais sobre o conteúdo e sobre a estrutura (Verjokanski; cit. por Leal & Quinta, 2001).

Assim, o modelo que se exige para um grupo como uma equipa de futebol é, também em si, algo complexo, não só por todas as dimensões coletivas enquanto *Todo*, que deverá incluir, mas também pela forma que irá gerir as individualidades e as suas características únicas, com vista a potenciar cada um, procurando evoluir o próprio modelo, moldando-o em função das características do contexto em causa.

Seja um homem, um grupo, ou uma organização o foco de interesse, o ângulo de entendimento, deve privilegiar-se o *Todo*, a aproximação pela globalidade, assim, numa perspetiva complexa, o *Todo* é algo que se intui, que se modela sistematicamente, treinando, fazendo, descobrindo, sentindo, e fazendo de novo (Lourenço & Ilharco, 2007).

Entre a teoria e a prática encontram-se as simplificações, sendo que o modelo é visto como uma simplificação da realidade complexa, uma interpretação e uma síntese, no fundo, uma representação dessa mesma realidade (Garganta, 1996), é o entendimento da complexidade que é o jogo e a identidade do treinador em função desse jogo, é o olhar para o jogo, modelá-lo na perspectiva do treinador e trabalhá-lo, sendo o jogo o resultado de interação entre indivíduos pensantes, pretende-se que exista uma linguagem comum (Faria, 2007, p. 94).

Na construção do Modelo de Jogo, torna-se fundamental que toda a ideia de jogo do treinador esteja sustentada em todos os momentos do jogo e na interação entre eles, de tal forma que Guilherme (2004) afirma que a definição do Modelo de Jogo de uma equipa e dos respetivos princípios e subprincípios, configuram comportamentos e padrões de jogo que devem ser assumidos em cada um dos momentos do jogo e na sua inter-relação.

Estes permitem ao treinador desenvolver determinadas regularidades comportamentais dos jogadores, organizando as suas relações e interações (Gomes, 2006), devendo estar perfeitamente definidos e expostos para que todos entendam claramente o que o treinador pretende (Azevedo, 2011), e para que seja possível transmitir aos jogadores as bases comuns para que eles falem a mesma “língua”, permitindo que se expressem num estilo diferente (Frantz; cit. por Castelo, 1994).

Garganta (1997) afirma que, à medida que a competição avança, a qualidade das equipas aumenta e o equilíbrio de forças torna-se mais evidente, e por isso, as equipas e os treinadores têm apostado cada vez mais nas ações de bola parada para poderem resolver um jogo e chegar à vitória, ensaiando verdadeiras “jogadas de laboratório” para tentar confundir as defesas adversárias, e atingir com sucesso a baliza dos oponentes nestes momentos do jogo (Casanova, 2009).

Castelo (1994) caracteriza-as como soluções estereotipadas das partes fixas do jogo, isto é, as ações previamente estudadas e treinadas para as ações de bola parada observadas e analisadas, tanto numa perspectiva ofensiva, visando assegurar as condições mais favoráveis para a concretização imediata do golo, como numa perspectiva defensiva, visando assegurar as condições mais favoráveis à proteção da baliza e à recuperação da posse de bola.

Nas ações de bola parada, o fator tempo dá a possibilidade e a oportunidade de os jogadores reajustarem posições, distâncias entre os vários elementos, acertar marcações e ocupar racionalmente o terreno de jogo, de forma a maximizarem as suas potencialidades específicas, na procura constante de os colocar em condições favoráveis para a concretização imediata do golo (Castelo, 1994). No entanto, não se deve perder a oportunidade de se repor rapidamente a bola em jogo, mesmo que o dispositivo fixo não esteja ainda totalmente concretizado, desde que se retire maiores vantagens de uma desconcentração, pois é nas paragens momentâneas de jogo que se verifica uma menor concentração por parte dos jogadores (Sousa, 1998).

Castelo (1994) destaca que mais de 40% das situações de finalização e situações de criação das situações de finalização têm por base soluções táticas a partir de ações de bola

parada, podendo então aferir-se a importância que as equipas de rendimentos superior atribuem à conceção, ao treino e à maximização da eficiência das soluções para estas situações, traduzindo-se fundamentalmente, no plano ofensivo, pela iniciativa que a equipa em posse de bola usufrui, surpreendendo os adversários e obrigando-os a cometer erros de análise da situação de jogo, e no plano defensivo, em evitar cometer infrações às leis do jogo, pois este comportamento diminui em muito as possibilidades da equipa adversária concretizar o golo.

REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

CONCEÇÃO DA PRÁTICA

No âmbito deste Estágio, a principal função consistiu na observação e análise das ações de bola parada, defensivas e ofensivas em contexto competitivo, relativo ao Campeonato Nacional da Segunda Liga Portuguesa.

Em paralelo com a função principal, os padrões de jogo da equipa ao longo das jornadas competitivas foram igualmente alvo de análise e reflexão, registando-se as informações recolhidas, não só pela observação indireta dos jogos oficiais, mas também através da interligação com os conteúdos observados nas unidades de treino da equipa. Essas informações eram posteriormente partilhadas com a equipa técnica no sentido de acrescentar algo de útil e proveitoso à análise realizada nos dias seguintes à jornada oficial pela própria estrutura técnica.

ATIVIDADE PRINCIPAL

Centrando-se fundamentalmente num forte sentido coletivo do jogo, na segurança e rigor das ações, na correta interpretação dos momentos e estímulos que o contexto proporciona, o padrão proporciona igualmente liberdade para a determinante capacidade de improvisação individual, capaz de alterar pequenos detalhes em função das características do próprio contexto tornando-o imprevisível.

Com o Mister Vítor Oliveira, a posse de bola como princípio fundamental de organização ofensiva, com um jogo interior “provocador”, de muito toque, sempre apoiado, e a exploração dos corredores laterais como “caminho” primordial na procura do desequilíbrio, com movimentos de rutura constantes e fortes transições, equilibrando com a proteção do espaço interior da equipa, com o posicionamento das linhas subidas e muito próximas, e uma procura incessante da recuperação da bola a todo o campo, representam os pilares basilares do seu “jogar”.

O Mister António Conceição procurou acrescentar algo mais a um “jogar” já por si dominador, com a alteração da dinâmica de construção ofensiva, na procura de uma maior profundidade e verticalidade das ações, explorando igualmente os corredores laterais de forma constante, solicitando uma maior velocidade na variação do centro de jogo com a alternância de passes curtos e longos, e um forte jogo interior procurando as entrelinhas do adversário.

Juntos, desenvolveram com sucesso um “jogar” de excelência, que conduziu o MFC à conquista da tão ambicionada subida à Primeira Liga e do título de Campeão Nacional,

pretendendo-se com este capítulo “desmontar” um pouco desse “jogar” de qualidade, só ao alcance das grandes equipas, dos grandes treinadores e dos grandes clubes.

Depois de descortinado o seu padrão de jogo, facilmente se entende que pelo “jogar” ambicioso e dominador preconizado pela equipa, as faltas sofridas resultado da velocidade do jogo e/ou da qualidade técnica individual, os pontapés de baliza e pontapés de canto resultantes da objetividade e da procura incessante da baliza, os lançamentos de linha lateral como ação de equilíbrio e segurança para impedir a progressão do adversário, ou até as faltas cometidas fruto da forte pressão exercida e pela enorme vontade de recuperar e “ter” a bola, representam ações predominantes e bastante presentes no “jogar” do MFC, sendo, por essa mesma razão, alvo de análise cuidada e preparação meticulosa.

Ao longo das quarenta e duas jornadas oficiais da Segunda Liga em que o MFC participou, foram analisadas 4588 ações de bola parada, 2379 defensivas e 2209 ofensivas, representando uma média de 109 ações analisadas por jogo.

Sendo as ações de bola parada fortemente influenciadas pela capacidade técnica e de improvisação dos jogadores, o treino incorpora um papel determinante na criação e potenciação de um conjunto de referências coletivas para que toda a equipa se posicione e movimente com critério e de forma organizada, para além de desenvolver e otimizar os padrões individuais de execução.

O treino das ações de bola parada procurou sempre a referida aproximação à realidade, não só nas dimensões e características dos espaços, mas também na recriação de contextos de jogo, em função da estratégia da própria equipa e do adversário a defrontar. As principais referências de ataque e defesa do adversário eram simuladas por uma equipa distribuída de forma previamente planeada em oposição a outra equipa, centrada nos referenciais defensivos e ofensivos da equipa do MFC, normalmente composta pelos jogadores-chave da equipa para este “momento” característico do jogo.

O principal propósito da análise das ações de bola parada prende-se com a sua preponderância na obtenção e consentimento de golos durante as jornadas competitivas da Segunda Liga, reconhecendo-se o golo como pilar determinante no sucesso ou insucesso das equipas, principalmente no contexto de alto rendimento desportivo.

Desta forma, e analisados os 65 golos marcados pelo MFC nos quarenta e dois jogos da competição, verificou-se que 43 resultaram, direta ou indiretamente, de ações de bola parada, correspondendo a uma percentagem de 66% do total de golos marcados pela equipa.

Do mesmo modo, a referida análise atestou que, dos 25 golos sofridos pelo MFC no mesmo número de jogos, 15 desses golos resultaram de ações de bola parada, de forma direta ou indireta, representando 60% do total de golos sofridos pela equipa.

As ações de bola parada representaram também uma condição preponderante para a conquista ou perda dos pontos que, no final da competição, consagraram a equipa do MFC, manifestando extrema importância na distribuição de pontos em 32 das 42 jornadas oficiais, onde

foram registados 84 golos e dos quais 57 resultaram das ações de bola parada, representando 67,9% do número total de golos verificados nessas mesmas 32 jornadas.

Verificou-se que, do total de 79 pontos conquistados na competição, 54 resultaram de influência direta das ações de bola parada, correspondendo a 68,4% do número total de pontos conquistados, e nos 47 pontos perdidos pelo MFC ao longo da competição, perderam-se 22 pontos pela influência das ações de bola parada, correspondendo a 46,8% do número total de pontos perdidos.

CONCLUSÕES

Através da intensa experiência de Estágio e convivência sistemática com um contexto de elevada exigência, que exigiu um trabalho exaustivo de observação e análise, considera-se que as ações de bola parada representam um momento determinante no jogo de Futebol, sendo muitas vezes decisivas na obtenção do golo e da vitória.

Deste modo, no sentido de se atingir os objetivos previamente estabelecidos e a partir das informações recolhidas através da componente teórica, proveniente da revisão da literatura, e da componente prática do Estágio, destacam-se as seguintes conclusões:

- A realidade profissional de alto rendimento incorpora uma elevada exigência competitiva, impondo princípios de grande rigor e disciplina na preparação para a competição.
- O padrão ofensivo da equipa constrói-se a todo o campo, desde as zonas mais recuadas, e procura o total controlo da posse de bola, de forma segura e equilibrada, com criação de inúmeras linhas de passe, tanto de apoio como de progressão, incorporando um desdobramento ofensivo agressivo em zonas mais avançadas, explorando os corredores laterais para a partir daí criar vantagem para potenciais situações de finalização.
- A organização defensiva é orientada pelo princípio de defesa à zona, em que a equipa age de acordo com a posição e movimentação da bola, procurando ocupar e proteger as zonas de potencial progressão da mesma e condicionar a organização ofensiva do adversário através de um forte equilíbrio posicional, e com a aproximação das linhas em largura e profundidade (“campo pequeno”).
- O processo de treino das ações de bola parada procura uma aproximação à realidade, incorporando particularidades da competição no próprio exercício no sentido de simular uma situação real de jogo.
- Do ponto de vista ofensivo, a forma de execução da ação de bola parada é condicionada pela zona de execução da mesma e pela organização preconizada pelo adversário, implicando uma interpretação correta do contexto para tomar a melhor decisão.
- O Mister Vítor Oliveira preconiza uma organização defensiva das ações de bola parada centrada na marcação individual, “homem-a-homem”, enquanto o Mister António Conceição opta pela marcação à zona.

- Dos 65 golos marcados pelo MFC nos quarenta e dois jogos da Segunda Liga, 43 resultaram, direta ou indiretamente, de ações de bola parada, representando 66% do total de golos marcados
 - Dos 25 golos sofridos, 15 resultaram, direta e indiretamente, de ações de bola parada, representando 60% do total de golos sofridos.
 - Os pontapés livres representaram as ações de bola parada mais eficazes, com o total de 9 golos marcados de forma direta, com 4 resultantes de remate direto à baliza e 5 de finalização após passe ou cruzamento.
 - Os pontapés de canto e as grandes penalidades foram as ações que resultaram num maior número de golos sofridos diretamente (3).
 - As ações de bola parada influenciaram a distribuição de pontos em 32 das 42 jornadas oficiais, onde dos 84 golos registados, marcados e sofridos, 57 resultaram das ações de bola parada, correspondendo a 67,9% do total de golos.
 - Dos 79 pontos conquistados pela equipa do MFC, 54 resultaram da influência direta das ações de bola parada, representando 68,4% do total de pontos conquistados.
- Dos 47 pontos consentidos, 22 resultaram das ações de bola parada, correspondendo a 46,8% do total de pontos perdidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA SÍNTESE FINAL

Azevedo, J. (2011). *Por dentro da tática*. Lisboa: Prime Books.

Campos, C. (2007). *A Singularidade da Intervenção do Treinador como a sua «Impressão Digital» na... Justificação da Periodização Tática como uma «fenomenotécnica»*. Porto: C. Campos. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Casanova, M. (2009). *Eficácia defensiva nos lances de bola parada no futebol. Defesa à zona vs defesa individual e mista. Estudo realizado no Campeonato da Europa de 2008*. Porto: M. Casanova. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Castelo, J. (1994). *Futebol – Modelo Técnico-Tático do Jogo*. Edições FMH. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

Cunha, N. (2007). *A importância dos lances de bola parada (livres, cantos e penaltis) no Futebol de 11. Análise de situações finalizadas com golo na 1ª Liga Portuguesa 2005/06 e no Campeonato do Mundo 2006*. Porto: N. Cunha. Dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Garganta, J. (1996). *Modelação da Dimensão Tática do Jogo de Futebol*. In J. Oliveira & F. Tavares (Ed.), *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos*. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, pp. 63-82.

Garganta, J. (1997). *Modelação tática do jogo de Futebol. Estudo da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

Guilherme, J. (1991). *Especificidade, o “pós-futebol” do “pré-futebol”. Um factor condicionante do alto rendimento desportivo*. Porto: J. Guilherme. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Guilherme, J. (2004). *Conhecimento Específico e Futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo de ensino-aprendizagem/treino do jogo*. Porto: J. Guilherme Oliveira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Leal, M. & Quinta, R. (2001). *O Treino no Futebol. Uma concepção Para a Formação*. Edições APPACDM de Braga.

Lourenco, L. & Ilharco, F. (2007). *Liderança. As lições de José Mourinho*. Lisboa: Booknomics.

Oliveira, B.; Amieiro, N.; Resende, N. & Barreto, R. (2006). *Mourinho: Porquê Tantas Vitórias?*. Lisboa: Gradiva.

Pálfi, J. (1982). *Métodos e sessões de treino no Futebol. Curso Internacional para Treinadores*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.

Sousa, T. (1998). *A importância dos “Lances de Bola Parada” no Futebol. Estudo da sua relação com os Métodos de Jogo Ofensivos adoptados por equipas de alto nível competitivo*. Porto: T. Sousa. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Tavares, J. (2003). *Uma noção fundamental a ESPECIFICIDADE. O como investigar a ordem das “coisas” do jogar, uma espécie de invariâncias de tipo fractal*. Porto: J. Tavares. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

CAPÍTULO VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6. Referências Bibliográficas

Almeida, L. M. O. M. (2013). *Perfil Psicológico de Prestação, Orientações Cognitivas e Negativismo do Futebolista Português: Estudo Comparativo entre Jogadores Profissionais e Amadores*. Porto: L. M. O. M. Almeida. Dissertação de Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Almeida, N. (2009). *Em busca da conformidade entre o Modelo de jogo do treinador e a performance da equipa em Futebol. Estudo de caso do Sporting Clube de Portugal*. Porto: N. Almeida. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Amieiro, N. (2004). *«DEFESA À ZONA» no Futebol: A «(Des)Frankensteinização» de um conceito. Uma necessidade face à «inteireza inquebrantável» que o «jogar» deve manifestar*. Porto: N. Amieiro. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

Azevedo, J. (2011). *Por dentro da tática*. Lisboa: Prime Books.

Barreira, R. (2006). *Análise dos pontapés de canto ocorridos durante o Europeu 2004*. Porto: R. Barreira. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

Bessa, P. (2009). *A singularidade dos Lances de Bola Parada – A sua importância no Futebol Moderno*. Porto: P. Bessa. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Bessa, P. (2010). *Posicionamento Defensivo em Lances de Bola Parada no Futebol de alto nível. Análise comparativa entre a defesa à zona e a defesa individual e mista em jogos da Liga dos Campeões Europeus e Campeonato Inglês, Espanhol e Italiano*. Porto: P. Bessa. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Bettencourt, B. (2003). *Estudo da Tipologia e da Eficácia dos Pontapés de Canto em Futebol*. Porto: B. Bettencourt. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Campos, C. (2007). *A Singularidade da Intervenção do Treinador como a sua «Impressão Digital» na... Justificação da Periodização Tática como uma «fenomenotécnica»*. Porto: C.

Campos. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Casanova, M. (2009). *Eficácia defensiva nos lances de bola parada no futebol. Defesa à zona vs defesa individual e mista. Estudo realizado no Campeonato da Europa de 2008*. Porto: M. Casanova. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Castelo, J. (1992). *Conceptualização de um modelo técnico tático de futebol. Identificação das grandes tendências evolutivas do jogo das equipas de rendimento superior*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

Castelo, J. (1994). *Futebol – Modelo Técnico-Tático do Jogo*. Edições FMH. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

Castelo, J. (1996). *Futebol: a organização do jogo: como entender a organização dinâmica de uma equipa de futebol e a partir desta compreensão como melhorar o rendimento e a direcção dos jogadores e da equipa*. Lisboa: Edição de autor.

Cubeiro, J. & Gallardo, L. (2011). *Mourinho versus Guardiola. Dois métodos para um mesmo objectivo*. Lisboa: Prime Books.

Cunha, N. (2007). *A importância dos lances de bola parada (livres, cantos e penaltis) no Futebol de 11. Análise de situações finalizadas com golo na 1ª Liga Portuguesa 2005/06 e no Campeonato do Mundo'2006*. Porto: N. Cunha. Dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

De Baranda, P. & Lopez-Riquelme, D. (2012). *Analysis of corner kicks in relation to match status in the 2006 World Cup*. European Journal of Sport Science, 12(2), 121-129.

Entrevista de Vítor Oliveira à Rádio Santiago. Consult. 4 Fev 2014, disponível em <http://www.guimaraesdigital.com/index.php?a=noticias&id=52493>

Entrevista de Pires. Consult. 10 Fev 2014, disponível em <http://www.zerozero.pt/noticia.php?id=131483>

Entrevistas e Conferências Imprensa. Consult. 14 Maio 2014, disponível em <http://www.moreirense1938.com/>

Faria, R. (1999). *“Periodização Tática”. Um Imperativo Conceptometodológico do Rendimento Superior em Futebol*. Porto: R. Faria. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Fédération Internationale de Football Association (2013). *Leis de Jogo 2013/2014*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.

Ferreira, D. (2010). *A importância de um Modelo de Jogo no Futebol – A Especificidade vista como um veículo catalisador de todo o processo de treino*. Porto: D. Ferreira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Garganta, J. (1996). *Modelação da Dimensão Tática do Jogo de Futebol*. In J. Oliveira & F. Tavares (Ed.), *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos*. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, pp. 63-82.

Garganta, J. (1997). *Modelação tática do jogo de Futebol. Estudo da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

Garganta, J. (1998). O ensino dos jogos desportivos colectivos. Perspectivas e tendências. *Movimento*, vol. 8, pp. 19-27.

Gomes, M. (2006). *Do Pé como Técnica ao Pensamento Técnico dos Pés Dentro da Caixa Preta da Periodização Tática – Um Estudo de Caso*. Porto: M. Gomes. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Graça, R., Machado, P. & Monteiro, P. (2014). Moreirense Futebol Clube, o regresso à I Liga. *Suplemento Jornal Correio do Minho*. Consult. 11 mai 2014, disponível em <http://www.correiodominho.com/edicoes.php?dia=11&mes=5&ano=2014&page=1&catid=1>

Guilherme, J. (1991). *Especificidade, o “pós-futebol” do “pré-futebol”. Um factor condicionante do alto rendimento desportivo*. Porto: J. Guilherme. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Guilherme, J. (2004). *Conhecimento Específico e Futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo de ensino-aprendizagem/treino do jogo*. Porto: J. Guilherme Oliveira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Leal, M. & Quinta, R. (2001). *O Treino no Futebol. Uma concepção Para a Formação*. Edições APPACDM de Braga.

Liga Portuguesa de Futebol Profissional (2013). *Regulamento das Competições Organizadas pela Liga Portuguesa de Futebol Profissional*. Porto: Liga Portuguesa de Futebol Profissional.

Lourenco, L. & Ilharco, F. (2007). *Liderança. As lições de José Mourinho*. Lisboa: Booknomics.

Machado, R. (2008). *Mobilidade Ofensiva no Futebol. A Concepção de Treinadores de Nacional de Juniores*. Porto: R. Machado. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Maciel, J (2008). *A (In)(Corpo)r(Ação) Precoce dum jogar de Qualidade como Necessidade (ECO)ANTROPOSOCIALTOTAL – Futebol um Fenómeno AntropoSocialTotal, que «primeiro se estranha e depois se entranha» e... logo, logo, ganha-se!* Porto: J. Maciel. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Miranda, J. (2009). *Organização estrutural: ponto de partida ou um meio para atingir um fim (o modelo de jogo)?* Porto: J. Miranda. Dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Moreira, O. (2009). *Decisão táctico-técnica no Futebol: Estudo comparativo da capacidade de decisão em acções ofensivas de pontas-de-lança de diferentes níveis competitivos*. Porto: O. Moreira: Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Mourinho, J. (1999). Entrevista. In Faria, R.. *Periodização Táctica. Um Imperativo Conceptometodológico do Rendimento Superior em Futebol*. Porto: R. Faria. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Oliveira, A. (2001). Prefácio. In Leal, M. & Quinta, R.. *O Treino no Futebol. Uma concepção Para a Formação*. Edições APPACDM de Braga.

Oliveira, B; Amieiro, N.; Resende, N. & Barreto, R. (2006). *Mourinho: Porquê Tantas Vitórias?*. Lisboa: Gradiva.

Pacheco, R. (2005). *Segredos de Balneário. A palestra dos treinadores de futebol antes do jogo*. Lisboa: Prime Books.

Pálfai, J. (1982). *Métodos e sessões de treino no Futebol. Curso Internacional para Treinadores*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.

Pereira, B. (2008). *Eficácia da acção ofensiva nos pontapés de canto em futebol – Análise comparativa entre padrões estáticos e padrões dinâmicos, no Campeonato do Mundo de Futebol Alemanha 2006*. Porto: B. Pereira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Pessoa, S. (2006). *Estudo da tipologia e da eficácia do lançamento da bola pela linha lateral em Futebol*. Porto: S. Pessoa. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Queiroz, C. (1986). *Estrutura e Organização dos Exercícios de Treino em Futebol*. Edição de Federação Portuguesa de Futebol.

Resende, N. (2002). *Periodização Tática. Uma concepção metodológica que é uma consequência trivial do jogo de Futebol. Um estudo de caso ao microciclo padrão do escalão sénior do Futebol Clube do Porto*. Porto: N. Resende. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Rocha, T. (2009). *A Importância das “Situações de Bola Parada” na Finalização com êxito no Futebol. Estudo realizado na 2ª volta da Liga Portuguesa de Futebol da época 2008/2009*. Porto: FADEUP. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Rodrigues, H. (2009). *Análise às Sequências Ofensivas Resultantes em Golo no Euro 2008 de Futebol. Estudo comparativo entre Selecções com níveis de sucesso distinto*. Porto: H. Rodrigues. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Ribeiro, A. (2009). *Forma(s) Desportiva(s) em Futebol. Mais do que um desempenho individual, uma manifestação das regularidades da equipa*. Porto: A. Ribeiro. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Sánchez-Flores, J. et al (2012). Análisis y evaluación del lanzamiento de esquina (córner) en el fútbol de alto nivel. *Revista Andaluza de Medicina del Deporte*, 5(4), 140-146. Consult. 10 Mar 2014, disponível na base de dados EBESCO+SportDiscus

Schmicker, R. (2013). An Application of SatScan To Evaluate the Spatial Distribution of Corner Kick Goals in Major League Soccer. *Internacional Journal of Computer Science in Sport*, Vol. 12 (2), 70-79. Consult. 10 Mar 2014, disponível na base de dados EBESCO+SportDiscus

Segunda Liga. Consult. 15 Mar 2014, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Liga

Sociedade Anónima Desportiva. Consult. 22 Maio 2014, disponível em <http://www.portaldaempresa.pt/cve/services/balcaodoempreendedor/Licenca.aspx?CodCategoria=47&CodSubCategoria=1&CodActividade=1151&CodLicenca=1950&IdUnico=780>

Sousa, P. (2009). *Um Algoritmo do FUTEBOL (mais do que) TOTAL: algo que lhe dá o Ritmo. Uma reflexão sobre o “jogar” de qualidade*. Porto: P. Sousa. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Sousa, T. (1998). *A importância dos “Lances de Bola Parada” no Futebol. Estudo da sua relação com os Métodos de Jogo Ofensivos adoptados por equipas de alto nível competitivo*. Porto: T. Sousa. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Suárez, T. et al (2014). Análisis de la eficacia de los saques de esquina en la copa del mundo de fútbol 2010. *Revista de Psicología del Deporte*, 23 (1), 165-172. Consult. 10 Mar 2014, disponível na base de dados EBESCO+SportDiscus

Tavares, J. (2003). *Uma noção fundamental a ESPECIFICIDADE. O como investigar a ordem das “coisas” do jogar, uma espécie de invariâncias de tipo fractal*. Porto: J. Tavares. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Taça da Liga. Consult. 15 Mar 2014, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Ta%C3%A7a_da_Liga

Taça de Portugal. Consult. 15 Mar 2014, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Ta%C3%A7a_de_Portugal

Torquemada, R. (2013). *A Fórmula Barça*. Lisboa: Prime Books.

ANEXOS

ANEXO I - Conferências de Imprensa e declarações do Treinador Vítor Oliveira.

Entrevista do Treinador Vítor Oliveira, à Radio Santiago, no 21 de Maio de 2013.

Jornalista Rádio Santiago: Porquê a escolha do Moreirense?

Vítor Oliveira: Fundamentalmente, o conhecimento do clube, já lá passei, sei o clube que é. Um clube muito bom, organizado, cumpridor, ambicioso, com pessoas de bem. Por um lado, é um clube que quer o mais rapidamente voltar à primeira liga, que também é um aspeto importante. E por outro lado, foi o primeiro convite que tive depois de ter saído do Arouca, agradou-me e acabei por aceitar. Normalmente não faço grande tabu neste tipo de situações.

JRS: Foi fácil chegar a um acordo com o Moreirense para regressar ao clube quase 10 anos depois?

VO: Sim, reunimos ontem e conversamos durante umas horas, e chegamos a um acordo, não foi difícil. Quando as pessoas têm vontade de parte a parte, a coisa fica mais fácil.

JRS: E os objetivos do Moreirense para a próxima época?

VO: Os objetivos do Moreirense não podiam ser outros do que tentar o mais rapidamente possível chegar à primeira liga. Agora é evidente que esses objetivos correm paralelamente a mais 8 ou 9 equipas que se vão apresentar com possibilidades de subir à primeira liga. É uma luta enorme, substancialmente diferente da primeira liga, onde nos últimos anos temos tido apenas duas equipas na luta pelo primeiro lugar, aqui pelos dois primeiros lugar aparecem sempre 8 ou 9 equipas e para o ano não vai ser exceção com certeza.

JRS: O Moreirense deve ser sempre encarado como candidato à subida, mesmo pelos adversários?

VO: O Moreirense vai ter a pressão das 8 ou 9 equipas que são candidatas, há uma série de equipas que vão apostar novamente na possibilidade de chegar à primeira liga. Todas elas são candidatas, todas elas terão os seus atributos, todas elas estão a usar este período para conseguir as melhores armas que lhes possibilitem a chegada à primeira liga. É sempre uma luta muito difícil, é um campeonato com 42 jogos, só por si já torna o campeonato difícil, a competitividade é enorme, como sabe, e o Moreirense irá fazer parte de um lote de equipas que irá tentar esse objetivo.

JRS: Tem receio do efeito que o mercado poderá ter no plantel do Moreirense?

VO: Já estamos a pensar nessa situação, nós em Portugal não temos por hábito, quando uma equipa desce de divisão, manter a generalidade dos jogadores. Os jogadores entendem como um passo atrás esse tipo de situação, que às vezes não é verdade, e normalmente, muitos jogadores acabam por sair e acabam por dar mesmo um passo atrás. Nós mantemos essa tradição, por consequência disso, normalmente quando uma equipa desce de divisão, o seu

plantel é severamente reformulado. Vamos tentar que aqueles jogadores que o Moreirense entende necessários para este projeto continuem. Os que puderem continuar, penso que toda a gente ficará satisfeita, o que não puderem serão substituídos por outros como é óbvio.

JRS: Já tem uma ideia geral para a construção do plantel do Moreirense?

VO: É evidente que sim. Se partimos para uma situação dessas, temos que ter ideias sobre aquilo que pretendemos, sobre o que vamos fazer, sobre as possibilidades do clube. Agora, há muitas condicionantes para a formação de um plantel, mas também há muitas opções. Vamos tentar calmamente, com contenção, fazer um bom plantel.

Declarações no estágio pré-época realizado em Ofir (6 de Julho de 2013)

“A primeira semana correu dentro daquilo que esperávamos. Ainda não temos todos os jogadores, mas já temos a base do plantel.

É um grupo completamente novo. Temos poucos elementos da época passada, mas a integração foi fácil: não só de balneário, com o rápido conhecimento e um bom relacionamento de toda a gente, mas também dos novos métodos de trabalho e do que pretendemos. Esta primeira semana visou, essencialmente, os aspetos físicos. Agora, no estágio, vamos começar a preparar a equipa em termos táticos e transmitir aos jogadores o que pretendemos que façam dentro de campo.

Tudo para começar o mais rapidamente possível a construir a equipa, pois dentro de muito pouco tempo teremos o campeonato à porta. A Taça da Liga começa no final do mês e uma equipa nova precisa de muito trabalho para dar o sentido coletivo que é necessário a uma boa equipa de futebol.

Não há muito tempo, mas o quadro competitivo é assim, temos muitos jogos num campeonato de 22 equipas. Não dispomos de muito tempo, mas vamos aproveitar bem o que temos. Sabemos que até ao início do campeonato não vamos conseguir transmitir todas as ideias, mas com o conhecimento que os jogadores vão tendo do treinador, dos colegas e das próprias capacidades, de certeza que iremos formar um bom plantel e uma boa equipa, que saberá honrar os pergaminhos deste clube.”

Em relação ao sorteio do campeonato...

“Temos que jogar com todos. Não sabemos quando os adversários estarão no seu melhor, pois só o constataremos na altura, por conseguinte, vamos encarar o campeonato com otimismo e alguma precaução, pois será extremamente difícil.”

Os objetivos a curto prazo...

“Entrar bem no campeonato, pois é muito importante começar logo de início a ganhar jogos. A sede de vitória também se trabalha e é bom os jogadores habituarem-se desde cedo a ganhar. Jogos a valer, como são os da Taça da Liga - até porque queremos avançar para a fase seguinte - são extremamente importantes. Ter mais um jogo é sempre bom para o entrosamento e crescimento desta equipa.”

Conferência de Imprensa pré-jogo da Taça da Liga com UD Oliveirense (26 de Julho de 2013).

J: A equipa está preparada para o início oficial?

VO: Penso que fizemos uma boa pré-época. É evidente que ainda estamos muito longe daquilo que pretendemos. Somos um grupo praticamente novo, mas estamos satisfeitos com o que os jogadores têm desenvolvido e apresentado, com o que têm evoluído e estamos convencidos de que estamos preparados.

J: Quais as ambições do Moreirense na Taça da Liga?

VO: Ambições? Primeiro passar esta fase de grupos. Temos que ir por fases. Depois vamos reformulando consoante a nossa evolução e a nossa continuidade em prova. Mas, fundamentalmente, a ideia é passar à fase seguinte.

Optimismo? Estamos conscientes das dificuldades, mas também estamos convencidos de que estamos a formar um plantel e uma equipa que saberá dar resposta e será capaz de dar alegrias a toda a gente que gosta do Moreirense.

J: E o que pensa sobre o adversário?

VO: Neste momento não sabemos muita coisa sobre o nosso adversário. Sabemos que vai apresentar uma série de jogadores que pertenciam ao plantel do ano passado, o que é uma vantagem nesta altura. Mas, em casa temos, em qualquer circunstância, que ser favoritos e é isso que vamos tentar, assumindo o jogo desde o primeiro minuto.

Declarações após o jogo da Taça da Liga com UD Oliveirense (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 26 de Julho de 2013). Vitória por 4-0.

VO: “Penso que foi uma vitória justa, por números desenquadrados com a posse de bola de cada equipa que foi relativamente equilibrada, mas em termos de oportunidades criamos mais, principalmente na segunda parte. Acabamos por fazer um resultado que nos satisfaz plenamente neste momento da época, que vem de encontro aquilo que nós desejávamos que era um resultado moralizador. Agora nada mais que isso. Não damos um grande significado a este jogo, é o primeiro jogo, fizemos algumas coisas interessantes, tivemos alguns erros, e estes jogos servem fundamentalmente para dar ritmo aos jogadores, ritmo competitivo, pois são jogos já oficiais, que os torna mais aliciantes. Pensamos que estamos num processo evolutivo, temos muito a melhorar substancialmente, hoje a maior parte dos jogadores que jogaram pela primeira vez noventa minutos deram uma resposta boa. Penso que este jogo serviu perfeitamente para avaliarmos o estado e momento da equipa e deixou-nos satisfeitos.”

Declarações após o jogo da Taça da Liga com o GD Chaves (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 4 de Agosto de 2013). Vitória por 2-1.

VO: “Duas partes distintas, uma primeira parte equilibrada, com duas equipas que entraram bem no jogo. Foi um jogo nos primeiros vinte minutos de parada e resposta, com várias situações, cantos para um lado e para o outro, um jogo muito equilibrado. Depois um ligeiro ascendente do

Chaves que acabou por culminar com o golo, uma desatenção nossa e acabamos por ser penalizados com um golo.

Penso que na segunda parte demos uma imagem daquilo que pretendemos, uma imagem de rigor, de jogo de equipa, de vontade de vencer, de vontade de inverter o resultado. É evidente que contamos com um aliado importante, que foi marcar um golo nos primeiros cinco minutos. Era muito importante igualar o marcador rapidamente, conseguimos e acabamos por ganhar justamente.”

Declarações após o jogo da Taça da Liga com o Sp. Covilhã (Estádio Municipal José Santos Pinto, 7 de Agosto de 2013). Derrota por 1-0.

“Nenhum treinador espera perder em lado nenhum. Isso é um lugar comum no futebol. Perdemos porque fomos penalizados por uma primeira parte péssima, em que tivemos pouca atitude. Fomos demasiado macios, permitimos que o Covilhã controlasse o jogo e o adversário acabou, merecidamente, por fazer o golo numa das poucas situações de que dispôs.

A segunda parte foi completamente diferente e o Moreirense foi, praticamente, única equipa em jogo. Criámos duas ou três situações... mas também não houve muitas ocasiões de golo. Porém, penso que poderíamos, pelo que fizemos no segundo tempo, ter chegado à igualdade e ter reposto alguma justiça no marcador.

Penso que é importante, até para aprendermos - pois estamos em fase de aprendizagem - lembrar que os jogos têm noventa minutos. Nós esquecemos-nos, pensámos que só tinha 45... mas vai servir de lição importante para o futuro, pois acabámos por ser penalizados - e bem - por uma primeira parte lastimável, apesar de tudo o que de suficientemente bom fizemos na segunda parte. Mas isso não faz esquecer o primeiro tempo desastroso. Vamos aprender a lição e entrar no campeonato mais fortes.”

Declarações antes da primeira jornada da 2ª Liga Cabovisão contra o Ac. Viseu (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 8 de Agosto de 2013).

VO: “As expetativas são o mais positivas possíveis, temos feito uma boa pré-temporada, a taça da liga correu-nos razoavelmente, não tão bem como gostaríamos. A equipa tem vindo a trabalhar bem e estamos esperançados em entrar com o pé direito, era muito importante, sabemos que estes primeiros jogos são muito difíceis, as grandes surpresas acontecem nestes primeiros jogos e estamos precavidos para que não aconteça nenhuma surpresa, ou seja, que o resultado seja positivo e que seja favorável à equipa da casa.

O Moreirense faz parte de um lote de sete/oito equipas que partem para este campeonato com a pretensão de chegar ao fim nas duas primeiras posições. Sabemos que é um campeonato muito difícil, muito longo, muito competitivo e vamos preparar-nos com determinação para podermos entrar na recta final da prova no lote de equipas com possibilidades de entrar nos dois primeiros lugares.

Estamos esperançados em fazer um bom campeonato, estamos a trabalhar com afinco para entrar bem nesta Liga e acredito que seremos uma das equipas que vai andar nos lugares cimeiros até ao fim.

Este é um campeonato extremamente competitivo, onde o primeiro pode facilmente perder com o último - e isso acontece com demasiada frequência - o equilíbrio é notório, as equipas são muito iguais e será assim até ao final, tal como aconteceu na época passada. É verdade que o Belenenses se distanciou, mas até poucas jornadas do fim havia três ou quatro equipas que podiam aspirar à subida de divisão.

As pessoas estão com os olhos postos em toda a gente, pois toda a gente é importante na segunda divisão, treinadores, jogadores, todo o staff técnico e diretivo. Terá que ser um trabalho muito longo, muito profícuo e um trabalho de toda a gente. Por consequência disso, toda a gente tem que estar de olhos na equipa, no que faz durante os noventa minutos, mas nós sabemos quais são as responsabilidades que nos cabem, sabemos que vamos ter o apoio da direção, sabemos que vamos ter o apoio incondicional da massa associativa e sabemos que somos capazes de levar em frente esta situação."

Declarações após o jogo da primeira jornada contra o Ac. Viseu (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 10 de Agosto de 2013). Vitória por 2-0.

VO: "Tivemos uma boa entrada. Penso que tivemos uns 20 minutos iniciais muito bons, até ao golo. Depois começámos e inventar um bocadinho. Perdemos o sentido colectivo e, embora mantivéssemos sempre o controlo nos primeiros 45 minutos - em que o jogo teve praticamente só um sentido -, não estivemos tão bem.

Na segunda parte, o Ac. Viseu entrou melhor e teve um período de quinze minutos em que - sem criar situações - controlou o jogo. Depois, reagimos e tivemos três ou quatro boas situações para ampliar o marcador. Não o conseguimos e o Ac. Viseu fez o que lhe foi possível. Não criou praticamente nenhuma situação de golo e penso que a vitória do Moreirense é justa.

No jogo da Taça da Liga, com o Covilhã, fomos penalizados por uma primeira parte em que praticamente não existimos. Agora, o jogo para o campeonato será substancialmente diferente. Teremos um outro espírito, outra atitude e iremos lá para discutir o resultado e para trazer pontos... porque o campeonato faz-se com pontos e nós precisamos de um bom arranque.

Temos vindo a evoluir e a melhorar de jogo para jogo. Hoje tivemos períodos muito bons, de controlo absoluto - o que não é fácil nesta divisão. Temos consciência de que onze dos jogadores que atuaram são novos. Conhecem-se há um mês e meio, o que torna as coisas mais difíceis. Mas o empenhamento, a atitude muito positiva que têm tido perante o treino e a vontade demonstrada de perceberem rapidamente todas as ideias que lhes são transmitidas têm ajudado imenso. Por isso, acreditamos que vamos formar uma boa equipa e que proporcionaremos bons espectáculos."

Declarações após o jogo da segunda jornada contra o Sp. Covilhã (Complexo Desportivo da Covilhã, 18 de Agosto de 2013). Vitória por 1-2.

VO: “Ganhámos, que era o mais importante. Foi um jogo feio... por uma razão muito simples: o campo, inexplicavelmente, continua em muito mau estado. As duas equipas mereciam um relvado em muito melhor estado. O campo está péssimo para jogar à bola. Se foi estratégia, não resultou. Se é incúria, julgo que era importante fazer alguma coisa, pois o SC Covilhã tem bons jogadores, que sabem jogar à bola e têm toda a vantagem em ter um relvado em condições. Na primeira parte fomos melhores. Na segunda, o jogo foi muito difícil para as duas equipas. O Covilhã, com um jogo completamente directo, criou uma única oportunidade no último segundo. De resto, o nosso guarda-redes não fez uma defesa na segunda parte. Foi um jogo físico, extremamente desgastante, que, aliado à má qualidade do terreno, resultou num mau espectáculo, com vitória justa do Moreirense.”

Conferência de Imprensa após a terceira jornada com o GD Chaves (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 21 de Agosto de 2013). Vitória por 7-0.

VO: “É um bom resultado e uma boa exibição, vitória inquestionável da equipa da Moreirense. Fomos superiores durante os 90 minutos e praticamente em todos os momentos do jogo. Tivemos a felicidade de entrar muito bem, as primeiras três oportunidades de golo que tivemos, concretizámo-las, e isso efetivamente trouxe uma tranquilidade à equipa, que acabou por demonstrar uma boa qualidade de jogo. Tivemos alguns períodos em que facilitamos um bocadinho, no passe e na circulação da bola, mas no cômputo geral fizemos um bom jogo, sete golos a um adversário direto, porque penso que esta equipa do Chaves é um excelente equipa. É um resultado anormal, eu diria mesmo anormal, mas é uma situação que pode acontecer no futebol. Para nós vale tão somente três pontos, o Chaves também só perdeu três pontos, tudo o resto será especular sobre um resultado que não é habitual nesta divisão de honra. O desgaste provocado pelo jogo de domingo na equipa do Chaves e o avolumar do resultado, provocou algum descrédito e facilitou-nos a vida, para além disso, devemos salientar que tivemos uma eficácia quase a 100%. Foi um bom prémio para os nossos jogadores, foi um bom prémio para quem cá veio ver o jogo e torcia pelo Moreirense, e vamos continuar em frente porque, este resultado não tem um significado por aí além, como já disse atrás não é muito normal na divisão de honra, mas são situações que acontecem, são situações pontuais. Vamos continuar em frente porque o campeonato vai ser tremendamente difícil, não tenho qualquer dúvida.

A mudança de cinco jogadores foi benéfica, os jogadores trouxeram uma boa dinâmica, tínhamos tido um jogo à 72 horas atrás, tínhamos tido a viagem à Covilhã, estava muito calor hoje, jogávamos contra um candidato, entendemos que devíamos mudar e os jogadores deram uma resposta perfeitamente positiva e de acordo com aquilo que nós esperávamos.

Todos os adversários têm cautela com o Moreirense. Como o Moreirense é um equipa com um percurso bonito, quer na divisão de honra, quer até na primeira liga, algumas vezes já na primeira liga, é um clube de grande estabilidade e, por consequência disso, sempre um candidato à subida

à primeira liga. Os clubes adversários sabem disso, agora nós sabemos que hoje conquistamos apenas e só três pontos, sabemos que o campeonato vai ser sempre muito difícil, sabemos que as equipas contra o Moreirense se agigantam, mas também sabemos que se agigantam contra os outros 4 ou 5 candidatos que irão existir neste campeonato. Vai ser um campeonato muito disputado, com têm sido os últimos campeonatos, agora queremos estar na linha da frente, queremos estar nessa disputa, e tudo iremos fazer para merecer estar lá nessa posição.”

Conferência de Imprensa após quinta jornada contra a UD Oliveirense (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 1 de Setembro de 2013). Derrota por 0-1.

VO: “Perdemos bem, porque quem faz uma primeira parte com a atitude competitiva que tivemos só merece perder. Não vamos esconder com outros argumentos a incapacidade que manifestámos na primeira parte: fomos uma equipa arrogante, que encheu o peito de ar sem ter feito, até agora, absolutamente nada que o justificasse. O campeonato está no começo e ainda não fizemos nada de significativo para entrar com o peito cheio como fizemos nos primeiros 45 minutos.

Houve jogadores que praticamente não existiram nesse período. A atitude pouco competitiva e o fraco desejo de vitória reflectiu-se não só na exibição como no ganho de confiança da Oliveirense.

Na segunda parte entrámos com uma atitude diferente. Mesmo assim, sem apresentar grande qualidade de jogo. Acabámos surpreendidos com um penalty e depois fomos atrás do prejuízo. Mas já era tarde e o adversário defendeu-se como pôde, com todas as armas. Falhámos três ou quatro situações, algumas por falta de sorte outras por aselhice e acabámos por ser penalizados - e penso que bem - porque uma equipa com as aspirações do Moreirense não pode, em circunstância alguma, ter a atitude da primeira parte.

Não é puxão de orelhas. É a constatação de um facto. Os jogadores estavam avisados de que este jogo seria extremamente difícil. Por vezes, com boas exibições, podemos tornar estes jogos menos difíceis. Mas, em princípio, nesta Liga são todos difíceis e hoje foi a prova provada disso. Agora, esta derrota poderá ser a mãe de muitas vitórias, se percebermos que temos de correr e ter uma atitude competitiva durante os 90 minutos. E nem foi por não correr que perdemos o jogo, porque os jogadores correram. Foi por falta de concentração, de motivação e por pouca ambição para o que era necessário.

(...) Se tivéssemos uma atitude mais competitiva, uma maior vontade de ganhar, um maior discernimento e uma maior velocidade de jogo teríamos tido um resultado diferente. Não o conseguimos e fomos penalizados. Aceito perfeitamente esta penalização, assumo a minha responsabilidade, que é total, e vamos tentar mudar esta atitude o mais rapidamente possível por forma a voltarmos aos índices exibicionais que tínhamos antes desta jornada. Foi penalizador, mas um castigo merecido pelo que devíamos ter feito e não fizemos. Vamos assumir por inteiro a responsabilidade. A culpa é inteiramente nossa. Estávamos avisados, mas por vezes descuidamo-nos. Agora, se não aprendemos com os erros, somos burros.”

Declarações após o jogo da sexta jornada com o FC Porto “B” (Estádio Dr. Jorge Sampaio, 13 de Setembro de 2013). Empate 0-0.

VO: “Pelo que as equipas produziram, aceita-se o empate. Na segunda parte, o Moreirense foi melhor. Em termos de oportunidades, o Porto teve uma flagrante - numa grande defesa do Carlos - e nós tivemos duas muito boas. Mas o resultado ajusta-se.

O jogo foi difícil pelo valor do adversário, mas também pelo calor. Tivemos alguma dificuldade na primeira parte porque não conseguimos passar bem. E quando não se passa bem, não se pode jogar bem. De resto, defendemos bem, sempre muito organizados. O FC Porto não teve uma ocasião de perigo na primeira parte. Estivemos sempre bem posicionados... Mas, depois, não conseguimos sair para o ataque. Falhámos muitos passes, o Porto pressionou-nos bem e não estivemos esclarecidos. Penso até que fomos algo medrosos.

Na segunda parte melhorámos, continuámos a defender bem e conseguimos até sair com perigo em algumas situações em que com mais um bocadinho de tranquilidade podíamos ter chegado ao golo.

Temos uma série de lesões traumáticas, mas os jogadores dão-nos garantias de continuar a fazer um bom campeonato e até razões para encarmos o futuro com algum optimismo.”

Declarações após o jogo da sétima jornada com o Sporting Clube Farense (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 8 de Setembro de 2013). Vitória por 2-1.

VO: “A vitória nem chegou a ser sofrida no final do jogo porque o Farense no seu único remate à baliza fez o golo. Na primeira parte fez um remate aos 41 minutos, que o Carlos defendeu tranquilamente e na segunda parte foram à baliza naquele lance... lance que me parece precedido de falta - que o árbitro não assinalou - e de falta de atenção da nossa parte, que não devíamos ter parado a protestar a marcação da falta. Devíamos estar mais concentrados e já não acontecia aquilo.

Julgo que entrámos muito bem no jogo. Na primeira meia hora podíamos ter feito dois ou três golos em cinco ou seis boas oportunidades. Depois tivemos as lesões do Anilton e no início da segunda parte do Paulinho, que nos condicionaram de certa forma, pois quando quisemos fazer alterações para melhorar o meio-campo em termos de agressividade ficámos fragilizados pela situação do Stéphane. Mesmo assim, ainda estivemos mais próximo do três-zero do que o Farense do dois-um. De qualquer das formas penso que melhorámos substancialmente em relação ao último jogo, perante uma equipa difícil, atleticamente muito bem constituída, de jogadores com bom índice técnico e que nos dificultaram a missão. Mas ganhámos justamente, e uma diferença de dois golos no marcador estaria mais de acordo com o que as equipas produziram.”

Declarações após o jogo da Taça de Portugal com o Merelinense FC (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 21 de Setembro 2013). Vitória por 9-0.

VO: “Para o jogo ficou a história dos golos. É sempre bom marcar e o jogo ficou definitivamente resolvido após o primeiro golo e a expulsão do jogador do Merelinense.

É uma lei absurda que só prejudica o futebol... que deve ser jogado onze contra onze. Mas o árbitro cumpriu a lei. Uma lei absurda, que não faz sentido. A partir daí, fizemos o nosso jogo. De salientar que o adversário se bateu com as armas que tinha, sempre com muita lealdade e com uma boa postura. Não fez anti-jogo, nem foi agressivo no mau sentido. Tentaram tudo o que puderam para contrariar. Mas é evidente que podiam pouco. Depois de reduzidos a dez podiam menos e nós acabámos por fazer uma série de golos, num resultado que não é normal em futebol.

O objectivo é ganhar o jogo. O Gil Vicente tem a obrigação de possuir melhores argumentos, mas nós também temos os nossos e vamos tentar contrariar o favoritismo do Gil Vicente e tentar mandar em nossa casa. O objectivo do Moreirense neste momento é tentar ganhar jogos e em casa seremos favoritos na maioria das vezes. Independentemente da prova, estamos numa fase em que podemos dar tudo, por a carne toda no assador e tentar um bom resultado. Não haverá poupanças e jogaremos com os melhores que temos neste momento.

A preferência fundamental é jogar em casa e com uma equipa que esteja ao nosso alcance. Será melhor defrontar um adversário de uma terceira divisão do que uma equipa da Liga. Isto é uma prova a eliminar e quanto mais longe formos melhor. Para isso, não vamos desejar um Benfica, um Porto ou um Sporting, como é evidente. Vamos esperar um adversário que nos conceda o favoritismo.

Apesar do calor e do resultado, os jogadores tiveram uma atitude sempre séria. Insistimos nisso antes do jogo e durante o intervalo e todos cumpriram à risca. Respeitaram o público, respeitaram o adversário e fizeram um jogo sério.”

Declarações após o jogo da 8ª jornada com o Benfica “B” (Caixa Futebol Campus, 30 de Setembro de 2013). Vitória por 1-2.

VO: “Apresentámos uma equipa experiente e penso que foi a experiência que fez a diferença neste jogo. O Benfica tem uma óptima equipa, com jogadores jovens, mas de muito talento. Jogaram bem, criaram-nos muitas dificuldades e tornaram o jogo extremamente difícil. A nossa experiência ajudou-nos enormemente e acabámos por construir as melhores situações de golo, que poderíamos ter materializado ainda na primeira parte e assim reforçado a diferença que se verificava ao intervalo. A segunda parte foi difícil. Quando empatou, o Benfica - a jogar em casa - galvanizou-se e a qualidade foi um factor importante. Acabámos por ser felizes na obtenção do segundo golo, mas julgo que o resultado acaba por ser justo. Temos uma equipa praticamente nova. Entraram 23 jogadores, que é uma coisa perfeitamente absurda, mas foi o que aconteceu. Estamos a assimilar processos, a melhorar de jogo para jogo e pensamos que seremos mais

fortes no futuro. Mas temos de facto uma equipa muito experiente em termos de segunda Divisão e isso foi muito útil.”

Declarações após o jogo da nona jornada contra o Atlético CP (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 9 de Outubro de 2013). Vitória por 2-1.

VO: “O que nos preocupava mais neste jogo eram os três pontos. Conseguimo-los com justiça e é justo que se diga que foi com justiça. Fomos a única equipa que tentou jogar para ganhar. Agora, também foi um bom jogo para tirarmos algumas ilações. Se calhar não somos tão bons quanto alguns jogadores julgam que são. E teremos que ter sempre os pés no chão, porque se não tivermos, se não formos humildes e consciente do que efectivamente valem, a qualquer momento temos um dissabor.

O Moreirense jogou mal porque na primeira parte tivemos pouca atitude. Entrámos, fizemos um golo e pensámos que ia ser um jogo fácil... E logo de seguida sofremos um golo. É evidente que, depois, o Atlético não nos incomodou mais, praticamente não fez um remate à baliza. Não sei até se fez sequer um remate. Mas a nossa qualidade de jogo foi fraca. Tentámos fazer aquilo que não sabemos e não jogámos o que sabemos. E quando assim acontece, normalmente joga-se mal, perde-se confiança, o adversário vai acreditando, o que tornou uma primeira parte penosa e difícil para nós. Depois melhorámos em termos de atitude, mas falhámos na finalização. Estivemos seis ou sete vezes na cara do guarda-redes e falhámos de uma forma sistemática, na maior parte das vezes por aselhice e por inépcia. E isso poderia ter-nos custado dois pontos, o que era uma machadada muito forte nas nossas aspirações. Felizmente conseguimos os três pontos, que era o mais importante, e estamos na primeira posição com um jogo a menos, que era o que pretendíamos. Agora, vamos tirar as devidas ilações deste jogo, vamos ser rigorosos na análise de forma a que no futuro não voltemos a passar por situações como esta. É evidente que ainda vamos passar por situações desagradáveis, vamos ter jogos menos bons. Mas neste tínhamos que fazer um jogo substancialmente melhor, mais tranquilo e com um melhor resultado.”

Declarações após eliminatória da Taça de Portugal contra o Estoril de Praia (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 19 de Outubro de 2013). Derrota por 0-2.

VO: “Durante a primeira parte conseguimos o que pretendíamos, que era manietar o Estoril e anular o seu jogo ofensivo. O adversário não conseguiu dar profundidade aos lances. Sabíamos que o era extremamente perigoso dar espaço, o que não permitimos. Na segunda parte arriscámos mais. Antes da expulsão estávamos a ser melhores que o Estoril: estávamos a crescer e à procura do resultado. A partir daí pensámos que estaríamos mais próximo da vitória, arriscámos ainda mais, demos espaço e cometemos alguns erros em termos defensivos. E o Estoril, como boa equipa que é, fez um aproveitamento que diria quase de cem por cento das situações que criou. Estávamos prevenidos para este tipo de situação, mas também sentíamos que tínhamos aqui uma boa oportunidade de eliminar o Estoril. Com as substituições procurámos

um maior caudal ofensivo, sempre cientes de que não poderíamos dar espaço na defesa. Mesmo assim, acabámos por ser surpreendidos num lance de contra-ataque, num bom cruzamento com uma boa finalização. E depois numa bola parada em que também demonstrámos alguma desconcentração.

Penso que fizemos um jogo meritório, estivemos próximo de fazer melhor, mas devemos reconhecer que o Estoril é uma equipa extremamente perigosa, que com dez unidades baixou as linhas e aproveitou o espaço que demos nas costas. É um vencedor justo, segue em frente e nós vamos preocupar-nos com o que realmente temos de nos preocupar, que é o campeonato. Acaba por ficar um sabor amargo porque na altura da expulsão o Moreirense estava por cima. Tivemos uma situação de quatro para dois que desperdiçámos e que poderia ter levado a outro resultado. Agora, há que aprender com os erros que cometemos e tentar fazer melhor já no próximo jogo.”

Flash interview da SportTv após o jogo da décima segunda jornada contra o Feirense (Estádio Marcolino de Castro, 27 de Outubro de 2013). Vitória por 0-4.

J: Onde esteve o segredo desta vitória?

VO: “O segredo esteve no rigor que tivemos em campo, no empenho, na motivação e na vontade de vencer. Penso que foram quatro fatores importantes. Depois há os outros fatores que têm a ver com a sorte do jogo, com a concretização das oportunidades criadas. Penso que fomos um vencedor absolutamente justo, fomos sempre melhor que o nosso adversário durante os noventa minutos, mesmo com dez, o nosso adversário praticamente não criou uma situação, fez um remate de meia distância que bateu no poste e nós continuamos a criar situações, fizemos dois golos já com menos uma unidade. Aproveitámos o adiantamento da equipa, aproveitamos a intranquilidade da equipa do feirense, e fizemos um bom jogo, estamos de parabéns, os meus jogadores estão de parabéns, fizeram um jogo excelente. Penso que percebem que trabalhando bem, podemos jogar bem e podemos realmente conseguir os nossos objetivos.

J: O objetivo passa indiscutivelmente pela subida de divisão, começam a sentir cedo essa pressão de terem de ser líderes ou é uma situação com a qual lida à vontade até pela longa experiência que tem neste tipo de trajetos de trazer equipas da segunda para o primeiro escalão?

VO: Nós tentamos lidar o melhor possível com essa situação, é evidente que alguns jogadores menos habituados poderão, num momento ou outro, ter alguma quebra, mas penso que estamos a lidar bem com essa situação. Agora também temos consciência, e os jogadores também têm essa consciência, que já lhes passei essa ideia, que ainda é muito cedo para fazer prognósticos, nós estamos num grupo de cinco/seis equipas com possibilidades de subida de divisão, estamos neste momento numa boa posição, o que não quer dizer que daqui a meia dúzia de jornadas não possamos estar noutra posição. Vamos tentar tudo para manter esta posição, como fizemos hoje, mas sabemos que temos um campeonato extremamente difícil, passou-se apenas $\frac{1}{4}$ do campeonato, por isso ainda muita coisa vai mudar, muitas voltas irão acontecer nesta divisão de

Honra, porque é um campeonato longo, extremamente competitivo, e estamos com os pés bem acentes no chão, gostamos desta posição, sabemos lidar com esta posição e com a pressão inerente ao primeiro classificado, mas sabemos que ainda estamos muito longe da meta.”

Conferência de Imprensa após o jogo da décima terceira jornada contra o Trofense (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 2 de Novembro de 2013). Vitória por 4-0.

J: Mais uma vitória, mais uma goleada, é este o rumo certo?

VO: “Sim, enquanto forem vitórias, é o rumo certo, mas hoje, de qualquer das formas, penso que o resultado está para além da exibição. Penso que não fizemos um jogo que justificasse os quatro golos de diferença. Fomos a equipa que mais fez para ganhar, fomos a equipa que criou mais oportunidades, o Trofense penso que não criou nenhuma oportunidade de golo, mas tivemos períodos em que a qualidade de jogo não foi aquela que pretendíamos e que pensamos ser possível neste momento. Hoje não foi realmente o nosso dia, tivemos muita gente a render abaixo daquilo que é normal para esta fase do campeonato.

De qualquer das formas, penso que fomos um vencedor justo, números provavelmente exagerados, mas o importante, e o que fica, é o resultado, porque isto faz-se com pontos e são as vitórias que dão os pontos. Conseguimos mais um bom resultado, conseguimos fazer quatro golos, estamos há três jogos do campeonato sem sofrer golos, que também é um fator importante. Agora, precisamos de ser mais equilibrados, de ser mais consistentes, porque acho que temos jogadores com condições mais do que suficientes para que isso aconteça.”

Declarações após o jogo da décima quarta jornada contra o Portimonense (Estádio Municipal de Portimão, 6 de Novembro de 2013). Empate 1-1.

VO: “Foi uma primeira parte apática em que não entrámos concentrados. Foram 35 minutos iniciais muito fracos, pouco agressivos e em que não tivemos bola. O penalty não deveria ter acontecido, mas a partir daí fomos substancialmente melhores. O Portimonense limitou-se a defender, mas conseguimos um grande golo do Carvalhas. O Portimonense jogou sempre no nosso erro.”

Declarações após o jogo da décima sexta jornada contra o Leixões (Estádio do Mar, 24 de Novembro de 2013). Empate 1-1.

VO: “É evidente que foram dois pontos perdidos, face ao que as equipas produziram. O resultado é muito bom para o Leixões e muito mau para o Moreirense. Fizemos tudo - menos golos - para levar os três pontos. Não o conseguimos, pois o Leixões aproveitou um falhanço nosso e acabou por fazer um golo, num aproveitamento a cem por cento. Nós não conseguimos materializar em golos todo o caudal ofensivo que tivemos. O jogo teve praticamente só um sentido durante os 90 minutos. Mas o futebol também é isto. Tivemos o controlo do jogo de uma forma quase absoluta. Na parte final tentámos mexer. Até

então a equipa estava bem, com praticamente todos os jogadores a muito bom nível. Só nos faltava a finalização, o que tentámos com a entrada dos três avançados, para procurar o golo que nos daria a vitória e colocaria justiça no resultado. O Leixões defendeu-se sempre com muita coragem e determinação num campo muito difícil. Hoje tornámos difícil um jogo que parecia extremamente fácil. Quando não se marca sujeitamo-nos...”.

Declarações após o jogo da décima sétima jornada contra o Desp. Aves (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 27 de Novembro de 2013). Derrota por 0-2.

VO: “O Moreirense pôs-se a jeito. Entrámos apáticos, deixámos que o Aves controlasse o jogo, sem criar grande perigo, mas não deixando que nós criássemos os lances de perigo que normalmente criamos em casa. Fomos lentos de processos, fomos lentos na segunda bola, em que normalmente somos fortes, e perdemos praticamente todos os duelos individuais. Por isso, diria que nos pusemos a jeito para que o Aves partisse à frente... e era extremamente importante que isso não acontecesse. Mais importante ainda depois de estarmos com dez. Não podíamos, a um minuto do intervalo, sofrer um golo, mas acabámos por sofrê-lo numa desconcentração. Não fomos eficazes, acabámos por perder o jogo e ficámos privados de dois jogadores importantes para o próximo jogo, o que traduz uma tarde manifestamente má. Agora, há que tirar ilações pois este é um tipo de situação que não podemos voltar a repetir. Podemos perder, mas de outra forma. O Moreirense vale muito mais do que isto e terá de o expressar dentro de campo. Vamos assumir as nossas responsabilidades, não estivemos ao nosso nível, nem sequer num nível razoável, e vamos dar uma ideia completamente diferente já no próximo jogo.”

Declarações após o jogo em atraso da décima quinta jornada contra o Penafiel (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 4 de Dezembro de 2013). Empate 1-1.

VO: “Foi um péssimo jogo da nossa parte. Mesmo a ganhar por 1-0 não tivemos qualidade. Foi um castigo merecido e um resultado justo, não pelo que o Penafiel fez - porque não fez praticamente nada durante os 90 minutos - mas por aquilo que nós não fizemos e tínhamos a obrigação de fazer. Estivemos muito aquém do que esperávamos, do que podemos e do que temos obrigação de fazer. Vamos pensar bem em tudo o que fizemos e vamos discutir com os jogadores, porque estavam criadas todas as condições para fazer um bom jogo. Chegámos ao 1-0 num penalty justíssimo, o adversário ficou com menos um jogador e, em superioridade numérica, tínhamos o controlo absoluto do jogo. Alertámos para a necessidade de fazer rapidamente o segundo golo, mas não fizemos nada: não conseguimos fazer uma aceleração no jogo para que pudéssemos vislumbrar o segundo golo. Praticamente não criámos situações de golo, apesar de termos o domínio absoluto... o Penafiel limitou-se a lançar bolas a 30 ou 40 metros da nossa baliza, sem qualquer perigo. Mas permitimos um lance em que um jogador correu 40 metros com a bola, sem oposição, obtendo um excelente golo que veio dar justiça ao resultado pelo que não fizemos. Nós merecemos este castigo e não podemos esconder isso. É evidente que neste momento ainda estamos numa posição de subida. Mas, se realmente

quisermos ser candidatos, temos que mudar rapidamente o temperamento, a raça e a determinação com que abordamos os jogos. Quando não há talento - e hoje não o tivemos - terá que haver transpiração. Fomos demasiado comodistas, confiámos demasiado no 1-0, confiámos demasiado na inépcia atacante do Penafiel e acabámos por ser bem penalizados. Temos a obrigação de fazer mais.

Relativamente ao jogo com o Feirense, há sensivelmente um mês, só dois jogadores mantiveram a titularidade: o Florent e o Pires, além do André Simões, mas fora da posição. Estas mudanças também se reflectem. Mas não quero ir por aí, porque acho que não é o caminho certo. No futebol não nos podemos enganar, temos que ser realistas e eu prezo-me de ser muito realista. Com estes jogadores, temos que fazer melhor. Vamos assumi-lo com clareza porque somos nós que temos de resolver isto. Não nos podemos queixar de ninguém de fora a não ser de nós próprios. Temos que dar a volta à situação e tenho a certeza que vamos conseguir e vamos voltar aos bons resultados e às boas exibições.”

Declarações após o jogo da vigésima primeira jornada contra o Tondela (Estádio João Cardoso, 15 de Dezembro de 2013). Vitória por 0-1.

VO: “Penso que foi a vitória mais saborosa deste campeonato. De todas as vitórias que tivemos, esta foi a melhor, porque quebrou um ciclo de jogos muito difícil, em que realmente não conseguíamos ganhar. Uma equipa como a nossa não pode estar tanto tempo sem ganhar, e nós estávamos à demasiado tempo sem ganhar. Hoje quebramos esse ciclo e pensamos que daqui para a frente só podemos melhorar. Pior do que fizemos até aqui, nas últimas semanas, é difícil.

Não foi um jogo bonito, foi um jogo feio. As duas equipas entraram demasiado nervosas, as duas à procura de um vitória, pouca qualidade, muito contacto, muito chutão, mas o que fica realmente é o resultado, e nós estamos contentíssimos pelo resultado.

É evidente que gostaríamos de ter jogado melhor, não jogamos, mas conseguimos aquilo que nos interessava, que eram os três pontos, e fundamentalmente, quebrar um ciclo que para nós foi muito negativo nestes últimos sete jogos. Voltamos a uma posição mais confortável, e esperamos que a partir de agora, a ansiedade que nos tem acompanhado, desapareça. Não há motivo para estarmos tão ansiosos como vínhamos a estar nos últimos tempos. Foi muito importante esta vitória e os três pontos. Agora penso também que o jogo foi fraco, de parte a parte, provavelmente fomos mais felizes, mas estamos muito contentes porque o que nós queríamos realmente eram os três pontos, independentemente da qualidade do jogo que pudéssemos apresentar, gostaríamos de termos apresentado uma boa qualidade do jogo, até porque temos condições para isso, mas neste momento, estávamos mais direccionados para o resultado.”

Conferência de Imprensa após o jogo da vigésima terceira jornada contra o Sp. Covilhã (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 28 de Dezembro de 2013). Empate 0-0.

VO: “Foi o resultado possível, resultado justo, por várias razões. Entrámos muito bem no jogo, muito bem. Depois da expulsão do Filipe, continuamos bem no jogo, criámos duas ou três oportunidades boas para fazer golo. Depois a expulsão do Diogo complicou, tentamos equilibrar dentro do possível, tínhamos uma equipa muito desequilibrada. Tínhamos muitos homens na frente e apenas o Ídris para defender. Equilibramos o jogo até o intervalo. Na segunda parte tentamos equilibrar a equipa por forma a defender bem, fundamentalmente, porque a jogar com nove sabíamos que se sofressemos dificilmente poderíamos reverter a situação. Defendemos bem e acabamos por ter as duas melhores situações.

É evidente que o domínio, naturalmente, foi da equipa do Covilhã, mas sem criar grande perigo. Penso que os nossos jogadores foram muito briosos, trabalharam muito, foram rigorosos e acabaram por merecer este empate, que foi um mal menor.

Gostaríamos de ter mais pontos, mas estamos dentro dos objetivos. Tivemos alguns azares nestes últimos jogos, com lesões e expulsões. Estamos medianamente satisfeitos, pensamos que somos capazes de fazer mais e penso que vamos fazer mais na segunda volta.

A equipa há quatro jogos que não sofre golos, que também é um fator importante, defender bem é meio caminho andado para se conseguir um bom resultado para subir de divisão.”

Conferência de Imprensa após o jogo da vigésima quinta jornada contra o União da Madeira (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 18 de Janeiro de 2014). Vitória por 3-0.

J: É o resultado e o jogo ideal, havendo jogo a meio da semana, já que mantém o primeiro lugar e encara esse jogo ainda com poder?

VO: “Foi uma vitória boa, justa, penso que por números que traduzem a diferença exibicional das duas equipas. Era um jogo muito importante para nós, pois vínhamos de uma série de resultados menos conseguidos em casa. Havia alguma tensão, alguma dúvida, mas desfizemos essa dúvida com um jogo muito seguro, muito confiante, praticamente não demos uma chance ao adversário, fizemos três golos, criámos mais duas ou três ocasiões boas de finalização e acabamos por ter uma vitória muito bem conseguida, que nos permite encarar os próximos jogos com alguma tranquilidade. É evidente que este campeonato é muito difícil, o sobe e desce das equipas é quase permanente, e temos que nos acautelar, quarta-feira já teremos um jogo tremendamente difícil, não só pelo adversário tradicionalmente difícil em casa, mas porque vamos encontrar um terreno muito difícil em termos de condições. Teremos que estar bem preparados, vamos motivados, vamos com a moral em alta, vamos numa série boa de resultados, vamos há seis jogos sem sofrer golos, que também é um fator extremamente importante nesta divisão, mas estamos apreensivos porque vai ser um jogo muito difícil”.

J: Vi-o a gesticular várias vezes, mesmo depois de estar a ganhar por dois, para a equipa procurar mais golos...

VO: “É típico no futebol português, não só no Moreirense, é típico das equipas portuguesas, quando se apanham por cima, normalmente gostam de fazer a gestão do jogo, mas podemos fazer a gestão do jogo no meio-campo adversário e se possível com perigo para a baliza adversária. Estávamos a jogar muito no nosso meio-campo, podíamos perder a bola e sofrer um golo, que poderia criar alguma instabilidade, nós preferimos jogar no meio-campo adversário, preferimos mais golos e preferimos que os jogadores estejam motivados e direcionados para isso”.

J: **Apesar de alterar o onze de jogo para jogo, há jogadores que regressam de lesão ou de castigo que entram diretamente no onze. Há jogadores que perfazem mais o onze do que outros?**

VO: “Eu penso que a grande diferença da equipa do Moreirense em relação à generalidade das equipas, é que tem 16/17 jogadores do mesmo nível, e isso permite-nos uma maior rotatividade e permite-nos alguma frescura. É evidente que fazemos sempre os possíveis para jogar com os melhores e com aqueles que nos dão mais garantias a cada jogo. Os jogos são diferentes e às vezes as mudanças têm mais a ver com a própria característica do jogo do que propriamente com o nível exibicional demonstrado pelos jogadores no jogo anterior”.

Conferência de Imprensa após o jogo da vigésima sexta jornada contra o UD Oliveirense (Estádio Carlos Osório, 22 de Janeiro de 2013). Empate 2-2.

VO: “Duas equipas com jogadores extremamente briosos, sérios e profissionais, que puseram em causa durante 90 minutos a sua integridade física, num campo que não oferece o mínimo de condições para um jogo de futebol. Os jogadores fizeram o que foi possível, não assistimos a praticamente nenhuma jogada, assistimos a quatro golos, assistimos a uma divisão de pontos, que acaba por premiar o empenho das duas equipas. Tudo o resto, penso que era importante a Liga estivesse atenta às condições deste campo, pois é um campo que é efetivamente a negação do que deve ser um campo para a prática do futebol. O árbitro entendeu que tinha condições, o jogo fez-se, mas é uma péssima propaganda ao futebol, põe em risco a integridade física dos jogadores, proporciona espetáculos absolutamente deploráveis e no fim, penso que acabamos por perder pontos. O que eu sinto é que ninguém ganhou um ponto hoje, acho que perdemos todos.

O resultado é justo pelo empenhamento dos jogadores, porque nenhuma das equipas praticou futebol, porque isto não tem o mínimo de condições para um jogo de futebol. Poderia dizer que o segundo golo da Oliveirense é precedido de falta e veio realmente falsear o resultado porque é no último segundo, mas isso não traz nada de útil ao futebol. Penso sim que os jogadores merecem melhores palcos para se poderem exhibir a boa nível”.

Conferência de Imprensa após o jogo da vigésima sétima jornada contra o FC Porto “B” (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 28 de Janeiro 2014). Derrota por 1-2.

J: Teve um penalti aos 86 minutos e depois acabar por perder o jogo, deve ser difícil de digerir.

VO: “As derrotas são sempre difíceis de digerir, mas não podemos esconder que o Porto foi melhor. Podíamos efetivamente ter feito o penalti e resolver o jogo a nosso favor mas penso que não fizemos um bom jogo, nunca tivemos o controlo do jogo, não aproveitamos as saídas rápidas na primeira parte, onde fomos demasiado individualistas, pensamos o jogo muito pouco coletivamente e quando assim é, ou se tem grandes valores individuais que desequilibram, que não é o nosso caso nem o caso da generalidade das equipas em Portugal, ou tem que se desequilibrar coletivamente, e nós não fomos suficiente fortes.

Conseguimos equilibrar o jogo durante largos períodos, chegamos ao golo, o Porto acaba por empatar, repondo alguma justiça no resultado. Podíamos ter chegado ao 2-1, não chegamos, e o Porto num lance de bola parada, em que nós temos homens que são muito capazes, acabamos por sofrer um golo que não deveríamos ter sofrido, o jogo deveria ter acabado empatado.

De qualquer das formas, só nos podemos queixar de nós próprios, não podemos tentar arranjar desculpas. Pensamos o jogo individualmente, e não coletivamente, e normalmente quando assim é, o resultado é negativo”.

J: Nos últimos dois jogos a equipa sofre quatro golos. Há alguma coisa que não está a sair bem?

VO: “Não, as equipas quando sofrem golos, não tem a ver unicamente com a defesa, tem a ver com a equipa toda. Nós hoje sofremos dois golos de bola parada, o segundo não deveria ter acontecido, até porque me termos de altura somos substancialmente mais altos que o Porto. O jogo de Oliveira de Azeméis, eu penso que praticamente não existiu jogo, os golos aconteceram para um lado e para outro e até podia ter acontecido mais, mas não existiu jogo, por isso esse jogo passa um pouco à margem.

No jogo de hoje, não fomos tão bons como costumamos ser, demos muito espaço nas zonas laterais, os nossos alas acompanharam pouco, fechamos pouco o espaço interior e deixamos que o Porto jogasse relativamente à vontade.

Fundamentalmente, o que fica do jogo é um castigo para uma equipa que terá que jogar sempre de fato de macaco, e hoje resolveu abdicar disso”.

J: O Moreirense perdeu 5 pontos nos últimos dois jogos. Fica um pouco à mercê dos adversários?

VO: “Não ficamos à mercê de ninguém, nem ninguém fica à mercê do Moreirense. Faltam 15 jornadas, são muitos pontos, os pontos perdem com uma facilidade incrível neste campeonato, ainda há muito campeonato para disputar, nada está resolvido. As situações invertem-se com muita facilidade, nós temos que nos preocupar única e exclusivamente com o Moreirense. Temos que ser mais competentes, mais realistas, temos que pensar que nada está conseguido e que o processo até ao fim ainda vai ser longo e muito difícil”.

Declarações após o jogo da vigésima oitava jornada contra o Farense (Estádio de São Luís, 2 de Fevereiro de 2014). Empate 0-0.

VO: “Um ponto fora na divisão de honra é sempre importante. Penso que a divisão de ponto se aceita pelo que as duas equipas fizeram, ou não fizeram. O estado do terreno péssimo, os jogadores tiveram muita dificuldade em jogar. Poucas oportunidades, ou praticamente nenhuma. Um jogo muito atlético, muita entrega dos jogadores, muita disponibilidade, mas não assistimos a um grande jogo. Fica o ponto, somar um ponto é sempre bom. O Farense nos últimos três jogos em casa tinha três vitórias, estava motivado, tentou tudo, nós conseguimos responder mais ou menos da mesma forma, de uma forma atlética, disponibilidade, entrega, muito jogo aéreo, muitos lances individuais, mas longe da qualidade que deveria ter um jogo de Segunda Liga. Hoje os jogadores vestiram o fato de macaco, boa entrega, grande disponibilidade. Acho que os jogadores deram tudo que tinham. Estamos bem posicionados, estamos atentos e estamos convencidos que vamos conseguir manter-nos na luta até ao fim.

A expulsão do Stéphane é estúpida, depois de fazer um excelente jogo, acabou por estragar tudo já depois do término do jogo. Não devia acontecer, vamos tomar medidas para que não volte a acontecer, mas às vezes no calor da luta os jogadores excedem-se e vão para além daquilo que é razoável. Entendo, porque também andei lá dentro, que estas coisas podem acontecer, mas não deviam acontecer, não são minimamente elogiáveis e são altamente prejudiciais”.

Conferência de Imprensa após o jogo da vigésima nona jornada contra o SL Benfica “B” (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 7 de Fevereiro de 2014). Empate 1-1.

J: Este resultado soube a pouco?

VO: “Soube a pouco. Havendo um vencedor penso que deveria ter sido o Moreirense. Assistimos a um bom jogo de futebol, duas equipas a querer jogar, a querer ganhar o jogo. O Benfica entrou muito forte. Nos primeiros vinte minutos, tivemos alguma dificuldade. Sabíamos que o Benfica ia entrar assim, em termos de posicionamento sabíamos que o Benfica ia posicionar-se assim, mas não conseguimos, o Benfica fez o gol e podia ter feito o segundo, e criou-nos sérias dificuldades. Depois acertamos, os últimos vinte minutos da primeira parte penso que foram equilibrados, acabamos por chegar ao empate, penso que com algum mérito. Um jogo aberto, em que a bola chegava às duas balizas com relativa facilidade, e fomos para o intervalo que me parece justo em função do que as duas equipas produziram. Na segunda parte, penso que o Moreirense foi melhor, fundamentalmente nos últimos quinze minutos, embora na primeira meia hora da segunda parte já tivesse algum ascendente. Conseguimos estancar as situações de contra-ataque do Benfica, e criámos algumas situações boas. Não escandaliza o empate, pelo que o Benfica fez, porque também é uma equipa com muita qualidade, principalmente do meio-campo para a frente”.

J: O próximo jogo com o Atlético é o ideal para regressar aos triunfos?

VO: “Não há jogos ideais nesta divisão, os jogos são tão difíceis, e isso vê-se na quantidade de pontos perdidos pelas equipas. O Moreirense vai atacar esta ponta final com determinação por forma a conseguirmos os nossos objetivos, e o jogo do Atlético faz parte dos jogos que faltam, e que nos vão ajudar a atingir os nossos objetivos. Sabemos das dificuldades que vamos encontrar, mas também sabemos da motivação e que se tivermos esta atitude as coisas se tornam, não mais fáceis, mas menos difíceis”.

Declarações após o jogo da trigésima primeira jornada contra o Sporting CP “B” (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 22 de Fevereiro de 2014). Empate 0-0.

VO: “Hoje não fizemos um bom jogo. Eu penso que acabamos por ganhar um ponto. Não estivemos muito bem, o nosso meio-campo não funcionou, fomos muito premeáveis defensivamente, pouco criteriosos em termos ofensivos, o jogo partiu-se demasiadas vezes. Mérito do Sporting, que tem um excelente equipa, mas também demérito nosso. Na primeira parte entramos com demasiado medo do Sporting, nos confrontos individuais perdemos praticamente todos, as segundas bolas perdemos praticamente todas. Na segunda parte, melhorámos ligeiramente, fundamentalmente depois das substituições, crescemos um bocado mas depois o jogo partiu-se, e o golo poderia ter caído para qualquer um dos lados. Confesso que tinha expectativas muito altas para este jogo, estava convencido que este seria o jogo de viragem para um bom final de campeonato nos jogos em casa. Fora temos tido um bom comportamento, em casa nem tanto. Infelizmente não conseguimos, vamos pensar já no próximo jogo, vamos melhorar o que tem de ser melhorado, vamos continuar a trabalhar, os jogadores têm estado empenhados, têm estado motivados, estão focados naquilo que é o nosso objetivo e vamos seguir em frente”.

Conferência de Imprensa após o jogo da trigésima segunda jornada contra o Beira-Mar (Estádio Municipal de Aveiro, 2 de Março de 2014). Vitória por 1-3.

J: Esta partida acabou por ser fácil, traduzindo-se em golos esta vitória?

VO: “Nunca há jogos fáceis, às vezes nós é que os transformamos em menos difíceis. Foi o que aconteceu hoje, chegamos ao 2-0, penso que com alguma naturalidade, o Beira-Mar reduziu, e na segunda parte voltamos a ser melhores, depois da expulsão controlamos o jogo praticamente todo, mas desde a primeira parte que fomos a única equipa que tentou assumir o jogo. Nós chegamos aqui para ganhar, o Beira-Mar muito fechado, com as linhas muito baixas, deixou-nos tomar conta do jogo, e acabamos por controlar, fazer golos e fazer um bom jogo. Estamos de parabéns, penso que fomos um vencedor justo e demos mais um passo. Agora faltam 10 finais”.

J: Foi mais um passo para a subida?

VO: “É evidente que é sempre importante ganhar. Para uma equipa que tem pretensões de subir de divisão é sempre importante ganhar, nós fora de casa temos tido uma prestação muito boa, em casa nem por isso, não temos tido aquela eficácia que desejávamos e é importante que isso

seja recuperado fora de casa. De qualquer forma, é importante que esta vitória seja capitalizada em pontos na próxima jornada e possamos conseguir uma vitória, porque é extremamente importante o fator casa e temos que nos fazer valer disso para andarmos nos lugares cimeiros”.

J: Qual é o seu segredo para subir tantas equipas à Primeira Liga?

VO: “Eu penso que não há segredo nenhum, é rodear-se de bons jogadores, fundamentalmente é isso, as boas equipas fazem-se com bons jogadores, não há milagres. Não há ninguém que consiga fazer grandes equipas sem grandes jogadores, isso é uma falácia”.

J: E grandes treinadores?

VO: “É evidente. Os jogadores fazem o treinador, o treinador faz alguns jogadores, mas o mais importante é ter bons jogadores, e depois é preciso ter uma estrutura muito forte por trás. O Moreirense tem essa estrutura forte, uma estrutura diretiva e o staff que apoia a equipa é um staff competente, forte, uma direção muito forte e muito competente, que sabe aquilo que quer para o clube. Tudo isso conjugado, proporciona a possibilidade de subir. Há outras equipas na Segunda Liga que têm esse staff, essa direção e esses jogadores, mas agora é evidente também que se tiverem 5 ou 6, só duas podem subir, e por muito boas que sejam as equipas e o apoio que têm, só duas é que vão subir. Nós vamos fazer os possíveis para estar dentro dessas duas equipas”.

Declarações após o jogo da trigésima terceira jornada contra o Feirense (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 9 de Março de 2014). Empate 0-0.

VO: “Estávamos com enormes expetativas em reverter esta situação dos jogos em casa, que se está a tornar realmente perigoso. Não conseguimos e penso que não merecemos também. Fomos a equipa que mais tentou, mas o Feirense também foi muito perigoso no contra-ataque, sempre bem organizado e nós apresentamos um jogo de muito pouca qualidade. O jogo de Aveiro deixava antever uma boa exibição, mas realmente não conseguimos. Voltamos a ser uma equipa demasiado lenta, demasiado previsível, não criamos grandes situações de golo e apesar do domínio que tivemos, penso que o Feirense fez para justificar o resultado. Foi um jogo muito difícil em que não estivemos há altura, tal e qual desejaríamos.

Vamos tentar melhorar, se queremos ser candidatos temos que melhorar o nosso rendimento em casa. Hoje foi realmente muito fraco, tivemos muita gente a jogar muito abaixo daquilo que notoriamente valem neste momento. Não tivemos paciência, fomos lentos demais e depois quisemos chegar demasiadamente depressa à baliza adversária, fomos precipitados e não tivemos qualidade. O Feirense com as suas linhas baixas, saiu rápido, criou uma ou duas situações perigosíssimas. Não fomos pelos melhores caminhos e não tivemos um jogo de grande qualidade. Esta situação inverte-se com trabalho, porque temos que encontrar uma explicação para uma equipa que fora tem boas prestações e em casa tem prestações negativas, e pior ainda, não consegue fazer golos.”

ANEXO II - Conferências de Imprensa e declarações do Treinador António Conceição.

Conferência de Apresentação (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 11 de Março de 2014).

Jornalista: O que o levou a aceitar o convite para este desafio?

António Conceição: “Acho que isso está mais que evidente. É um projeto de subida, num clube que já passou algumas vezes pela Primeira Liga, que desde início da época venceu bem as ambições para esta época e que se encontra muito bem posicionado para conseguir esse objetivo. Faltam nove jogos e a equipa tem que somar mais algumas vitórias para atingir esse objetivo. Penso que é um projeto que atrai qualquer treinador. As coisas foram muito fáceis, contactaram-me para substituir um amigo, o Vítor Oliveira, para quem queria deixar uma palavra de apreço, porque de facto fez aqui um bom trabalho, não me cabe a mim obviamente discutir as razões da sua saída. Entrei, estou embuído naquilo que é a ideia deste clube, e vimos com toda a força para garantir esse objetivo”.

J: Sente a responsabilidade de substituir um treinador que desde a primeira jornada colocou o Moreirense na linha de subida, apesar dos resultados em casa não serem efetivamente os melhores, e que o grau de responsabilidade é mais elevado para si para as próximas nove jornadas?

AC: “Primeiro dizer que substituir alguém como o Vítor Oliveira, com o passado que tem em termos de sucesso de subidas de divisão, obviamente que é um desafio forte. Não deixa de ser um desafio forte termos assumido a equipa a nove jornadas do fim, com uma equipa que fora de portas é extremamente forte e que aqui em casa tem tido algumas dificuldades, mas isso é comum a outras equipas. Hoje em dia, os jogos em casa são muito complicados. Surgiu a oportunidade, a vontade de trabalhar é grande, sabemos da responsabilidade do momento, sabemos também que temos nove jogos pela frente que não serão fáceis. Não tenho medo de desafios, é óbvio que nesta vida, hoje somos criticados, amanhã somos competentes, mas isso é o dia-a-dia do nosso trabalho”.

J: O Moreirense é o 2º melhor ataque e a 2ª defesa menos batida. Vai manter a estrutura para que o Moreirense mantenha o mesmo registo?

VO: “Não temos muito tempo para alterar o que quer que seja, porque o campeonato está a decorrer, faltam nove jogos, mexer num sistema tático que está enraizado desde o primeiro momento, acho que não será uma boa ideia. Agora o que podemos melhorar, e que vamos querer melhorar, são comportamentos, individuais e coletivos, sobretudo a dinâmica. Se conseguirmos melhorar isso, vamos com certeza melhorar a nossa prestação em termos de qualidade de jogo e daquilo que são os resultados em casa”.

J: O que é que a direção lhe pediu?

AC: “A subida de divisão, e trabalho. Não sou vendedor de ilusões, a subida não prometo, prometo trabalho. Sou um homem de futebol, vejo muito futebol, vejo jogos de Primeira Liga, de

Segunda Liga, de Campeonato Nacional de Sêniores, vivo do futebol e vivo da identidade que eu possa ter com os clubes que disputam os campeonatos”.

J: No próximo jogo contra o Trofense, nada melhor que o cenário de entrar a ganhar, é essa a perspetiva certamente?

AC: “Para isso é que me contrataram. Para continuar nos bons resultados, melhorar algumas coisas que podem ser melhoradas e garantir resultados que permitam ao Moreirense estar na Primeira Liga na próxima época. Esse é o objetivo e é para isso que estamos aqui, e vamos trabalhar”.

J: Animicamente, como encontrou o balneário do Moreirense?

AC: “Parece-me que a equipa está bem. É evidente que as mudanças na estrutura técnica deixam sempre algumas marcas, porque nós sabemos a afinidade e as amizades que se vão construindo ao longo do tempo de trabalho, e isso fica patente em alguns jogadores. Os jogadores são profissionais, percebem que têm um objetivo que é importante para todos, do ponto de vista individual, do clube, e é esse objetivo que nos tem de nortear. Será necessário ultrapassar o fantasma dos jogos em casa, porque a equipa tem qualidade, é um plantel que foi bem construído, tem várias soluções. Agora há que trabalhar o ponto de vista mental, sobretudo nos jogos em casa”.

J: Quer já no próximo jogo, os jogadores à sua imagem?

AC: “Vamos procurar manter muito daquilo que foi feito, procurando introduzir algumas coisas que eu penso serem necessárias já de imediato, e obviamente que vamos trabalhar durante a semana para chegarmos ao jogo e essas coisas saiam bem. Penso que não é um ato de inteligência, com tão pouco tempo que temos pela frente, chegarmos aqui e querermos alterar muita coisa. Melhorar alguns aspetos que podem ser melhorados de imediato e, do ponto de vista mental, falar com os jogadores para que eles entendam que têm muita coisa a ganhar daqui até ao fim”.

J: Quais são as equipas que mais teme?

AC: “Há de facto um conjunto de equipas que lutam pela subida, está tudo em aberto, algumas equipas aproximaram-se, mas temos que nos preocupar fundamentalmente com aquilo que é a prestação da nossa equipa”.

Conferência de Imprensa após o jogo da trigésima quarta jornada contra o Trofense (Estádio Clube Desportivo Trofense, 16 de março de 2014). Vitória por 1-7.

J: Um regresso à trofa, um jogo que acabava com um resultado pesado, um breve comentário à partida...

AC: “Este jogo teve muitas situações adversas, tanto para o Trofense como para o Moreirense. O facto de começarmos a perder, logo no primeiro minuto sofremos um golo e isso podia ter condicionado muito a nossa estratégia. É verdade que os jogadores não perderam o controlo emocional, foram à procura daquilo que trazíamos como missão, que era chegar aqui e vencer o jogo. Sabendo que não é fácil jogar aqui na trofa, por variadíssimas razões, pela atitude da

equipa, pela qualidade da equipa, portanto há um conjunto de fatores para os quais sabíamos que teríamos que trazer a lição bem estudada para sermos uma verdadeira equipa. E o Moreirense confirmou aqui hoje aquilo que tem sido ao longo deste campeonato, fora de portas, um equipa forte, uma equipa capaz de ultrapassar os seus adversários, mas que tem ainda pela frente um campeonato difícil, e tem que ter a noção da realidade e daquilo que a espera. Aquilo que nos espera são muitas dificuldades ainda, e vamos ter que trabalhar muito para conseguir o objetivo que o clube se propôs quando lançou esta época”.

J: O que é António Conceição pode trazer de diferente que Vítor Oliveira não tenha introduzido na equipa do Moreirense?

AC: “Primeiro dizer que tenho 5 dias de trabalho no Moreirense, não posso obviamente mudar muita coisa. Aproveitámos aquilo que vinha de trás e eu referi no primeiro dia que a equipa estava muito bem posicionada para atacar a subida de divisão, portanto isso é um trabalho feito pelo antigo treinador do Moreirense e esta vitória aqui é muito do trabalho dele. Temos que ter a humildade para reconhecer isso. Eu disse na minha apresentação que não ia mudar muita coisa no clube, fundamentalmente a estrutura tática, que é uma estrutura que está enraizada desde a primeira hora, quero mudar as dinâmicas, dar um pouco mais de profundidade à equipa e, sobretudo, melhorar os resultados em casa”.

Conferência de Imprensa após o jogo da trigésima quinta jornada contra o Portimonense (Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, 23 de março de 2014). Vitória por 3-0.

J: É este Moreirense que pretende até ao final do campeonato?

AC: Se pudermos melhorar, tanto melhor. Sabemos que ainda faltam sete jogos para terminar o campeonato, vamos ter ainda muitas batalhas pelo caminho. Agora é verdade que fizemos um bom jogo, tivemos uma primeira parte fortíssima, na segunda parte tentamos gerir a partir do segundo golo. Tivemos alguns problemas físicos com um ou outro jogador, que obrigou a equipa a baixar um pouco o ritmo, mas de qualquer das formas, gostei do comportamento dos jogadores, a seriedade, a forma rigorosa como enfrentaram as dificuldades contra um adversário forte, que também está na luta pela subida. Portanto, perante este jogo que a equipa fez, a confiança para o futuro vai aumentar, os níveis de motivação vão aumentar também, e vamos procurar dar um sentido à equipa, e se possível melhorar, mantendo aquilo que fizemos na primeira parte, fortes, com qualidade de jogo, com envolvimento de todos os jogadores, que é o principal objetivo do clube.

Não podemos retirar mérito aos jogadores do Moreirense, pela forma como encararam este jogo, e que implicou que o Portimonense não tivesse aqui qualquer possibilidade de discutir o resultado. O plantel do Moreirense é um plantel bom, um plantel de qualidade, que só pode pensar em manter a posição que ocupa, e é isso que nós vamos desejar, sabendo obviamente que as coisas podem ter rumos diferentes, porque o futebol é fértil em surpresas.

J: Vi o Toni, já na parte final do jogo, a mandar os seus centrais subirem no terreno. É este Moreirense que pretende, mesmo a ganhar por 3-0 continue a atacar o adversário?

AC: A ambição faz parte dos vencedores, e estes jogadores foram contratados pela direção no sentido de abraçarem um projeto forte, e eles sabem que a ambição faz parte dos grandes projetos e só pode estar neste clube quem tem essa ambição. Quem não tiver essa ambição tem que ficar para trás. Portanto, é essa a filosofia que os jogadores têm que ter e obviamente o seu treinador tem que “empurrar” os jogadores para esse princípio.

Para recuperar a posição que ambicionamos e irmos á procura do objetivo que pretendemos, que é a subida de divisão, apelamos aos jogadores que era importante regressarmos às boas exibições e a uma atitude fortíssima nos jogos em casa. Mas também é importante salientar que, só temos duas semanas de trabalho, não é muito tempo de trabalho comigo aqui no clube, o que os jogadores fizeram é grande mérito deles e de tudo aquilo que eles fizeram para trás. Nós só apelamos ao bom senso e ao lado emocional dos jogadores, para que regressassem áquilo que eles poderiam ser e que podem ser no futuro, e o futuro é já o próximo jogo no domingo.

ANEXO III - Entrevista de Pires, avançado da equipa do Moreirense, ao site zerozero.pt no dia 15 de Janeiro de 2014.

“A época está a correr-me particularmente bem, mas o mérito é da equipa, que tem estado bem e que tem um bom plantel, o que acaba por ajudar o jogador a evidenciar-se. Em primeiro lugar está sempre o coletivo, depois sobressai a individualidade e acho que estou a ajudar da melhor maneira”.

Relativamente ao objetivo de ser o melhor marcador da II Liga:

“Gostava de ser o melhor marcador do campeonato e vou lutar por isso, mas não vou definir nenhuma meta em termos de golos. Não se pode estar a prever grande coisa porque já se sabe que esta liga é muito difícil, embora eu pretenda o máximo possível”.

Sobre o momento da equipa:

“O grupo está confiante e consciente das suas capacidades. Há sempre um momento menos bom pelo qual todas as equipas passam e acho que o nosso já aconteceu. Estamos a reagir bem e à procura de fazer o melhor possível”.

Sobre Vítor Oliveira:

“Olhamos para o mister como uma referência, sabemos que ele tem muita experiência na Segunda Liga e isso acaba por nos dar mais confiança”.

Em relação ao futuro:

“Acredito que ainda posso chegar à Primeira Liga e se for com o Moreirense através da subida de divisão, melhor ainda. Contudo, não fecho a porta a um contrato no estrangeiro, caso seja vantajoso. Quero o que for melhor para mim e para a minha família”.

A sua influência nos jogadores mais jovens:

“Tentamos demonstrar-lhes a experiência que vamos ganhando, principalmente da Segunda Liga. Tentamos ser uma voz de comando para os mais novos, guiá-los da melhor maneira e acho que eles nos têm ouvido. Sei que sou exemplo para os mais novos, portanto tento dar os melhores conselhos sobre este difícil campeonato”.

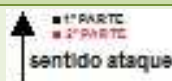
ANEXO IV - Ficha Registo das ações de bola parada (Académico de Viseu, 1ª Jornada).

Ficha Registo de Ações de Bola Parada



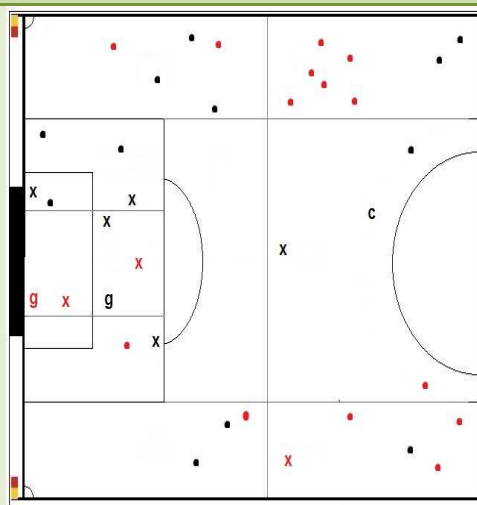
Adversário	Ac. Viseu		Data	10-08-2013	Hora	17:00
Competição	2L	Local	Moreira de Cónegos		Jornada	1
Resultado Intervalo	1-0		Resultado Final		2-0	

Observações

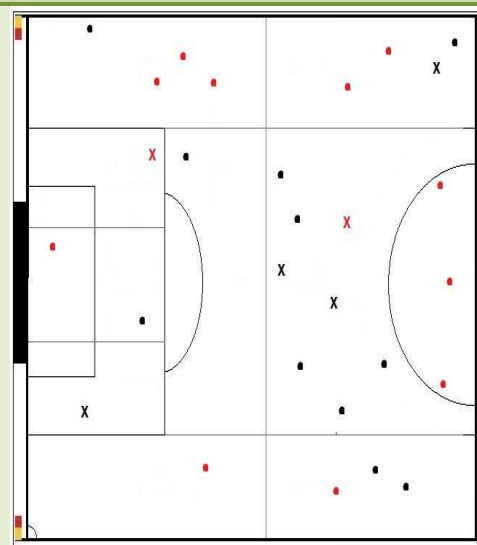
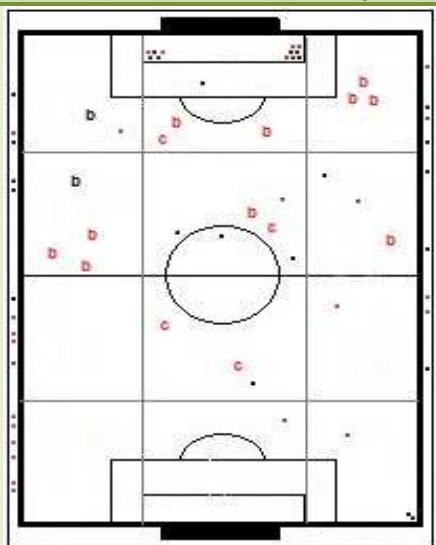


Interrupções: 57 defensivas; 60 ofensivas; 117 TOTAIS;
 Cantos Defensivos – Marcação H-H (2 H no 1º poste – zona)
 Marcadores ABP ofensivas – Márcio e Diogo Cunha
 Lançamentos Longos – Paulinho, na ZOD.

Ações de Bola Parada Ofensivas



Ações de Bola Parada Defensivas



Observações Finais

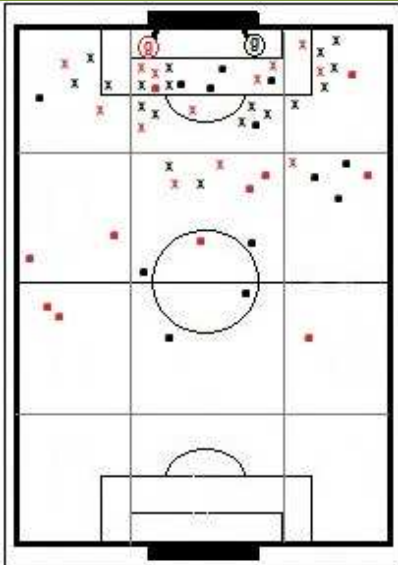
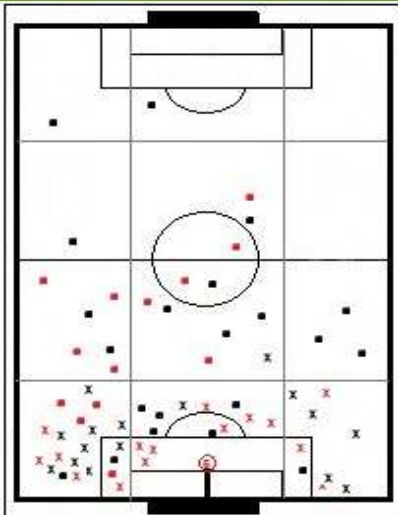
- (13') - Tentativa de canto curto: simulação de aproximação, entrada de 2º homem.
- (28', 1-0) – Golo de Luís Aurélio, na sequência de um livre lateral marcado por Márcio.
- (17') - Verificado um lançamento de bola ao solo, Viseu devolveu bola.
- (51') – Pontapé Livre direto por Márcio, ZOC (entrada da área). Por cima da baliza.
- (54', 2-0) – Golo de Pires, na sequência de um canto do lado direito marcado por Márcio.
- (56') – Pontapé Livre direto do adversário. ZOC (entrada da área). Defesa de Carlos para Canto.

Importância na conquista/perda de pontos: 5 ★

ANEXO V - Exemplo de Ficha de Análise de jogo oficial (Benfica B, 8ª Jornada)

Ficha Análise de Jogo Oficial



Adversário	SL Benfica B		Data	30-10-2013	Hora	16:00
Competição	2L	Local	Caixa Futebol Campus - Seixal		Jornada	8
Resultado Intervalo	0-1		Resultado Final		1-2	
Observações						
■ 1ª PARTE ■ 2ª PARTE sentido ataque 11 inicial: Carlos; Simões, Sandro, Nascimento, Elízio; F. Melo, L. Aurélio, D. Cunha; T. Borges, Pires, Edgar C; Subst.: 59' D. Cunha por Tarcísio e T. Borges por Wagner; 70' Pires por Mendy;						
Padrão Organização Ofensiva – Transição Ataque-Defesa						
			Posse de bola Largura, c/ objetividade, privilegiando os corredores laterais como “caminho” primordial na procura do desequilíbrio Meio campo como elo de ligação (rápido e com poucos toques) Segurança da posse como ponto forte e fundamental; Mobilidade Pires com alvo, referência frontal para ultrapassar linhas e referência para saída de zona de pressão; D. Cunha mais próximo do Pires, Aurélio e Melo como “motores” Profundidade Borges e Edgar como elementos “profundos”, laterais não arriscam tanto, procuram ser referências de segurança da posse + atrasadas; Entrada de Wagner trouxe mais agressividade e mais capacidade de segurar a bola em zonas mais avançadas; Definição Preponderância de perigo na zona OD e OC; cruzamentos e ruturas na entrada da área mais frequentes; Golos Na sequência de ações de bola parada (PC e PL); TAD Procura reorganizar rapidamente; Perda de bola maioritariamente para ABP (reorganizar); Agressividade na pressão nas perdas de bola no meio campo defensivo;			
Padrão Organização Defensiva – Transição Defesa-Ataque						
			Agressividade Maior agressividade no meio campo defensivo; Ações no meio campo ofensivo no sentido de direcionar o jogo adversário para corredor lateral; Equilíbrio Formação de 5 linhas em profundidade (1x4x2x3x1), bastante próximas, tentando condicionar o jogo interior do adversário; Basculação rápida, com pressão imediata quando a bola entra no máximo de largura Referências Mudança de atitude de pressão quando identifica: mau passe, passe aéreo, má receção, passe atrasado, feedback mister; Desequilíbrios Preponderância de ações de perigo do adversário entre a zona DD; Maior fluxo ofensivo do adversário na segunda parte; Passividade de pressão na ZIDD, permitindo diagonal e remate ao poste, golo na recarga desse remate em ZDC; TDA Preponderância de recuperações no meio campo defensivo; Poucas recuperações no meio campo ofensivo; as recup. na ZO causaram perigo, fruto da igualdade numérica; Transições com mudanças de velocidade, com qualidade de construção privilegiando o jogo em largura;			
Observações Finais						
Golos: 5' Nascimento (PC) (0-1); 51' Bernardo Silva (1-1); 77' Auto-golo (PL) (1-2); Cartões Amarelos MFC: 16' Filipe Melo						
Importância ABP: 5★						
“A nossa experiência ajudou-nos enormemente e acabámos por construir as melhores situações de golo, que poderíamos ter materializado ainda na primeira parte e reforçar assim a diferença que se verificava ao intervalo” (Vitor Oliveira)						

ANEXO VI - Exemplo de Ficha Registo de treino (Vitor Oliveira)

Ficha Registo de Treino

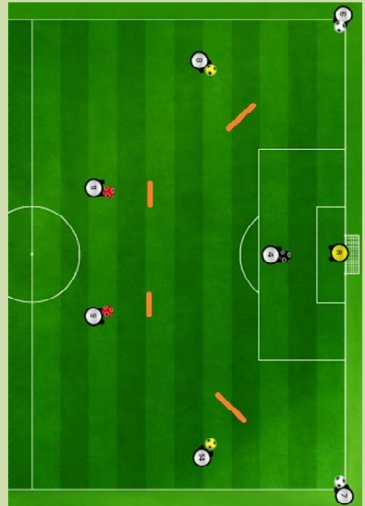


Treino nº 33		Data	22 Novembro (Sexta-feira)		Hora	10:30
Local	Estádio MFC	Jogadores	22	Duração	80'	
Objetivo	Organização Ofensiva (grande princípio: posse de bola; subprincípio: finalização) Ações de Bola Parada Defensivas (Cantos e livres laterais)					
Observações						
- Penúltimo treino da semana antes da jornada de campeonato (Leixões SC, Fora) - GR em treino individualizado durante os primeiros 30' (Futvôlei)						
Parte Inicial						
Ex. 1	Ativação Geral/Mobilidade Articular					5'
Ex. 2	<u>"Bola ao Capitão"</u> 2 grupos (9+9) 1 bola + Jogo com as mãos + 10 passes e pode jogar com o "capitão" + "Capitão" está fora do espaço, se recebe a bola, a sua equipa faz golo.					10'
Rec.	Alongamentos					3'
Ex. 3	<u>"Jogo do Mata"</u> 2 grupos (9+9) 12 bolas (várias formas) + Jogo sem invasão e jogado com as mãos + Objetivo: Eliminar os jogadores da equipa contrária, acertando-lhes com a bola.					10'
Rec.	Hidratação					2'
Parte Fundamental						
Ex. 4	<u>Combinações ofensivas</u> - 2x1+ GR no corredor central (a) + Quem ataca, sai do meio-campo + Quem defende, sai da baliza - 2x1 + GR com ação no corredor lateral (b) + combinação lateral-extremo + tabela					20'
Rec.	Hidratação					2'
Ex. 5	<u>Manutenção da Posse de Bola</u> - GR + 8 x 10 + GR + Em meio-campo + Em estrutura: 1x3x2x3 e 1x4x2x4 "Evita o choque!" "Bola no chão!" "Reduz os toques!"					
Ex. 6	<u>AÇÕES DE BOLA PARADA DEFENSIVAS</u> - Cantos: + "Fechado" (arco em direção à baliza) + Simulação Informação Leixões: "Aparecem 2 centrais na pequena área!" "Especial atenção zona do segundo poste!" - Livres Laterais: + "Agressividade" + Referências: zona de penalti "Um jogador tem que defender esta zona!"					25'
Parte Final						
Ex. 6	Retorno à calma- Alongamentos					3'

ANEXO VII - Exemplo de Ficha Registo de treino (António Conceição)

Ficha Registo de Treino



Treino nº 76		Data	22 Março (Sábado)		Hora	10:00
Local	Estádio MFC	Jogadores	23	Duração	80'	
Objetivo	Organização Ofensiva (grande princípio: posse de bola; subprincípio: largura) Ações de Bola Parada Ofensivas (Cantos, livres e penaltis)					
Observações						
- Último treino da semana antes da jornada de campeonato (Portimonense, Casa) - GR em treino individualizado durante os primeiros 35'						
Parte Inicial						
Ex. 1	<u>Meínhos</u> - 8x2 + Toques limitados: 1 + Espaço condicionado: 8x8m ou 10x10m				2x5'	
Ex. 2	<u>Ativação Geral</u> + Mobilidade Articular + Alongamentos					5'
Ex. 3	<u>Velocidade</u> + geral + reação					5'
Parte Fundamental						
Ex. 4	<u>Manutenção da Posse de Bola</u> - 10 x 10 + 4 mini-balizas, em diagonal + Condicionantes: a) Cada equipa ataca 2 balizas em diagonal b) Cada equipa ataca 2 balizas transversais c) Cada equipa ataca 2 balizas longitudinais d) Atacam e defendem as 4 balizas				15'	
Ex. 5	<u>AÇÕES DE BOLA PARADA OFENSIVAS</u> - Cantos: + Lado esquerdo e direito + Diogo Cunha e Arsénio (executantes) + Alternância de soluções: a) 1º poste b) 2º poste c) Subzona central d) Subzona de 2ª bola; - Livres Laterais: + Lado esquerdo e direito + Diogo Cunha, Arsénio, Elízio e A. Carvalhas + Alternância de soluções: a) Bola batida em arco em direção à baliza b) Bola bombeada para o segundo poste c) Marcação curta procurando ganhar a linha d) Marcação curta procurando tabela; - Livres Longos: + 35/40m, zona central + Diogo Cunha e Arsénio + Bola bombeada para subzona do 2º poste, procurando desvio para baliza ou passe para subzona central; - Penaltis: + "Liberdade" + Pires, Arsénio, Diogo Cunha e Rui Miguel				4x10'	
Parte Final						
Ex. 6	<u>Retorno à calma</u> - Alongamentos		5'			